

DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES

---

CAMÕES

E A

INFANTA D. MARIA

Ó meus altos pensamentos,  
Quão alto que vos pusestes  
E quão grande queda destes!

*CAMÕES, Redondilhas.*

(Separata do *Instituto*)

---

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1910

PQ  
9214  
R64  
1910  
c.1  
ROBARTS

3 1761 06184643 2



11 - L. DA TRINDADE - 13  
TELEF. 36 99 51  
LISBOA



DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES

---

CAMÕES

E A

INFANTA D. MARIA

Ó meus altos pensamentos,  
Quão alto que vos pusestes  
E quão grande queda destes

CAMÕES, *Redondilhas.*

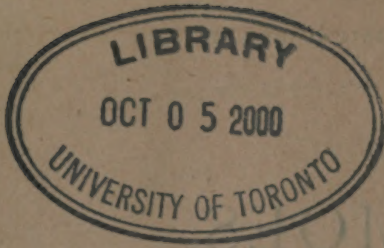
(Separata do *Instituto*)

---

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1910



OUTROS ESTUDOS CAMONEANOS DO AUCTOR :

I) Fontes dos *Lusiadas* (em publicação no *Instituto*).

II) Lyrica amorosa de Camões :

1) *A menina dos olhos verdes* (no prelo).



Á

INOLVIDAVEL MEMORIA

DO

MAL-AVENTURADO PRINCIPE REAL

D. LUIS PHILIPPE

PARA QUEM O AUCTOR EMPRENDEU OS SEUS ESTUDOS CAMONEANOS

A noite sempiterna,  
Que tu tão cedo viste,  
Cruel, acerba e triste,  
Sequer de tua idade não te dera  
Que logrâras a fresca primavera?

CAMÕES.

Alma gentil,  
Cá durará de ti perpetuamente  
o nome e a saudade.

CAMÕES.





# CAMÕES

E

## A INFANTA D. MARIA

---

Entre as encantadoras redondilhas de Camões figuram as duas voltas ao mote:

Perdigão perdeu a penna,  
Não ha mal que lhe não venha.

Dizem ellas, num tom de accentuada melancholia:

Perdigão, que o pensamento  
Subio a um alto logar,  
Perde a penna do voar,  
Ganha a pena do tormento.  
Não tem no ar, nem no vento,  
Asas com que se sostenha.  
Não ha mal que lhe não venha!

Quis voar a uma alta torre,  
Mas achou-se desasado;  
E vendo-se depennado,  
De puro penado morre.  
Se a queixumes se soccorre,  
Lança no fogo mais lenha.  
Não ha mal que lhe não venha!

O pobre perdigão depennado, que nem ao menos se podia queixar, *sem lançar mais lenha no fogo*, sem aggravar a sua situação, era o proprio Camões.

O *alto logar* até onde subio o seu pensamento, a *alta torre* a que quis voar, era uma das mais nobres e mais sympathicas figuras femininas que teem vivido sob este bello sol de Portugal: era a filha mais nova del-rei D. Manuel, a infanta D. Maria (1).

Como o genial doido, que tanto soffreu e tanto fez soffrer com os seus *erros*, com a sua *má fortuna* (2), como o ge-

---

(1) É muito interessante a monographia da Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos a respeito d'*A infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas damas* (Porto, 1902).

Della transcrevo aqui a seguinte passagem: «De sangue real, herdeira da corôa, se não morresse um anno antes da catastrophe de Alcaer-Quebir, pertence á historia e teve biographos conscienciosos. Em creança e na flor da idade viü refulgir diante de seus olhos a corôa de França; foi escolhida repetidas vezes para o throno imperial — *orbis destinata imperio* — e outras tantas para o imperio de Hespanha. Acariçando sempre, no intimo do coração, este ultimo projecto, ficou ainda assim *innupta*, uma triste *sempre-noiva*. Este estado tragicomico que lhe foi imposto, mas que afinal acceitou com sublime altivez, apparentando tê-lo escolhido livremente, despertou a dolente sympathia dos coevos. E ainda hoje é capaz de suscitar a dos posteros» (pag. 4).

(2) Basta citar por agora os sonetos 27 e 193:

Males, que contra mim vos conjurastes,  
 Quanto ha de durar tão duro intento?  
 Se dura, porque dure meu tormento,  
 Baste-vos quanto já me atormentastes.  
 Mas, se assi porfiaes, porque cuidastes  
 Derribar o meu alto pensamento,  
 Mais póde a causa delle, em que o sustento,  
 Que vós, que della mesma o ser tomastes.  
 E, pois vossa tenção com minha morte  
 É de acabar o mal destes amores,  
 Dai já fim a tormento tão comprido.  
 Assi de ambos contente será a sorte:  
 Em vós, por acabar-me, vencedores;  
 Em mim, porque acabei de vós vencido.



nial doido, ao comparar-se com o perdigão desasado, se devia recordar, com amarga saudade, do tempo, não muito afastado, em que julgava poder *pôr o pensamento em tão alto lugar!*

Num tão alto lugar, de tanto preço,  
 Este meu pensamento posto vejo,  
 Que desfallece nelle inda o desejo,  
 Vendo quanto por mi o desmereço.  
 Quando esta tal baixeza em mi conheço,  
 Acho que cuidar nelle é grão despejo,  
 E que morrer por elle me é sobejo  
 E mór bem para mi, do que mereço.  
 O mais que natural merecimento  
 De quem me causa um mal tão duro e forte,  
 O faz que vá crescendo de hora em hora.  
 Mas eu não deixarei meu pensamento,  
 Porque, inda que este mal me cause a morte,  
*Un bel morir tutta la vita honora* (1).  
 (Soneto 282).

Erros meus, má fortuna, amor ardente,  
 Em minha perdição se conjuraram.  
 Os erros e a fortuna sobejaram,  
 Que para mi bastava amor somente.  
 Tudo passei... Mas tenho tão presente  
 A grande dôr das cousas que passaram,  
 Que já as frequências suas me ensinaram  
 A desejos deixar de ser contente.  
 Errei todo o decurso de meus annos;  
 Dei causa a que a fortuna castigasse  
 As minhas mal fundadas esperanças.  
 De amor não vi senão breves enganos.  
 Oh! Quem tanto pudesse, que fartasse  
 Este meu duro genio, de vinganças!

(1) O desvairado sonhador queria tanto *aô seu pensamento*, que se julgaria feliz morrendo por elle. E com que enlevo não repetiria, a cada passo, o bello verso de Petrarca! Com que intensidade não sentiria o conceito nelle expresso! O cantor de Laura nunca teve, por certo, quem, neste ponto, melhor o interpretasse.

Como se desvaneceu num momento, e foi substituído pela triste realidade, o *doce sonho* de que seria amado pela infanta!

Doce sonho, suave e soberano,  
 Se por mais longo tempo me durára!  
 Ah! quem de sonho tal nunca acordára,  
 Pois havia de ver tal desengano!  
 Ah! deleitoso bem! ah! doce engano!  
 Se por mais largo espaço me enganára!  
 Se então a vida misera acabára,  
 De alegria e prazer morrerá ufano.  
 Ditoso, não estando em mi, pois tive,  
 Dormindo, o que acordado ter quisera.  
 Olhae com que me paga o meu destino!  
 Emfim, fóra de mim ditoso estive.  
 Em mentiras ter dita razão era,  
 Pois sempre nas verdades fui mofino.

(Soneto 279).

Mais tarde, depois de ter chegado o cruel desengano, seguido de tantos trabalhos e de tantos soffrimentos, — mais tarde, com que dolorosa impressão não seria relido pelo atribulado poeta aquelle audacioso soneto 129, escripto num estado de verdadeira allucinação:

Crescei, desejo meu, pois que a ventura  
 Já vos tem nos seus braços levantado;  
 Que a bella causa de que sois gerado  
 O mais ditoso fim vos assegura.  
 Se aspiraes por ousado a tanta altura,  
 Não vos espante haver ao sol chegado,  
 Porque é de aguia real vosso cuidado,  
 Que, quanto mais *se sobe* (1), mais seapura.  
 Animo, coração! que o pensamento  
 Te póde inda fazer mais glorioso,  
 Sem que respeite a teu merecimento.  
 Que cresças inda mais é já forçoso,  
 Porque, se foi ousado o teu intento,  
 Agora de atrevido é venturoso.

---

(1) Lição usual: *o soffre*.



Quantas lagrimas não teria evitado o grande devaneador, se em seu espirito houvesse prevalecido a sensata consideração, expressa no final do soneto 137!

O filho de Latona esclarecido,  
 Que, com seu raio, alegre a humana gente,  
 Matar pôde a Pythonica serpente,  
 Que mortes mil havia produzido.  
 Ferio com arco e de arco foi ferido,  
 Com ponta aguda de ouro reluzente.  
 Nas Thessalicas praias docemente  
 Por a nympha Penea andou perdido.  
 Não lhe pôde valer contra seu dano  
 Saber, nem diligencias, nem respeito  
 De quanto era celeste e soberano.  
 Pois se um deos nunca vio nem um engano  
 De quem era tão pouco em seu respeito (1),  
*Eu que espero de um ser, que é mais que humano?*

A ardente paixão do tresloucado poeta pela formosa, instruida e sisuda filha do *Rei venturoso* constitue, como *a priori* se pôde presumir, o ponto culminante da sua atormentada vida.

Dessa paixão derivaram factos que ainda não foram cabalmente explicados.

É, além disso, ella que nos ministra, por assim dizer, a chave da maravilhosa obra lyrica de um dos maiores poetas de todos os tempos.

Recorrendo ao *Parnaso* (2) do immortal Camões, verdadeiro

(1) Para a plena comprehensão das referencias mythologicas deste soneto veja-se Ovidio, *Metamorphoses*, 1, 438-567, que o poeta tinha bem presente.

(2) Informa Diogo do Couto: «E aquelle inverno que (Camões) esteve em Moçambique... foi escrevendo muito em um livro que ia fazendo, que intitulava *Parnaso de Luiz de Camões*, livro de muita erudição, doutrina e philosophia, o qual lhe furtaram. E nunca pude saber no reino

*diario* da sua alma apaixonada, vou procurar fornecer alguns elementos para o capitulo mais importante da nossa historia litteraria.

## I

## Em Lisboa

Chronologicamente, a primeira poesia em que Camões se occupa da filha de D. Manuel é, me parece, o soneto 134.

Apresentado á excelsa e gentil senhora e por ella affavelmente acolhido, o modesto escudeiro ficou deslumbrado!

No dia seguinte, o seu amigo João Lopes Leitão, pagem da lança do mallogrado principe herdeiro, e pessoa muito apreciada na corte, recebia estas confidencias:

Senhor João Lopes, o meu baixo estado  
 Ontem vi posto em grau tão excellente,  
 Que, sendo vós inveja a toda a gente,  
 Só por mi vos quisereis ver trocado.  
 O gesto vi, suave e delicado,  
 Que já vos fez contente e descontente (1),  
 Lançar ao vento a voz tão docemente,  
 Que fez o ar sereno e sossegado.

delle, por muito que o inquiri. E foi furto notavel». (*Decada VIII*, c. 28). Seja-me permittido dar o nome de *Parnaso* ás admiraveis composições lyricas que nos restam do genial poeta e suppôr que foi elle proprio que fez correr lhe haviam sido furtadas. Uma boa parte dellas, com effeito, não podiam, sem grave escandalo, ser publicadas durante a vida, quer da infanta, quer mesmo do poeta.

Não pretendo, porém, com isto dizer que possuamos hoje *toda a lyra* de Camões. E a que nos resta foi baralhada, a meu ver, intencionalmente e pelo proprio poeta.

(1) O poeta allude, naturalmente, a algum facto analogo (se não é o mesmo) ao que deu occasião a uns conhecidos versos de Andrade Caminha e á resposta de Lopes Leitão. Diz a rubrica, que precede esses versos: «A João Lopes Leitão, estando preso em sua casa, por entrar



Vi-lhe em poucas palavras dizer quanto  
 Ninguém diria em muitas... Mas eu chego  
 A espirar, só de ouvir a doce fala!  
 Oh! Mal haja a Fortuna e o Moço cego!  
 Elle, que os corações obriga a tanto!  
 Ella, porque os estados desigual!

Para bem se comprehender a impressão sentida pelo joven  
 • poeta, que bebera

O veneno amoroso de menino,  
 (Canção 11, v. 65)

e que já então se tinha na conta de galanteador emerito, que  
*roubava vontades alheias e as matava com amor, que não  
 tinha* (1), para bem se comprehender, digo, a impressão sen-

---

uma porta a ver as damas contra vontade do porteiro». P. de Andrade  
 Caminha, *Poesias*, p. 361 (Lisboa, 1791).

Eis como termina a resposta do jovial amigo de Camões :

Estou-me agora doendo  
 De quem tiver para si  
 Que é melhor andar vendo  
 Verduras, que estar aqui.

Ninguém haja dó de mi,  
 Por me ver nesta prisão;  
 Hajam de meu coração,  
 Que vê tanto dano em si.

(1) De vontades alheias, que eu roubava,  
 E que enganosamente recolhia  
 Em meu fingido peito, me manjinha.  
 O engano de maneira lhes fingia,  
 Que, depois que a meu mando as subjugava,  
 Com amor as matava, que eu não tinha.  
 Porém logo o castigo que convinha  
 O vingativo Amor me fez sentir.

(Canção 2.ª).

Nesta canção, escripta em Ceuta, o poeta attribue ao Amor a culpa

tida pelo joven, mas já afamado poeta, transcreverei algumas passagens de obras e documentos coevos e de escriptores modernos, as quaes constituem o melhor commentario ao soneto que fica reproduzido, especialmente aos versos 5 a 10.

Começarei pela informação que, em carta de 21 de janeiro de 1557, enviava a Carlos V o seu embaixador, D. Sancho de Cordova, que tinha vindo a Lisboa tratar da entrega da filha de D. Manuel a sua mãe, a rainha D. Leonor, já então viuva tambem de Francisco I. Repare-se que o diplomata

do *ousado atrevimento*, cujas consequencias está soffrendo :

..... Se elle (o Amor) ordena  
Que eu pague seu ousado atrevimento,  
Saibam que o mesmo Amor que me condemna  
Me fez cair na culpa e mais na pena.

Depois compara-se a Tantalo, a Ixião, a Ticio e a Sisypho, que a mythologia classica figurava como soffrendo, no Tartaro, castigos especiaes, por determinados crimes. Assim, por exemplo, Ixião quis abraçar Juno, mas encontrou-se com uma nuvem. Por isso diz o poeta :

Depois que aquella, em quem minha alma vive,  
Quís alcançar o baixo atrevimento,  
Debaixo deste engano a alcancei :  
A nuvem do çontino pensamento  
Ma figurou nos braços e assi tive,  
Sonhando, o que acordado desejei.

Ao comparar-se com Ticio, que pretendera forçar Latona, começa assim :

Quando a vista suave e inhumana  
Meu humano desejo, de atrevido,  
Commetteo, sem saber o que fazia  
(Que da sua belleza foi nascido  
O cego moço, que com seta insana  
O peccado vingou desta ousadia),  
Afora este penar, que eu merecia,  
Me deu etc.



espanhol chega até a empregar palavras que também se leem no soneto. «(La señora Infanta) es persona de grande entendimiento y cordura, y mui reposada, y de pocas palabras y bien dichas y de las valerosas personas que he visto» (1).

Quatorze annos mais tarde, em 1571, recebia a infanta a visita do cardial Alexandrino, legado e sobrinho de Pio V. Eis como um dos membros da comitiva do prelado romano começa a narrativa dessa visita: «Tendo anoitecido, acompanhados com vinte tochas adiante fomos ao palacio da infanta D. Maria, irman de D. João III, a qual, tendo ficado orphan em tenra idade, não quis jámais casar, posto que fosse robusta, formosa e procurada. Era alta e teria de idade cincoenta annos, posto que não pareça á primeira vista» (2).

Agora o testemunho de Jorge Ferreira de Vasconcellos, que teve muitas occasiões de ver a infanta.

Ao dar pormenorizada noticia do celebre torneio, realizado em Xabregas, no anno de 1552, diz o escriptor cortesão que «a infanta D. Maria... se mostrava a fermosa Minerva, com que pôde contender com divida confiança, assi em rara gentileza e sutil engenho, como toda outra sobre humana perfeição» (3).

(1) Em Fr. Miguel Pacheco, *Vida de la Serenissima Infanta Doña Maria, hija del Rey D. Manoel*, fl. 58 (Lisboa, 1675).

(2) *Viagem do cardeal Alexandrino. 1571*, em A. Herculano, *Opusculos*, vi, 90-92.

(3) *Memorial das proezas da segunda tavola redonda*, 2.<sup>a</sup> edição (Lisboa, 1867), p. 334. A proposito deste e doutros escriptores, observa a Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis: «Evidentemente, entre os eruditos da côrte constava que a Infanta, bizarra, e na consciencia da dignidade do seu estado, não admittia que ao vulgo profano se fallasse das linhas do seu rosto ou da elegancia das suas esplendidas formas esculpturaes. Apenas o velho Resende, ao tributar-lhe homenagens, § adiantava-se até tocar em alguns pormenores: os cabellos ruivos, o andar divino, *incessu dea...* Mas esse... fallava latim». (*A infanta D. Maria*, p. 15).

Vejamos agora o que se lê em duas obras modernas.

O conde de Villa Franca, que preparava um estudo ácerca da filha de D. Manuel, apresenta-no-la assim: «Alta, de esplendidas formas, elegantissima, . . . alliava á gentileza majestatica do porte, denotando grande energia e isenção de character, uma formosura suavissima, bem revelada na alvura da pelle, no azul celeste dos olhos vivos (1) e na côr loira dos cabellos que lhe coroavam de ouro a espaçosa e ampla fronte (2), onde o talento espontaneo evidentemente se expandia. Este talento era ainda abrilhantado por muita erudição, incessante amor ao estudo e ininterrupto trato, não já (?) com os livros classicos, senão ainda com os multiplos escriptos do tempo,

---

(1) O poeta, que, como veremos, tantas vezes manifesta a sua admiração pelos bellos olhos da infanta, só num ou noutro lugar allude, mais ou menos vagamente, á côr que elles tinham. É assim que á *menina dos olhos verdes*, de cuja affeição se queria ver livre, por causa do novo e *alto pensamento*, que o fascinára, diz elle :

Ouro e azul é a melhor  
Côr, por que a gente se perde.  
(Redondilhas).

Na egloga 8.<sup>a</sup>, que talvez seja de Camões, falla-se expressamente, é certo, nos *olhos azues* de Galatea, que seria a infanta. Mas não era de estranhar que os olhos da nympha maritima fossem daquella côr.

(2) Como os cabellos louros eram mais vulgares que os olhos azues, o poeta a cada passo se refere á côr dos cabellos da infanta, pois não havia perigo de revelar onde estava posto o seu pensamento. Um exemplo, dentre muitos :

São estes, por ventura, os olhos bellos,  
Que têm de meus sentidos a victoria ?  
São estas, nympha, as tranças dos cabellos,  
Que fazem de seu preço o ouro alheio,  
Como a mi de mi mesmo, só com vê-los ?  
(Egloga 2.<sup>a</sup>, 298-302).



considerado, como se sabe, a idade de ouro da litteratura portugêsa» (1).

Transmittindo-nos as suas impressões a respeito do retrato da infanta, existente em Madrid, no museu do Prado, e executado pelo celebre pintor Antonio Moro, escreve a Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos: «D. Maria contava então trinta annos... Chegada apparentemente ao termo dos seus desejos, . . . oficialmente desposada ao futuro senhor do immenso imperio hispanico (2), a princesa fulgurava como nunca dantes, em toda a plenitude das suas faculdades, em todo o esplendor da sua gentileza majestatica, acariciando a fugidia esperanza de ver afinal acabadas as intrigas interminaveis e deprimentes de que fôra alvo. Ainda assim, An-

(1) *D. João I e a alliança inglêsa*, p. 275 (Lisboa, 1884).

(2) Philippe de Espanha foi pretendente á mão da infanta desde 1549 até 1552 (Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis, *A infanta D. Maria*, p. 10).

Como não ficaria o coração do pobre Endymion, loucamente enamorado da Lua, da casta e formosa Diana, ao ouvir fallar em semelhante enlace!

Lêa-se o admiravel soneto 165 :

En una selva, al disputar del día,  
 Estaba Endimion, triste y lloroso,  
 Vuelto al rayo de sol, que, presuroso,  
 Por la falda de un monte descendia.  
 Mirando al turbador de su alegría,  
 Contrario de su bien y su reposo,  
 Tras un suspiro y otro, congojoso,  
 Razones semejantes le decia :  
 Luz clara, para mi la mas escura,  
 Que con ese paseo apresurado  
 Mi sol con tu tenebla escureciste,  
 Si alla pueden moverte, en esa altura,  
 Las quejas de un pastor enamorado,  
 No tardes en volver á dó saliste!

tonio Moro não pôde varrer completamente as sombras de uma dolorosa meditação d'aquella testa alta, espaçosa e geralmente placida. É que, entristecida por repetidas decepções, a filha de D. Manuel mal ousava dar credito ás mais solemnes promessas. Como symbolo de magoas, fôra envolvendo o rosto gracioso, de feições tão regulares e puras, e parte do formoso cabello, castanho-claro ou louro-escuro, que o emmol-dura, num veio tenue que desce ao peito. A mão direita, de afilados dedos aristocraticos, segura uma perola que lhe serve de firmal. Uma lagrima reprimida? Talvez. Todavía o pintor vio e reproduziu apenas uns olhos azues muito limpidos, com expressão serena e franca, suavemente perscrutadora, nos quaes se reflecte uma intelligencia lucida, activa rectidão e principalmente um coração valente. Aos labios finos, cerrados por inviolavel sigillo, e ao terço inferior da cabeça não falta energia... O trage, cujos tons sombrios dão realce á singular alvura das mãos e do rosto, finamente modelado, está em harmonia, na sua singeleza distinctissima, com a nobreza natural do porte e com a melancholica suavidade da physiognomia» (1).

Relêa-se o soneto 134 e, dada a compleição amorosa do moço poeta, veja-se como está bem traduzida a impressão que nelle devia ter produzido o *gesto suave e delicado* da filha do Rei Venturoso, a *doce falla* da gentil senhora, que então se achava na plena posse de todas as suas graças femininas, aureoladas pelo prestigio da ascendencia real.

..... Eu chego  
A espirar, só de ouvir a doce fala!

exclama Camões, pondo em confronto o seu *baixo estado*

---

(1) *A infanta D. Maria*, p. 12-14.



com a amabilidade com que fôra recebido por tão elevada personagem (1).

E o predestinado do amor, em quem

As lagrimas da infancia já manavam  
Com uma saudade namorada,

(Canção 11, 52-53)

o predestinado do amor não pôde conter-se que não se queixe do *moço cego* e da *fortuna*. D'aquelle, porque a *dôce falla* da infanta o deixou como morto; desta, porque lhe não permite amar quem tão profundamente lhe havia abalado o coração.

Oh! Mal haja a Fortuna e o Moço cego!  
Elle, que os corações obriga a tanto!  
Ella, porque os estados desigual!

Poucos dias depois, dominado por estas ideas, o poeta foi assistir ás solemnidades da semana santa na igreja do mos-

(1) Mais tarde, muito custava ao enamorado poeta ver essa amabilidade dispensada a outros!

Se a ninguem tratais com desamor,  
Antes a todos tendes affeição;  
E se a todos mostrais um coração,  
Cheio de mansidão, cheio de amor:  
Dèsde hoje me tratai com desfavor,  
Mostrai-me um odio esquivo, uma isenção.  
Poderei acabar de crer então  
Que somente a mim me dais favor.  
Que, se tratais a todos brandamente,  
Claro é que só aquelle é favorecido  
A quem mostrais irado o continente.  
Mal poderei eu ser de vós querido,  
Se tendes outro amor na alma presente,  
Que amor é um, não pôde ser partido.

(Soneto 309).

teiro de Santa Clara, onde tinha a certeza de ver a infanta (1).  
Com um simples olhar da *angelica figura*, que

Parece... tinha forma humana,  
Mas scintilava espiritos divinos,

(Canção 11, 75-76)

ficou *cego de todo!*

Todas as almas tristes se mostravam  
Pela piedade do Feitor divino,  
Onde, ante seu aspecto benino,  
O devido tributo lhe pagavam.  
Meus sentidos então livres estavam  
(Que até hi foi constante seu destino),  
Quando uns olhos, de que eu não era dino,  
A furto da razão me salteavam.  
A nova vista me cegou de todo!  
Nasceo do descostume a estranheza  
Da suave e angelica presença.  
Para remediar-me não ha hi modo?  
Oh! Porque fez a natureza humana  
Entre os nascidos tanta differença?

(Soneto 303).

---

(1) «No tempo provavel dos serões (no paço real) (1538 ou 1540 até 1551), o domicilio (da infanta) era em Santa Clara» (Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis, *A infanta D. Maria*, p. 83, nota 89). «(A infanta D. Maria) morou no campo de Santa Clara, nas casas que ficão junto ao dito mosteiro, que hoje sam do Desembargador Luis de Abreu de Freitas e dellas ia ouvir missa ao tal mosteiro, por um passadiço, do qual se conservam ainda hoje na parede alguns vestigios». Padre A. Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, III, 365-366 (Lisboa, 1712). «Deste mosteiro amplissimo, exceptuando o dormitorio, chamado da benção, e o dos corredores, duas varandas e algumas capellas, tudo mais, que em dormitorios e casas particulares recolhia mais de seis centas mulheres, . . . ficou ou de todo abatido ou irreparavelmente arruinado com o terremoto. O seu famoso templo, que era um monte de ouro e na grandeza excedia a todos os dos mais mosteiros da corte, ficou totalmente prostrado, ex-



Ficou captivo, com a razão perturbada:

O culto divinal se celebrava  
 No templo, donde toda a creatura  
 Louva o Feitor divino, que a feitura  
 Com seu sagrado sangue restaurava.  
 Amor ali, que o tempo me aguardava  
 Onde a vontade tinha mais segura,  
 Com uma rara e angelica figura  
 A vista da razão me salteava.  
 Eu, crendo que o lugar me defendia  
 De seu livre costume, não sabendo  
 Que nenhum confiado lhe fugia,  
 Deixei-me captivar. Mas hoje, vendo,  
 Senhora, que por vosso me queria,  
 Do tempo que fui livre me arrependo.  
 (Soneto 77).

Ficou como o passarinho, morto por traiçoeiro caçador:

Está o lascivo e doce passarinho  
 Com o biquinho as pennas ordenando,  
 O verso sem medida, alegre e brando,  
 Despedindo no rustico raminho.  
 O cruel caçador, que do caminho  
 Se vem, calado e manso, desviando,  
 Com pronta vista a seta endireitando,  
 Lhe dá no Estygio lago eterno ninho.  
 Desta arte o coração, que livre andava,  
 Posto que já de longe destinado,  
 Onde menos o temia, foi ferido,  
 Porque o frõcheiro cego me esperava,  
 Para que me tomasse, descuidado,  
 Em vossos claros olhos escondido.  
 (Soneto 30).

cepto a tribuna e costas da capella môr». J. B. de Castro, *Mapa de Portugal*, III, 163 (Lisboa, 1870). Todos os outros edificios que ficavam nas immediações do convento foram derrubados, excepto o templo de Santa Engracia e a igreja parochial. (Ibid., p. 161).

Havia, é certo, um obstaculo que, desde logo, se apresentaria ao poeta como insuperavel -- o abysmo entre a sua situação e a da infanta --:

Oh! Porque fez a natureza humana  
Entre os nascidos tanta differença!

Mas a voz da razão foi supplantada pelo magico fulgor dos admiraveis olhos azues da filha de D. Manuel:

Tomou-me vossa vista soberana  
Adonde tinha as armas mais á mão,  
Por mostrar a quem busca defensão  
Contra esses bellos olhos, que se engana.  
Por ficar da victoria mais ufana,  
Deixou-me armar primeiro da razão.  
Bem salvar-me cuidei, mas foi em vão;  
Que contra o ceo não val defenza humana.  
Com tudo, se vos tinha promettido  
O vosso alto destino esta victoria,  
Ser-vos ella bem pouca está intellido.  
Pois, inda que eu me achasse apercebido,  
Não levais de vencer-me grande gloria:  
Eu a levo maior de ser vencido.

(Soneto 36).

De que valia a razão, para que servia o *juízo sossegado*, em presença de tanta gentileza?

Quem póde livre ser, gentil senhora,  
Vendo-vos com juizo sossegado,  
Se o menino que de olhos é privado  
Nas meninas dos vossos olhos mora?  
Ali manda, ali reina, ali namora,  
Ali vive, das gentes venerado;  
Que o vivo lume e o rosto delicado  
Imagens são adonde Amor se adora.  
Quem vê que em branca neve nascem rosas,  
Que crespos fios de ouro vão cercando,  
Se por entre esta luz a vista passa,

Raios de ouro verá, que as duvidosas  
 Almas estão no peito traspassando,  
 Assi como um crystal o sol traspassa.  
 (Soneto 60).

O poeta foi forçado a render-se, perante as armas com que  
 Amor o assaltou :

Leda serenidade deleitosa,  
 Que representa em terra um paraiso ;  
 Entre rubis e perlas, doce riso ;  
 Debaixo de ouro e neve, côr de rosa ;  
 Presença moderada e graciosa,  
 Onde ensinando estão despejo e siso  
 Que se pôde, por arte e por aviso,  
 Como por natureza, ser formosa ;  
 Fala, de que ou já vida ou morte pende,  
 Rara e suave, — emfim, senhora, vossa ;  
 Repouso na alegria comedido :  
 Estas as armas são com que me rende  
 E me captiva Amor. Mas não que possa  
 Despojar-me da gloria de rendido.,  
 (Soneto 78).

Mais tarde, voltou Camões a occupar-se da memoravel data  
 em que foi apresentado á infanta, accrescentando alguns por-  
 menores interessantes. Refiro-me ás tres canções *Manda-me  
 Amor que cante*.

Reproduzirei integralmente uma dellas — a que reputo a  
 primeira na ordem chronologica (1).

---

(1) É a canção 8.<sup>a</sup>. Na 7.<sup>a</sup> e na 18.<sup>a</sup> (publicada por Juromenha) já são  
 manifestos os indicios de contrariedades :

Manda-me Amor que cante docemente  
 O que elle já em minha alma tem impresso,  
 Com presupposto de desabafar-me.  
 E, porque com meu mal seja contente,  
 Diz que o ser de tão lindos olhos preso  
 — Cantá-lo — bastaria a contentar-me.



Manda-me Amor que cante o que a alma sente,  
 Caso que nunca em verso foi cantado,  
 Nem dantes entre a gente acontecido.  
 Assi me paga, em parte, o meu cuidado,  
 Pois que quer que me louve e represente  
 Quão bem soube no mundo ser perdido.  
 Sou parte e não serei da gente crido ;  
 Mas é tamanho o gosto de louvar-me  
     E de manifestar-me  
 Por captivo de gesto tão formoso,  
     Que todo o impedimento  
 Rompe e desfaz a gloria do tormento  
 Peregrino, suave e deleitoso,  
     Que bem sei que o que canto  
 Ha de achar menos credito que espanto.

Eu vivia do cego Amor isento,  
 Porém tão inclinado a viver preso,  
 Que me dava desgosto a liberdade.  
 Um natural desejo tinha acceso  
 De algum ditoso e doce pensamento,  
 Que me illustrasse a insana mocidade.  
 Tornava do anno já a primeira idade ;  
 A revestida terra se alegrava,  
     Quando o Amor me mostrava  
 De fios de ouro as tranças, desatadas  
     Ao doce vento estivo,  
 Os olhos, rutilando lume vivo,  
 As rosas, entre a neve semeadas,  
     O gesto grave e ledó,  
 Que juntos moveem em mim desejo e medo.

Um não sei quê suave respirando,  
 Causava um desusado e novo espanto,  
 Que as cousas insensíveis o sentiam,  
 Porque as garrulas aves, entretanto,  
 Vozes desordenadas levantando,  
 Como eu em meu desejo, se incendiam.  
 As fontes crystallinas não corriam,  
 Inflammadas na vista clara e pura ;

Florecia a verdura,  
 Que, andando, cos ditosos pés tocava ;  
     As ramas se baixavam,  
 Ou de inveja das hervas que pisavam,  
 Ou porque tudo ante elles se baixava.  
     O ar, o vento, o dia,  
 De espiritos continuos influa.

E quando vi que dava intendimento  
 A cousas fóra delle, imaginei  
 Que milagres faria em mi, que o tinha.  
 Vi que me desatou da minha lei,  
 Privando-me de todo sentimento  
 E em outra transformando a vida minha.  
 Com tamanhos poderes de Amor vinha,  
 Que o uso dos sentidos me tirava,  
     E não sei como o dava,  
 Contra o poder e ordem da natura,  
     Às arvores, aos montes,  
 A rudeza das hervas e das fontes,  
 Que conheceram logo a vista pura.  
     Fiquei eu só tornado  
 Quasi em um rudo tronco, de admirado.

Despois de ter perdido o sentimento,  
 De humano um só desejo me ficava,  
 Em que toda a razão se convertia.  
 Mas não sei quem no peito me affirmava  
 Que, por tão alto e doce pensamento,  
 Com razão a razão se me perdia.  
 Assi que, quando mais perdida a via,  
 Na sua mesma perda se ganhava :  
     Em doce paz estava  
 Com seu contrario proprio, em um sujeito.  
     Oh caso estranho e novo !  
 Por alta e grande certamente approvo  
 A causa donde vem tamanho effeito,  
     Que faz num coração  
 Que um desejo, sem ser, seja razão.





E foi recebido nos jardins do palacio, em que ella residia:

... O Amor me mostrava  
De fios de ouro as tranças, desatadas  
Ao doce vento estivo.  
(Canção 8.<sup>a</sup>).

Um não sei quê suave respirando,  
Causava um admiravel, novo espanto,  
Que as cousas insensíveis o sentiam.  
Ali, as garrulas aves, levantando  
Vozes não ordinarias, em seu canto,  
Como eu no meu desejo, se encendiam.  
As fontes crystallinas não corriam,  
De inflammadas na vista linda e pura;  
Florecia a verdura,  
Que, andando, cos divinos pés tocava;  
Os ramos se baixavam,  
Ou de inveja das hervas que pisavam,  
Ou porque tudo ante ella se baixava.  
Não houve cousa, emfim,  
Que não pasmasse della, e eu de mim.  
(Canção 7.<sup>a</sup>).

Em que anno se passou isto? W. Storck, que pensa se trata de D. Catharina de Ataíde e não distingue entre a apresentação (soneto 134; canções 7, 8 e 18), e a estada na igreja (sonetos 77 e 303), escreve: «Sendo certo, caso o soneto (303) interpretado por nós falle verdade, que Luis Vaz avistou a bella lisbonense, pela primeira vez. no

---

20 e 22 de abril. Pela chronologia antiga temos de menos uns dez dias, chegando assim á data de 10 a 12 de abril. O resto das metaphoras con- diz perfeitamente com esta estação: a andorinha Prokne volta aos nossos climas, e a bem-amada do Zephyro, a deusa primaveral Flora, vira a sua cornucopia (o corno de Acheloo ou de Amalthea), espalhando flores e botões de rosas sobre a terra». Storck, *Vida de Camões*, p. 327. (Tradução da Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos).

meio dos officios funebres da sexta-feita de endoenças, temos ainda que procurar qual seria a verdadeira entre as tres sextas-feiras santas do biennio que decorre de 1543 (termo da sua chegada a Lisboa) até 1545, anno em que as más linguas começaram a mexericar dos seus amores. Ou, visto haver camonistas que collocam a chegada a Lisboa no anno de 1542 e o seu desterro da cõrte (isto é, de Lisboa) no de 1546, será bom alargarmos o campo a explorar, investigando o periodo de 1542 a 1546. O calendario universal de Kessel-meyer ajuda-nos a encontrar de um modo facil e seguro as datas desejadas. Os cinco dias em que recahiram as sextas-feiras de endoenças são: para o anno de 1542 o dia 7 de abril; e para os quatro seguintes o 23 de março; o undecimo e o terceiro de abril e o dia 23 do mesmo mez. Entre elles, o que de todo em todo corresponde melhor ás indicações metaphóricas, que temos examinado, é o dia 11 de abril, a *sexta-feira santa do anno de 1544*» (1).

Mas, se é verdade que a apresentação no paço de Santa Clara precedeu, de alguns dias, as solemnidades da sexta-feira mór, e se, por outro lado, o poeta quis indicar por uma fórma precisa a data dessa apresentação, o anno que melhor satisfaz a estas condições é o de 1546, em que a sexta-feira santa, segundo se lê na passagem que fica transcripta, caiu no dia 23 de abril, quasi duas semanas depois da entrada do sol no signo de tauro.

Prosegue o illustre professor allemão: «Direi, comtudo, que, pessoalmente, não ligo grande importância á data exacta do *coup de foudre*». A sexta-feira santa pertence á mythologia *convencional* da poesia moderna, desde que Petrarca — a fim de fazer coincidir poeticamente o principio das suas magoas e o dia da Paixão do Salvador — remodelou acintemente, levado pela vaidade do seu coração de artista, as

---

(1) *Vida* citada, p. 327.

datas do anno de 1327, postulando que a *sexta-feira* da Paixão recahisse, por milagre, na *segunda-feira* da semana santa! isto é, trocando o dia seis de abril (em que de facto avistára a madonna Laura) pelo decimo do mesmo mez e anno!».

É certo que Camões, ao escrever o soneto 303, se lembrou do soneto 3.º de Petrarca, *In vita di madonna Laura*. Também não ha duvida que no soneto 77, que é de data posterior ao 303, é manifesta a imitação dos referidos versos do poeta italiano (1). Mas, pelo que fica exposto, não creio que, por parte de Camões, se trate de uma ficção.

Quem apresentou o poeta no paço de Santa Clara?

Presumo que foi o seu amigo e protector, D. Francisco de Noronha, mais tarde segundo conde de Linhares.

Além de não faltarem Noronhas na casa da infanta (2), ha-

- (1) Era 'l giorno ch'al Sol si scoloraro  
 Per la pietà del suo Fattore i rai,  
 Quand'i' fui preso, e non me ne guardai,  
 Che i be'vostr' occhi, Donna, mi legaro.  
 Tempo non mi pareo da far riparo  
 Contra colpi d'Amor: però n'andai  
 Secur, senza sospetto: onde i miei guai  
 Nel comune dolor s'incominciario.  
 Trovommi Amor del tutto disarmato,  
 Ed aperta la via per gli occhi al core,  
 Che di lagrime son fatti uscio e varco.  
 Però, al mio parer, non gli fu onore  
 Ferir me di saetta in quello stato,  
 E a voi armata non mostrar pur l'arco.

(2) Fr. M. Pacheco, *Vida de la serenissima infanta*, fl. 91 v.-94. Abre a extensa relação do pessoal D. Alfonso de Noronha, que por algum tempo exerceu o cargo de mordomo-mór. Pertencia também á casa da infanta e era filha do seu mordomo-mór, D. Francisco de Guzman, e da sua confidente, D. Joanna de Blasfét, aquella D. Guiomar de Blasfé, a quem o poeta, a proposito de ella se ter queimado com uma vela no



via motivos especiaes para o ex-embaixador de D. João 3.º

rosto, dirigiu o galante soneto 39 e estas graciosas redondilhas :

*Mote*

Amor, que todos offende,  
Teve, senhora, por gosto,  
Que sentisse o vosso rosto  
O que nas almas accende.

*Voltas*

Aquelle rosto que traz  
O mundo todo abrasado,  
Se foi da flamma tocado,  
Foi porque sinta o que faz.

Bem sei que Amor se vos rende ;  
Porém o seu presuppuesto  
Foi sentir o vosso rosto  
O que nas almas accende.

Quem sabe se as duas poesias, de que tanto se devia desvanecer a gentil dama, não seriam a causa de vir parar ás mãos do apaixonado poeta o trançado da infanta, que mereceu este bello e enthusiastico soneto :

Lindo e subtil trançado, que ficaste  
Em penhor do remedio que mereço,  
Se só contigo, vendo-te, endoudeço,  
Que fôra cos cabellos que apertaste ?  
Aquellas tranças de ouro, que ligaste,  
Que os raios do sol têm em pouco preço,  
Não sei se, ou para engano do que peço,  
Ou para me matar, os desataste.  
Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,  
E, por satisfação de minhas dores,  
Como quem não tem outra, hei de tomar-te.  
E, se não for contente o meu desejo,  
Dir-lhe-hei que, nesta regra dos amores,  
Por o todo tambem se toma a parte.

(Soneto 42).

na côrte de França ser *persona grata* da filha de D. Manuel.

Bastava o facto de esta ser a filha estremecida e unica da rainha D. Leonor. «Não havia por certo embaixador portuguez na côrte de França que não se encarregasse de missões secretas da filha para a mãe e desta para aquella; todos elles seriam porisso bem acolhidos e bem vistos por D. Leonor. Foi o que aconteceu por certo com D. Francisco de Noronha e tambem com o seu adjunto (Francisco de Moraes), que, como elle proprio conta, recebeu mercês da rainha christianissima. Nos annos que durou a embaixada, entré 1540 e 1543, tratou-se do casamento de D. Maria com o duque de Orléans, plano que ficou frustrado com a morte deste» (1).

Compreende-se o desgosto que depois devia ter o illustre fidalgo com o estouvado procedimento do poeta. E a esse desgosto allude manifestamente Camões na canção 11.<sup>a</sup>, v. 181-183:

A piedade humana me faltava,  
A gente amiga já contraria via,  
No perigo primeiro... (2).

Isto, porém, não obstou, como veremos, a que D. Fran-

(1) Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Palmeirim de Inglaterra* na *Zeitschrift für Romanische Philologie*, vi, 57-58. A illustre escriptora prosegue: «Tem assim uma explicação naturalissima o facto de Moraes dedicar o *Palmeirim*, escripto na côrte da rainha D. Leonor, á filha desta, a infanta D. Maria, cuja superior illustração é conhecida».

Tambem não deixa de ser interessante que na egloga 2.<sup>a</sup>, escripta no Ribatejo e um dos documentos mais importantes para a historia da paixão de Camões pela infanta, se alluda ao auctor do *Palmeirim* e ao seu amor por uma dama da côrte de França. O *namorado Gallo* (v. 496 e segg.), com effeito, não é senão Francisco de Moraes.

(2) Este *perigo* foi o desterro, primeiro para o Ribatejo e depois para Ceuta, por causa da infanta.

cisco de Noronha continuasse a ser o desvelado amigo e protector do grande genio, que, em uma hora amarga, compendiou assim a sua atribulada existencia :

Que segredo tão arduo e tão profundo !  
 Nascer para viver e para a vida,  
 Faltar-me quanto o mundo tem para ella !  
     E não poder perdê-la,  
 Estando tantas vezes já perdida !

(Canção 11, 187-191).

Em algumas das poesias que já foram citadas (soneto 303, canções 2, 7, 8 e 18), assevera o poeta que, ao apaixonar-se pela infanta, conservava ainda livre o seu coração. Na egloga 2.<sup>a</sup> insiste neste ponto (v. 438-461):

Lembra-me, amigo Agrario, que o sentido  
     Tão fóra de amor tinha, que me ria  
     De quem por elle via andar perdido.  
 De varias côres sempre me vestia ;  
     De boniñas a fronte coroava ;  
     Nenhum pastor, cantando, me vencia.  
 A barba então nas faces me apontava.  
     Na luta, na carreira, em qualquer manha,  
     Sempre a palma, entre todos, alcançava.  
 Da minha idade terra, em tudo estranha,  
     Vendo, como acontece, affeiçoadas  
     Muitas nymphas do rio e da montanha,  
 Com palavras mimosas e forjadas,  
     De solta liberdade e livre peito,  
     As trazia contentes e enganadas.  
 Mas, não querendo Amor que deste geito  
     Dos corações andasse triumphando,  
     Em quem elle criou tão puro affeito,  
 Pouco a pouco me foi de mi levando,  
     Dissimuladamente, ás mãos de quem  
     Toda esta injuria agora está vingando.

Apesar destas repetidas declarações, havia alguém que



então se julgava com direito a um lugar muito especial no coração de Camões.

Era a *menina dos olhos verdes*, já celebrada em deliciosos versos, que talvez não fossem de todo extranhos á maneira como elle foi recebido no paço de Santa Clara.

Basta citar aqui (1) as voltas ao mote:

Verdes são os campos  
Da cor do limão;  
Assi são os olhos  
Do meu coração.

*Voltas*

Campo, que te estendes  
Com verdura bella;  
Ovelhas, que nella  
Vosso pasto tendes  
De hervas vos mantendes,  
Que traz o verão,  
E eu das lembranças  
Do meu coração.

Gados, que pasceis  
Com contentamento:  
Vosso mantimento  
Não no intendeis.  
Isso que comeis,  
Não são hervas, não;  
São graça dos olhos  
Do meu coração.

Pobres olhos verdes! Quantas lagrimas não iam elles derramar, por causa dos olhos azues da infanta!

---

(1) Trago entre mãos uma coordenação da lyrica amorosa de Camões. A 1.<sup>a</sup> parte intitula-se *A menina dos olhos verdes*.

Com que surpresa e com que amargura não leria a enamorada menina estes motes e as respectivas voltas:

Vós, senhora, tudo tendes,  
Senão que tendes os olhos verdes;

Sois formosa e tudo tendes,  
Senão que tendes os olhos verdes.

Veja-se como o poeta ia mettendo ferroadas:

Dotou em vós natureza  
O summo da perfeição;  
Que, o que em vós é senão,  
É em outras gentileza.  
O verde não se despreza,  
Que, agora que vós os tendes,  
São bellos os olhos verdes.

Ouro e azul é a melhor  
Côr (1), por que a gente se perde.  
Mas a graça desse verde  
Tira a graça a toda a côr.  
Fica agora sendo a flor  
A côr, que nos olhos tendes,  
Porque são vossos e verdes.

Tudo tendes singular,  
Com que os corações rendeis.  
Senão que, rindo, fazeis  
Covinhas para enterrar  
E para resuscitar.  
Tem força a graça que tendes,  
Senão que tendes os olhos verdes.

Tudo, senhora, alcançais,  
Quanto o ser formosa alcança;  
Senão que dais esperança  
Cos olhos com que matais.  
Se acaso os alevantais,  
É para as almas renderdes...  
Senão que tendes os olhos verdes.

---

(1) Allusão, como já fica dicto, aos olhos azues e aos cabellos louros da infanta.

Ninguém vos póde tirar  
 Serdes tão bem assombrada ;  
 Mas heis-me de perdoar,  
 Que os olhos não valem nada.  
 Fostes mal aconselhada  
 Em querer que fossem verdes.  
 Trabalhai de os esconderdes.

E assim por deante, num misto de depreciação, de fingido elogio e de troça, que tão profundamente deviam magoar quem tinha inspirado tão lindos versos e tanto se desvaneceria da côr dos seus olhos.

E com que arte consummada não reproduz o grande poeta os queixumes e protestos da desolada menina! Vejam-se, por exemplo, estas redondilhas, tão sentidas, de uma tão encantadora ingenuidade :

*Mote (alheio)*

De pequena tomei amor,  
 Porque o não entendi.  
 Agora que o conheci,  
 Mata-me com desfavor.

*Volta*

Vi-o moço e pequenino,  
 E a mesma idade ensina  
 Que se incline uma menina  
 Às amostras de um menino.

Ouvi-lhe chamar Amor ;  
 Pelo nome me venci.  
 Nunca tal engano vi,  
 Nem tamanho desamor.

Cresceu-me, de dia em dia,  
 Com a idade a afeição,  
 Porque amor de criação  
 Na alma e na vida se cria.



Criou-se em mim este amor,  
E senhorcou-se de mi.  
Agora que o conheci,  
Mata-me com desfavor.

As flores me torna abrolhos,  
A morte me determina,  
Quem eu trouxe, de menina,  
Nas meninas dos meus olhos.

Desta magoa e desta dor  
Tenho sabido que, enfim,  
Por amor me perco a mim,  
Por quem de mi perde amor.

Parece ser caso estranho  
O que Amor em mi ordena,  
Que, em idade tão pequena,  
Haja tormento tamanho!

Sejam milagres de Amor...  
Hei-os de soffrer assi,  
Até que haja dó de mi  
Quem entender esta dor.

Mas o poeta não se limitou a depreciar, a metter a ridiculo, aquillo que até então o tinha encantado na *menina dos olhos verdès*.

Desvairado com os novos amores, que suppunha ou esperava ver correspondidos, querendo a todo o custo libertar-se da importuna affeição de quem, *de menina, o trazia nas meninas dos seus olhos*, esqueceu-se de que tinha obrigação de ser correcto e, num tablado, expôs á irrisão e á maledicencia aquella que tanto lhe queria e que talvez não tivesse quem a desaggravasse.

Lea-se esta estranha passagem do prologo da comedia *El Rei Seleuco*, em que o proprio Camões, autor da peça, fazia o papel do *representador*: «*Mordomo*. Parece-me, senhor, que entra a primeira figura. Moço, mette-te aqui por

baixo desta mesa, e ouçamos este representador. . . *Martim*.  
 Senhor, elle parece que aprende a cirurgiãõ. *Ambrosio*. Mais  
 parece o ourinol capado, que anda de amores com a menina  
 dos olhos verdes».

Ficou assim o allucinado poeta desembaraçado desta peia,  
 para mais á vontade pôr o desejo onde não devia (1).

Quando elle, porém, diga-se de passagem, se viu forçado  
 a penitenciar-se

Do error em que caiu o pensamento,  
 (Soneto 94)

quando já se lastimava da queda que tinham dado os seus  
 altos pensamentos (2), procurou reaver a afeição da menina  
 dos olhos verdes (3) e para isso empregou todos os esforços.  
 Foram, porém, baldados (4).

- (1) Estas são verdadeiras penitencias  
 De quem põe o desejo onde não deve,  
 De quem engana alheias innocencias.  
 (Egloga 2.ª, v. 357-359).

- (2) Ó meus altos pensamentos,  
 Quão altos que vos pusestes  
 E quão grande queda déstes!  
 (Redondilhas, Juromenha)

(3) É claro que o poeta agora já não alludia á côr dos olhos, para  
 não suscitar dolorosas recordações.

(4) Veja principalmente a egloga 3.ª, escripta depois de o poeta ter  
 voltado de Ceuta, sob promessa de não pensar mais na infanta. São  
 dessa egloga os seguintes versos:

*Almeno*

Se más tenções puseram nodoa feia  
 Em nosso firme amor, de inveja pura,  
 Porque pagarei eu a culpa alheia ?  
 .....

Só na occasião do embarque para a India é que ella se congraçou com quem tão profundamente a tinha magoado, com quem havia dado motivo a que pusessem *nodoa feia* em uma *pura affeição*, em *um amor honesto*.

Mas voltemos ao novo e *alto pensamento* do poeta e vejamos as principaes phases por que elle foi passando, até a ida para o exilio.

Começando pela celebre canção 11 (1), ahi se encontram

*Belisa*

... Teu sobejo e livre atrevimento  
E teu pouco segredo, descuidando,  
Foi causa deste longo apartamento.  
.....

Um só segredo meu te manifesto :

Que te quis muito, emquanto Deus queria,  
Mas de pura affeição, de amor honesto.

E, pois de teus descuidos e ousadia

Nasceu tão dura e aspera mudança,  
Folgo que muitas vezes to dizia.

Fica-te embora e perde a confiança

De ver-me nunca mais, como já viste :  
Que assi se desengana uma esperança.

(1) Eis como a ella se refere W. Storck: «Naquella incomparavel canção... , que a edição de Hamburgo chama, com toda a razão, *um gemido da natureza que retumbará no mundo, emquanto nelle houver quem falle ou entenda a lingua portugüesa*, temos fragmentos de uma autobiographia do poeta, esboçada a largos traços... Compenetrado e enlevado perante o majestoso conjuncto das ideias, o fulgor da linguagem mascula e vigorosa, a riqueza da phraseologia, o cunho original das figuras, a ardencia dos sentimentos; abalado pelo peso esmagador da angustia que palpita naquellas linhas, pela violencia das saudades e profundo amor patrio que ellas exhalam, pela successão dos golpes dilacerantes allí enumerados, ferindo sem piedade o desterrado, penso que aquella canção, rainha entre todas as canções de todos os poetas



sobre o assumpto importantes indicações, que é pena não obedecerem á ordem chronologica.

Eis como o poeta, nessa canção (v. 81-151), falla do seu amor por aquella que

- Parece... que tinha forma humana,  
 Mas scintillava espiritos divinos :  
 .....
- 81 Que genero tão novo de tormento  
 Teve Amor, sem que fosse, não sómente  
 Provado em mi, mas todo executado ?  
 — *Implacaveis durezas*, que ao fervente
- 85 Desejo, que dá força ao pensamento,  
 Tinham de seu proposito abalado  
 E corrido de ver-se e injuriado :  
 Aqui *sombras phantasticas*, trazidas  
 De algumas *temerarias esperanças* :
- 90 *As bemaventuranças*,  
 Tambem nellas *pintadas e fingidas*. —  
 Mas a dor do *desprezo recebido*,  
 Que todo o *phantaziar* desatinava,  
 Estes *enganos* punha em desconcerto.
- 95 Aqui o *adivinhar* e o *ter por certo*  
 Que *era verdade* quanto *adivin hava* ;  
 E logo o *desdizer-me, de corrido* ;  
*Dar ás cousas que via outro sentido* ;  
 E para tudo, enfim, buscar razões.
- 100 Mas eram muitas mais as semrazões !

anteriores e posteriores a Camões, ou seus coevos, deve pertencer á idade viril do homem, retemperado pelos trabalhos do espirito, pelas magoas do coração e pelas experiencias crudelissimas, mas ainda desditoso por culpa propria e descarinho alheio». *Vida de Camões*, pag. 149 e 150. É por estes motivos que o illustre professor allemão suppõe a canção 11 escripta durante o periodo indio (1554), abandonando assim a opinião, que anteriormente tinha seguido, de que «o sublime poema datava dos annos posteriores ao regresso da India».

Opportunamente direi o que penso, quer sobre a data da composição, quer sobre a intelligencia de alguns logares obscuros desta canção.

- Não sei como sabia estar roubando  
 Cos raios as entranhas, que fugiam  
 Para ella por os olhos, subtilmente.  
 Pouco a pouco invisiveis me saíam,
- 105 Bem como do veu humido exhalando  
 Está o subtil humor o sol ardente.  
 O gesto puro, emfim, e transparente,  
 Para quem fica baixo e sem valia  
 Este nome de bello e de formoso,
- 110 O doce e piedoso  
 Mover d'olhos, que as almas suspendia,  
 Foram as hervas magicas, que o ceo  
 Me fez beber, as quaes, por longos annos,  
 Noutro ser me tiveram transformado,
- 115 E tão contente de me ver trocado,  
 Que as magoas enganava cos enganós,  
 E diante dos olhos punha o veo,  
 Que me encubrisse o mal que assi cresceo,  
 Como quem com afagos se criava
- 120 Daquelle para quem *crescendo* estava.
- Pois quem póde pintar a vida ausente,  
 Com um descontentar-me quanto via,  
 E aquelle estar tão longe donde estava,  
 O fallar sem saber o que dizia,
- 125 Andar sem ver por onde, e juntamente  
 Suspirar, sem saber que suspirava?  
 Pois quando aquelle mal me atormentava  
 E aquella dôr, que das Tartareas aguas  
 Saío ao mundo, e mais que todas doe,
- 130 Que tantas vezes soe  
 Duras iras tornar *as* (1) brandas magoas?  
 Agora, co furor da magoa irado,  
 Querer e não querer deixar de amar,  
 E mudar noutra parte, por vingança,

---

(1) Substituo por *as* a lição usual *em*.

- 135 O desejo privado de esperança,  
 Que tão mal se podia já mudar?  
 Agora a saudade do passado,  
 Tormento puro, doce e magoado,  
 Que converter fazia estes furores
- 140 Em magoadas lagrimas de amores?  
 Que desculpas, comigo só, buscava  
 Quando o suave amor me não soffria  
 Culpa na cousa amada, e tão amada!  
 Eram emfim remedios que fingia
- 145 O medo do tormento, que ensinava  
 A vida a sustentar-se, de enganada.  
 Nisto uma parte della foi passada,  
 Na qual, se tive algum contentamento,  
 Breve, imperfeito, timido, indecente,
- 150 Não foi senão semente  
 De um comprido, amarissimo tormento.

Reproduzirei agora, tentando approximar-me da ordem chronologica, algumas das muitas poesias lyricas de Camões (1), que servem, por assim dizer, ou de commentario, ou de complemento, a esta passagem da canção 11.

Embora o poeta, em composições posteriores, faça datar a sua paixão pela infanta, quer do dia em que lhe foi apresentado (canções *Manda-me Amor que cante*), quer da occasião em que a viu na igreja (soneto 77), o que é certo é que o soneto 134 não é tão explicito a este respeito. O que nelle e no 303 se accentua é a differença de estados, que então apparecia ao poeta como um obstaculo muito difficil de vencer, se não mesmo insuperavel, para o seu novo pensamento.

Basta reler os versos com que elle termina os dous sonetos, especialmente o segundo:

Para remediar-me não ha hi modo?  
 Oh! Porque fez a natureza humana  
 Entre os nascidos tanta differença?

---

(1) Na edição que preparo da lyrica amorosa de Camões, procuro destringar e coordenar tudo o que se refere à infanta.



Houve, portanto, um periodo de hesitações, em que o poeta, *armando-se da razão* (1), chegou, num momento de lucidez, a formular esta pergunta:

Eu que espero de um ser, que é mais que humano?  
(Soneto 137).

Mas era tão difficil arrancar-lhe da alma a esperança de que podia vir a ser amado pela nobre e formosa senhora, que tão profundamente o havia impressionado! Ouçamo-lo:

*Mote*

Se espero, sei que me engano;  
Mas não sei desesperar.

*Glosa*

O meu pensamento altivo  
Me tem posto em tal extremo,  
Que, quando esperando vivo,  
O bem esperado temo,  
Muito mais que o mal esquivo;

Que, para crescer meu dano  
No gosto da confiança,  
Ordena o Amor tyranno  
Que, na mais firme esperança,  
Se espero, sei que me engano.

Deste novo sentimento  
Chega a tanto a nova dor,  
Que se enlea o pensamento!  
Ver que, no mór bem de amor,  
Se descobre o mór tormento!

---

(1) Relêa-se o soneto 36, já anteriormente transcripto.

Folgára de me enganar,  
 Mas não é cousa possível,  
 Pois, para sempre penar,  
 Sei que espero o impossível.  
 Mas não sei desesperar!

Foi também neste estado de espirito que o poeta escreveu, além d'outros, o soneto 9:

Tanto de meu estado me acho incerto,  
 Que, em vivo ardor, tremendo estou de frio;  
 Sem causa, juntamente choro e rio;  
 O mundo todo abarco e nada aperto.  
 É tudo quanto sinto um desconcerto;  
 Da alma um fogo me saí, da vista um rio;  
 Agora espero, agora desconfio,  
 Agora desvario, agora acérto.  
 Estando em terra, chego ao ceo voando;  
 Numa hora acho mil annos, e é de geito  
 Que, em mil annos, não possa achar uma hora.  
 Se me pergunta alguém porque assi ando,  
 Respondo que não sei: porém suspeito  
 Que só porque vos vi, minha senhora.

Nesta phase o poeta quasi que se contenta só com ver a formosa infanta:

Quando da bella vista e doce riso  
 Tomando estão meus olhos mantimento,  
 Tão enlevado sinto o pensamento,  
 Que me faz ver na terra o paraíso.  
 Tanto do bem humano estou diviso,  
 Que qualquer outro bem julgo por vento.  
 Assi que, em termo tal, segundo sento,  
 Pouco vem a fazer quem perde o siso.  
 Em louvar-vos, senhora, não me fundo,  
 Porque, quem vossas graças claro sente,  
 Sentirá que não póde conhecê-las;  
 Pois de tanta estranheza sois ao mundo,  
 Que não é de estranhar, dama excellente,  
 Que quem vos fez, fizesse ceo e estrellas.

(Soneto 17).

Mas este estado de alma tendia necessariamente a modificar-se :

De amores de uma inclita donzella  
 Ferido o mesmo deus de Amor se viu  
 E preso emfim, por mais que resistiu ;  
 Que a tudo vence e rende a força della.  
 Jámais o mundo viu dama tão bella !  
 Com ella a natureza repartiu  
 A graça, com que ao mesmo Amor feriu,  
 Laços, com quem não vale força ou cautella.  
 Oh rara e nunca vista formosura,  
 Formosura bastante a subjugar  
 O mesmo deus de Amor, tão soberano !  
 Olhai se poderá de um fraco humano  
 A força, a força tal muito durar,  
 Quando a força de Amor tão pouco dura !  
 (Soneto 308).

Lá dizem tambem as redondilhas á *tenção* de Miraguarda (1) :

Ver e mais guardar  
 De ver outro dia,  
 Quem o acabaria ?

*Voltas*

Da lindeza vossa,  
 Dama, quem a vê  
 Impossivel é  
 Que guardar-se possa.  
 Se faz tanta mozza  
 Ver-vos um só dia,  
 Quem se guardaria ?

---

(1) Allusão a uma passagem do *Palmeirim de Inglaterra*, que a infanta muito bem conhecia. No capitulo 53 diz-se que á entrada do castello da formosa Miraguarda estava um escudo de marmore e nelle em campo uma imagem de mulher, que tinha no regaço umas letras brancas, que diziam : Miraguarda, nome que parecia querer significar que a senhora do castello *era muito pera ver e muito mais pera se guardarem della*.



Melhor deve ser,  
 Neste aventurar,  
 Ver e não guardar,  
 Que guardar *de* (1) ver.  
 Ver e defender  
 Muito bom seria;  
 Mas quem poderia?

É por isso que o *desejo* prevaleceu sobre a *razão*:

*Mote*

No meu peito o meu desejo  
 Da razão se fez tyranno;  
 Vejo nelle certo dano,  
 Incerto remedio vejo.

*Voltas*

Para de todo defender-me,  
 Este mal por passar tinha:  
 Ir eu contra a razão minha,  
 Que morre por defender-me.

Da parte de meu desejo  
 Me passo, para meu dano.  
 Vejo que nisto me engano,  
 Mas nenhum remedio vejo.

O poeta reconhecia a inutilidade da sua audacia:

Senhora, quem a tanto se atreve,  
 Que consente em servir vossa lembrança,  
 Sabendo que a tem sem esperança,  
 Não pouco é que por isso se lhe deve.  
 Mais cala esta minha alma do que escreve,  
 Sem esperar que seu mal faça mudança,  
 Não querendo outra bemaventurança  
 Maior, do que o amor com que vos serve.

---

(1) Lição usual: e.

Que esperar grandes casos da ventura  
 É offender vosso merecimento ;  
 Com esse pagareis meu tormento.  
 Tenho por impossivel sua cura,  
 E inda ficará meu pensamento  
 Devendo sempre a vossa formosura.  
 (Soneto 304) (1).

Estava, porisso, firmemente resolyido a esconder lá bem no  
 intimo o segredo do seu coração :

*Mote (alheio)*

De dentro tengo mi mal,  
 Que de fuera no hay señal.

*Volta*

Mi nueva y dulce querella  
 Es invisible á la gente.  
 El alma sola la siente,  
 Que el cuerpo no es dino della.  
 Como la viva centella  
 Se encubre en el pedernal,  
 De dentro tengo mi mal.

*Mote (alheio)*

A dôr que a minha alma sente,  
 Não na sabe toda a gente.

*Volta*

Que estranho caso de amor !  
 Que desejado tormento !  
 Que venho a ser avarento  
 Das dores de minha dôr !  
 Por me não tratar peor,  
 Se se sabe, ou se se sente,  
 Não na digo a toda a gente.

---

(1) O texto deste soneto está bastante alterado. Reproduzo as correções propostas por W. Storck para algumas passagens.

Minha dôr e causa della  
 De ninguem ousou fiar,  
 Que seria aventurar  
 A perder-me ou a perdê-la.  
 E pois só com padecê-la  
 A minha alma está contente,  
 Não quero que a saiba a gente.

Ande no peito escondida,  
 Dentro na alma sepultada ;  
 De mi só seja chorada,  
 De ninguem seja sentida.  
 Ou me mate, ou me dê vida,  
 Ou viva triste ou contente,  
 Não na saiba toda a gente.

*Mote (alheia)*

Para que me dan tormento,  
 Aprovechando tan poco ?  
 Perdido, mas no tan loco,  
 Que descubra lo que siento.

*Voltas*

Tiempo perdido es aquel  
 Que se passa en dar-me afan ;  
 Pues, quanto más me lo dan,  
 Tanto menos siento dél.

Que descubra lo que siento ?  
 No lo haré, que no es tan poco ;  
 Que no puede ser tan loco,  
 Quien tiene tal pensamiento.

Sepan que me manda Amor  
 Que de tan dulce querella  
 A nadie dé parte della,  
 Porque la sienta mayor.

Es tan dulce mi tormento,  
 Que aun se me antoja poco ;  
 Y, si es mucho, quedo loco  
 De gusto de lo que siento



Datam, a meu ver, deste idyllio *in partibus*, além d'outras, as seguintes poesias:

Eu cantarei de Amor tão docemente,  
 Por uns termos em si tão concertados,  
 Que dous mil accidentes namorados  
 Faça sentir ao peito que o não sente.  
 Farei que Amor a todos avivente,  
 Pintando mil segredos delicados,  
 Brandas iras, suspiros magoados,  
 Temerosa ousadia e *vida* ausente.  
 Tambem, senhora, do despejo honesto  
 De vossa vista branda e rigorosa  
 Contentar-me-hei dizendo a menor parte.  
 Porém, para cantar de vosso gesto  
 A composição alta e milagrosa,  
 Aqui falta saber, ingenho e arte.

(Soneto 2) (1).

Transforma-se o amador na cousa amada,  
 Por virtude do muito imaginar;  
 Não tenho logo mais que desejar,  
 Pois em mim tenho a parte desejada.  
 Se nella está minha alma transformada,  
 Que mais deseja o corpo de alcançar?  
 Em si sómente póde descansar,  
 Pois com elle tal alma está liada.  
 Mas esta linda e pura semidea,  
 Que, como o accidente em seu sujeito,  
 Assi co a alma minha se conforma,  
 Está no pensamento como idea,  
 E o vivo e puro amor de que sou feito,  
 Como a materia simples, busca a forma.

(Soneto 10).

---

(1) No verso 4 acrescentei o pronome *o*. No verso 8 creio que o poeta escreveu, não *pena*, mas *vida*. Cf. a canção 11, verso 121, e o soneto 151, que se segue ao immediato a este. No verso 9 leio *despejo* e não *desprezo*. Cf. o soneto 78, já transcripto.

Julga-me a gente toda por perdido,  
     Vendo-me, tão entregue a meu cuidado,  
     Andar sempre dos homens apartado,  
     E de humanos commercios esquecido.  
 Mas eu, que tenho o mundo conhecido,  
     E quasi que sobre elle ando dobrado,  
     Tenho por baixo, rustico e enganado,  
     Quem não é com meu mal engrandecido.  
 Vá revolvendo a terra, o mar e o vento,  
     Honras busque e riquezas a outra gente,  
     Vencendo ferro, fogo, frio e calma ;  
 Que eu, por amor, sómente me contento  
     De trazer esculpido eternamente  
     Vosso formoso gesto dentro da alma.

(Soneto 151).

Criou a natureza damas bellas,  
     Que foram de altos plectros celebradas ;  
     Dellas tomou as partes mais prezadas  
     E a vós, senhora, fez do melhor dellas.  
 Ellas, diante de vós, são as estrellas,  
     Que ficam com vos ver logo eclipsadas ;  
     Mas se ellas têm por sol essas rosadas  
     Luzes de sol maior, felices dellas !  
 Em perfeição, em graça e gentileza,  
     Por um modo entre humanos peregrino,  
     A todo o bello excede essa belleza.  
 Oh ! Quem tivera partes de divino,  
     Para vos merecer ! Mas se pureza  
     De amor val ante vós, de vós sou dino.

(Soneto 153).

*Mate*

Tal estou, despues que os vi,  
     Que de mi propio cuidado  
     Estoi tan enamorado,  
     Como Narciso de si.

*Volta*

Una sola deferencia  
 Hallo neste amor altivo :  
 Que el murio *de su presencia* (1),  
 Mas yo con la vuestra vivo.

En el punto que yo os vi,  
 Se realço mi cuidado,  
 De modo que enamorado,  
 Por vos, me quedé de mi.

Nacieron de un amor dos,  
 Cupido fue el tercero,  
 Que haze que bien me quiero,  
 Solo porque os quiero a vos.

Los estramos que en vos vi  
 Me han traído a tal estado,  
 Que me veo enamorado  
 De amor de vos y de mi.

Mas esta situação não podia prolongar-se por muito tempo.  
 O poeta, enamorado como estava, começou a impacientar-se,  
 porque a infanta o não percebia :

*Mote (alheio)*

Se a alma ver-se não póde  
 Onde pensamentos ferem,  
 Que farei para me crerem ?

---

(1) No texto corrente lê-se :

Que el murio *con preferencia*.

Mas não sei bem o que isto significa. O que presumo é que o poeta quis alludir ao ter Narciso morrido de paixão por si mesmo, contemplando a sua propria imagem na agua de uma fonte.



*Volts*

Se na alma uma só ferida  
 Faz na vida mil sinais,  
 Tanto se descobre mais,  
 Quanto é mais escondida.  
 Se esta dôr tão conhecida  
 Me não veem, porque não querem,  
 Que farei para me crerem ?

Se se pudesse bem ver  
 Quanto calo e quanto sento,  
 Depois de tanto tormento  
 Cuidaria alegre ser.  
 Mas, se não me querem crêr  
 Olhos, que tão mal me ferem,  
 Que farei para me crerem ?

É claro que o poeta não se atreveria a fazer directamente uma declaração de amor á infanta. Era um passo por demais arriscado, apesar da disposição de espirito em que elle se encontrava e que tão bem descripta se acha na canção 11 :

Aqui o adivinhar e o ter por certo  
 Que era verdade quanto adivinhava ;  
 .....  
 Dar ás cousas que via outro sentido.

Mas ha, entre as poesias de Camões, algumas que poderiam muito bem ter sido escriptas para serem recitadas na presença da illustre senhora e em que não seria difficil descobrir uma intenção reservada.

Lêam-se, por exemplo, estas redondilhas :

*Cantiga alheia*

Pastora da serra,  
 Da serra da Estrella,  
 Perco-me por ella !

*Volta*

Nos seus olhos bellos  
Tanto Amor se atreve,  
Que abrasa entre a neve  
Quantos ousam vê-los.  
Não solta os cabellos  
Aurora mais bella.  
Perco-me por ella !

Não teve esta serra,  
No meio da altura,  
Mais que a formosura,  
Que nella se encerra.  
Bem ceo fica a terra,  
Que tem tal estrella.  
Perco-me por ella !

Sendo entre pastores  
Causa de mil males,  
Não se ouvem nos vales  
Senão seus louvores.  
Eu só, por amores,  
Não sei fallar nella :  
Sei morrer por ella !

De alguns que, sentindo  
Seu mal vão mostrando,  
Se ri, não cuidando  
Que inda paga, rindo.  
Eu, triste, encobrando  
Só meus males della,  
Perco-me por ella !

Se flores deseja  
Por ventura, bellas,  
Das que colhe — dellas  
Mil morrem de inveja.  
Não ha quem não veja  
Todo o melhor nella.  
Perco-me por ella !

Se na agua corrente  
 Seus olhos inclina,  
 Faz a luz divina  
 Parar a corrente.  
 Tal se vê, que sente  
 Por ver-se a agua nella.  
 Perco-me por ella!

Note-se tambem como elle insinua que, para o amor, não ha differenças sociaes, por maiores que pareçam:

*Mote*

Descalça vai pela neve:  
 Assi faz quem Amor serve.

*Voltas*

Os privilegios que os reis  
 Não podem dar, póde Amor,  
 Que faz qualquer amador  
 Livre das humanas leis.  
 Mortes e guerras cruéis,  
 Ferro, frio, fogo e neve,  
 Tudo soffre quem o serve.

Moça formosa despreza  
 Todo o frio e toda a dôr.  
 Olhai quanto póde Amor,  
 Mais que a propria natureza!  
 Medo nem delicadeza  
 Lhe impede que passe a neve.  
 Assi faz quem Amor serve.

Por mais trabalhos que leve,  
 A tudo se off'receria.  
 Passa pela neve fria,  
 Mais alva que a propria neve;  
 Com todo frio se atreve.  
 Vede em que fogo serve  
 O triste que Amor serve!

É tambem este o thema do *Auto de Filodemo*, que o poeta naturalmente leu ou tencionava ler no paço de Santa Clara.

Eis como principia o argumento: «Um fidalgo português,



que acaso andava nos reinos de Dinamarca, como, por largos amores e maiores serviços, tivesse alcançado o amor de uma filha de el-rei, foi-lhe necessario fugir com ella em uma galé, porquanto havia dias que a tinha prenhe. E de feito, sendo chegados á costa de Espanha, onde elle era senhor de grande patrimonio, armou-se-lhe grande tormenta, que, sem nenhum remedio, dando a galé á costa, se perderam todos miseravelmente, senão a princeza, que em uma tabua foi á praia: a qual, como chegasse o tempo de seu parto, junto de uma fonte pariu duas creanças, macho e femea; e não tardou muito que um bom pastor castelhano, que naquellas partes morava, ouvindo os tenros gritos dos meninos, lhe acudiu, a tempo que a mãe já tinha expirado. Crescidas, em fim, as creanças debaixo da humanidade e criação daquelle pastor, o macho que Filodemo se chamou, á vontade de quem os baptizára, levado da natural inclinação, deixando o campo, se foi para a cidade, aonde, por musico e discreto, valeu muito em casa de D. Lusidardo, irmão de seu pae, a quem muitos annos serviu, sem saber o parentesco que entre ambos havia. E, como de seu pai não tivesse herdado nada mais que os altos espiritos, namorou-se de Dionysa, filha de seu senhor e tio, que, incitada ao que por suas obras e boas partes merecia, ou porque ellas nada engeitam, lhe não queria mal».

Vejamos agora o que, no acto I, diz Filodemo, apaixonado por Dionysa, a filha de seu amo:

SCENA I

FILODEMO, só.

Triste do que vive amando,  
Sem ter outro mantimento  
Que estar só phantasiando!  
Só ùa cousa me desculpa  
Deste cuidado que sigo:  
Ser de tamanho perigo,  
Que cuido que a mesma culpa  
Me fica sendo castigo.

.....

Ora bem, minha ousadia,  
 Sem asas, pouco segura :  
 Quem vos deu tanta valia,  
 Que subais a phantasia  
 Onde não sobe a ventura ?  
 Por ventura eu não nasci  
 No mato, sem mais valer,  
 Que o gado ao pasto trazer ?  
 Pois donde me veio a mi  
 Saber-me tão bem perder ?  
 Eu, nascido entre pastores,  
 Fui trazido dos curraes  
 E dentre meus naturaes  
 Para casa dos senhores,  
 Donde vim a valer mais.  
 E agora logo tão cedo  
 Quis mostrar a condição  
 De rustico e de villão !  
 Dando-me ventura o dedo,  
 Lhe quero tomar a mão ! . . .  
 Mas oh ! que isto não é assi,  
 Nem são villãos meus cuidados,  
 Como eu delles intendi ;  
 Mas antes, de sublimados,  
 Os não posso crer de mi.  
 Porque, como hei eu de crer  
 Que me faça minha estrella  
 Tão alta pena soffrer,  
 Que sómente pola ter  
 Mereço a gloria della ?

## SCENA II

FILODEMO, só.

Ah ! senhora, que podeis  
 Ser remedio do que peno !  
 Quão mal ora cuidareis  
 Que viveis e que cabeis  
 Num coração tão pequeno !

Se vos fosse apresentado  
 Este tormento em que vivo,  
 Crerieis que foi ousado  
 Este vosso — de criado —  
 Tornar-se vosso captivo ?

## SCENA IV

FILODEMO, *cantando*.

Adó sube el pensamiento,  
 Seria una gloria imensa,  
 Si allá fuese quien lo piensa.

*Falla.*

Qual espirito divino  
 Me fará a mi sabedor  
 Deste meu mal : — se é amor,  
 Se, por dita, desatino ?  
 Se é amor, diga-me qual  
 Póde ser seu fundamento,  
 Ou qual é seu natural,  
 Ou porque empregou tão mal  
 Um tão alto pensamento ?  
 Se é doudice, como, em tudo,  
 A vida me abrasa e queima ?  
 Ou quem viu num peito rudo  
 Desatino tão sisudo,  
 Que toma tão doce teima ?  
 Ah ! senhora Dionysa,  
 Onde a natureza humana  
 Se mostrou tão soberana !  
 O que vós valeis me avisa,  
 Mas o que eu peno, me engana !

Lêa-se tambem no acto II, scena 2.<sup>a</sup>, o dialogo entre Filodemo e Duriano.

«FILODEMO... Já vos dei conta da pouca que tenho com toda a outra cousa que não é servir a senhora Dionysa ; e



posto que a desigualdade dos estados o não consinta, eu não pretendo della mais que o não pretender della nada, porque o que lhe quero, consigo mesmo se paga; que este meu amor é como a ave phenix, que de si só nasce, e não de outro nenhum interesse.

DURIANO. Bem praticado está isso, mas dias ha que eu não creio em sonhos.

FILODEMO. Porque?

DURIANO. Eu vo-lo direi: porque todos vós outros, os que amais pela passiva, dizeis que o *amador*, fino como o melão, não ha de querer mais de sua dama que amá-la; e virá logo o vosso Petrarca e o vosso Pietro Bembo, atoado a trezentos Platões, mais çafado que as luvas de um pagem de arte, mostrando razões verisimeis e apparentes, para não quererdes mais de vossa dama que vê-la, e, ao mais, até fallar com ella. Pois inda achareis outros esquadrinhadores de amor mais especulativos, que defenderão a justa, por não emprenhar o desejo; e eu (faço-vos voto solemne), se a qualquer destes lhe entregassem sua dama, tosada e aparelhada entre dous pratos, eu fico que não ficasse pedra sobre pedra. E eu já de mi vos sei confessar que os meus amores hão de ser pela activa, e que ella ha de ser a paciente e eu agente, porque esta é a verdade. Mas comtudo vá vossa mercê co a historia por deante.

FILODEMO. Vou, porque vos confesso que neste caso ha muita duvida entre os doctores. Assi que, vos conto que, estando esta noite com a viola na mão, bem trinta ou quarenta legoas pelo sertão dentro de um pensamento, senão quando me tomou á traição Solina; e, entre muitas palavras que tivemos, me descobriu que a senhora Dionysa se levantára da cama por me ouvir e que estivera pela greta da porta espreitando quasi hora e meia.

DURIANO. Cobras e tostões, sinal de terra. Pois ainda vos não fazia tanto ávante.

FILODEMO. Finalmente, veio-me a descobrir que me não queria mal, que foi para mi o maior bem do mundo...

DURIANO... Boas esperanças ao leme, que eu vos faço bom que, ás duas enxadadas, acheis agoa».

Camões estava chegado á phase da audacia.

Eis como elle agora raciocina:

Nunca em amor danou o atrevimento;  
 Favorece a fortuna a ousadia,  
 Porque sempre a encolhida covardia  
 De pedra serve ao livre pensamento.  
 Quem se eleva ao sublime firmamento,  
 A estrella nelle encontra, que lhe é guia;  
 Que o bem que encerra em si a phantasia,  
 São umas illusões que leva o vento.  
 Abrir-se devem passos á ventura;  
 Sem si proprio ninguem será ditoso;  
 Os principios sómente a sorte os move.  
 Atrever-se é valor e não loucura.  
 Perderá, por covarde, o venturoso  
 Que VOS vê, se os temores não remove.

(Soneto 132)

*Mote (alheio)*

Tudo póde uma affeição.

*Glosa*

Tem tal jurdição Amor,  
 Na alma donde se aposenta  
 E de que se faz senhor,  
 Que a liberta e isenta  
 De todo humano temor.

É com mui justa razão,  
 Como senhor soberano,  
 Que amor não consente dano.  
 E pois me soffre tenção,  
 Gritarei por desengano:  
 Tudo póde uma affeição!

Resolvido o enamorado poeta a fazer-se intender da infanta, não tardaria muito, podemos suppô-lo, que esta lhe não percebesse os intuitos.

E sem querer dizer que o meio empregado por Camões fosse uma declaração escripta, o que é certo é que mais de uma das suas poesias se pôde considerar como para isso destinada. Lêam-se, por exemplo, estas oitavas (epistola iv):

## I

Senhora, se encobrir por alguma arte  
 Pudera esta occasião de meu tormento,  
 Não crêas que chegára a declarar-te  
 Este meu perigoso pensamento.  
 Mas, por mais que te offenda, não sou parte  
 No crime de tamanho atrevimento.  
 Elle é de Amor, e delle fui forçado  
 A que te declarasse o meu cuidado.

## II

Se merece castigo a confiança  
 Com que descubro agora o que padeço,  
 Aqui prompto me tens: toma a vingança,  
 Que, por tão grave culpa, te mereço.  
 Bem me pôdes negar toda esperança,  
 Mas eu não desistir deste começo,  
 Porque tempo e fortuna não são parte  
 Para deixar uma hora só de amar-te.

## III

Já que ver-te os meus olhos alcançaram,  
 Descansem neste bem com alegria,  
 Pois já, com ver os teus, tanto ganharam,  
 Quanto, estando sem vê-los, se perdia.  
 Que gloria querem mais, se a ver chegaram  
 Aquella pura luz, que vence o dia?  
 Qual mór bem ha no mundo que querer-te,  
 Se não ha mais que ver, depois de ver-te?



## IV

Minhas dores mortaes, bella senhora,  
Tiraram a virtude ao soffrimento,  
E, fazendo-se mais em qualquer hora,  
Levando vão trás ti meu pensamento.  
Porém soberbos vejo desde agora,  
Por a causa gentil de seu tormento,  
Minha alma, meu desejo, meu sentido,  
Porque á tua belleza se hão rendido.

## V

A par de tua rara formosura  
Se desconhece o mór merecimento ;  
A tua claridade torna escura  
Do sol a clara luz em um momento.  
Se Zeuxis, ao formar bella figura,  
A vista em ti pudera pôr attento,  
Mais alto original houvera achado,  
Para admirar o mundo co traslado.

## VI

Aquelles que escreveram mil louvores  
De formosura, graça e gentileza,  
Todos foram, senhora, uns borradores  
De tua perfektissima belleza.  
Agora se vê claro em teus primores  
Que em ti se esmerou mais a natureza,  
E que eram os seus cantos prophecias  
Do que havias de ser em nossos dias.

## VII

Vê, pois, se vinha a ser culpavel falta  
Em mi o não render-te amante a vida,  
E se deixar de amar gloria tão alta  
Era digno da pena mais crescida.

Emfim, eu te amarei, que Amor me exalta  
 Co castigo de culpa assi atrevida.  
 E, quando della caia, maior gloria  
 Terá o Tejo, que o Pó, com sua historia.

Às vezes, Camões pede á infanta corresponda ao seu amor  
 lembrando-lhe até a brevidade da vida :

Formosos olhos, que cuidado dais  
 Á mesma luz do sol, mais clara . pura  
 Que sua esclarecida formosura,  
 Com tanta gloria vossa, atrás deixais :  
 Se, por serdes tão bellos, desprezais  
 A fineza de amor que vos procura,  
 Pois tanto vedes, vede que não dura  
 O vosso resplandor, quanto cuidais.  
 Colhei, colhei, do tempo fugitivo  
 E de vossa belleza o doce fruto,  
 Que em vão fóra de tempo é desejado.  
 E a mi, que por vós morro e por vós vivo,  
 Fazei pagar a Amor o seu tributo,  
 Contente de por vós lho haver pagado.  
 (Soneto 269).

Outras vezes limita-se a confessar-lhe que a ama :

*Mote (alheio)*

Vos teneis mi corazon.

*Glosa*

Mi corazon me han robado  
 Y Amor, viendo mis enojos,  
 Me dijo : Fuéte llevado  
 Por los mas hermosos ojos  
 Que, desdeque vivo, he mirado.

Gracias sobrenaturales  
 Te lo tienen en prision.  
 Y, si Amor tiene razon,  
 Señora, por las señales,  
 Vos teneis mi corazon.

Até que, emfim, o arrojado poeta, sempre disposto a

Dar ás cousas que via outro sentido,

suppôs que a infanta correspondia ao seu amor.

Foi assim que elle interpretou as lagrimas que em uma  
 occasião lhe viu deslizar pelas lindas faces :

Amor, que o gesto humano na alma escreve,  
 Vivas faiscas me mostrou um dia,  
 Donde um puro crystal se derretia  
 Por entre vivas rosas e alva neve.  
 A vista, que em si mesma não se atreve,  
 Por se certificar do que ali via,  
 Foi convertida em fonte, que fazia  
 A dor ao soffrimento doce e leve.  
 Jura Amor que brandura de vontade  
 Causa o primeiro effeito. O pensamento  
 Endoidece, se cuida que é verdade.  
 Olhai como Amor gera, em um momento,  
 De lagrimas de honesta piedade  
 Lagrimas de immortal contentamento.

(Soneto 8).

Foi tambem essa a impressão que lhe deixou o *aspecto* da  
 formosa senhora, em uma noite de luar :

Diana prateada, esclarecida  
 Com a luz que do claro Phebo ardente,  
 Por ser de natureza transparente,  
 Em si, como em espelho, reluzia,  
 Cem mil milhões de graças lhe (?) influia,  
 Quando me appareceu o excellente  
 Raio de vosso aspecto, differente  
 Em graça e amor do que soía.

Eu, vendo-me tão cheio de favores,  
 E tão propinquo a ser de todo vosso,  
 Louvei a hora clara e a noite escura,  
 Pois nella déstes côr a meus amores;  
 Donde collijo claro que não posso  
 De dia para vós já ter ventura (1).

(Soneto 280).

(1) Loucamente apaixonado pela infanta, comprehende-se com que calor, com que entusiasmo, Camões recitaria, na presença della, algumas das suas poesias, sobretudo as que envolviam segunda intenção. Era natural que uma ou outra vez fizesse commover até ás lagrimas a intelligente e amavel senhora, ou a levasse a manifestar-lhe directamente quanto o apreciava. Natural era tambem que elle, na disposição de espirito em que se achava, *dêsse ás cousas que via outro sentido*.

Eis mais uma dessas poesias, escriptas com segundo intuito :

*Mote*

Irme quiero, madre,  
 Á aquella galera,  
 Con el marinero  
 Á ser marinera.

*Voltas*

Madre, si me fuere,  
 Do quiera que vá,  
 No lo quiero yo,  
 Que el Amor lo quiere.

Aquel niño fiero  
 Hace que me mueva,  
 Por un marinero,  
 A ser marinera.

El que todo puede,  
 Madre, no podrá,  
 Pues el alma vá,  
 Que el cuerpo se quede.



Veja-se como o illudido poeta manifestava agora o seu

Con el por que muero  
Voy, porque no muera ;  
Que, si es marinero,  
Seré marinera.

Es tirana ley  
Del niño señor  
Que, por un amor,  
Se deseche un rey.

Pues desta manera  
Quiero irme, quiero,  
Por un marinero  
Á ser marinera.

Decid, ondas, cuando  
Vistes vos doncella,  
Siendo tierna y bella,  
Andar navegando ?

Mas qué no se espera  
Daquel niño fiero ?  
Vea yo quien quiero,  
Sea marinera !

A joven destas redondilhas abandonava a mãe, para se aventurar, por amor, a uma vida cheia de riscos; a bella infanta tinha visto fugir-lhe a occasião de ir para junto da mãe querida e ahi casar com o herdeiro do throno de França. E não muito antes (1545) tinha morrido o que estivera para ser o seu segundo noivo francês, o duque de Orléans.

Emquanto á intenção reservada do poeta, basta ler o que *Duriano* diz ácerca de *Filodemo*, no acto v, scena iv, do respectivo auto: «Esse galante, em satisfação de muitas mercês que elrei de Dinamarca lhe fizera, metteu-se de amores com uma sua filha, a mais moça; e como era bom justador, manso, discreto, galante, partes que a qualquer mulher abalam, desejou ella de ver geração delle. Senão quando, livres-nos Deus! se lhe começou de encurtar o vestido; e, porque estes sirgos não se desistem em nove dias, senão em nove meses, foi-lhe a elle então necessario acolher-se com ella... Acolheu-se em uma galé; e vede la princeza em uma galera nueva, con el marinero á ser marinera».

entusiasmo, por julgar bem sucedido o atrevimento de pensar na infanta :

Onde mereci eu tal pensamento,  
 Nunca de ser humano merecido ?  
 Onde mereci eu ficar vencido  
 De quem tanto me honrou co vencimento ?  
 Em gloria se converte o meu tormento,  
 Quando vendo-me estou tão bem perdido,  
 Pois não foi tanto mal ser atrevido,  
 Como foi gloria o mesmo atrevimento.  
 Vivo, senhora, só de contemplar-vos ;  
 E, pois esta alma tenho tão rendida,  
 Em lagrimas desfeito acabarei.  
 Porque não me farão deixar de amar-vos  
 Receios de perder por vós a vida,  
 Que por vós vezes mil a perderei.

(Soneto 202).

Eis o que então affirmava do amor, quem depois tanto delle se havia de queixar :

Quem diz que Amor é falso ou enganoso,  
 Ligeiro, ingrato, vão, desconhecido,  
 Sem falta lhe terá bem merecido  
 Que lhe seja cruel ou rigoroso.  
 Amor é brando, é doce e é piedoso.  
 Quem o contrario diz, não seja crido ;  
 Seja por cego e apaixonado tido  
 E aos homens e inda aos deoses odioso.  
 Se males faz Amor, em mi se vêm ;  
 Em mi mostrando todo o seu rigor,  
 Ao mundo quis mostrar quanto podia.  
 Mas todas suas iras são de Amor ;  
 Todos estes seus males são um bem,  
 Que eu por todo outro bem não trocaria.

(Soneto 205).

O equivoco em que estava o poeta augmentou-lhe, por

certo, o arrojo, e a infanta comprehendeu emfim do que se tratava.

Adoptando então uma norma de proceder, que estava em perfeita harmonia com o que sabemos do seu character, a sisuda filha do *Rei Venturoso* deu claramente a entender ao audacioso poeta que lhe não acceitava a côrte.

Ouçamos o interessado, dando-nos conta da nova phase em que entravam os seus amores :

*Mote*

Olhos, não vos mereci  
Que tenhais tal condição:  
Tão liberais para o chão,  
Tão irosos para mi!

*Volta*

Baixos e honestos andais,  
Por vos negardes a quem  
Não quer mais que aquelle bem,  
Que vós no chão espalhais ?

Se pouco vos mereci,  
Não me estimeis mais que o chão,  
A quem vós o galardão  
Dais, e mo negais a mi.

Agora já o poeta se não queixa do olhar indifferente da infanta, como tanta vezes o havia feito :

*Mote*

Ojos, herido me habeis ;  
Acabad ya de matarme !  
Mas, muerto, volved á mirarme,  
Porque me resusciteis.

*Volta*

Pues me distes tal herida,  
Con gana de dar-me muerte,  
El morir me es dulce suerte,  
Pues con morir me dais vida.

Ojos, qué os deteneis ?  
Acabad ya de matarme !  
Mas, muerto, volved á mirarme,  
Porque me resusciteis.

La llaga cierto ya es mia,  
Aun que, ojos, vós no querrais.  
Mas, si la muerte me dais,  
El morir me es alegria.

Y assi digo que acabeis,  
O ojos, ya de matarme.  
Mas, muerto, volved á mirarme,  
Porque me resusciteis.

(Redondilhas).

Nunca manhã suave,  
Estendendo seus raios por o mundo,  
Despois de noite grave,  
Tempestuosa, negra, em mar profundo,  
Alegrou tanto nau, que já no fundo  
Se vio, em mares grossos,  
Como a luz clara a mi dos olhos vossos.

Aquella formosura,  
Que só no virar delles resplandece,  
E com que a sombra escura  
Clara se faz e o campo reverdece,  
Quando o meu pensamento se entristece,  
Ella e sua viveza  
Me desfazem a nuvem da tristeza.



O meu peito, onde estais,  
 É para tanto bem pequeno vaso.  
 Quando acaso virais  
*Os olhos, que de mi não fazem caso,*  
 Todo, gentil senhora, então me abraso,  
 Na luz que me consume,  
 Bem como a borboleta faz no lume.

Se mil almás tivera,  
 Que a tão formosos olhos entregara,  
 Todas quantas pudera,  
 Por as pestanas delles pendurara;  
 E, enlevadas na vista pura e clara,  
 Postoque disso indinas,  
 Se andaram sempre vendo nas meninas.

E vós, que descuidada  
 Agora vivereis de taes querellas,  
 De almas minhas cercada,  
 Não pudesseis tirar os olhos dellas,  
 Não póde ser que, vendo a vossa entre ellas,  
 A dor, que lhe mostrassem  
 Tantas, uma só alma não abrandassem.

Mas, pois o peito ardente  
 Uma só póde ter, formosa dama,  
 Basta que esta sómente,  
 Como se fossem mil e mil, voés ama,  
 Para que a dor da sua ardente flamma  
 Comvosco tanto possa,  
 Que não queirais ver cinza uma alma vossa.

(Ode 5.ª).

Formosos olhos, que, na idade nossa,  
 Mostrais do ceo certissimos sinais,  
 Se quereis conhecer quanto possais,  
 Olhai-me a mim, que sou feitura vossa.  
 Vereis que do viver me desapossa  
 Aquelle riso com que a vida dais;  
 Vereis como de Amor não quero mais,  
 Por mais que o tempo corra, o dano possa.

E se ver-vos nesta alma emfim quizerdes,  
 Como em um claro espelho, alli vereis  
 Tambem a vossa, angelica e serena.  
 Mas eu cuido que, só por me não verdes,  
 Ver-vos em mim, senhora, não quereis.  
 Tanto gosto levais de minha pena!

(Soneto 38).

O que agora o tortura, mas ao mesmo tempo lhe dá vida,  
 é o *aspero desprezo* com que a infanta *olha para elle*, se por  
*acêrto o vê*, é a *crueza* com que por ella é tratado:

Vossos olhos, senhora, que competem  
 Com o sol em belleza e claridade,  
 Enchem os meus de tal suavidade,  
 Que em lagrimas, de vê-los, se derretem.  
 Meus sentidos, prostrados, se submettem  
 Assi, cegos, a tanta majestade  
 E da triste prisão da escuridade,  
 Cheios de medo, por fugir, remettem.  
 Porém, se então me vedes, por acêrto,  
 Esse aspero desprezo, com que olhais,  
 Me torna a animar a alma enfraquecida.  
 Oh gentil cura! Oh estranho desconcerto!  
 Que dareis c'um favor que vós não dais,  
 Quando com um desprezo me dais vida?

(Soneto 65).

Esses cabellos louros e escolhidos,  
 Que o ser ao aureo sol estão tirando,  
 Esse ar immenso, adonde naufragando  
 Estão continuamente os meus sentidos;  
 Esses furtados olhos, tão fingidos,  
 Que minha vida e morte estão causando,  
 Essa divina graça, que, em fallando,  
 Finge os meus pensamentos não ser cridos;  
 Esse compasso certo, essa medida,  
 Que faz dobrar no corpo a gentileza;  
 A divindade em terra, tão subida:  
 Mostrem já piedade e não crueza,  
 Que são laços que Amor tece na vida,  
 Sendo em mi soffrimento, em vós dureza.

(Soneto 104).

Às vezes, a infanta, suppondo que o poeta já teria desistido da sua louca pretensão, e não querendo, por certo, que se separasse na maneira como o tratava, olhava-o *com vista mais suave*. Era o bastante para elle ficar doido de contente!

Se, algum'hora, essa vista mais suave  
 Acaso a mi volveis, em um momento  
 Me sinto com um tal contentamento,  
 Que não temo que dano algum me aggrave.  
 Mas quando, com desdem esquivo e grave,  
 O bello rosto me mostrais isento,  
 Uma dor provo tal, um tal tormento,  
 Que muito vem a ser que não me acabe.  
 Assi está minha vida ou minha morte  
 No volver desses olhos, pois podeis  
 Dar c'uma volta delles morte ou vida.  
 Ditoso eu, se o ceu quer, ou minha sorte,  
 Que ou vida, para dar-vo-la, me deis,  
 Ou morte, para haver morte querida!

(Soneto 156).

Por fim a situação tornou-se irreductivel:

Em não ver-me ella só sempre está firme,  
 Mas eu firme estarei no que emprendi!

exclama o resolutto poeta.●

.....  
 Tudo... faz mudança;  
 Quanto o claro sol vê, quanto allumia;  
 Não se acha segurança  
 Em tudo quanto alegre o bello dia;  
 Mudam-se as condições, mudá-se a idade,  
 A bonança, os estados e a vontade.

Somente a minha imiga  
 A dura condição nunca mudou,  
 Para que o mundo diga  
 Que nella lei tão certa se quebrou.  
 Em não ver-me ella só sempre está firme,  
 Ou por fugir de Amor, ou por fugir-me.

Mas já soffrivel fôra  
 Que em matar-me ella só mostre firmeza,  
 Se não achára agora  
 Tambem em mi mudada a natureza,  
 Pois sempre o coração tenho turbado,  
 Sempre de escuras nuvens rodeado.

Sempre experimento os frios  
 Que em contino receio Amor me manda ;  
 Sempre os dous caudais rios,  
 Que em meus olhos abrio quem nos seus anda,  
 Correm, sem chegar nunca o verão brando,  
 Que tamanha aspereza vá mudando.

O sol sereno e puro,  
 Que no formoso rosto resplandece,  
 Envolto em manto escuro  
 Do triste esquecimento, não parece,  
 Deixando em triste noite a triste vida,  
 Que nunca de luz nova é soccorrida.

Porém seja o que for :  
 Mude-se por meu dano a natureza ;  
 Perca a inconstancia Amor ;  
 A fortuna inconstante ache firmeza ;  
 Tudo mudavel seja contra mi :  
 Mas eu firme estarei no que emprendi !

(Ode 12).

A infanta resolveu então fazer saber ao tresloucado man-  
 cebo que não queria tornar mais a vê-lo (1).

---

(1) É natural que desta delicada missão fosse encarregado D. Francisco de Noronha. Camões, como se infere do soneto 68, ter-lhe-ia respondido que cumpriria as ordens da infanta e que se limitaria a *vê-la*, a *contemplá-la dentro da sua alma*. Como o apaixonado poeta, se fallava com sinceridade, se achava illudido ! E como não devia ficar desgos-



Eis como elle encara a sua nova situação:

Dai-me uma lei, senhora, de querer-vos,  
 Porque a guarde, sob pena de enojar-vos;  
 Pois a fé que me obriga a tanto amar-vos  
 Fará que fique em lei de obedecer-vos.

Tudo me defendei, senão só ver-vos  
 E dentro na minha alma contemplar-vos,  
 Que, se assi não chegar a contentar-vos,  
 Ao menos nunca chegue a aborrecer-vos.

E se essa condição, cruel e esquiva,  
 Que me deis lei de vida não consente,  
 Dai-ma, senhora, já, seja de morte.

Se nem essa me dais, é bem que viva,  
 Sem saber como vivo, tristemente;  
 Mas contente estarei com minha sorte.

(Soneto 68).

Senhora minha, se, de pura inveja,  
 Amor me tolhe a vista delicada,  
 A côr, de rosa e neve semeada,  
 E dos olhos a luz, que o sol deseja,  
 Não me póde tolher que vos não veja  
 Nesta alma, que elle mesmo vos tem dada,  
 Onde vos terei sempre debuxada,  
 Por mais cruel imigo que me seja.

---

toso, se não irritado, o illustre fidalgo, com o procedimento do seu protegido! É este mesmo que o declara:

A piedade humana me faltava,  
 A gente amiga já contraria via,  
 No perigo primeiro.

(Canção 11, 181-183).

Nella vos vejo, e vejo que não nace  
 Em bello e fresco prado deleitoso  
 Senão flor que dá cheiro a toda a serra (1).  
 Os lírios tendes numa e noutra face;  
 Ditoso quem vos vir, mas mais ditoso  
 Quem os tiver, se ha tanto bem na terra.  
 (Soneto 303).

Mas era muito pouco ver, contemplar, a bem-amada só  
 com os olhos da alma. Quem tão apaixonado estava, não  
 podia limitar-se a isso. Era-lhe melhor a morte.

*Mote*

Vida da minha alma,  
 Não vos posso ver!  
 Isto não é vida  
 Para se soffrer!

*Volta*

Quando vos eu via,  
 — Esse bem lograva —,  
 A vida estimava,  
 Pois então vivia,  
 Porque vos servia,  
 Só para vos ver.  
 Já que vos não vejo,  
 Para que é viver?

Vivo sem razão,  
 Porque em minha dor  
 Não a pôs Amor,  
 Que inimigos são.

---

(1) Parece-me que soffreu alteração o texto deste verso. Seja-me  
 permitido propôr esta correcção:

*Igual flor, que dê cheiro a toda a serra.*

Mui grande traição  
Me obriga a fazer :  
Que viva, senhora,  
Sem vos poder ver !

Não me atrevo já,  
Minha tão querida,  
A chamar-vos vida,  
Porque a tenho má.  
Ninguém cuidará  
Que isto póde ser :  
Sendo-me vós vida,  
Não poder viver !

*Mote*

Da alma e de quanto tiver  
Quero que me despojeis,  
Com tanto que me deixeis  
Os olhos, para vos ver.

*Volta*

Cousa este corpo não tem,  
Que já não tendes rendida.  
Despois de tirar-lhe a vida,  
Tirai-lhe a morte também.

Se mais tenho que perder,  
Mais quero que me leveis,  
Com tanto que me deixeis  
Os olhos, para vos ver.

*Mote*

Que veré que me contente ?

*Glosa*

Desque una vez yo miré,  
Señora, vuestra beldad,  
Jamás por mi voluntad  
Los ojos de vos quité.

Pues sin vos placer no siente  
 Mi vida, ni lo desea,  
 Si no quereis que yo os vea,  
 Que veré que me contente ?

E não se tratava, de mais a mais, de uma ordem injusta,  
 de uma imposição tyrannica ?

De uma fonte se sabia,  
 Da qual certo se provava  
 Que quem sobre ella jurava,  
 Se falsidade dizia,  
 Dos olhos logo cegava.

Vós, que minha liberdade,  
 Senhora, tyrannizais,  
 Injustamente mandais,  
 Quando vos fallo verdade,  
 Que vos não possa ver mais !

(Carta a uma dama).

Não é, pois, de admirar que o poeta, apesar do que se  
 tinha passado, procurasse tornar a ver a infanta :

*Mote*

Vida da minha alma.

*Volta*

Dous tormentos vejo,  
 Grandes por extremo :  
 Se vos vejo, temo,  
 E se não, desejo.

Quando me despejo  
 E venho a escolher,  
 Temendo o desejo,  
 Desejo temer.



Foi, porisso, necessario avisá-lo novamente, dando-lhe um formal desengano, expondo-lhe os perigos que a sua teimosa leviandade lhe poderia acarretar e fazendo-lhê sentir o profundo desgosto da infanta. Elle, porém, a nada se movia.

Se com desprezos, nympha, te parece  
 Que pódés desviar do seu cuidado  
 Um coração constante, que se offrece  
 A ter por gloria o ser atormentado :

Deixa a tua porfia e reconhece  
 Que mal sabes de amor desenganado,  
 Pois não sentes nem ves que em teu mal cresce,  
 Crescendo em mi, de ti mais desamado.

O esquivo desamor, com que me tratas,  
 Converte em piedade, se não queres  
 Que cresça o meu querer e o teu desgosto.

Vencêr-me com cruezas nunca esperes :  
 Bem me podes matar e bem me matas,  
 Mas sempre ha de viver meu presuppôsto !

(Soneto 124).

Se tanta pena tenho merecida,  
 Em pago de soffrer tantas durezas,  
 Provai, senhora, em mi vossas cruezas,  
 Que aqui tendes uma alma offerecida.

Nella experimentai, se sois servida,  
 Desprezos, desfavores e asperezas,  
 Que móres soffrimentos e firmezas  
 Sustentarei na guerra desta vida.

Mas contra vossos olhos quaes serão ?  
 É preciso que tudo se lhes renda ;  
 Mas porei por escudo o coração.

Porque, em tão dura e aspera contenda,  
 É bem que, pois não acho defensão,  
 Com metter-me nas lanças me defenda.

(Soneto 33).

Uma vez ou outra, a desesperança apoderava-se do animo do renitente poeta :

Apollo e as nove musas, descantando,  
 Com a dourada lyra me influíam  
 Na suave harmonia que faziam,  
 Quando tomei a penna, começando :  
 Ditoso seja o dia e hora, quando  
 Tão delicados olhos me feriam ;  
 Ditosos os sentidos, que sentiam  
 Estar-se em seu desejo traspassando.  
 Assi cantava, quando Amor virou  
 A roda á esperança, que corria  
 Tão ligeira, que quasi era invisibil.  
 Converteu-se-me em noite o claro dia,  
 E, se alguma esperança me ficou,  
 Será de maior mal, se for possibil.

(Soneto 51).

Mas é bem certo que não ha peor cego do que quem não quer ver:

Bem sei, Amor, que é certo o que receio,  
 Mas tu, porque com isso mais te apuras,  
 De manhoso mo negas e mo juras  
 Nesse teu arco de ouro, e eu te creio.  
 A mão tenho mettida no meu seio,  
 E não vejo os meus danos ás escuras ;  
 Porém porfias tanto e me asseguras,  
 Que me digo que minto e que me enleio.  
 Nem somente consinto neste engano,  
 Mas inda to agradeço, e a mi me nego  
 Tudo o que vejo e sinto de meu dano.  
 Oh poderoso mal, a que me entrego !  
 Que, no meio do justo desengano,  
 Me possa inda cegar um moço cego !

(Soneto 79).

E, *cego pelo moço cego*, praticava *desatinos*, de que depois pedia perdão, mas que, por certo, não tardariam a comprometter a infanta, se não se lhes pusesse cobro.

Senhora já desta alma, perdoai  
 De um vencido de Amor os desatinos,  
 E sejam vossos olhos tão beninos  
 Com este puro amor, que da alma sai.  
 A minha pura fé somente olhai,  
 E vede meus extremos, se são ãnos,  
 E, se de alguma pena forem dinos,  
 Em mim, senhora minha, vos vingai.  
 Não seja a dor que abraza o triste peito  
 Causa por onde pene o coração,  
 Que tanto em firme amor vos é sujeito.  
 Guardai-vos do que alguns, dama, dirão :  
 Que, sendo raro em tudo vosso objeito,  
 Possa morar em vós ingratição.

(Soneto 278).

Vinham então as promessas de que *ninguem o veria ver a infanta* :

*Mote* °

Pois dano me faz olhar-vos,  
 Não quero, por não perder-vos,  
 Que ninguem me veja ver-vos.

*Voltas*

De ver-vos a não vos ver,  
 Ha dous extremos mortais.  
 E são elles em si tais,  
 Que um por um me faz morrer.  
 Mas antes quero escolher  
 Que possa viver sem ver-vos,  
 Minha alma, por não perder-vos.

Deste tamanho perigo  
 Que remedio posso ter,  
 Se vivo só com vos ver,  
 Se vos não vejo, perigo ?  
 Mas quero acabar comigo  
 Que ninguem me veja ver-vos,  
 Senhora, por não perder-vos.

Vinham então as apaixonadas supplicas para que a infanta se não esquecesse do seu *triste coração*, para que lhe passasse a vida :

*Mote*

Pois é mais vosso que meu,  
Senhora, meu coração,  
Eu vosso captivo são,  
Meus olhos, lembre-vos eu.

*Volta*

Lembre-vos minha tristeza,  
Que jámais nunca me deixa ;  
Lembre-vos com quanta queixa  
Se queixa minha firmeza.

Lembre-vos que não é meu  
Este triste coração ;  
E pois ha tanta razão,  
Meus olhos, lembre-vos eu.

*Mote*

Senhora, pois minha vida  
Tendes em vosso poder,  
Por serdes della servida,  
Não queirais que destruida  
Possa ser.

*Volta*

Isto, não por me pesar  
De morrer, se vós quiserdes ;  
Que melhor me é acabar  
Mil vezes, que supportar  
Os males que me fizerdes :



Mas só por serdes servida  
 De mi, enquanto viver,  
 — Vos peço que minha vida  
 Não queirais que destruida  
 Possa ser.

Mas, se a infanta se conservava inexoravelmente surda ás supplicas do enamorado poeta, este é que tambem se declarou firmemente resolvido antes a tudo soffrer, do que a deixar de vê-la e amá-la :

Quando se vir com agua o fogo arder,  
 Juntar-se ao claro dia a noite escura,  
 E a terra collocada lá na altura,  
 Em que se veem os ceos, prevalecer ;  
 Quando Amor á razão obedecer,  
 E em todos for igual uma ventura :  
 Deixarei eu de ver tal formosura  
 E de a amar deixarei, depois de a ver.  
 Porém, não sendo vista esta mudança  
 No mundo, porque, emfim, não póde ver-se,  
 Ninguem mudar-me queira de querer-vos.  
 Que basta estar em vós minha esperança  
 E o ganhar-se a minha alma ou o perder-se,  
 Para dos olhos meus nunca perder-vos.

(Soneto 145).

Se pena, por amar-vos, se merece,  
 Quem della estará livre ? quem isento ?  
 E que alma, que razão, que intendimento,  
 No instante em que vos vê, não obedece ?  
 Qual mór gloria na vida já se offrece,  
 Que a de occupar-se em vós o pensamento ?  
 Não só todo rigor, todo tormento,  
 Com ver-vos, não magôa, mas se esquece,  
 Porém, se heis de matar a quem, amando,  
 Ser vosso de amor tanto só pretende,  
 O mundo matareis, que é todo vosso.

Em mi podeis, senhora, ir começando,  
 Pois bem claro se mostra e bem se entende  
 Amar-vos quanto devo e quanto posso.  
 (Soneto 82).

Ameaçado com o exílio, Camões respondia altivamente:

Nem o tremendo estrepito da guerra,  
 Com armas, com incendios espantosos,  
 Que despacham pelouros perigosos,  
 Bastantes a abalar uma alta serra,  
 Podem pôr medo a quem nenhum encerra,  
 Depois que viu os olhos tão formosos,  
 Por quem o horror, nos casos pavorosos,  
 De mi todo se aparta e se desterra.  
 A vida posso ao fogo e ferro dar  
 E perdê-la em qualquer duro perigo  
 E nelle, como phenix, renovar.  
 Não póde mal haver para comigo,  
 De que eu já me não possa bem livrar,  
 Senão do que me ordena Amor imigo.  
 (Soneto 210).

Não havia remedio. O poeta recebeu ordem de sair de Lisboa para o Ribatejo e para aí se encaminhou, levando na alma a sua bem-amada, a *sua alma*, ou antes indo sem a alma, que ficava em poder daquella:

*Mote (alheio)*

Sem vós e com meu cuidado:  
 Olhai com quem e sem quem!

*Glosa*

Vendo Amor que, com vos ver,  
 Mais levemente soffria  
 Os males que me fazia,  
 Não me póde isto soffrer.

Conjurou-se com meu fado,  
Um novo, mal me ordenou :  
Ambos me levam forçado  
Não sei onde, poisque vou  
Sem vós e com meu cuidado.

Não sei qual é mais estranho,  
Destes dous males que sigo :  
Se não vos ver, se comigo  
Levar imigo tamanho.

O que fica e o que vem,  
Um me mata, outro desejo.  
Com tal mal e sem tal bem,  
Em tais extremos me vejo.  
Olhai com quem e sem quem !

*Outra glosa ao mesmo mote*

Amor, cuja providencia,  
Foi sempre que não errasse,  
Porque na alma vos levasse,  
Respeitando o mal da ausencia,  
Quís que em vós me transformasse.

E vendo-me ir maltratado,  
Eu e meu cuidado, sós,  
Proveu nisso, de attentado,  
Por não me ausentar de vós,  
Sem vós e com meu cuidado.

Mas esta alma, que eu trazia,  
Porque vós nella morais,  
Deixa-me cego e sem guia,  
Que ha por melhor companhia,  
Ficar onde vós ficais.

Assi me vou de meu bem,  
Onde quer a forte estrella,  
Sem alma, que em si vos tem,  
Co-mal de viver sem ella :  
Olhai com quem e sem quem !

*Mote*

Ferro, fogo, frio e calma,  
 Todo o mundo acabarão :  
 Mas nunca vos tirarão,  
 Alma minha, da minha alma !

*Volta*

Não vos guardei, quando vinha,  
 Em torre, força (1) ou engenho,  
 Que mais guardada vos tenho  
 Em vós, que sois alma minha.

Alli nem frio nem calma  
 Não podem ter jurdição ;  
 Na vida sim, porém não  
 Em vós, que tenho por alma.

Quando foi o poeta forçado a sair de Lisboa ?  
 A respeito da estação do anno, não pôde haver duvida :  
 foi na primavera.

*Mote (alheio)*

Campos bemaventurados,  
 Tornai-vos agora tristes,  
 Que os dias em que me vistes,  
 Alegres, já são passados.

*Glosa*

Campos cheios de prazer,  
 Vós que estais reverdecendo,  
 Já me alegrei com vos ver ;  
 Agora venho a temer  
 Que entristeçais em me vendo.

---

(1) Deverá ler-se *praça*?



E pois a vista alegrais  
Dos olhos desesperados,  
Não quero que me vejais,  
Para que sempre sejais  
Campos bemaventurados.

Porém, se por accidente  
Vos pesar de meu tormento,  
Sabereis que Amor consente  
Que tudo me descontente,  
Senão descontentamento.

Porisso vós, arvoredos,  
Que já nos meus olhos vistes  
Mais alegria, que medos,  
Se mos quereis fazer ledos,  
Tornai-vos agora tristes.

Já me vistes ledo ser,  
Mas depois que o falso Amor  
Tão triste me fez viver,  
Ledos folgo de vos ver,  
Porque me dobreis a dor.

E se este gosto sobejo  
De minha dor me sentistes,  
Julgai quanto mais desejo  
As horas que vos não vejo,  
Que os dias em que me vistes.

O tempo, que é desigual,  
De seccos, verdes vos tem,  
Porque em vosso natural  
Se muda o mal para o bem,  
Mas o meu para mór mal.

Se perguntais, verdes prados,  
Pelos tempos diferentes,  
Que de Amor me foram dados,  
Tristes, aqui são presentes,  
Alegres, já são passados.

(Redondilhas).

Alegres campos, verdes arvoredos,  
 Claras e frescas aguas de crystal,  
 Que em vós os debuxais ao natural,  
 Discorrendo da altura dos rochedos ;  
 Silvestres montes, asperos penedos,  
 Compostos de concerto desigual :  
 Sabei que, sem licença de meu mal,  
 Já não podeis fazer meus olhos ledos.  
 E pois já me não vedes como vistes,  
 Não me alegrem verduras deleitosas,  
 Nem aguas que correndo alegres vem.  
 Semearei em vós lembranças tristes,  
 Regar-vos-ei com lagrimas saudosas,  
 E nascerão saudades de meu bem.

(Soneto 40).

Em que anno, porém, se passaria isto? Temos, me parece, uma indicação valiosa nas seguintes redondilhas:

*Mote*

De atormentado e perdido,  
 Já vos não peço senão  
 Que tenhais no coração  
 O que tendes no vestido.

*Volta*

Se de dó vestida andais  
 Por quem já vida não tem,  
 Porque não o haveis de quem  
 Vós tantas vezes matais ?

Que brado, sem ser ouvido,  
 E nunca vejo senão  
 Cruzas no coração,  
 E grande dó no vestido.

*Atormentado e perdido*, isto é, vendo já diante de si o exilio, o poeta pede á infanta que tenha por elle o dó que traz no vestido.

Ora pouco depois do começo da primavera de 1547 tomou a filha de D. Manuel luto rigoroso pelo padraсто, Francisco I, fallecido em 31 de março desse anno.

Se é fundada a conjectura que acima apresentei ácerca do anno em que o poeta começou a *pôr o pensamento* na infanta (1546), teria assim durado uns doze meses o periodo que acabamos de percorrer.

E devo accrescentar que, se o minimo não póde deixar de ser um anno, — de primavera a primavera —, tambem difficilmente a pretenção do poeta se poderia ter prolongado por mais tempo, sem ser necessario pôr-lhe cõbro.

Antes de acompanharmos Camões no seu amargurado exilio, cumpre fazer referencia a alguns factos anteriores, de que elle nos dá noticia.

Seja o primeiro uma ausencia da formosa infanta, que motivou, entre outras poesias, estes tres sonetos, tão bellos, tão repassados de amorosa saudade:

Ondados fios de ouro reluzente,  
 Que agora da mão bella recolhidos,  
 Agora sobre as rosas esparzidos,  
 Fazeis que sua graça se accrescente:  
 Olhos, que vos moveis tão docemente,  
 Em mil divinos raios incendidos:  
 Se de cá me levais a alma e os sentidos,  
 Que fõra, se eu de vós não fõra ausente?  
 Honesto riso, que entre a mór fineza  
 De perlas e corais nasce e apparece,  
 Oh! quem seus doces ecos já lhe ouvisse!  
 Se, imaginando só tanta belleza (1),  
 De si, com nova gloria, a alma se esquece,  
 Que será quando a vir? Ah quem a visse!  
 (Soneto 84).

---

(1) Brantôme, que era entendido no assumpto, dá-nos tambem testemunho da formosura da infanta, em uma pagina das *Dames galantes*, que vale a pena transcrever na integra. Fallando de senhoras que não

Do estan los claros ojos, que, colgada,  
 Mi alma tras de si llevar solian ?  
 Do estan las dos mexillas, que vencian  
 La rosa, quando está mas colorada ?

quiseram casar, diz o celebre cortesão e aventureiro francês : « J'ay veu l'infante de Portugal, fille de la feu reyne Aëleonor, en mesme resolution ; et est morte fille et vierge en l'aage de soixante ans ou plus. Ce n'est pas faute de grandeur, car ell'estoit grande en tout ; ny par faute de biens, car elle en avoit force, et mesme en France, où M. le general Gourgues a bien fait ses affaires ; ny pour faute de dons de nature, car je l'ay veue à Lysbonne, en l'aage de quarante-cinq ans, une tres-belle et agreable fille, de bonne grace et belle aparance, douce, agreable, et qui meritoit bien un mary pareil à elle en tout, courtoise, et mesmes à nous autres François. Je le peux dire pour avoir eu cest honneur d'avoir parlé à elle souvant et privement. Feu M. le grand prier de Lorraine, lorsqu'il mena ses galleres du Levant en Ponant pour aller en Escosse, du temps du petit roy François, passant et sejournant à Lysbonne quelques jours, la visita et veid tous les jours. Elle le receut fort courtoisement et se pleust fort en sa compaignie, et lui fit tout plein de beaux presens. Entre autres, luy bailla une chaisne pour pendre sa croix, toute de diamans et rubis, et perles grosses, proprement et richement elabourée ; et pouvoit bien valloir de quatre à cinq mill'escus, et luy faisoit trois tours. Je croy qu'elle pouvoit bien valloir cela, car il l'engageoit tousjours pour trois mill'escus, ainsi qu'il fit une fois à Londres, lorsque nous tournions d'Escosse ; mais aussitost estant en France il l'envoya desengager, car il l'aymoit pour l'amour de la dame de laquelle il estoit encaprisé et fort pris. Et croy qu'elle ne l'aymoit point moins, et que volontiers ell'eust rompu son neud virginal pour luy ; cela s'apelle par mariage, car c'estoit une tres-sage et vertueuse princesse. Et si diray bien plus, que, sans les premiers troubles qui commençarent en France, où messieurs ses freres l'attiroient, et l'y tenoient, il voulut luy-mesmes retourner ses galleres et reprendre mesme route, et revoir ceste princesse et lui parler de nopces ; et croy qu'il n'y fust point esté esconduit, car il estoit d'aussi bonne maison qu'elle, et extraict de grands roys comm'elle, et surtout l'un des beaux, des agreables, des honnestes et des meilleurs princes de la chrestienté. Messieurs ses freres, principalement les deux aizez, car ilz estoient les oracles de tous et conduisoient



Do está la roxa boca, y adornada  
 Con dientes, que de nieve parecian ?  
 Los cabellos, que el oro escurecian,  
 Do estan, y aquella mano delicada ?  
 O toda linda! Do estarás agora,  
 Que no te puedo ver, y el gran deseo  
 De verte me da muerte cada hora !

---

la barque, je vis un jour qu'il leur en parloit, leur racontant de son voyage et les plaisirs qu'il avoit receuz là, et les faveurs : ilz vouloient fort qu'il reffist encor le voyage et y retournast encor ; et luy conseil- loient de donner là, car le pape en eust aussitost donné la dispense de la croix ; et, sans ces mauditz troubles, il y alloit et en fust sorti (à mon advis), à son honneur et contentement. Ladite princesse l'aymoit fort, et m'en parla en tres bone part, et le regreta fort, m'interrogeant de sa mort, et comme esprise, ainsi qu'il est aisé, en telles choses, à un homme un peu clairvoyant le cognoistre» (Edição de E. Flammarion, Paris, p. 435-436). O *grão-prior de Lorena* era Francisco de Guise, professo na ordem de Malta e irmão do celebre segundo duque de Guise e do car- dial de Lorena. O *petit roy François* é Francisco 2.º, que subiu ao throno em julho de 1559 e falleceu em dezembro de 1560. Brantôme, que não se enganou muito a respeito da idade que tinha a infanta, esteve em Lisboa de 1564 para 1565. Apesar de já não ser viva a rainha D. Leonor, compre- hende-se o interesse com que a enteada de Francisco 1.º ouviria o cele- bre fidalgo francês. Creado na côrte de Margarida de Valois, filho, neto, sobrinho e irmão de empregados superiores da casa real, gentil-homem da camara de Carlos 9.º, ninguem melhor do que elle podia informar a infanta a respeito de pessoas que tanto interesse lhe deviam despertar. Pois se elle até sabia que a rainha D. Leonor, «estant deshabillée, pa- roissoit du corps une geante, tant elle l'avoit long et grand ; mais, tirant en bas, elle paroissoit une naine, tant elle avoit les cuisses et jambes courtes avec le reste!» (*Dames galantes*, ediç. cit., pag. 166). E quem lhe havia dito isto tinha sido *madame de Fontaine-Chalandray, dite la belle Torcy*, aquella que, em solteira, tão ardente paixão havia inspirado a Francisco de Moraes e que Camões trata de *formosa e falsifica nym- pha* (Egloga 2.ª, v. 495 e segg.). Direi ainda que Brantôme recebeu de D. Sebastião o habito de Christo. E talvez a filha da rainha D. Leonor não fosse estranha á concessão desta mercê.

Mas no mirais mi grande devaneo?  
 Que tenga yo en mi alma a mi señoira  
 E diga: Donde estás, que no te veo!  
 (Soneto 328) (1).

De cá, donde sómente o imaginar-vos  
 A rigorosa ausencia me consente,  
 Sobre as asas do Amor, ousadamente,  
 O mal soffrido espirito vai buscar-vos;  
 E, se não receára de abrasar-vos  
 Nas chammas, que por vossa causa sente,  
 Lá ficára comvosco, e, vós presente,  
 Aprendera de vós a contentar-vos.  
 Mas, pois que estar ausente lhe é forçado,  
 Por senhora, de cá, vos reconhece,  
 Aos pés de imagens vossas inclinado.  
 E pois vedes a fé que vos offrece,  
 Ponde os olhos, de lá, no seu cuidado,  
 E dar-lhe-eis inda mais do que merece.  
 (Soneto 116).

Como tardava para o enamorado poeta o dia em que possesse tornar a ver a sua *saudade!*

*Mote*

Saudade minha,  
 Quando vos veria?

*Voltas*

Este tempo vão,  
 Esta vida escassa,  
 Para todos passa,  
 Só para mim não.

---

(1) Reproduzo o soneto como elle se lê no *Cancioneiro* de L. Franco Corrêa (fl. 114 v.), mudando apenas *est.ã* em *estan* no v. 8. A transcrição de Juromenha contém algumas inexatidões.

Os dias se vão,  
Sem ver este dia,  
Quando vos veria.

Vede esta mudança  
Se está bem perdida (1):  
Em tão curta vida,  
Tão longa esperança!  
Se este bem se alcança,  
Tudo soffreria,  
Quando vos veria.

Saudosa dor,  
Eu bem vos intendo;  
Mas não me defendo,  
Porque offendo Amor.  
Se fosseis maior,  
Em maior valia  
Vos estimaria.

Minha saudade,  
Caro penhor meu,  
A quem direu eu  
Tamanha verdade?  
Na minha vontade,  
De noite e de dia,  
Sempre vos teria.

Estaria a infanta fóra de Lisboa, durante alguma temporada, no periodo que decorre da primavera de 1546 até á de 1547?

Pela chronica de Francisco de Andrade sabemos que a côrte se achava em Almeirim no começo de junho de

---

(1) Que quer isto dizer? Teria o poeta escripto:

Vede esta ordenança  
Se está bem urdida?

1546 (1). E do *Corpo diplomatico portuguez*, tomo vi, se deduz que residiu todo o anno nesta villa ou em Santarem. É, portanto, natural que a infanta tambem para alli fosse passar, pelo menos, a estação calmosa.

E não seria esta a primeira vez que ella, depois de ter casa á parte, acompanhasse o irmão e a tia para fóra de Lisboa. Em setembro de 1543, por exemplo, encontravam-se todos em Cintra (2).

Em principio de fevereiro de 1547, é certo, assistiu a infanta em Almeirim ao faustoso casamento de D. João de Lencastre, primeiro duque de Aveiro, com D. Juliana de Lara, irmã do quarto marquês de Villa-Real, D. Miguel de Meneses (3).

Não me parece, porém, que fosse esta a ausencia que motivou as poesias de Camões.

Creio, em primeiro lugar, que ella não foi longa. Demais, nessa occasião já os amores de Camões deviam ter saído da phase idyllica, em que as referidas poesias fôram escriptas. Accresce ainda que talvez o poeta se achasse tambem presente ao acto. A noiva, com effeito, pertencia, muito de perto, á familia do seu amigo e protector, D. Francisco de Noronha (4), e era natural que o pequeno D. Antonio fosse tambem a Almeirim, acompanhado do seu preceptor. Era uma festa de familia, transformada em festa da côrte (5), e

(1) *Cronica de D. João III*, 4.<sup>a</sup> parte, cap. 11. Refere o chronista a cerimonia com que D. João III recebeu o collar do *Tosão d'ouro*, que Carlos V lhe enviou por um rei d'armas.

(2) *Cronica citada*, 3.<sup>a</sup> parte, cap. 95.

(3) Sousa, *Historia genealogica*, xi, p. 50 e segg. *Provas*, vi, p. 45-67.

(4) Foi até elle que assignou, em nome e com procuração da noiva, a escriptura do casamento, feita em Almeirim em 1 de fevereiro de 1547. Encontra-se esta escriptura impressa nas *Provas da Historia genealogica da Casa real*, vi, p. 45 e segg.

(5) Vid. *Historia genealogica*, xi, p. 50 e segg.



D. Francisco de Noronha quereria, por certo, que o seu primogenito a ella assistisse. E comprehende-se bem que o poeta procuraria remover quaesquer obstaculos, se os houvesse, para ir com o seu discipulo e olhar por elle (1).

Supponho, por isso, que as poesias a que acabo de me referir fôram escriptas durante a estação calmosa do anno de 1546.

Outro grupo de poesias, anteriores ao exilio, é o que foi motivado por uma doença da infanta.

*Môte*

Deu, senhora, por sentença  
Amor que fosseis doente,  
Para fazerdes á gente  
Doce e formosa a doença.

*Voltas*

Não sabendo Amor curar,  
Foi a doença fazer,  
Formosa para se ver,  
Doce para se passar.

Então, vendo a differença  
Que ha de vós a toda a gente,  
Mandou que fosseis doente,  
Para gloria da doença.

E digo-vos de verdade  
Que a saude anda invejosa,  
Por ver estar tão formosa  
Em vós essa enfermidade.

Não façais logo detença,  
Senhora, em estar doente,  
Porque adoecerá a gente  
Com desejos da doença.

---

(1) Sobre a affluencia de gente ao casamento, veja-se a curiosa carta do conego Bras Luis da Mota (*Provas da Historia genealogica*, vi, p. 64).

Que eu, por ter, formosa dama,  
A doença que em vós vejo,  
Vos confesso que desejo  
De cair comvosco em cama.

Se consentis que me vença  
Deste (1) mal, não houve gente  
Da saúde tão contente,  
Como eu serei da doença.

*Mote*

Da doença em que ora ardeis  
Eu fôra vossa mézinha,  
Só com vós serdes a minha.

*Volias*

É muito para notar  
Cura tão bem acertada,  
Que podereis ser curada  
Sómente com me curar.  
Se quereis, dama, trocar,  
Ambos temos a mézinha,  
Eu a vossa, e vós a minha.

Olhai que não quer Amor,  
Porque fiquemos iguais,  
Pois meu ardor não curais,  
Que se cure vosso ardor.  
Eu cá sinto vossa dor;  
E se vós sentis a minha,  
Dai e tomai a mézinha.

*Mote*

Com razão queixar-me posso.  
De vós, que mal vos queixais;  
Pois, senhora, vos sangrais,  
Que seja num corpo vosso (2).

---

(1) Não deverá ler-se *este* ou *esse*?

(2) E não na minha alma, que lá tendes.

*Volta*

Eu, para levar a palma,  
 Com que ser vosso mereça,  
 Quero que o corpo padeça  
 Por vós, que delle sois alma.

Vós do corpo vos queixais ;  
 Eu queixar-me de vós posso,  
 Porque, tendo um corpo vosso,  
 Na minha alma vos sangrais.

E sem fazer differença  
 No que de mi possuíis,  
 Pelo pouco que sentis,  
 Dais á minha alma doença.

Porque dous aventurais ?  
 Oh não seja o dano nosso !  
 Sangre-se este corpo vosso (1),  
 Porque, minha alma, vivais.

E inda, se attenderdes bem,  
 Seguis medicina errada,  
 Porque, para ser sangrada,  
 Uma alma sangue não tem.

E pois em mi sarar posso  
 Males, que á minha alma dais,  
 Se inda outra vez vos sangrais,  
 Seja neste corpo vosso (2).

Tudo me leva a crer que a doença a que se refere aqui o poeta é a mesma de que falla Fr. Miguel Pacheco, na seguinte passagem: «Enfermô vna vez de tercianas, con alguna malignidad; hallauanse los medicos con cuidado; mas nuestra

---

(1) O sentido mostra que deve ler-se, aqui, *corpo nosso*, e no verso anterior, *dano vosso*. Cf. a primeira volta: *quero que o meu corpo*, etc.

(2) Aliás *corpo nosso*.

Princesa, haziendo menos caso de los socorros de Hypocrates y Galeno, acudio a buscarlos en la Reyna del Cielo. Ordeno a su confessor fuesse a pedirlo a la milagrosa imagen de la Luz, que se venera en templo que dista poco de Lisboa,... y celebrada en su iglesia la missa, se traxesse vna cantarilla de agua, de vna admirable fuente que corre debaxo de su altar... Beuio esta Princesa (la salud), porque, en el mismo punto que tomo el agua, se despidio la calentura y cesso la enfermedad» (1).

Em que phase se achavam os amores do poeta, quando escreveu os versos que ficam transcriptos?

O tom geral que nelles domina, ao mesmo tempo que indica não ser considerada grave a doença da infanta, mostra tambem que, para a ardente paixão do poeta, já ia tardando o remedio:

Olhai que não quer Amor,  
Porque fiquemos iguais,  
Pois meu ardor não curais,  
Que se cure vosso ardor.

Camões achava-se, me parece, na phase em que tanto o incommodava a indiferença da infanta. Já havia chegado ou

---

(1) *Vida de la serenissima infanta Doña Maria*, fl. 107 v.-108). Não encontro referencia a qualquer outra doença da infanta, além destas terçãs e da *calentura lenta*, de que morreu (Ibid., fl. 126 v.). Diz Fr. M. Pacheco que a infanta, para que as miraculosas aguas da Luz podessem aproveitar a todos, «compro vnas casas immediatas a aquel Santuario y ordeno se diessen de valde a los que quizesen hazer nouenas», etc. (Fl. 108). Foi talvez esta uma das razões por que a filha de D. Manuel, posteriormente, mandou construir e escolheu para seu jazigo a sumptuosa capella-mór da Senhora da Luz, que fica no proprio local onde estava o antigo templo. E lá corre ainda agua de que a infanta bebeu para se curar das terçãs.



estava proxima a occasião de perguntar a si proprio:

Se esta dor tão conhecida  
Me não veem, porque não querem,  
Que farei para me crerem?

Confirmam esta conjectura as redondilhas seguintes:

Olhai que dura sentença  
Foi Amor dar contra mi:  
Que, porque em vós me perdi,  
Em vós me busque a doença!

Claro está  
Que em vós só me achará;  
Que em mi, se me vem buscar,  
Não poderá mais achar  
Que a fórma do que foi (1) já.  
Que, se em vós Amor se pôs,  
Senhora, é forçado assi,  
Que o mal, que me busca a mi,  
Que vos faça mal a vós.

Sem mentir,  
Amor me quis destruir  
Por modo nunca cuidado;  
Pois ha de ser já forçado  
Pesar-vos (2) de vos servir.

Mais sois tão desconhecida,  
E são meus males de sorte,  
Que vós ameaça a morte,  
Porque me negais a vida.

Se por boa  
Tal justiça se pregoa,  
Quando desta sorte for,  
Havei vós perdão de Amor,  
Que a parte já vos perdoa.

---

(1) Não será preferivel ler *fui*?

(2) Talvez *lhe*, referindo-se a *Amor*.

Mas o que mais temo, emfim,  
 É que, nesta differença,  
 Que se não torne a doença,  
 Se me não tornais a mim.

De verdade,  
 Que já vossa humanidade  
 De que se queixe não tem,  
 Pois para as almas tambem  
 Fez Amor enfermidade.

Para festejar o restabelecimento da saude da infanta, escreveu Camões a bella canção 10, que o visconde de Juro-  
 menha publicou pela primeira vez :

Porque a vossa belleza a si se vença,  
 Tais extremos mostrastes,  
 Que mais bella ficastes  
 Co passado rigor desta doença.  
 Assim, depois, a descorada rosa,  
 Se reverdece, fica mais formosa ;  
 Assim, depois do inverno e seus rigores,  
 Se mostra a primavera com mais flores ;  
 Assim, depois que eclipse o sol padece,  
 Com mais formosos raios resplandece.

Já de vossa saude o sol se alegre ;  
 E, se negro vestia,  
 Se veste de alegria,  
 E se mostra mais clara, a noute negra.  
 Os campos secos floreceis, senhora,  
 Sem flores já enferma a sua Flora (1).  
 Tambem os elementos se alegraram,  
 Que o vosso mal sentiram e choraram.  
 Alegre canta o passaro mais rudo ;  
 Tudo se alegre, ou vós alegrais tudo.

---

(1) Este verso foi manifestamente alterado. Proponho se lêa :

Com flores já se enfeita a deusa Flora.

Alegrais terra e ceo co as luzes bellas  
 Desses olhos formosos,  
 Que são tão milagrosos,  
 Que dão flores á terra, ao ceo estrellas.  
 Ao Tejo, que ainda tem maior ventura,  
 Dais o retrato dessa formosura (1),  
 Que é de riquezas bem maior thesouro,  
 Que o levar as areias do fino ouro.  
 Pois tudo enriqueceis, senhora, vemos  
 Que sois mais rica e tendes mais extremos.

Festeja o mesmo Amor vossa ventura  
 E a saude, de soberba nella (2),  
 Se mostra já mais bella  
 E se enriquece em vossa formosura.

---

(1) O paço de S. Clara ficava sobranceiro ao Tejo e é natural que o terreno annexo, ajardinado ou coberto de arvores, descesse até á margem do rio.

Foi talvez junto desta que o poeta viu a infanta, quando a foi felicitar pelo seu restabelecimento.

(2) Verso evidentemente errado. W. Storck propõe esta correcção :

E a saude nella.

É claro que não satisfaz. Lembro-me de qualquer destas, embora tambem offereçam difficuldades :

ou  
 Venus, soberba e bella,  
 Venus, por causa della.

Cf. o soneto 120, que tambem se refere á infanta :

Tornai essa brancura á alva assucena  
 E essa purpurea côr ás puras rosas ;  
 Tornai ao sol as chammas luminosas  
 Dessa vista, que a roubos vos condena ;  
 Tornai á suavissima sirena  
 Dessa voz as cadencias deleitosas ;  
 Tornai a graça ás Graças, que queixosas  
 Estão de a ter, por vós, menos serena ;

As Graças, coroadas de mil flores,  
 Vos coroam por Deusa dos Amores  
 E vos dão o que o vosso abril lhes (1) dera,  
 Que também sois das Graças Primavera.  
 Já que alegrais a tudo com saúde,  
 Tudo se alegre e ella não se mude.

Como se vê, nesta canção o poeta não allude ao seu amor pela filha de D. Manuel. É que naturalmente foi escripta, para ser lida ou ouvida pela illustre senhora.

Com o restabelecimento da saúde da infanta relaciona também W. Storck o passeio no Tejo (2), que teria dado origem ao soneto 309 da edição de Juromenha.

Tornai á bella Venus a belleza;  
 A Minerva o saber, o engenho e a arte,  
 E a pureza á castissima Diana:  
 Despojai-vos de toda essa grandeza  
 De dões — e ficareis em toda a parte  
 Comvosco só, que é só ser inhumana.

A proposito dos versos 5-6 citarei estas palavras de J. de Barros: «E tanto fruto tem Vossa Alteza colhido das letras, que achando nellas quam espiritual cousa he a musica, & quanto levanta os corações para o Ceo, nella se exercita». *Panegirico á mui alta e esclarecida Princesa infanta D. Maria*, em Severim de Faria, *Noticias de Portugal*, edic. de 1655, p. 329-330.

(1) W. Storck rejeita, a meu ver, com razão a emenda *vos*, proposta para este logar. Diz o poeta que, se a Primavera corôa as Graças de flores, o mesmo lhes havia feito a infanta, que por isso se pôde também chamar a Primavera das Graças. *O vosso abril lhes dera* é o mesmo que: *vós, em abril lhes dereis*. A referencia ao (passado) *abril* e os *campos secos* da canção confirmam, parece-me, a conjectura de que a infanta estaria doente nos fins do verão ou no outomno de 1546, depois de ter voltado para Lisboa.

(2) LUIS' DE CAMOENS *Sämmtliche Gedichte*, iv, p. 377-378. O illustre camonista suppõe que o passeio se realizasse numa tarde de primavera. Mas a doença da infanta, a que se refere o poeta, deve ter sido anterior



Eis como elle se lê na fonte donde este indefesso camonista o extraíu (1):

Em hũ batel q̄ com doçe meneio (2)  
 o aurifero Tejo deuidia,  
 vi belas damas, ou melhor diria,  
 belas estrelas, e hũ sol no meio.

As delicadas filhas de Nereo  
 cõ mil coizas (3) de doçe armonia  
 ião amarrãdo (4) a bela companhia  
 (q̄ se eu não erro), por honrralas (5) veio.

O fermosas Nereidas, q̄ cantando  
 lograis aquela vista tão serena (6)  
 q̄ a vida em tantos males quer trazerme (7):

Dizeilhe q̄ olhe q̄ se vai passando  
 o curto tempo; e a tão longa pena  
 o espirito (8) he prõpto, a carne enferma (9).

Anteriores tambem ao exilio, mas já do tempo em que a

---

á primavera de 1547, se são fundadas as conjecturas chronologicas que já apresentei.

(1) Cumpre-me dizer que o visconde de Juromenha, se, por um lado procurou corrigir o soneto, por outro lhe introduziu novos erros.

(2) Não deverá ler-se: *que, doce em seu meneio?*

(3) Juromenha emenda para *vozes*. Mas talvez no original se lesse *cantos*.

(4) Creio que será *alegrando*.

(5) Juromenha: *honrála*. Proponho *honrá-lo*, referindo-se ao *sol* do verso 4.

(6) Juromenha: *visão serena*, o que torna o verso errado.

(7) Dr. Th. Braga e com elle Storck: *trazer-m'a*.

(8) Juromenha: *o tempo*, ficando o verso estropiado. Storck tinha apresentado a conjectura: *o espirito está*. No v. 11 talvez; e *que*.

(9) *Cancioneiro de L. Franco Corrêa* (Manuscripto da Bibliotheca Nacional).

infanta, ao ver o poeta, punha os olhos no chão (1), são, creio eu, estas redondilhas:

*A umas suspeitas:*

Suspeitas, que me quereis?  
Que eu vos quero dar logar  
Que, de certas, me mateis,  
Se a causa de que nasceis (2)  
Vós quisesses confessar (3).

Que de não lhe achar desculpa (4)  
A grande magua passada  
Me tem a alma tão cansada,  
Que, se me confessa a culpa,  
Te-la-ei por desculpada.

Ora vede que perigos  
Tem cercado o coração,  
Que, no meio da oppressão,  
A seus proprios inimigos (5)  
Vai pedir a defensão!

---

(1) Olhos, não vos mereci  
Que tenhais tal condição:  
Tão liberais para o chão,  
Tão irosos para mi!

(2) Aquella que vos dá origem, a infanta.

(3) Estou convencido que deve ler-se: *Vos quisesse confessar*. Isto é, quisesse declarar que sois verdadeiras, *certas*. A 2.ª quintilha ficaria incompreensível, se na primeira se não fallasse na infanta.

(4) Cf. canção 11, 141-143:

Que desculpas comigo só buscava,  
Quando o suave Amor me não soffria  
Culpa na cousa amada, e tão amada!

(5) Á infanta, que o atormenta e de quem elle quer obter a certeza de que são fundadas as suas suspeitas, para ficar mais tranquillo.

Que, suspeitas, eu bem sei,  
 Como se claro vos visse,  
 Que é certo o que já cuidei.  
 Que nunca mal suspeitei,  
 Que certo me não saísse.

Mas queria esta certeza  
 Daquella que me atormenta,  
 Porque, em tamanha estreiteza,  
 Ver que disse se contenta (1)  
 É descanso da tristeza.

Porque, se esta só verdade  
 Me confessa, limpa e nua  
 De cautela e falsidade,  
 Não póde a minha vontade  
 Desconforme ser da sua.

Por segredo namorado  
 É certo estar conhecido  
 Que o mal de ser engeitado  
 Mais atormenta, sabido,  
 Mil vezes, que suspeitado.

Mas eu só, em quem se ordena  
 Novo modo de querella,  
 De medo da dor pequena  
 Venho a achar na maior pena  
 Refrigerio para ella (2).

---

(1) Ver que é vontade da infanta dar origem a suspeitas, que são *certas*, isto é, saber que ella ama realmente outrem.

(2) O poeta,

..... salteado  
 Das lembranças de temer  
 Ser por outrem desamado,

como diz na *carta a uma dama*, v. 193-195, deseja antes um desengano

Já nas iras me inflammei,  
 Nas vinganças, nos furores,  
 Que já, doudo, imaginei;  
 E já, mais doudo, jurei  
 De arrancar da alma os amores.

Já determinei mudar-me  
 Para outra parte, com ira.  
 Depois vim a concertar-me  
 Que era bom certificar-me  
 No que mostrava a mentira (1).

Mas, depois já de cansadas  
 As furias do imaginar,  
 Vinha emfim a rebentar  
 Em lagrimas magoadas  
 E bem para magoar.

---

embora este seja mais doloroso do que as suspeitas. É porque

Estas suspeitas tão frias,  
 Com que o pensamento sonha,  
 São assi como as harpias,  
 Que as máis doces iguarias  
 Vão converter em peçonha.

(Carta cit., 196-290).

(1) Assentei em ter como certo o amor da infanta, sabendo muito bem que ella me não ama. Cf. o soneto 79, já anteriormente transcripto:

Bem sei, Amor, que é certo o que receio.

.....  
 Porém porfias tanto e me asseguras,  
 Que me digo que minto.....  
 Nem somente consinto neste engano,  
 Mas inda to agradeço, e a mi me nego  
 Tudo o que vejo e sinto de meu dano.



E, deixando-se vencer  
Os meus fingidos enganos  
De tão claros desenganos (1),  
Não posso menos fazer  
Que contentar-me cos danos,

E pedir que me tirassem  
Este mal de suspeitar,  
Que me veio atormentar,  
Inda que me confessassem  
Quanto me póde matar.

Olhai bem se me trazeis,  
Senhora, posto nó fim,  
Pois, neste estado a que vim,  
Para que vós confesseis,  
Se dão os tratos a mim.

Mas, para que tudo possa  
Amor, que tudo encaminha,  
Tal justiça lhe convinha,  
Porque da culpa, que é vossa,  
Venha a ser a morte minha.

Justiça tão mal olhada,  
Olhai com que côr se doura,  
Que quero (2), ao fim da jornada,  
Que vós sejais confessada,  
Para que eu seja o que moura !

Pois confessai-vos já agora,  
Inda que tenho temor  
Que, nem nesta ultima hora,  
Me ha de perdoar Amor  
Vossos peccados, senhora.

---

(1) Bem me queria enganar a mim mesmo ; mas os enganos que eu finjo, têm de ceder perante desenganos tão claros. Assim, não ha remedio senão soffrer e pedir que me confessem a verdade, embora esta me possa causar a morte.

(2) Parece-me que deve ler-se : *quer*.

E assi vou desesperado,  
 Porque estes são os costumes  
 Do amor, que é mal empregado;  
 Do qual vou já condemnado  
 Ao inferno dos ciumes.

Se o tresloucado poeta, quando se achava ainda na phase idyllica, não podia soffrer que a infanta a *ninguem tratasse com desamor, antes a todos tivesse affeição e mostrasse um coração cheio de mansidão, cheio de amor*, e pedia á formosa e amavel senhora que, para o distinguir dos outros, *o tratasse com desfavor* e lhe *mostrasse um odio esquivo* (1), que impressão lhe não devia causar a mesma norma de proceder, agora que elle era realmente tratado pela fórma como, por despeito, havia sollicitado (2)?

Daqui a suspeitar o poeta

Ser por outrem desamado,

daqui a suppôr que o desagrado que a infanta lhe mostrava tinha por motivo a preferencia dada a outrem, — muito pouco ia (3). Não era preciso para isso possuir uma imaginação tão ardente como a de Camões.

(1) Soneto 309, já reproduzido.

(2) Em versos, é claro, que não eram destinados a ser lidos pela infanta, mas que traduziam fielmente o pensar intimo do poeta.

(3) Sobre a lenda que fez de Jorge da Silva, terceiro filho do quarto regedor das justiças, João da Silva, um apaixonado adorador da infanta, por causa da qual teria estado preso no Limoeiro, veja-se o que diz a Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis (*A Infanta D. Maria*, p. 69 e segg.). «Quanto á nossa Infanta (observa tambem a illustre escriptora), é natural que nova, bella, cheia de espirito e amavel, exercesse tambem certa seducção mundana sobre os moços-fidalgos da côrte. Um sorriso benevolo, um lampejo de luz nos olhos geralmente serenos, uma suave commoção na voz bem tímbrada, ao pronunciar palavras de agradecimento, seriam do

## II

## No Ribatejo

Ao ver-se obrigado a sair de Lisboa, Camões nota, não sem estranheza, que o *duro desfavor, que o condena* a apartar-se da sua tão querida, lhe tem os sentidos por tal forma embotados, que a *dor da ausencia* é mais pequena do que devia ser. Vai, porém, reagir: essa dor ha de soffrê-la bem intensamente. Como é possível, com effeito, que o não faça morrer o ter de afastar-se *d'aquillo que mais quer?* Mas, ainda mais do que a morte, lhe custaria não lhe ser bem doloroso o inevitavel apartamento.

Quando vejo que meu destino ordena  
 Que, por me exprimentar, de vós me aparte,  
 Deixando de meu bem tão grande parte,  
 Que a mesma culpa fica grave pena (1),

---

longe em longe a recompensa de acções nobres... ou de versos sublimes, escriptos em sua honra... Galanteios exagerados não podiam, porém, ser do seu agrado. Uma grande reserva, seu justo orgulho de filha e irmã de reis protegiam-a, como couraça impenetravel, contra a paixão dos outros e os impulsos do proprio coração» (Ibid., p. 73). Confirma estas palavras tudo o que se passou com Camões.

(1) Presumo que o poeta escreveu :

Deixando de meu *ser* tão grande parte,  
 Que *á* culpa não fica grave pena.

Emquanto ao sentido do primeiro verso, veja-se, por exemplo, a canção 11, v. 101-103, e a 2.<sup>a</sup> glosa ao mote *Sem vós e com meu cuidado*. E se o poeta leva consigo apenas uma pequena parte do seu ser, a pena do desterro, imposta á sua culpa, *não fica sendo grave pena*, pois a ella escapa a *grande parte* que fica. Não quer, porém, isto dizer que não seja bem grande a dor da *parte* que se ausenta.

O duro desfavor que me condena,  
 Quando por a memoria se reparte (1),  
 Endurece os sentidos de tal arte,  
 Que a dor da ausencia fica mais pequena.  
 Mas como pôde ser que na mudança  
 Daquillo que mais quero, estê tão fóra  
 De me não apartar tambem da vida?  
 Eu refrearei tão aspera esquivança,  
 Porque mais sentirei partir, senhora,  
 Sem sentir muito a pena da partida.  
 (Soneto 55).

Ainda outro soneto, escripto tambem pelo apaixonado poeta  
 na occasião da ida para o exilio (2):

Se alguma hora em vós a piedade  
 De tão longo tormento se sentira,  
 Não consentira Amor que me partira  
 De vossos olhos, minha Saudade!  
 Aparto-me de vós, mas a vontade,  
 Que na alma pelo natural vos tira,  
 Me faz crer que esta ausencia que é mentira;  
 Mas inda mal, porém, porque é verdade.

---

(1) Quando se me apodera de todas as potencias da alma. Está a parte pelo todo.

(2) Reproduzô este soneto tal como se encontra no *Cancioneiro* de Luis Franco Corrêa, fl. 129, v., mudando apenas, no penultimo verso, *achara* em *achará*, e modificando, em parte, a orthographia. Na 1.ª edição das *Rhythmas* (1595) encontram-se algumas variantes dignas de nota: verso 3.º, *Apartei-me*; v. 7, *esta ausencia é de mentira*; v. 12, *E assi darei vida*; v. 14, *sepultado no*. Em Faria e Sousa as variantes são ainda mais numerosas. Verso 1.º: *Se sómente hora alguma em vós piedade*. V. 3: *Amor soffrera mal que eu...* V. 5: *Apartei-me*. V. 6: *Que por o natural na alma...* V. 7: *esta ausencia é de mentira*. V. 8: *Porém venho a provar que é de verdade*. V. 12: *Desta arte darei vida*. V. 14: *Sepultado no*. Faria e Sousa remodelou o soneto ou reproduziu variantes que já encontrou?



Ir-me-ei, senhora, e neste apartamento  
 Tomarão tristes lagrimas vingança  
 Nos olhos de quem fostes mantimento.  
 Assim darei a vida (1) a meu tormento,  
 Que emfim cá me achará minha lembrança  
 Já sepultado em vosso esquecimento.

O estado d'alma do poeta, durante os primeiros tempos do exilio, acha-se reproduzido na egloga 2.<sup>a</sup>.

Saudades da infanta, queixumes contra a crueza que ella havia mostrado, desesperança, tristeza, profundo abatimento, mas, ao mesmo tempo, o proposito de não deixar, por cousa nenhuma, o seu *cuidado tão ditoso* — eis os topicos do bello poemeto (2).

Figurando-se á beira do Tejo, num valle triste, em noite escura, Camões (Almeno) lastima assim a sua sorte:

Corre, suave e brando,  
 Com tuas claras aguas,  
 Saídas de meus olhos, doce Tejo,  
 Fé de meus males dando,  
 Para que minhas maguas

---

(1) *Darei a vida*, isto é, entregarei, sacrificarei a vida, ou *darei vida*, farei viver? No primeiro caso occorre lêr *acharão* (v. 13) e *Sepultada no* (v. 14).

(2) Baseado nos versos 7-10:

No derradeiro fio  
 O tinha a esperança,  
 Que com doces enganos  
 Lhe sustentára a vida tantos annos,

observa Faria e Sousa: «Escribió el Poeta esta Egloga en mayor edad; ni pudo ser menos, porque ella no es de quilates hallados en verdores». (*Rimas varias de Luiz de Camões*, IV, 2.<sup>a</sup> parte, 202). Qualquer, porém, que seja a explicação que deva dar-se ao *tantos annos*, não póde haver duvida que a egloga foi escripta no Ribatejo, quando o poeta foi obrigado a saír de Lisboa para alli, por causa da infanta.

Sejam castigo igual de meu desejo,  
 Que pois em mim não vejo  
 Remedio nem o espero,  
 E a morte se despreza  
 De me matar, deixando-me á crueza  
 Daquella por quem meu tormento quero.

E insistindo na idéa expressa nestas ultimas palavras, diz pouco depois:

Não cesse meu tormento  
 De fazer seu officio,  
 Pois aqui tem uma alma ao jugo atada ;  
 Nem falte o soffrimento,  
 Porque parece vicio  
 Para tão doce mal faltar-me nada.

Não pôde, porém, deixar de extranhar que a sua bem-amada procedesse com tanta crueza :

Oh nympha delicada,  
 Honra da natureza !  
 Como pôde isto ser,  
 Que de tão peregrino parecer  
 Pudesse proceder tanta crueza ?

Como é que de uma *causa divinal* pôde provir um *effeito contrario*? Como se explica *tanta pena*, motivada por tal causa ?

Não vem de nenhum geito  
 De causa divinal contrario effeito.  
 Pois como pena tanta  
 É contra a causa della ?

Ha aqui alguma cousa que se não pôde explicar pelas leis da natureza :

Fóra do natural é minha tristeza.

Não é, porém, só nisto que com a infanta são contrariadas essas leis:

Mas a mi que me espanta?  
 Não basta, ó nympha bella,  
 Que podes perverter a natureza (1)?  
 Não é a gentileza  
 De teu gesto celeste  
 Fóra do natural?  
 Não póde a natureza fazer tal.  
 Tu mesma, ó bella nympha, te fizeste.

Mas, por mais que o poeta *busque desculpas*, pois que o *suave Amor* lhe não soffre

Culpa na cousa amada e tão amada,  
 (Canção 11)

surge no seu espirito a inevitavel pergunta:

Porém, porque tomaste  
 Tão dura condição, se te fizeste?

---

(1) Vid., por exemplo, as tres canções *Manda-me Amor que cante*. Referindo-se ao deslumbramento que lhe causou a apparição da infanta, quando lhe foi apresentado, diz o poeta na terceira das referidas canções:

Os passarinhos, com a luz presente  
 Pasmados, uns aos outros se diziam:  
 — Que luz é esta? que nova claridade?  
 As fontes, inflammadas de beldade,  
 Detinham a sua agua, doce e pura.  
 Florecia a verdura  
 Que, andando, cos divinos pés pisava.  
 Todo o ramo abaixar-se  
 Senti no bosque, e mais verde tornar-se.  
 .....  
 Amansavam-se os ventos  
 Ao som dos suaves seus accents.

E o magoado poeta prosegue:

Por ti o alegre prado  
 Me é penoso e duro ;  
 Abrolhos me parecem suas flores.  
 Por ti do manso gado,  
 Como de mi, não curo,  
 Por não fazer offensa a teus amores.  
 Os jogos dos pastores,  
 As lutas entre a rama,  
 Nada me faz contente ;  
 E sou já do que fui tão differente,  
 Que, quando por meu nome alguém me chama,  
 Pasma, porque conheço  
 Que inda comigo proprio me pareço.

Ainda se ao menos a sua tão querida lhe ouvisse os queixumes !

Se aí no mundo houvesse  
 Ouvires-me algum'hora,  
 Assentados na praia deste rio,  
 E d'arte te dissesse  
 O mal que passo agora,  
 Que pudesse mover-te o peito frio . . .

Porém o pobre poeta reconhece logo que é impossivel a realização deste desejo, que não passa d'um desvario :

Oh quanto desvario,  
 Que estou imaginando !

Mas se não ha outro remedio para o seu tormento, senão entreter assim a phantasia. . .

Já agora meu tormento  
 Não póde pedir mais ao pensamento  
 Que este phantaziar, donde, penando,  
 A vida me reserva.  
 Querer mais de meu mal será soberba.



Entretanto vinha rompendo o dia e o triste Almeno, vendo apparecer Agrario, outro pastor, resolve pôr termos aos seus queixumes :

Calar-me-ei sómente,  
Que o meu mal nem ouvir se me consente !

Como o monologo em que Agrario vinha entretido se foi prolongando, o enamorado Almeno voltou ao seu devaneio, que agora reveste a fórma d'uma hallucinação :

Oh doce pensamento ! oh doce gloria !  
São estes por ventura os olhos bellos,  
Que têm de meus sentidos a victoria ?  
São estas, nympha, as tranças dos cabellos,  
Que fazem de seu preço o ouro alheio,  
Como a mi de mi mesmo, só com vê-los ?  
É esta a alva coluna, o lindo esteio,  
Sustentador das obras mais que humanas,  
Que eu nestes braços tenho e não o creio ?

Mas a visão da bem-amada desapareceu num momento :

Ah falso pensamento, que me enganas !  
Fazes-me pôr a boca onde não devo,  
Com palavras de doudo, ou quasi insanas !  
Como a alçar-te tão alto assi me atrevo ?  
Tais asas dou-t'as eu, ou tu mas das ?  
Levas-me tu a mi, ou eu te levo ?  
Não poderei eu ir onde tu vás ?  
Porém, pois ir não posso onde tu fores,  
Quando fores, não tornes onde estás.

Entretanto Agrario, que tem ouvido os desatinos do pobre Almeno, vai-se approximando e fazendo, ao mesmo tempo, varias considerações a proposito do *triste successo de amores* que a este aconteceu. Trava-se por fim o dialogo.

*Agrario*

Quero fallar com este, que enredado  
 Nesta cegueira está, sem nenhum tento.  
 Acorda já, pastor desacordado.

*Almeno*

Oh ! porque me tiraste um pensamento,  
 Que agora estava aos olhos debuxando,  
 De quem aos meus foi doce mantimento ?

*Agrario*

Nesta imaginação estás gastando  
 O tempo e a vida, Almeno ? Perda grande !  
 Não vês quão mal os dias vás passando ?

*Almeno*

Formosos olhos, ande a gente e ande,  
 Que nunca vos ireis desta alma minha,  
 Por mais que o tempo corra, a morte ó mande.

*Agrario*

Quem poderá cuidar que tão asinha  
 Se perca o curso assi do siso humano,  
 Que corre por direita e justa linha ?  
 Que sejas tão perdido por teu dano,  
 Almeno meu, não é por certo aviso ;  
 É só doudice grande, grande engano.

*Almeno*

Ó Agrario meu, que, vendo o doce riso  
 E o rosto tão formoso, como esquivo,  
 O menos que perdi foi todo o siso !  
 .....  
 Á sombra deste umbroso e verde louro  
 Passo a vida, ora em lagrimas cansadas,  
 Ora em louvores dos cabellos d'ouro.

Se perguntares porque são choradas,  
 Ou porque tanta pena me consume,  
 Revolvendo memorias magoadas :  
 Desque perdi da vida o claro lume,  
 E perdi a esperança e causa della,  
 Não choro por razão, mas por costume.

E Almeno conta como *vivia livre e bem isento*, rindo-se das paixões que inspirava, até que por fim o Amor o castigou :

Pouco a pouco me foi de mi levando,  
 Dissimuladamente, ás mãos de quem  
 Toda esta injuria agora está vingando.

Agrario, considerando o lastimoso estado em que se encontra Almeno, procura induzi-lo a que ponha *um freio a mal.tão forte* :

Vejo-te estar gastando em viva fragoa  
 E juntamente em lagrimas, vencendo  
 A grã Sicilia em fogo, o Nilo em agua.  
 Vejo que as tuas cabras, não querendo  
 Gostar as verdes hervas, se emagrecem,  
 As tetas aos cabritos encolhendo.  
 Os campos, que co tempo reverdecem,  
 Os olhos alegrando descontentes,  
 Em te vendo, parece se entristecem.  
 De todos teus amigos e parentes,  
 Que lá da serra vêm por consolar-te,  
 Sentindo na alma a pena que tu sentes,  
 Se querem de teus males apartar-te,  
 Deixando a choça e gado, vás fugindo,  
 Como cervo ferido, a outra parte.  
 Não vês que Amor, as vidas consumindo,  
 Vive só de vontades enlevadas  
 No falso parecer d'um gesto lindo ?  
 Nem as hervas das aguas desejadas  
 Se fartam, nem de flores as abelhas,  
 Nem este Amor de lagrimas cansadas.

Quantas vezes, perdido entre as ovelhas,  
 Chorou Phebo de Daphne as esquivanças,  
 Regando as flores brancas e vermelhas ?  
 Quantas vezes as asperas mudanças  
 O namorado Gallo (1) tem chorado,  
 De quem o tinha envolto em esperanças ?  
 .....  
 Ora se tu vês claro, amigo Almeno,  
 Que de Amor os desastres são de sorte,  
 Que, para matar, basta o mais pequeno,  
 Porque não pões um freio a mal tão forte,  
 Que em estado te põe que, sendo vivo,  
 Já não se intende em ti vida nem morte ?

A tudo isto, porém, responde

*Almeno :*

Agrario, se do gesto fugitivo,  
 Por caso de fortuna desastrado,  
 Algum'hora deixar de ser captivo,  
 Ou sendo para as Ursas degradado,  
 Adonde Boreas tem o oceano  
 Cos frios hyperboreos congelado ;  
 Ou donde o filho de Climene insano,  
 Mudando a côr das gentes totalmente,  
 As terras apartou do trato humano ;  
 Ou se já, por qualquer outro accidente,  
 Deixar este cuidado tão ditoso,  
 Por quem sou de ser triste tão contente :  
 Este rio, que passa deleitoso,  
 Tornando para trás, irá negando  
 À natureza o curso pressuroso ;

---

(1) Francisco de Moraes, o auctor do notavel romance de cavallaria, *Palmeirim de Inglaterra*, que o immortal Cervantes tanto apreciava. Veja-se no fim do tom. 3.º das *Obras de Francisco de Moraes* (Lisboa, 1852) a *Desculpa de uns amores que tinha em Paris com uma dama franceza da rainha dona Leonor, por nome Torsi, sendo portuguez, pela qual fez a historia das damas francezas no seu Palmeirim*.



As cabras por o mar irão buscando  
 Seu pasto, e andar-se-ão por a espessura  
 Das hervas os delphins apascentando.  
 Ora se tu vês na alma quão segura  
 Deste amor tenho a fé, para que insistes  
 Nesse conselho e pratica tão dura?  
 Se de tua porfia não desistes,  
 Vai repastar teu gado a outra parte,  
 Que é dura a companhia para os tristes.  
 Uma só cousa quero encomendar-te,  
 Para repouso algum de meu engano,  
 Antes que o tempo emfim de mi te aparte:  
 Que se esta fera, que anda em traje humano,  
 Por a montanha vires ir vagando,  
 De meu despojo rica e de meu dano,  
 Com os vivos espiritos inflammando  
 O ar, o monte e a serra, que comsigo  
 Continuamente leva namorando,  
 Se queres contentar-me como amigo,  
 Passando lhe dirás: Gentil pastora,  
 Não ha no mundo vicio sem castigo.  
 Tornada em puro marmore não fôra  
 A fera Anaxarete, se amoroso  
 Mostrára o rosto angelico algum'hora (1).  
 Foi bem justo o castigo rigoroso,  
 Porém quem te ama, nympha, não queria  
 Nodoa tão feia em gesto tão formoso.

E Agrario, despedindo-se, promete cumprir os desejos do seu apaixonado amigo:

Tudo farei, Almeno, e mais faria,  
 Por algum dia ver-te descansado,  
 Se se acabam trabalhos algum dia.

---

(1) Anaxárete (no texto de Camões, Anaxaréte), de ascendencia real, desprezou o amor do modesto Iphis. Este suicidou-se por tal motivo, mas ella foi transformada em estatua de pedra. Ovidio, *Metamorphoses*, liv. 14, versos 698-760.

Como se vê, se o poeta, por um lado, manifesta bem claramente o firme proposito de nunca esquecer a infanta, por outro lado revela também um profundo desanimo. Nas horas de reflexão surgiam as desoladoras perguntas: Porque *ponho a boca onde não devo?* Como me *atrevo a alçar tão alto o pensamento?* E a par destas interrogações, vinha também a lembrança de que estava desperdiçando inutilmente o *tempo e a vida*:

Nesta imaginação estás gastando  
O tempo e vida, Almeno? Perda grande!  
Não vês quão mal os dias vás passando (1)?

Neste estado de espirito escreveu também o poeta o seguinte soneto, extraído por Juromenha do Cancioneiro de Franco Correa (fl. 139):

Quando descansareis, olhos cansados,  
Pois já não vedes quem vos dava vida,  
Ou quando vereis fim e despedida  
A tantas desventuras e cuidados?  
Ou quando quererão meus duros fados  
Erguer minha esperança tão caída,  
Ou quando, se de todo é já perdida,  
Alcançar poderei meus bens passados?  
Bem sei que hei de morrer nesta saudade,  
Em que meu esperar é todo vento,  
Pois nada espero ao que desejo.  
E, pois tão clara vejo esta verdade,  
Bem póde vir a mim todo o tormento,  
Que não me ha de espantar, pois sempre o vejo.

---

(1) Escreve W. Storck (*Vida de Camões*, p. 397): Podemos presumir que agora o Camões veio a conhecer

come sa di sale  
lo pane altrui, e com'è duro calle  
lo scendere e il salir per l'altrui scale!  
(Dante, *Paradiso*, xvii, 58-60).

E cada vez mais desanimado, cada vez mais ancioso por ver terminar o seu exílio, escreveu Camões a bella *Elegia do desterro*, que, segundo W. Storck, «excede tudo quanto até então poetára, tanto pela pureza de suas linhas constructivas e unidade de concepção, como pelo vigor das ideas e formosura da expressão pathetica»:

O sulmonense Ovidio, desterrado  
 Na aspereza do Ponto, imaginando  
 Ver-se de seus penates apartado,  
 Sua cara mulher desamparando,  
 Seus doces filhos, seu contentamento,  
 De sua patria os olhos apartando,  
 Não podendo encobrir o sentimento,  
 Aos montes já, já aos rios se queixava  
 De seu escuro e triste nascimento.

O curso das estrellas contemplava  
 E aquella ordem com que discorria  
 O ceo, e o ar, e a terra adonde estava.

Os peixes por o mar nadando via,  
 As feras por o monte procedendo,  
 Como o seu natural lhes permittia.

De suas fontes via estar nascendo  
 Os saudosos rios de crystal,  
 Á sua natureza obedecendo.

Assi só, de seu proprio natural  
 Apartado, se via em terra estranha,  
 A cuja triste dor não acha igual.

Só sua doce musa o acompanha  
 Nos soidosos versos que escrevia  
 E nos lamentos com que o campo banha.

Dest'arte me figura a phantasia  
 A vida com que morro, desterrado  
 Do bem que em outro tempo possuia.

Aqui contemplo o gosto já passado,  
 Que nunca passará por a memoria  
 De quem o tras na mente debuxado.

Aqui vejo caduca e debil gloria  
 Desenganar meu erro co a mudança  
 Que faz a fragil vida transitoria.

Aqui me representa esta lembrança  
 Quão pouca culpa tenho e me entristece  
 Ver sem razão a pena que me alcança.  
 Que a pena que com causa se padece  
 A causa tira o sentimento della;  
 Mas muito doe a que se não merece.  
 Quando a roxa manhã, dourada e bella,  
 Abre as portas ao sol e cái o orvalho,  
 E torna a seus queixumes Philomela,  
 Este cuidado, que co sono atalho,  
 Em sonhos me parece, que o que a gente  
 Por seu descanso tem, me dá trabalho.  
 E depois de acordado cegamente  
 (Ou, por melhor dizer, desacordado,  
 Que pouco acôrdo logra um descontente),  
 D'aqui me vou com passo carregado  
 A um outeiro erguido, e ali me assento,  
 Soltando toda a redea a meu cuidado.  
 Depois de farto já de meu tormento,  
 Estendo estes meus olhos saudosos  
 Á parte donde tinha o pensamento.  
 Não vejo senão montes pedregosos  
 E sem graça e sem flor os campos vejo,  
 Que já floridos vira e graciosos.  
 Vejo o puro, suave e rico Tejo  
 Com as concavas barcas, que nadando  
 Vão pondo em doce effeito o seu desejo.  
 Umas com brando vento navegando,  
 Outras com leves remos brandamente  
 As crystallinas aguas apartando.  
 D'ali falo com a agua que não sente,  
 Com cujo sentimento esta alma sai  
 Em lagrimas desfeita claramente.  
 O fugitivas ondas, esperai,  
 Que pois me não levais em companhia,  
 Ao menos estas lagrimas levai.  
 Até que venha aquelle alegre dia,  
 Que eu vá onde vós ides, livre e ledó.  
 Mas tanto tempo quem o passaria?



Não póde tanto bem chegar tão cedo,  
 Porque primeiro a vida acabará,  
 Que se acabe tão aspero degredo.  
 Mas esta triste morte que virá,  
 Se em tão contrario estado me acabasse,  
 Esta alma assi impaciente adonde irá?  
 Que, se ás portas tartaricas chegasse,  
 Temo que tanto mal por a memoria  
 Nem ao passar do Lethe lhe passasse.  
 Que se a Tantalo e Ticio for notoria  
 A pena com que vai e que a atormenta,  
 A pena que lá têm, terão por gloria.  
 Essa imaginação, emfim, me aumenta  
 Mil maguas no sentido, porque a vida  
 De imaginações tristes se contenta.  
 Que pois de todo vive consumida,  
 Porque o mal que possui se resuma,  
 Imagina na gloria possuida.  
 Até que a noite eterna me consuma,  
 Ou veja aquelle dia desejado,  
 Em que a fortuna faça o que costuma,  
 Se nella ha hi mudar-se um triste estado.

Vê-se que o poeta, nesta elegia, só muito vagamente se refere aos seus amores, que, além disso, considera ou quer que sejam considerados como cousa já passada (1). O que elle procura tornar bem patente é a desproporção entre a sua culpa — pequena ou nenhuma — e a dura pena que está soffrendo. O que o preoccupa é o ardente desejo de voltar para Lisboa, é o receio de que venha a morte, antes de chegar esse alegre dia.

---

(1) É o *gosto*, que, embora nunca haja de lhe saír da memoria, o poeta considera como *já passado*. É o *erro*, de que está *desenganado*. É a *gloria, possuida*, isto é, que já possuiu. É a parte onde *tinha* o pensamento. É talvez o *bem que em outro tempo possuía*, se com isto não quer alludir, por exemplo, á perda do logar que desempenhava em casa de D. Francisco de Noronha.

Documentando o seu pedido com esta elegia, é natural que pessoas amigas do desolado poeta intercedessem por elle e lhe obtivessem a necessaria auctorização para poder voltar para a capital.

Pelo seu character e ainda por circumstancias especiaes a que em breve me hei de referir, a grave, intelligente e bondosa infanta seria a primeira a desejar que terminasse quanto antes, e sem deixar vestigios, um incidente em que ella, embora involuntariamente, se achava envolvida.

Quanto tempo se demorou o poeta no Ribatejo?

Vimos que o exilio começou na primavera. Ora a egloga 2.<sup>a</sup> reporta-nos ao fim desta estação ou ao começo do estio. Repare-se, com effeito, nestas passagens:

A noite escura dava  
 Repouso aos cansados  
 Animais, esquecidos da verdura;  
 O valle triste estava  
 C'uns ramos carregados,  
 Qu'inda a noite faziam mais escura;  
 Offrecia a espessura  
 Um temeroso espanto.  
 As roucas rãs soavam  
 Num charco d'agua negra, e ajudavam  
 Do passaro nocturno o triste canto.  
 .....  
 Ao sonoro pranto,  
 Que as aguas enfreava,  
 Responde o valle umbroso.

Lêa-se tambem esta deliciosa descripção da madrugada:

Formosa manhã, clara e deleitosa,  
 Que, como fresca rosa na verdura,  
 Te mostras bella e pura, marchetando  
 As nymphas (1), espalhando teus cabellos

---

(1) Não teria o poeta escripto: *ceu e terra*?

Nos verdes montes bellos: tu só fazes,  
 Quando a sombra desfazes, triste e escura,  
 Formosa a espessura e a clara fonte,  
 Formoso o alto monte e o rochedo,  
 Formoso o arvoredado e deleitoso,  
 E emfim tudo formoso co teu rosto,  
 D'ouro e rosas composto e claridade.  
 Trazes a saudade ao pensamento,  
 Mostrando, em um momento, o roxo dia,  
 Com a doce harmonia nos cantares  
 Dos passaros a pares, que, voando,  
 Seu pasto andam buscando, nos raminhos,  
 Para os amados ninhos, que manteem.  
 Oh grande e summo bem da natureza!  
 Estranha subtileza de pintora,  
 Que matiza em uma hora de mil côres  
 O ceu, a terra, as flores, monte e prado!

E a *elegia do desterro* deve ter sido escripta no fim do verão ou no outomno (1):

Daqui mé vou, com passo carregado,  
 A um outeiro erguido e alli me assento,  
 Soltando toda a redea a meu cuidado.  
 Depois de farto já de meu tormento,  
 Estendo estes meus olhos saudosos  
 Á parte donde tinha o pensamento.  
 Não vejo senão montes pedregosos,  
 E sem graça e sem flor os campos vejo,  
 Que já floridos vira e graciosos.

Finalmente, se é de Camões o soneto publicado por Juro-  
 menha, sob o numero 333 (2), o exilio ainda durava nos fins

---

(1) Segundo W. Storck, o poeta mandou esta elegia para Lisboa apenas chegou ao desterro (*Vida de Camões*, p. 396).

(2) «Este soneto vem em um manuscrito com este titulo: *Soneto de Luiz de Camões a hum velho fallando com o Tejo*. Noutro manuscrito mais moderno em nome de Francisco Rodrigues Lobo, em outro

do outomno ou principios do inverno:

Fermoso Tejo meu, quam differente  
 Te vejo e vi, me vês agora e viste!  
 Turvo te vejo a ti, tu a mim triste;  
 Claro te vi eu já, tu a mim contente.  
 A ti foi-te trocando a grossa enchente,  
 A quem teu largo campo não resiste;  
 A mim trocou-me a vista, em que consiste  
 Meu (1) viver contente ou descontente.  
 Já que somos no mal participantes,  
 Sejamo-lo no bem. Ah quem me dera  
 Que fossemos em tudo semelhantes!  
 Lá virá então a fresca primavera;  
 Tu tornarás a ser quem eras d'antes,  
 Eu não sei se serei quem d'antes era!

em nome de um Henrique Nunes, de Santarem, e no ultimo, em nome de Estevão Rodrigues, porém não vem nas poesias deste auctor, que imprimiu... Lourenço Caminha». Juromenha, *Obras de Luiz de Camões*, II, 496. Na hypothese de ser de Camões este soneto, Juromenha relaciona-o com o 195, e diz que provavelmente foram ambos escriptos na mesma occasião. Estou, porém, convencido de que o segundo soneto é de data muito posterior. A meu ver, foi motivado pelas intemperies do estio de 1570. (O poeta, como Gil Vicente, chama verão á primavera, no v. 5.º, se é que não escreveu *inverno*).

Correm turbas as aguas deste rio,  
 Que as rapidas enchentes enturbaram;  
 Os florecidos campos se secaram;  
 Intratavel se fez o valle e frio.  
 Passou, como o verão, o ardente estio;  
 Umhas cousas por outras se trocaram...

(1) Decerto *O meu viver*, etc.



## III

## Em Ceuta

Procurando explicar a ida de Camões para Ceuta, escreve W. Storck: «Todos os esforços propios ou alheios para abreviar a pena (do desterro no Ribatejo) foram baldados, caso alguém os fizesse. E apertado pelas necessidades materiaes da vida, o poeta recorreu a um expediente, que anteriormente sempre tinha rejeitado como contrario ás suas inclinações: resolveu servir o deus Marte, já que a caprichosa e cega Fortuna não o favorecera, enquanto fôra prestando homenagem ao Amor e ás Musas. Havia muito que era costume em Portugal commutar a criminosos as penalidades (não sómente o exilio, e o degredo para o Brasil, mas até a pena capital) em serviços militares, pagaveis no mar ou nas colonias. Porque havia de negar-se a Camões uma concessão semelhante? Podemos calcular que dirigiu a D. João III um requerimento, supplicando-lhe decretasse serviço militar na Africa setentrional ou, por outra, a transferencia do desterro para Ceuta. Aquellas partes da Africa davam então serios cuidados ao governo portuguez: as fortalezas careciam de gente... Por isso pedidos daquella ordem eram bem aceites. O pleito de Camões se recommendava a favoravel decisão. Mas que triste pleito! O cavalleiro-fidalgo, o poeta predilecto da côrte, transformado em soldado raso! Comtudo, não havia que escolher. A decisão régia não tardou muito. O favor foi outorgado. Luiz de Camões obteve licença para se alistar por dous annos na guarnição de Ceuta» (1).

---

(1) *Vida de Camões*, p. 397. Em nota observa o illustre camonista: «O facto de Camões ter estado em Ceuta, e não em outra qualquer

O que, porém, julgo fóra de duvida é que o poeta, depois de ter voltado para Lisboa, com o proposito, mais ou menos firme, de não pensar mais na infanta, viu reaccender-se a paixão que por ella sentira (1), sendo este o motivo por que foi degradado para Ceuta.

Comecemos pela carta, toda cheia de meias palavras, toda cautelosa, que elle da cidade africana enviou a um amigo, talvez João Lopes Leitão.

Depois de lhe recommendar que a não mostre a ninguem ou, pelo menos, que supprima o nome do signatario, Camões

fortaleza portugueza, resulta evidentemente da Elegia I «*de Ceita a um amigo*» (versos 22-57). — E a outra circumstancia, de ter estado ahi como que «exilado», está documentada pelas oitavas primeiras (epistola 1.<sup>a</sup>). No verso 196 (aliás 180), declara-se «*em terra alheia degradado*». Sobre o tempo de serviço (dous annos), a que eram adstrictos os soldados portuguezes nos Algarves d'além, veja-se» etc.

(1) Presumo hoje que foram escriptas por esta occasião algumas poesias que já transcrevi como immediatamente anteriores ao exílio no Ribatejo. Tal é o soneto 145, em que o poeta declara terminantemente :

Quando Amor á razão obedecer,  
 .....  
 Deixarei eu de ver tal formosura  
 E de a amar deixarei, depois de a ver.  
 .....  
 Ninguem mudar-me queira de querer-vos.

Tal é tambem o soneto 210, em que o poeta affirma nada recêar :

Nem o tremendo estrepito da guerra,  
 Com armas, com incendios espantosos,  
 .....  
 Podem pôr medo a quem nenhum encerra,  
 Depois que viu os olhos tão formosos,  
 Por quem o horror, nos casos pavorosos,  
 De mi todo se aparta e se desterra.

prosegue citando estes versos de Garcilasso de la Vega, tão accomodados ao estado da sua attribulada alma:

«La mar en medio y tierras, he dejado  
 Á quanto bien, cuitado, yo tenia.  
 Cuan vano imaginar, cuan claro engaño  
 Es darme yo á entender que, con partirme,  
 De mi se ha de partir un mal tamaño!»

E como elle, apesar de reconhecer que «a tristeza no coração é como a traça no panno», só triste quer e póde viver!

E por tão triste me tenho,  
 Que, se sentisse alegria,  
 De triste não viveria.  
 Porque a tal sorte vim,  
 Que não vejo bem algum  
     Em quanto vejo,  
 Que não nasceu para mim.  
 E por não sentir nenhum,  
     Nenhum desejo.

E o pobre poeta, «porque cousas impossiveis, é melhor esquecê-las que desejá-las», continúa:

Só, tristeza, vos queria,  
 Pois minha ventura quer  
     Que só *a* (1) ella  
 Conheça por alegria;  
 E que, se outra quiser,  
     Morra por ella.

Vem depois uma volta ao mote

Perdigão perdeu a penna,  
 Não ha mal que lhe não venha,

---

(1) Supponho que o *a* não estará aqui demais.



differente da que já fica transcripta no começo deste trabalho :

Em um mal outro começa,  
 Que nunca vem só nenhum ;  
 E o triste, que tem um,  
 A soffrer outro se offreça,  
 E, só pelo ter, conheça  
 Que basta um só que tenha,  
 Para que outro lhe venha.

É inutil aconselhá-lo a que mude do seu proposito, embora seja certo que não ha magua como a do *vê-lo-ás e não o paparás*. «Que graça será esperardes de mim propositos em cousa que os não tem para comigo? Pois ainda que queira, não posso o que quero; que um sentido remontado, de não pôr pé em ramo verde, tudo lhe succede assi. E cada um acode ao que mais lhe doe; é mais eu, que o que mais me entristece é ter contentamento, pois fujo delle, que minha alma o aborrece, porque lhe lembra que é virtude viver sem elle. Que já sabeis que magua é: *vê-lo-ás e não o paparás*».

Numa das mais curiosas passagens da carta, o poeta, se não me engano, insinua terem-lhe offerecido dinheiro, para não importunar outra vez a infanta com os seus galanteios.

Eis o que elle diz: «Quero-vos dar conta de um soneto sem pernas, que se fez a um certo recontro que se teve com este destruidor de bons propositos (1), e não se acabou, porque se teve por mal empregada a obra; cujo teor é o seguinte:

Forçou-me Amor um dia que jogasse;  
 Deu as cartas e az d'ouros levantou,  
 E, sem respeitar mão, logo triumphou,  
 Cuidando que o metal que me enganasse.

---

(1) Para W. Storck é o Amor (tom. 1.º, pag. 400). A meu vêr, é do proprio poeta que se trata. Foi elle que destruiu os bons propositos, com que tinha voltado do Ribatejo. E foi por isso que houve o recontro com alguém, que lhe fallou em nome da infanta.



Dizendo, pois triumphou, que triumphasse  
 A uma sota d'ouros, que jogou.  
 Eu então, por burlar quem me burlou,  
 Tres paus joguei e disse que ganhasse».

Julgando que o poeta se deixaria enganar pelo dinheiro, o Amor, contra as regras do jogo, puxou pela *sota de ouros*, que era triumpho. Vendo-se ludibriado, o poeta jogou o tres de paus (*tres paus*, symbolo da forza) e disse ao parceiro que ganhasse. Isto é: Camões não accitou a proposta que lhe foi feita e preferiu arriscar-se a tudo, inclusivamente a perder a vida.

Como lhe appeteceu então cavar na fidalguia dos antepassados da infanta! «Principes de condição, diz elle, logo em seguida ao *soneto sem pernas*, principes de condição, ainda que o sejam de sangue, são mais enfadonhos que a pobreza. Fazem, com sua fidalguia, com que lhe cavemos fidalguias de seus avós, onde não ha trigo tão joeirado, que não tenha alguma hervilhaca».

Nas primeiras poesias escriptas em Ceuta, o poeta queixa-se mais abertamente da infanta, *do duro peito, cruel e empedernido, que ergueu a mão para o matar*.

Comecemos pela ode 3.<sup>a</sup>, verdadeiro protesto contra a *implacavel dureza* havida com elle (1).

Se de meu pensamento (2)  
 Tanta razão tivera de alegrar-me,  
 Quanto de meu tormento  
 A tenho de queixar-me,  
 Puderas, triste lyra, consolar-me.

---

(1) As ultimas estrophes desta ode mostram que ella foi escripta á beira-mar. Pelo conteúdo conclue-se que o foi em Ceuta.

(2) Isto é: d'aquillo, ou antes, d'aquella, em que penso.

E minha voz cansada,  
 Que em outro tempo foi alegre e pura,  
 Não fôra assi tornada,  
 Com tanta desventura,  
 Tão rouca, tão pesada, nem tão dura.

A ser como soía,  
 Pudera levantar vossos louvores ;  
 Vós, minha Hierarchia,  
 Ouvíreis meus amores,  
 Que exemplo são ao mundo já de dores (1).

Alegres meus cuidados,  
 Contentes dias, horas e momentos,  
 Oh quanto bem lembrados  
 Sois de meus pensamentos,  
 Reinando agora em mi duros tormentos !

Ai gostos fugitivos !  
 Ai gloria já acabada e consumida !  
 Ai, males tão esquivos,  
 Qual me deixais a vida !  
 Quão cheia de pesar ! quão destruida !

---

(1) Supponho que esta estrophe se deve ler :

A ser como soía,  
 Pudera levantar *altos* louvores ;  
 Vós, *divina* Hierarchia,  
 Ouvíreis meus amores, etc. \*

Isto é : se a voz do poeta fosse o que dantes era, poderia, cantando os seus amores, elevar-se até os coros celestes, formados pelos anjos, archanjos, etc.

Variações de Faria e Sousa, a proposito da *minha Hierarchia* : «Qual Hierarquia será esta ? Para estas Hierarchias de Poetas quisiera yo los Comentadores. Pero dexado esto, porque cada uno estornuda como Dios le ayuda, digo que por este no facil termino de entender (mas galantissimo), llama el Poeta Serafin a su señora». O que o irritado poeta chamava então *a su señora* dizem-no-lo as estrophes 13.<sup>a</sup> e 14.<sup>a</sup> desta mesma ode. Para W. Storck trata-se das damas do paço (Luis' DE CAMOENS *Sämmtliche Gedichte*, III, 338).

Mas como não é morta  
 Já esta vida ? Como tanto dura ?  
 Como não abre a porta  
 A tanta desventura,  
 Que em vão com seu poder o tempo cura !

Mas, para padecê-la,  
 Se esforça o meu sujeito e convalece ;  
 Que, só para dizê-la,  
 A força me fallece  
 E de todo me cansa e me enfraquece.

Oh bem afortunado,  
 Tu, que alcançaste com lyra toante,  
 Orphêo, ser escutado  
 Do fero Rhadamante,  
 E cos teus olhos vêr a doce amante !

As infernais figuras  
 Moveste com teu canto, docemente ;  
 As tres furias escuras,  
 Implacaveis á gente,  
 Applacadas se viram de repente.

Ficou como pasmado  
 Todo o Estygio reino co teu canto,  
 E, quasi descansado  
 De seu eterno pranto,  
 Cessou de alçar Sisypho o grave canto (1).

A ordem se mudava  
 Das penas, que regendo está Plutão ;  
 Em descanso se achava  
 A roda de Ixião,  
 E em gloria quantas penas alli são.

De todo já admirada  
 A rainha infernal, e commovida,  
 Te deu a desejada  
 Esposa, que perdida  
 De tantos dias já tivera a vida.

---

(1) A pesada pedra. Cf. canteiro, cantaria.

Pois minha desventura  
 Como já não abranda uma alma humana,  
 Que é contra mi mais dura,  
 E inda mais deshumana,  
 Que o furor de Callirrhoe profana (1) ?

Oh crua, esquiva e fera,  
 Duro peito, cruel e empedernido,  
 De alguma tigre fera,  
 Lá na Hyrcania nascido,  
 Ou d'entre as duras rochas produzido !

Mas que digo, coitado !  
 E de quem fio em vão minhas querellas ?  
 Só vós, ó do salgado,  
 Humido reino bellas  
 E claras nymphas, condoei-vos dellas.

E, de ouro guarnecidas,  
 Vossas louras cabeças levantando,  
 Sobre as ondas erguidas  
 As tranças gotejando,  
 Saindo todas, vinde a ver qual ando.

---

(1) Commentando este logar, observa W. Storck : «Se é Callirrhoe que deve ler-se, fálhou aqui a extraordinaria memoria do poeta. Não é possível saber-se — e tambem Faria e Sousa declara ignorá-lo — a que proposito se faz aqui menção de Callirrhoe»... (LUIS' DE CAMOENS *Sämmtliche Gedichte*, III, 339). Mas a Callirrhoe, a que se refere o poeta, não é, como supõe o illustre camonista allemão, aquella de que se occupa Ovidio nas *Metamorphoses*, IX, 413 e segg.; é outra, de que falla Pausanias na *Graeciae descriptio*, liv. 7.º, cap. 21. Esta desprezou o amor de Córeso, sacerdote de Baccho, na cidade da Calydonia, cujos habitantes foram por isso, punidos por aquella divindade. D'ai o epitheto *profana*. Eis como começa a narrativa do escriptor grego : «Amabat (Coresus) Callirrhoen virginem et quanto erat Coresi amor vehementior, tanto erat puellae animus ab ejus cupiditate alienior». (Edição de Leipzig, 1696 p. 575). Ainda desta vez não foi o poeta quem se enganou.



Saí em companhia  
 E, cantando e colhendo as lindas flores,  
 Vereis minha agonia,  
 Ouvireis meus amores  
 E sentireis meus prantos, meus clamores.

Vereis o mais perdido  
 E mais infeliz corpo, que é gerado,  
 Que está já convertido  
 Em choro, e, neste estado,  
 Sómente vive nelle o seu cuidado.

Na ode 1.<sup>a</sup> (1) ainda o poeta se queixa da infanta, mas já reaparece a sua paixão por ella. Novo Endymion, dirige-se á Lua (Delia, Diana, Lucina), que em seguida identifica com a sua bem-amada.

Detem um pouco, musa, o largo pranto,  
 Que Amor te abre no peito,  
 E, vestida de rico e ledto manto,  
 Demos honra e respeito  
 Áquella cujo objeito (2)  
 Todo o mundo allumia,  
 Trocando a noite escura em claro dia.

Ó Delia, que, apesar da nevoa grossa,  
 Cos teus raios de prata  
 A noite escura fazes que não possa  
 Encontrar (3) o que trata,  
 E o que na alma retrata,  
 Amor por teu divino  
 Raio, por que endoudeço e desatino :

---

(1) W. Storck (III, 330-333) transcreve a ode de Bernardo Tasso, aqui imitada por Camões.

(2) Não deverá ler-se *aspeito*? Cf., na estrophe seguinte, *trata* e *retrata*.

(3) Apesar da nevoa grossa (allusão á maneira como o poeta havia sido tratado pela infanta), apesar da nevoa grossa, os teus raios de prata fazem que não seja escura a noite para aquelle que te ama.

Tu, que de formosissimas estrellas  
 Coroas e rodeias  
 Tua candida fronte e faces bellas,  
 E os campos formoseias  
 Co'as rosas que semeias,  
 Co'as boninas que gera  
 O teu celeste humor na primavera :  
 Para ti guarda o sitio fresco d'Ilio  
 Suas sombras formosas ;  
 Para ti o Erymantho, Olympo e Pilio (1)  
 As mais purpureas rosas ;  
 E as drogas mais cheirosas  
 Desse nosso oriente  
 Guarda a Felice Arabia, mais contente.  
 De qual panthera ou tigre ou leopardo  
 As asperas entranhas  
 Não temeram teu fero e agudo dardo,  
 Quando por as montanhas  
 Ligeira atravessavas,  
 Tão formosa que Amor de amor matavas ?  
 Pois, Delia, do teu ceu vendo estás quantos  
 Furtos de puridades,  
 Suspiros, maguas, ais, musicas, prantos,  
 As conformes vontades,  
 Umas por saudades,  
 Outras por crus indicios,  
 Fazem das proprias vidas sacrificios (2) :

---

(1) Cf. W. Storck, tom. III, pag. 335.

(2) O texto desta estrophe deve ter soffrido alteração. Permitta-se-me propôr que se lêa :

Pois, Delia, do teu ceo vendo estás *tantos*  
 Furtos de puridades,  
 Suspiros, maguas, ais, *lagrimas*, prantos,  
 E as *amantes* vontades,  
 Que, umas por saudades,  
 Outras, por crus indicios,  
 Fazem das proprias vidas sacrificios :

*Amantes* é uma variante da edição de 1595.

Já veio Endymião por estes montes,  
 O ceu, suspenso, olhando,  
 E teu nome, cos olhos feitos fontes,  
 Em vão sempre chamando,  
 Pedindo suspirando (1)  
 Mercês á tua beldade,  
 Sem que ache em ti um'hora piedade.

Por ti feito pastor de branco gado,  
 Nas selvas solitarias  
 Só de seu pensamento acompanhado,  
 Conversa as alimarias,  
 De todo o amor contrarias,  
 Mas não como a ti duras,  
 Onde lamenta e chora desventuras.

Das castas virgens sempre os altos gritos,  
 Clara Lucina, ouviste,  
 Renovando-lhe as forças e os espiritos;  
 Mas os d'aquelle triste  
 Já nunca consentiste  
 Ouvi-los um momento,  
 Para ser menos grave o seu tormento.

Não fujas, não, de mi! Ah não te escondas  
 D'um tão fiel amante!

Olha como suspiram estas ondas  
 E como o velho Atlante (2)  
 O seu collo arrogante  
 Move piedosamente,  
 Ouvindo a minha voz, fraca e doente.

Triste de mi! Que alcanço por queixar-me,  
 Pois minhas queixas digo  
 A quem já ergueu a mão para matar-me,  
 Como a cruel inimigo?  
 Mas eu meu fado sigo,  
 Que a isto me destina,  
 E que isto só pretende e só me ensina.

---

(1) A suspirar, com suspiros.

(2) O monte Atlas. Prova de que a ode foi escripta em Ceuta.

Oh quanto ha já que o ceu me desengana!

Mas eu sempre porfio

Cada vez mais na minha teima insana!

Tendo livre alvedrio,

Não fujo o desvario,

Porque este, em que me vejo,

Engana co'a esperança o meu desejo.

Oh quanto melhor fôra que dormissem

Um somno perennal

Estes meus olhos tristes, e não vissem

A causa de seu mal

Fugir a um tempo tal,

Mais que d'antes (1) proterva,

Mais cruel que ursa, mais fugaz que cerval

Ai de mi, que me abraso em fogo vivo,

Com mil mortes ao lado,

E quando morro mais, então mais vivo!

Porque tem ordenado

Meu infelice fado

Que, quando me convida

A morte, para a morte tenha vida?

Secreta noite amiga, a que obedeço,

Estas rosas, porquanto

Meus queixumes me ouviste, te offereço,

E este fresco amaranto,

Humido já do pranto

E lagrimas da esposa

Do cioso Titão, branca e formosa.

Contemporaneo das duas tão bellas, tão sentidas odes, talvez escripto entre uma e outra, é tambem o soneto 74:

Aquella fera humana, que enriquece

A sua presunçosa tyrannia

Destas minhas entranhas, onde cria

Amor um mal, que falta quando crece (2),

(1) Aqui, se não me engano, escreveu o poeta o nome de um animal, *tigre*, por exemplo.

(2) Não teria o poeta escripto: *que dia a dia crece?*



Se nella o ceu mostrou, como parece,  
 Quanto mostrar ao mundo pretendia,  
 Porque de minha vida se injuria?  
 Porque de minha morte se ennobrece?  
 Ora, emfim, sublimai vossa victoria,  
 Senhora, com vencer-me e captivar-me.  
 Fazei della no mundo larga historia;  
 Pois, por mais que vos veja atormentar-me,  
 Já me fico logrando desta gloria  
 De vêr que tendes tanta de matar-me.

Como se vê pelas tres poesias que acabo de transcrever, Camões attribue o seu desterro para Ceuta á interferencia directa da infanta (1). Foi ella que, *inda mais deshumana que Callirrhoe, ergueu a mão para o matar*; é ella a *fera humana que se injuria da sua attribulada vida e se ennobrece com a sua morte*.

---

(1) Costuma dizer-se que o exilio do poeta, pelo menos o exilio para o Ribatejo, foi obra pessoal de D. João III e da rainha D. Catharina. E, entre outras razões, adduz-se o *Auto d'el-rei Seleuco*, pois não só o entretcho da peça lhes não podia ser agradavel, por avivar o que se passára com o ultimo casamento de D. Manuel, mas ainda no *argumento*, propositadamente disparatado, se falla na *Catharina Real, que havia de entrar em scena com uns poucos de parvos numa joeira e os havia de semear pela casa, de que nasceria muito mantimento ao riso*. Quer-me parecer que o poeta, effectivamente, quis ser desagradavel ao rei e á rainha, com o intuito de lisongear a infanta. Toda a gente sabia, com effeito, as razões de queixa que ella já então tinha do meio-irmão e da tia e cunhada. Mas se el-rei (que, diga-se de passagem, no anno de 1546, em que o auto foi escripto e representado, residiu fóra de Lisboa, como já fica dito) teve conhecimento do caso, é provavel que se não incommodasse muito, se estava informado das loucas pretensões do poeta. É até natural que gostasse houvesse um leviano que compromettesse a infanta. D. João III por cousa nenhuma queria desembolsar as 400:000 dobras d'ouro a que ella se julgava com direito, em virtude do contracto matrimonial celebrado entre D. Manuel e a ex-noiva de seu filho e successor.

Qual o motivo da energica, da inexoravel attitude, assumida pela infanta, quando viu que o renitente poeta, depois de ter voltado do Ribatejo, continuava a mostrar-se apaixonado por ella?

A meu vêr, o motivo, — pelo menos o principal, se houve mais d'um —, foi o seguinte: a illustre senhora, que tinha então em perspectiva o casamento com o herdeiro da corôa de Espanha, viuvo desde 1545 (1), sabia muito bem que o seu regio e tortuoso meio-irmão, para lhe crear obstaculos, era muito capaz de fazer correr que ella dava ouvidos a um dodivanas d'um poeta (2).

---

(1) «Depois de todos estes negocios (projectos de casamento da infanta com o Delphim, filho de Francisco I, e com o archiduque Maximiliano, herdeiro do throno imperial) serem tractados pelo modo que dixe, veo a morrer no anno de 1545 ha princesa donna Maria, filha del Rei dom Joam terceiro, que era casada com dom Phelippe Principe de Castella, filho herdeiro do Emperador D. Carlos, depois da morte da qual, elle e ha Rainha donna Leonor trataram de casar (a infanta D. Maria) com este Principe dom Phelippe». Damião de Goes, *Chronica do felicissimo rei dom Emanuel* (era assim que escreviam esta palavra Erasmo [*Opera omnia*, ed. de 1703-6, t. vi, p. 10, t. vii, p. 7, t. viii, p. 2] e outros grandes latinistas do renascimento), 4.<sup>a</sup> parte, cap. 68 (Lisbôa, 1566). «Muerta esta Princesa (D. Maria), se tratò luego de buscar otra muger al Principe Don Felipe. . . De espacio iba mirando Carlos Quinto, a quien tocava este cuidado, la mayor conueniència en este segundo casamiento de su hijo; y assi perseuerò viudo algunos años, tiempo em que siempre el Cesar se inclinaua a q̄ casasse con la Infanta Maria, porque, fuera de ser el mejor acierto, con la execucion satisfacia a su hermana Leonor, que, viuda ya del Rey Francisco de Francia, auia passado a Flandes, y instaua por el efecto, por ver a su hija acomodada de estado; y como el negocio se auia platicado entre los dos, apretauase por parte de la Reina sobre èl al Rey Don Juan, para que preuiniesse la entrega del dote que tocava a su hija». Fr. M. Pacheco, *Vida, etc.*, fl. 39.

(2) Continúa o consciencioso bigrapho da infanta: «Afligian al Rey estas diligencias, que nada deseaua menos que dexar salir esta Princesa de Portugal, asi por escusarse de pagar tan grande suma, como por el

Se nas odes 3.<sup>a</sup> e 1.<sup>a</sup> e no soneto 74 se acha reproduzido o estado de espirito do poeta ao começar o novo exilio (primeiramente irritação contra o *peito duro, cruel e empedernido* da infanta; em seguida, reviviscencia da paixão amorosa, *porfia na teima insana*), a elegia 2.<sup>a</sup> revela-nos a phase intermedia e a epistola 1.<sup>a</sup> patentea-nos a ultima. Vejamos.

Na elegia 2.<sup>a</sup>, dirigida, segundo creio, a D. Francisco de Noronha, o poeta reconhece que nada o *defende das lembranças amorosas* e declara escrever *o seu derradeiro canto*. Se o exilio não termina, venha a morte.

Aquella que, d'amor descomedido (1),  
 Por o formoso moço se perdeu,  
 Que só por si d'amores foi perdido,  
 Depois que a deusa em pedra a converteu,  
 De seu humano gesto verdadeiro  
 A ultima voz só lhe concedeu.  
 Assi meu mal do proprio ser primeiro  
 Outra cousa nenhuma me consente,  
 Que este canto, que escrevo derradeiro.  
 E se uma pouca vida, estando ausente,  
 Me deixa Amor, é porque o pensamento  
 Sinta a perda do bem de estar presente.  
 Senhor, se vos espanta o soffrimento,  
 Que tenho em tanto mal, para escrevê-lo  
 Furto este breve espaço a meu tormento.

poco afecto q̄ algunos dezian que siempre tuuo a esta media hermana : mas hallandose apretado destes Principes, y de otras personas del Reino, que le habluan en lo mismo en fauor de la señora Infanta, tratò de buscar ocultamente medios de estoruarlo». E o ardil à que nesta occasião recorreu o dissimulado monarca, — cujo jogo, aliás, sobre o assumpto passou, em breve, a ser bem conhecido por todos os interessados —, consta da curiosa carta que elle enviou, em 27 de junho de 1550, a Lourenço Pires de Tavora, seu embaixador junto de Carlos V, carta que Fr. M. Pacheco transcreve e commenta devidamente (fl. 40-42).

(1) A nympha Echo, que de balde se apaixonou por Narciso. Juno tinha a condemnado a repetir sómente os ultimos sons que ouvisse.



Porque, quem tem poder para soffrê-lo,  
Sem se acabar a vida co cuidado,  
Tambem terá poder para dizê-lo.

Nem eu escrevo um mal, já acostumado,  
Mas na alma minha, triste e saudosa,  
A saudade escreve e eu traslado.

Ando gastando a vida trabalhosa  
E esparzindo a continua soidade,  
Ao longo d'uma praia soidosa.

Vejo do mar a instabilidade,  
Como com seu ruido impetuoso  
Retumba na maior concavidade.

De furibundas ondas poderoso,  
Na terra, a seu pesar, está tomando  
Lugar, em que se estenda cavernoso.

Ella, como mais fraca, lhe está dando  
As concavas entranhas, onde esteja  
Sempre com som profundo suspirando.

A todas estas cousas tenho inveja  
Tamanha, que não sei determinar-me,  
Por mais determinado que me veja.

Se quero em tanto mal desesperar-me,  
Não posso, porque Amor e saudade  
Nem licença me dão para matar-me.

As vezes, cuido em mi se a novidade  
E estranheza das cousas, co a mudança,  
Poderiam mudar uma vontade.

E com isto figuro na lembrança  
A nova terra, o novo trato humano,  
A estrangeira progenie, a estranha usança.

Subo-me ao monte que Hercules Thebano  
Do altissimo Calpe dividiu,  
Dando caminho ao Mar Mediterraneo ;

D'alli estou tenteando adonde viu  
O pomar das Hesperides, matando  
A serpe que a seu passo resistiu.

Estou-me em outra parte figurando  
O poderoso Anteu, que derribado  
Mais força se lhe vinha accrescentando ;



Porém, do Herculeo braço subjugado,  
No ar deixando a vida, não podendo  
Dos soccorros da mãe ser ajudado.  
Mas nem com isto, emfim, que estou dizendo,  
Nem com as armas tão continuadas,  
De amorosas lembranças me defendo.  
Todas as cousas vejo demudadas,  
Porque o tempo ligeiro não consente  
Que estejam de firmeza acompanhadas.  
Vi já que a primavera, de contente,  
Em variadas cores revestia  
O monte, o campo, o valle, alegremente.  
Vi já das altas aves a harmonia,  
Que até duros penedos convidava  
A algum suave modo de alegria.  
Vi já que tudo emfim me contentava (1)  
E que, de muito cheio de firmeza,  
Um mal por mil prazeres não trocava.  
Tal me tem a mudança e estranheza,  
Que, se vou por os prados, a verdura  
Parece que se secca de tristeza.  
Mas isto é já costume da ventura,  
Porque aos olhos que vivem descontentes,  
Descontente o prazer se lhes figura.  
Oh graves e insoffríveis accidentes  
Da Fortuna e d'Amor! Que penitencia  
Tão grave dais aos peitos innocentes!  
Não basta examinar-me a paciencia  
Com temores e falsas esperanças,  
Sem que tambem me tente o mal de ausencia?  
Trazeis um brando espirito em mudanças,  
Para que nunca possa ser mudado  
De lagrimas, suspiros e lembranças.  
E, se estiver ao mal acostumado,  
Tambem no mal não consentis firmeza,  
Para que nunca viva descansado.

---

(1) Isto é: me procurava contentar.

Já quieto me achava co a tristeza (1)  
 E alli não me faltava um brando engano,  
 Que tirasse desejos da fraqueza (2).  
 Mas, vendo-me enganado estar ufano,  
 Deu á roda a Fortuna, e deu comigo  
 Onde de novo choro o novo dano.  
 Já deve de bastar o que aqui digo,  
 Para dar a intender o mais que calo  
 A quem já viu tão aspero perigo.  
 E, se nos brandos peitos faz abalo  
 Um peito magoado e descontente,  
 Que obriga a quem o ouve a consolá-lo,  
 Não quero mais senão que largamente,  
 Senhor, me mandeís novas dessa terra,  
 Que alguma dellas me fará contente.  
 Porque, se o duro fado me desterra  
 Tanto tempo do bem, que o fraco espirito  
 Desampare a prisão, onde se encerra,  
 Ao som das negras aguas do Cocito,  
 Ao pé dos carregados arvoredos,  
 Cantarei o que na alma tenho escripto.  
 E por entre estes (3) horridos penedos,  
 A quem negou Natura o claro dia,  
 Entre tormentos asperos e medos,  
 Com a tremula voz, cansada e fria,  
 Celebrarei o gesto claro e puro,  
 Que nunca perderei da phantasia.  
 O musico da Thracia, já seguro  
 De perder sua Eurydice, tangendo  
 Me ajudará, ferindo o ar escuro.  
 As namoradas sombras, revolvendo  
 Memorias do passado, me ouvirão,  
 E com seu choro o rio irá crescendo.

---

(1) Creio que o poeta allude ao seu estado de espirito, ao voltar do Ribatejo. Estava resignado a não pensar mais na infanta, mas achou-se illudido.

(2) Que lhe tirasse desejos de fraquejar, de abandonar o proposito em que estava.

(3) Talvez: *esses*.

Em Salmoneu as penas faltarão,  
 E das filhas de Bello juntamente  
 De lagrimas os vasos se encherão.  
 Que, se amor não se perde em vida ausente,  
 Menos se perderá por morte escura,  
 Porque, emfim, a alma vive eternamente,  
 E amor é effeito da alma, e sempre dura.

Percorramos agora a epistola 1.<sup>a</sup>, a que alguns dão o nome de *Oitavas sobre o desconcerto do mundo* (1).

Apresentando-se como victima da Fortuna (2), o poeta

(1) «Outro producto (do periodo africano), de peso, e bem valioso, são as *Oitavas sobre o desconcerto do mundo*, que julgo escriptas quasi no fim do exilio... A austera poesia foi enviada, segundo a tradição, ao joven discipulo de Camões (D. Antonio de Noronha). Houve tempo em que duvidei da veracidade desta noticia, mas hoje dou-a por certa.» (W. Storck, *Vida de Camões*, p. 406). Creio que o destinatario da epistola foi o pae de D. Antonio de Noronha. O ex-discipulo do poeta era ainda muito novo (nascera em 1536), para receber deste confidencias intimas e para lhe prestar os serviços de que precisava. Além disso, a elevação da epistola e até a sua estructura grammatical não eram para creanças.

O nome dado ás «magnificas estancias, sem igual na lyrica portugêsa, a não ser que nas proprias obras de Camões encontrem paralelos» (W. Storck, p. 408), provém da 1.<sup>a</sup> oitava :

Quem póde ser no mundo tão quieto,  
 Ou quem terá tão livre o pensamento,  
 Quem tão experimentado, ou tão discreto,  
 Tão fóra, emfim, de humano entendimento,  
 Que, ou com publico effeito, ou com secreto,  
 Lhe não revolve e espante o sentimento,  
 Deixando-lhe o juizo quasi incerto,  
 Ver e notar *do mundo o desconcerto?*

(2) Fortuna, emfim, co Amor se conjurou  
 Contra mi, porque mais me magoasse ;  
 Amor a um vão desejo me obrigou,  
 Só para que a Fortuna mo negasse.

(Est. 29.<sup>a</sup>).

começa por formular o grave problema que suggere a observação quotidiana: Se existe uma Providencia, como é que ha maus que prosperam e bons que são infelizes? Como é que a Fortuna pôde favorecer os primeiros e tornar a vida amargurada aos segundos?

Quem ha que veja aquelle que vivia  
De latrocinios, mortes e adulterios,  
Que ao juizo das gentes merecia  
Perpetua pena, immensos vituperios,  
Se a Fortuna em contrario o leva e guia,  
Mostrando emfim que tudo são mysterios,  
Em alteza de estados triumphante,  
Que, por livre que seja, não se espante?  
(Est. 2.º).

Quem ha que veja aquelle que tão clara  
Teve a vida, que em tudo por perfeito  
O proprio Momo ás gentes o julgára,  
Inda quando lhe visse aberto o peito,  
Se a má Fortuna, ao bom sómente avara,  
O reprime e lhe nega seu direito,  
Que lhe não fique o peito congelado,  
Por mais e mais que seja experimentado?  
(Est. 3.º).

Houve um philosopho grego que procurou resolver a questão, admittindo a existencia de dous deuses, mas esta solução não se conforma nem com os principios racionais, nem com a doutrina christã.

Democrito dos deuses proferia  
Que eram só dous: a Pena e o Beneficio.  
Segredo algum será da phantasia,  
De que eu achar não posso claro indicio;  
Que, se ambos vem por não cuidada via  
A quem os não merece, é grande vicio  
Em deuses sem-justiça (1) e sem-razão.  
Mas Democrito o disse e Paulo não.

---

(1) É provavel que o poeta escrevesse: *injustiça*.



Póde dizer-se que este *desconcerto* da Fortuna não data d'agora, antes é tão antigo como o mundo. Mas isto não resolve, antes agrava o problema.

Dir-me-eis que, se este estranho *desconcerto*  
Novamente no mundo se mostrasse,  
Que, por livre que fosse e mui experto,  
Não era de espantar, se me espantasse;  
Mas que, se já de Socrates foi certo  
Que nenhum grande caso lhe mudasse  
O vulto, ou de prudente ou de constante,  
Exemplo tome d'elle e não me espante.

(Est. 5.<sup>a</sup>).

Parece a razão boa; mas eu digo  
Deste uso da Fortuna tão damnado  
Que, quanto é mais usado e mais antigo,  
Tanto é mais estranhado e blasphemado.  
Porque, se o Ceu, das gentes tão amigo,  
Não dá á Fortuna tempo limitado,  
Não é para causar mui grande espanto,  
Que mal, tão mal olhado, dure tanto?

(Est. 6.<sup>a</sup>).

Mas, como se não bastasse o ser a Fortuna uma entidade tão caprichosa, não ha quem della não espere alguma cousa! A ambição, o *pretender do mundo fama e fructo*, faz com que ninguem lhe escape, nem mesmo quem professa desprezá-la!

Outro espanto maior aqui me enleia,  
Que, com quanto Fortuna tão profana  
Com estes *desconcertos* senhoreia,  
A nenhuma pessoa desengana.  
Não ha ninguem que assente nem que creia  
Este discurso vão da vida humana,  
Por mais que philosophe, nem que entenda,  
Que algum pouco do mundo não pretenda.

(Est. 7.<sup>a</sup>).

Diogenes pisava de Platão  
 Com seus sordidos pés o rico estrado,  
 Mostrando outra mais alta presumpção  
 Em desprezar o fausto tão prezado.  
 — Diogenes, não vês que extremos são,  
 Esses que segues, de mais alto estado?  
 Pois, se de desprezar te prezas muito,  
 Já pretendes do mundo fama e fruto —.

(Est. 8.<sup>a</sup>).

Em séguida o poeta, passando por alto várias categorias de ambiciosos, interpella directamente Cesar e Platão, e pergunta-lhes de que lhes valeram os trabalhos em que quizeram envolver-se. O primeiro morreu ás mãos dos seus; o segundo não conseguiu eximir-se aos erros da gentildade.

Mas pergunto ora a Cesar esforçado,  
 Ora a Platão divino, que me diga,  
 Este das muitas terras em que andou,  
 Aquelle de vencê-las, que alcançou?

(Est. 11.<sup>a</sup>).

Cesar dirá: Sou digno de memoria;  
 Vencendo povos vários e esforçados,  
 Fui monarca do mundo, e larga historia  
 Ficaré de meus feitos sublimados.  
 — É verdade; mas esse mando e gloria  
 Lograste-o muito tempo? Os conjurados  
 Bruto e Cassio dirão que, se venceste  
 Emfim, emfim ás mãos dos teus morreste.

(Est. 12.<sup>a</sup>).

Dirá Platão: Por ver o Etna e o Nilo,  
 Fui a Sicilia, Egypto e outras partes,  
 Só por ver e escrever em alto estylo  
 Da natural sciencia e muitas artes.  
 — O tempo é breve e queres consumi-lo,  
 Platão, todo em trabalhos? E repartes  
 Tão mal de teu estudo as breves horas,  
 Que emfim do falso Phebo (1) o filho adoras?

(Est. 13.<sup>a</sup>).

---

(1) Proponho a correcção *Chrono* (Saturno), pai de Jupiter (Zeus).

E afinal de que vale a ambição? Para que servem os trabalhos a que ella obriga? Porque é que o homem se ha de submeter aos revezes da fortuna? Lá vem a morte, que tudo inutiliza. A alma terá mais em que occupar-se e o corpo já nada sente.

*Por* (1) quanto, dês que vive já apartada  
 A alma desta prisão terrestre e escura,  
 Está em tamanhas cousas occupada,  
 Que da fama que fica nada cura,  
 E o corpo terreno *sente* nada (2).  
 O Cynico dirá se por ventura  
 No campo, onde lançado morto estava,  
 De si os cães ou as aves enxotava (3).  
 (Est. 14.<sup>a</sup>).

Mas se a Fortuna, que é cega, sobre todos procura exercer o seu imperio, como poderemos escapar-lhe?

Para os que *têm baixa a phantasia*, ha só um meio: é nunca se metterem em *grandes cousas*.

Quem tão baixa tivesse a phantasia,  
 Que nunca em móres cousas a mettesse,  
 Que em só levar seu gado á fonte fria,  
 E mungir-lhe do leite que bebesse,  
 Quão bem-aventurado que seria!  
 Que, por mais que a Fortuna revolvesse,  
 Nunca em si sentiria maior pena,  
 Que pesar-lhe de a vida ser pequena.  
 (Est. 15.<sup>a</sup>).

---

(1) Lição corrente: *Pois quanto*.

(2) Parece-me que deve lêr-se assim e não: *E se o corpo terreno sinta nada*.

(3) Nos versos 7 e 8, o imperfeito pelo futuro. Trata-se de uma das muitas anedotas attribuidas a Diogenes.

Veria erguer do sol a roxa face,  
 Veria correr sempre a clara fonte,  
 Sem imaginar a agua donde nace,  
 Nem quem a luz occulta no horizonte;  
 Tangendo a frauta donde o gado paze,  
 Conheceria as hervas do alto monte;  
 Em Deus creria, simples e quieto,  
 Sem mais especular algum secreto.

(Est. 16.\*).

Os outros, *os que não têm baixa a phantasia*, só podem evitar os golpes da Fortuna, achando-se num estado semelhante ao de Trasiláo.

De um certo Trasiláo se lê e escreve,  
 Entre as cousas da velha antiguidade,  
 Que perdido grão tempo o siso teve,  
 Por causa d'uma grave enfermidade.  
 E, emquanto de si fóra doudo esteve,  
 Tinha por teima e cria por verdade  
 Que eram suas, das naus que navegavam,  
 Quantas no porto Pireu ancoravam.

(Est. 17.\*).

Por um senhor mui grande se teria,  
 Além da vida alegre que passava,  
 Pois nas que se perdiam não perdia,  
 E das que vinham salvas se alegrava.  
 Não tardou muito tẽpo quando um dia  
 Um Crito, seu irmão, que ausente estava,  
 Á terra chega, e, vendo o irmão perdido,  
 Do fraternal amor foi commovido.

(Est. 18.\*).

Aos medicos o entrega e com aviso  
 O faz estar (1) á cura refusada.  
 Triste! que, por tornar-lhe o antigo siso,  
 Lhe tira a doce vida descansada.

---

(1) Escreveria o poeta: *entrar*?



As hervas Apollineas de improviso  
O tornam á saude já passada.  
Sisudo, Trasiláo ao caro irmão  
Agradece a vontade, a obra não.

(Est. 19.<sup>a</sup>).

Porque, depois de ver-se no perigo  
Do trabalho a que o siso o obrigava,  
E depois de não ver o estado antigo,  
Que a louca presumpção lhe apresentava,  
— Oh inimigo irmão, com côr de amigo,  
Para que me tiraste (suspirava)  
Da mais quieta vida e livre em tudo,  
Que nunca pôde ter nenhum sisudo ?

(Est. 20.<sup>a</sup>).

Por qual senhor algum eu me trocára,  
Ou por qual algum rei de mais grandeza ?  
Que me dava que o mundo se acabára,  
Ou que a ordem mudasse a natureza ?  
Agora me é penosa a vida cara ;  
Sei que cousa é trabalho e que é tristeza.  
Torna-me a meu estado, que eu te aviso  
Que na doudice só consiste o siso. —

(Est. 21.<sup>a</sup>).

E o poeta prosegue :

Vêdes aqui, senhor, bem claramente  
Como a Fortuna em todos tem poder,  
Senão só no que menos sabe e sente,  
Em quem nenhum desejo pôde haver.  
Este se pôde rir da cega gente ;  
Neste não pôde nada acontecer ;  
Nem estará suspenso da balança  
Do temor mau, da perfida esperança.

(Est. 22.<sup>a</sup>).

Vamos agora entrar na parte capital da epistola. Qual dos  
dous meios de escapar aos golpes da Fortuna prefere o poeta ?  
Dadas certas condições, não pediria

Do insano Trasiláo o doudo estado.

E essas condições são as seguintes : Ver terminado o exílio ; viver modestamente, entregue às musas ; cultivar a amizade da pessoa a quem a epistola é endereçada ; deliciar-se com as obras de determinados poetas e, finalmente, se não principalmente, ter ao pé de si *a menina dos olhos verdes*.

Mas (1), se o sereno ceu me concedêra  
Qualquer quieto, humilde e doce estado,  
Onde com minhas musas só vivêra,  
Sem ver-me em terra alhea degradado ;  
E alli outrem ninguem me conhecêra,  
Nem eu conhecêra outrem mais honrado,  
Senão a vós, tambem como eu contente,  
Que bem sei que o serieis facilmente ;

(Est. 23.\*).

E ao longo d'uma clara e pura fonte (2),  
Que, em borbulhas nascendo, convidasse  
Ao doce passarinho, que nos conte  
Quem da cara consorte o apartasse,  
Despois, cobrindo a neve o verde monte,  
Ao gasalhado o frio nos levasse (3),  
Avivando o juizo ao doce estudo,  
Mais certo manjar da alma emfim que tudo,

(Est. 24.\*).

Cantára-nos aquelle, que tão claro  
O fez o fogo da arvore Phebêa (4),  
A qual elle em estylo grande e raro  
Louvando, o crystallino Sorga enfrêa ;

---

(1) As cinco estancias que se seguem (23 a 27) formam grammaticalmente um unico periodo. O *Mas* de 23, 1, liga-se directamente com o *Não pedira* de 27, 5, interpondo-se várias orações condicionaes, embora só esteja expresso um *se*. Assim : 23, 5, *E se alli* ; 24, 1, *E se ao longo* ; 26, 1, *E se comnosco* ; 27, 1, *E se emquanto*.

(2) Este verso liga-se grammaticalmente com 25, 1, 5, 7.

(3) Anacolutho : *No gasalhado onde* o frio, etc.

(4) Petrarca, o cantor de Laura. O *louro* era a arvore consagrada a Phebo (Apollo).

Tangera-nos na frauta Sanazaro,  
 Ora nos montes, ora por a arêa;  
 Passára, celebrando o Tejo ufano,  
 O doce e brando Lasso castelhano;  
 (Est. 25.<sup>a</sup>).

E comnosco tambem se achára aquella,  
 Cuja lembrança e cujo claro gesto  
 Na alma sómente vejo, porque nella  
 Está em essencia puro e manifesto,  
 Por alta influição de minha estrella,  
 Mitigando o rigor do peito honêsto (1),  
 Entretecendo rosas nos cabellos,  
 De que tomasse a luz o sol em vê-los;  
 (Est. 26.<sup>a</sup>).

E, emquanto por verão flores colhesse,  
 Ou por inverno, ao fogo accomodado,  
 O que de mi sentira nos dissesse,  
 De puro amor o peito salteado,  
 — Não pedira eu então que Amor me desse  
 Do insano Trasiláo o doudo estado,  
 Mas que alli me dobrasse o intendimento,  
 Por ter de tanto bem conhecimento.  
 (Est. 27.<sup>a</sup>).

Esboçado, porém, este programma, o poeta pergunta:

Mas por onde me leva a phantasia?  
 Porque imagino em bem-aventuranças,  
 Se tão longe a Fortuna me desvia,  
 Que inda me não consente as esperanças?  
 Se um novo pensamento Amor me cria,  
 Onde o lugar, o tempo, as esquivanças,  
 Do bem me fazem tão desamparado,  
 Que não póde ser mais que imaginado?  
 (Est. 28.<sup>a</sup>).

---

(1) Camões allude á justa indignação da *menina dos olhos verdes*.

E Camões, depois de se queixar da Fortuna e do Amor, que contra elle se conjuraram, conclue por esta forma :

O tempo a tal estado me chegou  
E nelle quis que a vida se acabasse,  
Se ha em mim acabar-se, o que não creio,  
Que até da muita vida me receio.

(Est. 29.\*).

Foram tambem escriptas nesta phase as seguintes redondilhas, tão repassadas de resignada melancolia :

*Mote*

Esperanças mal tomadas,  
Agora vos deixarei,  
Tão mal como vos tomei.

*Voltas*

Fostes tomadas em vão  
De mim, sem (1) fundamento ;  
E vós ereis todas de vento  
E eu delle vivia então.  
Se vos tomei sem razão,  
Com ella vos deixarei,  
Tão mal como vos tomei.

Assim vos queria ter,  
Sem razão e mal tomadas,  
Sabendo, quando deixadas,  
Quanto havieis de doer.  
Mas nem isto póde ser,  
Que por meu mal vos tomei,  
E por vós me deixarei (2).

(1) Talvez : e sem e no v. seguinte : *Vós ereis*, ou *todas vento*.

(2) Escreveria o poeta : *Por elle vos deixarei?*



Quereis que faça mudança?  
De vós outro bem não entendo.  
Isto só (1) se ganha em vos vendo,  
Isto só de vós se alcança.  
Mas esta vã esperança,  
Senhora, se eu a tomei  
Por vós, como a deixarei?

*Mote*

Ó meus altos pensamentos,  
Quão altos que vos pusestes  
E quão grande queda déstes!

*Volta*

Como de mim vos não vinha  
Serdes firmes num estado  
(Pois o viver enganado  
Era o maior bem que tinha),  
Castello d'esta alma minha,  
Quão alto que vos pusestes  
E quão grande queda déstes!

Sabia que ereis de vento,  
Como quem vos viu fazer;  
Inda assim vos queria ter,  
Como ereis sem fundamento.  
Quem vos desfez num momento?  
Ai! Quão alto vos pusestes  
E quão grande queda déstes!

Quantas lagrimas, porém, não derramou o enamorado poeta, antes de chegar a este estado de espirito! Quantas vezes se não lembrou de morrer, emquanto não arrancou do coração o *seu alto pensamento!*

---

(1) O só está demais. Ou deverá ler-se: *só ganho?*

Lêam-se, entre outras, as poesias que se seguem.

Já a roxa Manhã (1) clara  
 As portas do oriente vinha abrindo,  
 Dos montes descobrindo  
 A negra escuridão, da luz avara.  
 O Sol, que nunca pára,  
 Da sua alegre vista saudoso,  
 Trás ella pressuroso,  
 Nos cavallos cansados do trabalho,  
 Que respiram nas hervas fresco orvalho,  
 Se estende claro, alegre e luminoso.  
 Os passaros, voando,  
 De raminho em raminho vão saltando,  
 E com suave e doce melodia  
 O claro dia estão manifestando.

A Manhã bella, amena,  
 Seu rosto descobrindo, a espessura  
 Se cobre de verdura,  
 Clara, suave, angelica, serena.  
 Oh deleitosa pena!  
 Oh effeito de amor, alto e potente!  
 Pois permite e consente  
 Que, ou onde quer que eu ande ou donde esteja,  
 O seraphico gesto sempre veja,  
 Por quem de viver triste<sup>s</sup> sou contente.  
 Mas tu, Aurora pura,  
 De tanto bem dá graças á ventura,  
 Pois as foi pôr em ti tão excellentes,  
 Que representas tanta formosura.

A luz, suave e leda,  
 A meus olhos me mostra por quem mouro,  
 Com os cabellos de ouro,  
 Que nenhum ouro iguala, se os remeda.

---

(1) O poeta como que personifica a manhã (aurora) e o sol e vê naquella a representação da bem-amada, que lhe apparece á hora da morte.

Esta a luz é que arreda  
 A negra escuridão do sentimento  
 Ao doce pensamento.  
 Os orvalhos das flores delicadas  
 São, nos meus olhos, lagrimas cansadas,  
 Que eu choro co prazer de meu tormento.  
 Os passaros que cantam,  
 Meus espiritos são, que a voz levantam,  
 Manifestando o gesto peregrino  
 Com tão divino som, que o mundo espantam.

Assi como acontece  
 A quem a cara vida está perdendo  
 Que, emquanto vai morrendo,  
 Alguma visão santa lhe aparece :  
 A mim, em quem fallece  
 A vida, que sois vós, minha Senhora,  
 A esta alma, que em vós mora,  
 Emquanto da prisão se está apartando,  
 Vos estais justamente apresentando  
 Em fórma de formosa e roxa Aurora.  
 Oh ditosa partida !  
 Oh gloria soberana, alta e subida,  
 Se *ma* (1) não impedir o meu desejo !  
 Porque o que vejo, emfim me torna a vida.

Porém a natureza,  
 Que nesta pura vista se (2) mantinha,  
 Me falta tão asinha,  
 Como o Sol *sahe sobre a* (1) redondeza.  
 Se houverdes que é fraqueza  
 Morrer em tão penoso e triste estado,  
 Amor será culpado  
 Ou vós, onde elle vive tão isento,  
 Que causastes tão largo apartamento,  
 Porque perdesse a vida co cuidado.

---

(1) Correção proposta por W. Storck, *Säm. Gedichte*, IV, 321-2.

(2) Talvez : *me*; *faltou* (v. 3.º); *salú* (v. 4.º).

Que, se viver não posso,  
 Homem formado só de carne e osso,  
 Esta vida que perco, Amor ma deu,  
 Que não sou meu: se morro, o damno é vosso.  
 Canção de cysne, feita em hora extrema (1),  
 Na dura pedra fria  
 Da (2) memoria te deixo, em companhia  
 Do letreiro da minha sepultura,  
 Que a sombra escura já me impede o dia.  
 (Canção 3.\*).

Se, para desopprimir o seu triste coração, o poeta subia  
 ás vezes

... ao monte que Hercules Thebano  
 Do altissimo Calpe dividiu,

quantas vezes não procuraria sitios reconditos, para ai se  
 desfazer em lagrimas ardentes!

(1) Mais tarde, escrevia o poeta:

O cysne, quando sente ser chégada  
 A hora que põe termo á sua vida,  
 Harmonia maior, com voz sentida,  
 Levanta por a praia inhabitada.  
 Deseja lograr vida prolongada  
 E della está chorando a despedida.  
 Com grande saudade da partida,  
 Celebra o triste fim da sua jornada.  
 Assi, Senhora minha, quando eu via  
 O triste fim que davam meus amores,  
 Estando posto já no extremo fio,  
 Com mais suave accento de harmonia  
 Descantei, por os vossos desfavores,  
*La vuestra falsa fé y el amor mio.*

(Soneto 43).

(2) Parece-me que deve ler-se *de*.



Onde acharei lugar tão apartado  
 E tão isento em tudo da ventura,  
 Que, não digo eu de humana criatura,  
 Mas nem de feras seja frequentado?  
 Algum bosque medonho e carregado  
 Ou selva solitaria, triste e escura,  
 Sem fonte clara ou placida verdura,  
 Emfim, lugar conforme a meu cuidado?  
 Porque allí, nas entranhas dos penedos,  
 Em vida morto, sepultado em vida,  
 Me queixe copiosa e livremente?  
 Que, pois a minha pena é sem medida,  
 Allí não serei triste em dias ledos  
 E dias tristes me farão contente.

(Soneto 181).

E, depois dessas crises de lagrimas, escrevia o poeta:

Pois meus olhos não cansam de chorar  
 Tristezas, não cansadas de cansar-me,  
 Pois não se abranda o fogo, em que abrasar-me  
 Pôde quem eu jámais pude abrandar:  
 Não canse o cego Amor de me guiar  
 Onde nunca de lá possa tornar-me,  
 Nem deixe o mundo todo de escutar-me,  
 Emquanto a fraca voz me não deixar.  
 E se em montes, se em prados, e se em vales  
 Piedade mora alguma, algum amor  
 Em feras, plantas, aves, pedras, aguas,  
 Ouçam a longa historia de meus males  
 E curem sua dôr com minha dôr;  
 Que grandes maguas podem curar maguas.

(Soneto 67).

De vós me parto, ó vida, e em tal mudança  
 Sinto vivo da morte o sentimento.  
 Não sei para que é ter contentamento,  
 Se mais ha de perder quem mais alcança.  
 Mas dou-vos esta firme segurança:  
 Que, posto que me mate o meu tormento,  
 Por as aguas do eterno esquecimento  
 Segura passará minha lembrança.

Antes sem vós meus olhos se entristeçam,  
 Que com cousa outra alguma se contentem;  
 Antes os esqueçais, que vos esqueçam.  
 Antes nesta lembrança se atormentem,  
 Que com esquecimento desmereçam  
 A gloria que em soffrer tal pena sentem.  
 (Soneto 22).

Suspiros inflammados, que cantais  
 A tristeza com que vivi tão ledo,  
 Eu morro e não vos levo, porque hei medo  
 Que ao passar do Letheio vos percais.  
 Escriptos para sempre já ficais,  
 Onde vos mostrarão todos co dedo,  
 Como exemplo de males; e eu concedo  
 Que para aviso de outros estejais.  
 Em quem, pois, virdes largas esperanças  
 De Amor e da Fortuna (cujos danos  
 Alguns terão por bem-aventuranças),  
 Dizei-lhe que os servistes muitos annos,  
 E que em Fortuna tudo são mudanças,  
 E que em Amor não ha senão enganãos.  
 (Soneto 73).

Como não era de appetecer a morte, para quem tanto  
 soffria, para quem não via outra maneira de sair do *abysmo*  
*infernial do seu tormento* (1)!

---

(1) Queixando-se do Amor, diz o poeta :

... Por usar de suas isenções,  
 Buscou fingidas causas de matar-me;  
 Que, para derribar-me  
 A este abysmo infernal do meu tormento,  
 Nunca soberbo foi meu pensamento,  
 Nem pretendeu mais alto levantar-se  
 D'aquillo que elle quis; e se elle ordena  
 Que eu pague seu ousado atrevimento, etc.  
 (Canção 2.ª).

Posto me tem Fortuna em tal estado,  
 E tanto a seus pés me tem rendido!  
 Não tenho que perder, já de perdido,  
 Nem tenho que mudar, já de mudado!  
 Todo bem para mi é acabado;  
 D'aqui dou o viver já por vivido;  
 Que aonde o mal é tão conhecido,  
 Também o viver mais será 'scusado.  
 Se me basta querer, a morte quero,  
 Que bem outra esperança não convem,  
 E curarei um mal com outro mal.  
 E, pois do bem tão pouco bem espero,  
 Já que o mal este só remedio tem,  
 Não me culpem em qu'rer remedio tal.

(Soneto 284).

Mas a morte, a não ser por um acto condemnavel, nem sempre está ás nossas ordens. Que fazer então? Desistir do *alto pensamento*, ou continuar a soffrer por causa delle?

Vejamos a luta que se travou na alma do amargurado poeta.

Já é tempo, já, que minha confiança  
 Se desça de uma falsa opinião;  
 Mas Amor não se rege por razão.  
 Não posso perder, logo, a esperança;  
 A vida si, que uma aspera mudança  
 Não deixa viver tanto um coração,  
 E eu só na morte tenho a salvação.  
 Si; mas quem a deseja não a alcança.  
 Forçado é logo que eu espere e viva.  
 Ah dura lei do Amor, que não consente  
 Quietação numa alma, que é captiva!  
 Se hei de viver emfim forçadamente,  
 Para que quero a gloria fugitiva  
 De uma esperança vã que me atormente?

(Soneto 49).

Esta canção, escripta em Ceuta, fecha assim :

Canção, não mais; que já não sei que diga.  
 Mas, porque a dor me seja menos forte,  
 Diga o pregão a causa desta morte.

Mas eram tão profundas as raizes que essa *esperança vã* tinha lançado no pobre coração do poeta! Não era melhor soffrer?

Quando a suprema dor muito me aperta,  
 Se digo que desejo esquecimento,  
 É força que se faz ao pensamento,  
 De que a vontade livre desconcerta.  
 Assi de erro tão grave me desperta  
 A luz do bem regido intendimento,  
 Que mostra ser engano ou fingimento  
 Dizer que em tal descanso mais se acerta.  
 Porque essa propria imagem, que na mente  
 Me representa o bem de que careço,  
 Faz-mo d'um certo modo ser presente.  
 Ditosa é logo a pena que padeço,  
 Pois que da causa della em mi se sente  
 Um bem que, inda sem ver-vos, reconheço.  
 (Soneto 146).

Lembranças saudosas, se cuidais  
 De me acabar a vida neste estado,  
 Não vivo com meu mal tão enganado,  
 Que não espere d'elle muito mais.  
 De longo tempo já me costumais  
 A viver de algum bem desesperado;  
 Já tenho co a Fortuna concertado  
 De soffrer os tormentos que me dais.  
 Atada ao remo tenho a paciencia,  
 Para quantos desgostos der a vida.  
 Cuide quanto quiser o pensamento;  
 Que, pois não posso ter mais resistencia  
 Para tão dura queda, de subida,  
 Aparar-lhe-ei debaixo o soffrimento.  
 (Soneto 52).

Por fim, não houve remedio senão ceder. A Razão ficou victoriosa do Amor (1).

---

(1) Não quer isto dizer que o poeta nunca mais tornasse a pensar na infanta. Desistiu de vez, é verdade, da sua louca pretensão, mas a imagem querida, como veremos, permaneceu-lhe na alma até á morte.



Quanta incerta esperança, quanto engano !  
 Quanto viver de falsos pensamentos !  
 Pois todos vão fazer seus fundamentos  
 Só no mesmo em que está seu proprio dano.  
 Na incerta vida estribam de um humano ;  
 Dão credito a palavras, que são ventos,  
 Choram despois as horas e os momentos,  
 Que riram com mais gosto em todo o anno.  
 Não haja em apparencias confianças ;  
 Entendei que o viver é de emprestado ;  
 Que o de que vive o mundo são mudanças.  
 Mudai, pois, o sentido e o cuidado,  
 Sómente amando aquellas esperanças  
 Que duram para sempre com o amado.

(Soneto 232).

Sempre a Razão vencida foi de Amor ;  
 Mas, porque assi o pedia o coração (1),  
 Quis Amor ser vencido da Razão.  
 Ora que caso póde haver maior ?  
 Novo modo de morte e nova dor !  
 Estranheza de grande admiração !  
 Pois emfim seu vigor perde a afeição,  
 Porque não perca a pena seu vigor.  
 Fraqueza, nunca a houve no querer,  
 Mas antes muito mais se esforça assim  
 Um contrario com outro, por vencer.  
 Mas a Razão, que a luta vence em fim,  
 Não creio que é Razão, mas deve ser  
 Inclinação, que eu tenho contra mim.

(Soneto 149).

E o poeta, forçado a renunciar aos seus *altos pensamentos*,  
 começou a lembrar-se outra vez da *menina dos olhos verdes*,

---

(1) Foi o coração que pediu ao Amor se deixasse vencer da Razão.  
 Isto é: foi por amor á infanta que o poeta deixou de a amar.

daquella cujo claro gesto via impresso na sua alma:

(Se) comnosco tambem se achára aquella  
 Cuja lembrança e cujo claro gesto  
 Na alma sómente vejo, porque nella  
 Está em essencia puro e manifesto...

(Epistola 1.<sup>a</sup>, xxvi, 1-4).

Com que saudades se não recordaria elle agora dos despreocupados tempos em que namorava a gentil menina! Como lhe não acudiriam á memoria aquelles deliciosos versos com que, fingindo uma paixão que não tinha, procurava captivar um coração só apparentemente esquivo!

*Mote*

Menina formosa e crua,  
 Bem sei eu  
 Quem deixára de ser seu,  
 Se vós quisereis ser sua.

*Volta*

.....  
 Nos olhos e na feição  
 Vos vi, quando vos olhava,  
 Tanta graça, que vos dava  
 De graça este coração.

Não no quisestes, de crua,  
 Por ser meu...  
 Se outrem vos dera o seu,  
 Póde ser foreis mais sua.

.....

*Mote (alheio)*

Menina dos olhos verdes,  
 Porque me não vedes?

## Vol. 175

Elles verdes são,  
 E têm por usança,  
 Na côr, esperança,  
 E nas obras não.  
 Vossa condição  
 Não é de olhos verdes,  
 Porque me não vedes.  
 .....  
 Verdes não o são,  
 No que alcanço delles:  
 Verdes são aquelles,  
 Que esperanças dão.  
 Se na condição  
 Está serem verdes,  
 Porque me não vedes?

Para a solução da mais dolorosa crise que o poeta atravessou na sua tão atormentada vida, muito devem ter contribuído, creio eu, as noticias que os seus amigos não deixariam de lhe mandar para Ceuta (1), relativas ao proximo casamento da infanta com o herdeiro do throno de Espanha. Essa crise, com effeito, coincide precisamente com um dos periodos em que Carlos V e a rainha D. Leonor mais empenhados andaram em que ella casasse.

Foi talvez ao receber de Lisboa alguma carta mais cir-

---

(1) Habitudo a receber noticias que lhe não agradavam, o poeta escrevia de Ceuta:

Não quero mais senão que largamente,  
 Senhor, me mandeis novas dessa terra,  
 Que alguma dellas me fará contente.  
 (Elegia 2.ª).

cumstanciada e mais precisa sobre o assumpto, que o poeta escreveu com lagrimas de sangue este admiravel soneto :

O dia em que eu naci moura e pereça ;  
 Não o queira jámais o tempo dar ;  
 Não torne mais ao mundo e, se tornar,  
 Eclipse nesse passo o sol padeça.  
 A luz lhe falte, o ceu se lhe escureça ;  
 Mostre o mundo sinais de se acabar ;  
 Naçam-lhe monstros, sangue chova o ar ;  
 A mãe ao proprio filho não conheça.  
 As pessoas, pasmadas de ignorantes,  
 As lagrimas no rosto, a cor perdida,  
 Cuidem que o mundo já se destruiu.  
 Oh gente temerosa, não te espantes,  
 Que este dia deitou ao mundo a vida  
 Mais desventurada que se viu (1).

(1) *Cancioneiro* de L. Franco Correia (fl. 132). Juromenha reproduz o soneto sob o n.º 339, alterando e estropiando sem motivo o 1.º verso e o 5.º, e corrigindo assim o ultimo, sem qualquer indicação de que ha aqui uma emenda :

Mais desgraçada que jámais se viu.

Direi de passagem que no mesmo *Cancioneiro* se encontra mais de um soneto escripto em Ceuta. O estado do texto, porém, deixa bastante a desejar, como a desejar deixam tambem as reproducções que delle se tem feito e de que tenho conhecimento. Cf. a fl. 139 o soneto que começa :

Lembranças tristes, pera que gastais tempo  
 Em cansar mais um coração cansado ?  
 Contentai-vos em me ver em tal estado,  
 Não queirais de mim mor vencimento.

E a fl. 140 :

Saudades m'atormentã cruamente,  
 Saudades de meu bem passado ;  
 Mas são eu a tantos males condenado  
 Sem rezão por que posso ser ausente.



A meu ver, reportam-se também ao tempo do exílio em Ceuta, e delle datam, as celebres redondilhas que começam *Sôbolos* (1) *rios que vão* (2).

Inspirando-se no bello psalmo 136 (3), o poeta dá-nos conta de duas phases por que alli passou o seu espirito, relativamente á infanta.

(1) Talvez: *Sobre los*. Cf. *Lusiadas*, vii, 4, 1 e 5, 1: *Vêde los allemães; Vêde lo duro inglés*.

(2) Palavras de W. Storck: «Anteriormente, datei esta grandiosa canção, que é, no sentir de muitos, a mais sublime e altisonante de todas as poesias lyricas do poeta, dos dias immediatos ao naufragio nas costas de Cambodja... Mas agora... vejo-me compellido a impugnar aquelle parecer... Penso... que as redondilhas... surgiram na mente inspirada do grande vate durante aquelles quarenta dias em que vogava de Gôa para Malacca (abril e maio de 1556)». *Vida de Camões*, p. 562. Cf. p. 531: «Só assim comprehenderemos (o illustre camonista refere-se aos vícios que corroíam os portuguezes no Oriente) como foi que o Camões chamou a Gôa *Babel* da India; porque é que considerava *des-terro* a sua estada no Oriente; e ainda porque é que um poeta, que até então cantára o seu amor, se sentou melancolicamente sonhando nas ribeiras de Babel (isto é, nas margens goenses), entoando, em vez de canticos de Zião, ou canções trovadorescas, apenas versos luctuosos de desolação e desconforto».

(3) Eis como principia este psalmo, na Vulgata: «*Super flumina Babylonis illic sedimus et flevimus, cum recordaremur Sion*». Assim se lastimam os judeus captivos nas margens do Euphrates. Lêa-se agora a primeira quintilha de Camões:

Sôbolos rios que vão  
 Por Babylonia, me achei,  
 Onde sentado chorei  
 As lembranças de Sião  
 E quanto nella passei.

Que é, porém, Babylonia? Que são os seus rios? Que é Sião?

A primeira é o proposito de não mais entoar canticos d'amor, muito embora nunca haja de esquecer aquella que os havia inspirado. Isto é: o poeta desiste das suas pretensões, mas guardará no coração a imagem da bem-amada.

Como homem que, por exemplo  
 Dos transe em que se achou,  
 Depois que a guerra deixou,  
 Pelas paredes do templo  
 Suas armas pendurou:

---

Dizem-no estas estancias (2.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>):

Alli *um* rio corrente  
 De meus olhos foi manado,  
 E tudo bem comparado:  
 Babylonia ao mal presente,  
 Sião ao tempo passado.

.....

Bem são rios estas aguas,  
 Com que banho este papel;  
 Bem parecem ser cruel  
 Variedade de maguas  
 E confusão de Babel.

Babylonia é a amargurada situação do poeta, ao escrever no exilio as *incomparaveis redondilhas* (assim lhes chama tambem W. Storck, p. 532); Sião são as doces lembranças do tempo passado na patria.

Alli lembranças contentes  
 Na alma se representaram,  
 E minhas cousas ausentes  
 Se fizeram tão presentes,  
 Como se nunca passaram.

Assi, depois que assentei  
 Que tudo o tempo gastava,  
 Da tristeza que tomei,  
 Nos salgueiros pendurei  
 Os órgãos com que cantava (1).

Aquelle instrumento ledo  
 Deixei da vida passada,  
 Dizendo: musica amada,  
 Deixo-vos neste arvoredo,  
 Á memoria consagrada.

Frauta minha, que, tangendo,  
 Os montes fazieis vir  
 Para onde estáveis, correndo,  
 E as aguas, que iam descendo,  
 Tornavam logo a subir,

Jámais vos não ouvirão  
 Os tigres, que se amansavam,  
 E as ovelhas, que pastavam,  
 Das hervas se fartarão,  
 Que, por vos ouvir, deixavam.

Já não fareis docemente  
 Em rosas tornar abrolhos  
 Na ribeira florecente,  
 Nem poreis freio á corrente,  
 E mais se for dos meus olhos.

Não movereis á espessura,  
 Nem podereis já trazer  
 Atrás vós a fonte pura,  
 Pois não pudestes mover  
 Desconcertos da ventura.

---

(1) Cf. psalmo cit., v. 2: «*In salicibus in medio eius suspendimus organa nostra*». Sobre a significação da palavra *organa* lê-se em Rich: «Par extension, ce nom est donné surtout aux instruments de musique, ... et, parmi eux, plus particulièrement à celui dont vient notre orgue». *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques*, v. *Organum* (Paris, 1873).

Ficareis offerecida  
 À Fama, que sempre vela,  
 Frauta, de mi tão querida,  
 Porque, mudando-se a vida  
 Se mudam os gostos della.

.....

Mas — deixar nesta espessura  
 O canto da mocidade —  
 Não cuide a gente futura  
 Que será obra da idade  
 O que é força da ventura.

Que idade, tempo e espanto  
 De ver quão ligeiro passe,  
 Nunca em mi poderão tanto  
 Que, posto que deixo o canto,  
 A causa delle deixasse.

Mas em tristezas e nojos,  
 Em gôsto e contentamento,  
 Por sol, por neve, por vento,  
*Tendré presente á los ojos*  
*Por quien muero tan contento* (1).

Orgãos e frauta deixava,  
 Despojo meu tão querido,  
 No salgueiro que alli estava,  
 Que para tropheu ficava  
 De quem me tinha vencido.

---

(1) Como fonte destes dous versos cita W. Storck (*S. Gedichte*,  
 1, 352) a seguinte passagem de Boscan (soneto 15):

*Donde quiera ternè siempre presentes*  
*Los ojos por quien muero tan contento.*



Porque não canta, porém, o desolado poeta, ao menos para minorar as suas maguas?

... Lembranças da afeição,  
Que alli captivo me tinha,  
Me perguntaram então (1)  
— Que era da musica minha,  
Que eu cantava em Sião?

Que foi daquelle cantar,  
Das gentes tão celebrado?  
Porque o deixava de usar,  
Pois sempre ajuda a passar  
Qualquer trabalho passado (2)? —

Eis como elle responde:

Eu que estas cousas senti  
Na alma, de maguas tão cheia,  
— Como dirá, respondi,  
Quem alheio está de si  
Doce canto em terra alheia (3)?

Como poderá cantar  
Quem em chôro banha o peito?  
Porque, se quem trabalhar  
Canta por menos cansar,  
Eu só descansos engeito;

---

(1) No psalmo 136, quem pergunta aos judeus captivos porque não cantam, são os proprios inimigos que os levaram para o exilio. «*Quia illic interrogaverunt nos, qui captivos duxerunt nos, verba cantionum; Et qui abduxerunt nos: Hymnum cantate nobis de canticis Sion*» (v. 3).

(2) Não deverá ler-se *pesado*?

(3) Psalmo 136, v. 4: «*Quomodo cantabimus canticum Domini in terra aliena?*»

Que não parece razão,  
 Nem seria cousa idonia,  
 Por abrandar a paixão  
 Que cantasse em Babylonia  
 As cantigas de Sião.

Que, quando a muita graveza  
 De saudade quebrante  
 Esta vital fortaleza,  
 Antes morra de tristeza,  
 Que, por abrandá-la, cante.

Que, se o fino pensamento  
 Só na tristeza consiste,  
 Não tenho medo ao tormento;  
 Que morrer de puro triste  
 Que maior contentamento?

Nem na frauta cantarei  
 O que passo e passei já,  
 Nem menos o escreverei,  
 Porque a penna cansará  
 E eu não descansarei.

Que se vida tão pequena  
 Se accrescenta em terra estranha,  
 E se Amor assim o ordena,  
 Razão é que canse a penna  
 De escrever pena tamanha.

Porém se, para assentar  
 O que sente o coração,  
 A penna já me cansar,  
 Não canse para voar  
 A memoria em Sião.

Em seguida, num bello raptó, exclama o poeta, referindo-se a Sião, á terra da patria, que no fundo da sua alma identifica com a bem-amada (1):

---

(1) Como já fica dicto, Sião, para o poeta, era o bem passado na patria, consubstanciado no amor da infanta.

Lêa-se tambem a estancia 4.ª, em que elle, tendo-se imaginado em

Terra bem-aventurada,  
 Se, por algum movimento,  
 Da alma me fores tirada,  
 Minha penna seja dada  
 A perpetuo esquecimento (1)!

A pena deste desterro,  
 Que eu mais desejo esculpida  
 Em pedra ou em duro ferro,  
 Essa nunca seja ouvida,  
 Em castigo de meu erro!

E se eu cantar quiser,  
 Em Babylonia sujeito,  
 Hierusalem, sem te ver,  
 A voz, quando a mover,  
 Se me congele no peito!

A minha lingua se apegue  
 As fauces, pois te perdi,  
 Se, emquanto viver assi,  
 Houver tempo em que te negue  
 Ou que me esqueça de ti (2)!

---

sonhos *sobre os rios de Babylonia*, continúa a lastimar-se, depois de acordado:

Alli, depois de acordado  
 (Co rosto banhado em agua)  
 Deste sonho imaginado,  
 Vi que todo o bem passado  
 Não é gosto, mas é magua.

Apesar disso, como esse bem lhe custava a esquecer! Como elle, na primeira parte das presentes redondilhas, declara que ha de ter sempre presente aos olhos aquella por quem morreria contente!

(1) «*Si oblitus fuero tui, Jerusalem, oblivioni detur dextera mea*, diz o psalmista.

(2) «*Adhaereat lingua mea faucibus meis, si non meminero tui; Si non proposuero Jerusalem in principio laetitiae meae*!» (Ps. cit., v. 6).

Passemos agora á segunda parte do formoso poemeto, na qual Camões renuncia ao amor profano, para se elevar, em mysticos arroubos, á contemplação da belleza eterna (1).

Eis como elle prosegue, depois da ultima quintilha que fica transcripta:

Mas ó tu, terra de gloria,  
Se eu nunca vi tua essencia,  
Como me lembras na ausencia?  
Não me lembras na memoria,  
Se não na reminiscencia;

Que a alma é tabua rasa,  
Que, com a escripta doutrina  
Celeste, tanto imagina,  
Que voa da propria casa  
E sóbe á patria divina.

Não é logo a saudade  
Das terras onde nasceu  
A carne, mas é do ceu,  
Daquella santa cidade,  
Donde esta alma descendeu (2).

E aquella humana figura,  
Que cá me pôde (3) alterar,  
Não é quem se ha de buscar;  
É raio da formosura,  
Que só se deve de amar (4).

(1) Trata-se, por certo, de um aditamento, escripto quando o poeta se resolveu a desistir, sem reservas, dos *seus altos pensamentos*.

(2) Sião, agora, já não é a terra onde o poeta nasceu, já não é o bem passado; é a patria celeste, de que alma, de lá vinda, conserva reminiscencias.

(3) Leio *póde* e não *póde*.

(4) Quantas lagrimas não estão por detrás destes cinco versos! Que dolorosa luta não supõem elles, travada durante longos meses no cerebro e no coração do amargurado poeta! Que abysmo entre estas



Que os olhos e a luz (1), que ateia  
 O fogo que cá sujeita,  
 — Não do sol, nem da candeia (2) —  
 É sombra daquela ideia,  
 Que em Deus está mais perfeita.

E os (3) que cá me captivaram,  
 São poderosos affeitos,  
 Que os corações têm sujeitos.  
 Sophistas, que me ensinaram  
 Maus caminhos por direitos!

---

redondilhas e as que, em diferentes edições, se lhes seguem quasi immediatamente :

Dama de estranho primor,  
 Se vos for  
 Pesada minha firmeza,  
 Olhai não me deis tristeza,  
 Porque a converto em amor.

Se cuidais  
 De me matar, quando usais  
 De esquivança,  
 Irei tomar por vingança  
 Amar-vos cada vez mais!

.....

E para não succumbir, o pobre coração dilacerado refugia-se no amor divino, como tantos outros o têm feito em crises analogas. Este estado de espirito, porém, dada a indole do poeta, não deve ter sido muito duradoiro. Na epistola 1.<sup>a</sup> já elle suspira pela *menina dos olhos verdes*.

(1) Hendiadys, por a *luz dos olhos*, se é que o poeta não escreveu :

*Que a luz dos olhos, que ateia.*

- (2) Não é uma luz natural; é *sombra* etc.  
 (3) Os *affeitos* ou affectos do verso seguinte.

Destes o mando tyranno  
 Me obriga, com desatino,  
 A cantar ao som do dano  
 Cantares de amor profano,  
 Por versos de amor divino.

Mas eu, lustrado co santo  
 Raio, na terra da dor,  
 De confusões e de espanto,  
 Como (1) hei de cantar o canto,  
 Que só se deve ao Senhor?

Tanto póde o beneficio  
 Da graça, que dá saude,  
 Que ordena que a vida mude;  
 E o que eu tomei por vicio  
 Me faz grau para a virtude.

E faz que este natural  
 Amor, que tanto se preza,  
 Suba da sombra ao real,  
 Da particular belleza  
 Para a belleza geral.

E o convertido poeta promette nunca mais cantar o amor profano, nem deixar-se dominar por *mundanos accidentes*.

Fique logo pendurada  
 A fruta com que tangi,  
 Ó Hierusalem sagrada,  
 E tome a lyra dourada,  
 Para só cantar de ti;

Não captivo e ferrolhado  
 Na Babylonia infernal (2),  
 Mas dos vicios desatado  
 E cá desta a ti levado,  
 Patria minha natural.

---

(1) Parece-me que deve ler-se *Não*.

(2) A Babylonia de que agora falla o poeta não é nem a terra do desterro nem o *mal presente*: é o mundo com as suas seducções.

E se eu mais der a cerviz  
 A mundanos accidentes,  
 Duros, tyrannos, urgentes,  
 Risque-se quanto já fiz  
 Do grão livro dos viventes ;

E tomando já na mão  
 A lyrã santa e capaz  
 De outra mais alta invenção,  
 Calle-se esta confusão,  
 Cante-se a visão da paz.

Ouçã-me o pastor e o rei ;  
 Retumbe este accento santo ;  
 Mova-se no mundo espanto,  
 Que do mal que já cantei  
 A palinodia já canto.

A vós só me quero ir,  
 Senhor e grão capitão  
 Da alta torre de Sião,  
 Á qual não posso subir,  
 Se me vós não dais a mão.

E o poeta insiste em invocar o auxilio divino contra os affectos humanos, que o têm dominado.

E aquelle poder tão duro  
 Dos affectos com que venho,  
 Que incendem alma e ingenho,  
 Que já me entraram o muro  
 Do livre arbitrio que tenho,

Estes, que tão furiosos  
 Gritando vem a escalar-me,  
 Maus espiritos danosos,  
 Que querem como forçosos  
 Do alicerce derribar-me,

Derribai-os, fiquem sós,  
 De forças, fracós, imbelles,  
 Porque não podemos nós  
 Nem com elles ir a vós,  
 Nem sem vós tirar-nos delles.

Não basta minha fraqueza  
 Para me dar defensão,  
 Se vós, santo capitão,  
 Nesta minha fortaleza  
 Não puserdes guarnição.

E depois de se referir aos vícios carnaes e aos meios de os debellar, Camões termina, fallando nestes termos da patria celeste :

Quem do vil contentamento  
 Cá deste mundo visibil,  
 Quanto ao homem for possibil,  
 Passar logo o intendimento  
 Para o mundo intelligibil,

Alli achará alegria,  
 Em tudo perfeita, e cheia  
 De tão suãve harmonia,  
 Que nem por pouca recreia (1),  
 Nem por sobeja enfastia.

Alli verá tão profundo  
 Mysterio na summa Alteza,  
 Que, vencida a natureza,  
 Os móres faustos do mundo  
 Julgue por maior baixeza.

Ó tu, divino aposento,  
 Minha patria singular,  
 Se, só com te imaginar,  
 Tanto sóbe o entendimento,  
 Que fará se em ti se achar ?

Ditoso quem se partir  
 Para ti, terra excellente,  
 Tão justo e tão penitente,  
 Que, depois de a ti subir,  
 Lá descanse eternamente !

---

(1) Não teria o poeta escripto *estásseia* ?



Como fica dito, muito deviam ter contribuido para a solução da crise, por que em Ceuta passou a attribulada alma do poeta, as noticias que de Lisboa não deixariam de lhe ser transmittidas a respeito do projectado casamento da infanta com o principe herdeiro da corôa de Espanha (1).

Não era, com effeito, uma rematada loucura da parte de Camões continuar a mostrar-se apaixonado por quem não só se achava em tão elevada plana, mas della pretendia ainda ascender a um dos primeiros, se não ao primeiro throno do mundo?

Não foi o proprio poeta que no começo da sua paixão escreveu estes versos?

Senhora, quando imagino  
 O divino  
 Vosso gesto, claro e bello,  
 De alguma hora merecê-lo  
 Me conheço por indino;

---

(1) Sobre o estado em que se achavam as negociações para este enlace, informa-nos a carta, já anteriormente citada, que D. João III dirigiu a Lourenço Pires de Tavora, em 27 de junho de 1550. São della estas palavras: «Agora por parte de la Infanta Doña Maria fue apuntado, con todas las buenas palabras que ella en tal caso deuia dezir, que tenia entendido de buena parte que este negocio de su casamiento con el Principe se hablaua con buenos terminos y estauan las voluntades de allà tan dispuestas para esso, que sabiendose que la tenia yo de hazerse, se concluiria de todo el descanso de la Infanta mi hermana». Quer dizer: era tempo e mais que tempo que D. João III intervisse para impedir *el descanso de la Infanta su hermana*. O dinheiro que elle tinha a dar valia muito mais que a satisfação das legitimas aspirações da illustre senhora, victima de odiosos interesses materiais, mascarados por vezes com o nome não menos odioso de... conveniencias politicas!

Que, se sento  
 Ser altivo o pensamento  
 Que me inclina (1),  
 Vejo que Amor vos destina  
 Para mór merecimento.

Porque é vosso lindo aspeito  
 Tão perfeito,  
 Que na mais pequena parte  
 Não póde, por nenhuma arte (2),  
 Comprender o humano peito.

Nem me espanta  
 Porque, se tivestes tanta  
 Formosura,  
 Vossa suprema ventura  
 Mais alta vos levanta (3).

É verdade que então o poeta proseguia, pouco abaixo:

E se cuidais, por ventura,  
 Que a natura  
 Contém outro regimento,  
 Sabei que meu pensamento  
 Em vosso gesto se apura.

Nem me engano,  
 Que mudei o ser humano,  
 Como pude,  
 Em divino, por virtude  
 De gesto tão soberano.

Assim que, feito immortal  
 De mortal (4),  
 Outro nome tomarei  
 De ser vosso, pois mudei  
 O costume natural.

---

(1) Correção de W. Storck, em vez de *inclinou*.

(2) Talvez: *Não o póde, por nenhũa arte*.

(3) Por certo *alevanta* e talvez *alto*.

(4) No texto: *Ou mortal*. W. Storck propõe *Eu*.

Tambem vós,  
 Pelo bem que em vós se pôs,  
 Sereis dina  
 De serdes por vós divina,  
 Mas eu divino por vós.

Mas as decepções e os trabalhos por que tinha passado o pobre poeta haviam-no sufficientemente elucidado a respeito desta transformação. Agora já não tinha duvidas ácerca da resposta a dar á pergunta formulada no ultimo verso do soneto 137:

Eu que espèro de um ser que é mais que humano ?

Que tempo durou o exilio do poeta em Ceuta? Não me parece facil averiguá-lo, sobretudo se fôr posta de lado a opinião de que elle foi alli cumprir dous annos de serviço militar.

#### IV

##### De volta de Ceuta

Um dos artigos fundamentais do programma de vida nova, traçado em Ceuta por Camões, era, segundo vimos, a sua reconciliação com aquella

Cuja lembrança e cujo claro gesto

lhe reapareciam agora na ulcerada alma, como que a encobrir o incommensuravel vacuo que nella se fizera.

Foram, porém, baldados todos os esforços empregados por parte do poeta para realizar este intento.

Não lhe valeram satisfações, rogos nem queixumes, ex-

pressos com toda a eloquencia em admiraveis versos (eglogas 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>).

Caminha o dia todo o caminhante  
E, emfim, lhe chega a noite em que descansa;  
Trabalha na tormenta o navegante,  
Traz-lhe a clara manhã feliz bonança;  
Recobra o fruto fertil e abundante  
Da terra o lavrador, se nella cansa:  
Mas eu de meu cuidado e mal tão forte  
Tormento espero só, só crua morte.

De ouvir meu dano, as rosas matutinas  
Condoídas se cerram, se emmurhecem;  
Com meu suspiro ardente as cores finas  
Perdem o cravo, o lirio, e não florecem.  
Co'a roxa aurora as pallidas boninas,  
Em vez de se alegrarem, se entristecem.  
Deixam seu canto Progne e Philomena (1),  
Que mais lhes doe, que a sua, a minha pena.

Responde o monte concavo a meus ais,  
E tu, como aspid, cerras-lhe o ouvido;  
Os indomitos, feros animais,  
Sem humano sentir, mostram sentido;  
Mas em ti minhas dores desiguais  
Nunca movem o peito endurecido.  
Por muito que te chame, não respondes,  
E, quanto mais te busco, mais te escondes.

Naquella parte donde costumavas  
Apascentar meus olhos e teu gado,  
Alli donde mil vezes me mostravas  
Que era o pastor de ti mais desejado,

---

(1) Escrevendó *Philomena* por *Philomela* (o rouxinol), o poeta tinha presentes, além d'outros, estes versos da egloga do *brando e doce* Garcilasso *Al visorey de Napoles*:

Con la pesada voz retumba y suena  
la blanda Philomena.



Veze mil te busquei, por ver se davas  
 Algum breve descanso a meu cuidado.  
 Busco-te em vão no valle, em vão no monte,  
 Qual o ferido cervo busca a fonte.

Este lugar, de ti desamparado,  
 Em cujas sombras frias já folgaste,  
 Agora triste, escuro, é já tornado,  
 Que todo o bem contigo nos levaste.  
 Eras tu nosso sol mais desejado ;  
 Não temos luz, depois que nos deixaste.  
 Torna, meu claro sol, torna meu bem ;  
 Qual é o Josué que te detem ?

Depois que deste valle te apartaste,  
 Não pára já algum gado, com segura ;  
 Secou-se o campo, desde lhe negaste  
 Dos teus formosos olhos a luz pura ;  
 Secou-se a fonte donde já te olhaste,  
 Quando menos, que agora, aspera e dura.  
 Nega sem ti a terra, ouvindo gritos,  
 Às cabras pasto, e leite aos cabritos.

Sem ti, doce cruel minha inimiga,  
 A clara luz escura me parece ;  
 Este ribeiro, quando a dor me obriga,  
 Com meu chorar por ti contino crece ;  
 Não ha fera, a que a fome não persiga ;  
 Algum prado sem ti já não floresce.  
 Cegos estão meus olhos, nada vem,  
 Porque não podem ver seu claro bem.

.....

Torna, pois, já, pastora, ao nosso prado,  
 Se restituir-lhe queres a alegria ;  
 Alegrarás o valle, o campo, o gado,  
 E aquelle espelho teu da fonte fria.  
 Torna, torna, meu sol tão desejado ;  
 Farás a noite escura claro dia ;  
 E alegre (1) já esta vida magoada,  
 Em que só tua ausencia é parca irada.

---

(1) Talvez *Alegra*.

Vem, como quando (1) o raio transparente  
 Deste nosso horizonte, que, escondido,  
 Deixa um certo temor á mortal gente,  
 Causado de ver o orbe escurecido;  
 E quando torna a vir, claro e luzente,  
 Alegra o mundo todo entristecido:  
 Que assi é para mi tua luz pura  
 Claro sol, como a ausencia noite escura.

Mas tu, 'squecida já do bem passado  
 E do primeiro amor que me mostraste,  
 Teu coração de mi tens apartado,  
 Não menos que do valle te apartaste.  
 Não te quero eu a ti mais que a meu gado?  
 Não sou eu mesmo aquelle que tu amaste?  
 Onde o meu erro viste ou desvario,  
 Que pôde merecer-te um tal desvio?

.....

Se te apartas, por não ouvir meu rogo,  
 Onde estiveres te hei de importunar;  
 Posto que vás por agua, ferro ou fogo,  
 Comtigo em toda a parte me has de achar;  
 Que o fogo em que ardo e a agua em que me afogo,  
 Emquanto eu vivo fôr, hão de durar,  
 Pois o nó que me enlaça é de tal sorte,  
 Que não se ha de soltar em vida ou morte.

Neste meu coração sempre estarás;  
 Emquanto a alma estiver com elle unida,  
 Tambem o meu espirito possuirás.  
 Depois que a alma do corpo fôr partida,  
 Por mais e mais que faças, não farás  
 Que deixe o amar-te nesta e ess'outra vida.  
 Impossivel será que eternamente  
 Ausente estês de mi, estando ausente (2).

(Egloga 5.<sup>a</sup>, est. 14-20, 22-24, 36-37).

---

(1) Não deverá ler-se: *assim como*?

(2) Apesar de ausente, estarás sempre presente.

Foi improprio o recurso a pessoas de elevada posição social, que, condoidas do pobre sonhador, despenhado da altura das suas illuões, e receosas, por certo, de uma funesta recaída, se prestavam a ouvir-lhe os *queixumes e suspiros magoados*.

A quem darei queixumes namorados  
Do meu pastor queixoso e namorado?  
A branda voz, suspiros maguados,  
A causa porque na alma é maguado?  
De quem serão seus males consolados?  
Quem lhe fará devido gasalhado?  
Só vós, Senhor famoso e excellente,  
Especial em graças entre a gente.

Por partes mil lançando, a phantasia,  
Busquei na terra estrella que guiasse  
Meu rudo verso, em cuja companhia  
A santa piedade sempre andasse,  
Luzente e clara, como a luz do dia,  
Que o rudo engenho meu me allumiasse;  
E em vossas perfeições, grão Senhor, vejo  
Ainda além cumprido o meu desejo.

A vós se dem (1), a quem junto se ha dado  
Brandura, mansidão, engenho e arte,  
De um espirito divino acompanhado,  
Dos sobr'humanos um em toda a parte.

---

(1) Estas palavras ligam-se com o começo da 1.ª estancia. Compare-se a dedicatoria de Boscan á duquesa de Soma:

A quien daré mis amorosos versos,  
Que pretienden amor con virtud junto,  
Y dessean tambien mostrarse hermosos?  
A ti, Señora, en quien todo esto cabe,  
A ti se den, porquanto se carecen  
Estas cosas que digo que pretienden,  
En ti las hallaron complidamente.

Creio que era esta a ordem primitiva das estancias: 1.ª, 3.ª, 2.ª e 4.ª.

Em vós as graças todas se hão juntado ;  
 De vós em outras partes se reparte.  
 Sois claro raio, sois ardente chamma,  
 Gloria e louvor do tempo, asas da fama.  
 (Egloga 5.<sup>a</sup>, est. 1-3) (1).

Cantando por um valle docemente  
 Desciam dous pastores, quando Phebo  
 No reino Neptunino se escondia.

---

(1) Segundo W. Storck (*Vida de Camões*, p. 357-358), esta egloga foi dirigida ao 2.<sup>o</sup> conde de Linhares, D. Francisco de Noronha, havendo no principio da 2.<sup>a</sup> estancia uma referencia á condessa D. Violante. (Diga-se de passagem que neste tempo ainda lhes não tinha sido dado o titulo. Só depois da renuncia do irmão mais velho, D. Ignacio de Noronha, o *braguilha*, é que D. João III, em 1556, declarou 2.<sup>o</sup> conde de Linhares o seu antigo embaixador na côrte de França). É porém hoje convicção minha: 1.<sup>o</sup>) que a egloga se refere a uma pessoa só; 2.<sup>o</sup>) que essa pessoa era um prelado. Relêam-se as tres estancias e repare-se nas qualidades que o poeta attribue ao *senhor famoso e excellente*. Sobre o assumpto já a sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis escreveu em nota a Storck, *Vida de Camões*, pag. cit.: «A engenhosa interpretação de Storck será mais plausivel para os que lerem a bella versão germanica, do que para os portuguezes que recorrem ao original, porque, emquanto aquella já vem esclarecida, está este mal punctuado e bastante obscuro. Os versos 11 e 12, por exemplo («em cuja companhia a santa piedade sempre andasse») e principalmente o 20 («dos sobrehumanos um em toda a parte») ficam, ainda assim, um pouco enigmaticos, para mim pelo menos».

Quem seria esse prelado? Presumo que é o *ditoso Pinheiro* do soneto 190, isto é, talvez o barcellense D. Rodrigo Pinheiro, que era bispo de Angra desde 1548 e esteve á frente da diocese do Porto desde 1552 até 1572. (Sobre a importancia que na côrte possuia este prelado, que era governador da casa do civil na occasião em que foi escripta a egloga 5.<sup>a</sup>, veja-se, por exemplo, Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III, 652). Em D. Antonio Pinheiro, bispo de Miranda e depois de Leiria e ao tempo mestre do mallogrado príncipe herdeiro D. João, é escusado pensar, me parece, pois esse só foi elevado á dignidade episcopal no reinado de D. Sebastião, quando D. Julião d'Alva deixou o bispado de Miranda em 1565. Segundo alguns camonistas, o soneto 190 refere-se a D. Gonçalo Pinheiro, então bispo de Tanger e desembargador do paço.



De idade cada qual era mancebo,  
 Mas velho no cuidado, e descontente  
 Do que lhe elle causava parecia.  
 O que cada um dizia,  
 Lamentando seu mal, seu duro fado,  
 Não sou eu tão ousado,  
 Que o pretenda cantar sem vossa ajuda;  
 Porque, se a minhã ruda  
 Frauta deste favor vosso for dina,  
 Posso escusar a fonte Caballina.  
 (Egloga 4.<sup>a</sup>, est. 1.<sup>a</sup>) (1).

---

(1) Esta egloga, segundo creio, é dirigida a D. Francisca de Aragão, a tão formosa, como ajuizada dama da rainha D. Catharina. Della diz o dr. J. Priebisch (*Poesias inéditas de Caminha*, Halle, 1898, p. xxxv-vi): «Raras vezes uma dama da côrte portugueza foi alvo de tantas e tão entusiasticas manifestações de admiração... Os poetas mais illustres do seu tempo tributaram-lhe homenagem, cantando o esplendor da sua belleza e lamentando a altivez do seu desdem».

Namorado incorrigivel, Camões, ao voltar do Oriente, enfileirou tambem entre os apaixonados adoradores da que annos depois era nora de S. Francisco de Borja. Lêa-se, por exemplo, o soneto 268:

Este amor que vos tenho, limpo e puro,  
 De pensamento vil nunca tocado,  
 Em minha tenra idade começado,  
 Tê-lo dentro nesta alma só procuro.  
 De haver nelle mudança estou seguro,  
 Sem temer nenhum caso ou duro fado,  
 Nem o supremo bem ou baixo estado,  
 Nem o tempo presente nem futuro.  
 A bonina e a flor asinha passa;  
 Tudo por terra o inverno e estio deita;  
 Só para meu amor é sempre maio.  
 Mas ver-vos para mim, Senhora, escassa,  
 E que essa ingratição tudo me enjeita,  
 Traz este meu amor sempre em desmaio.

Já agora tambem o soneto de despedida, quando a formosa senhora,

Nada conseguiram tambem as senhoras que se prestaram a ser intermediarias, *terceiras*, no assumpto, e ás quais o poeta se dirige nestas redondilhas:

Pois a tantas perdições,  
Senhoras, quereis dar vida,  
Ditosa seja a ferida,  
Que tem tais cirurgiões.

---

em seguida ao seu casamento, acompanhou o marido para a cõrte do imperador Rodolpho II:

Ai imiga cruel! Que apartamento  
É este que fazeis da patria terra?  
Ai! Quem do amado ninho vos desterra,  
Gloria dos olhos, bem do pensamento?  
Is tentar da fortuna o movimento  
E dos ventos cruéis a dura guerra?  
Ver brenhas d'ondas? feito o mar em serra,  
Levantado de um vento e de outro vento?  
Mas já que vos partis, sem vos partirdes,  
Parta comvosco o ceu tanta ventura,  
Que se avantaje áquella que esperardes.  
E só desta verdade ide segura,  
Que fazeis mais saudades com vos irdes,  
Do que levais desejos por chegardes.

Servem de commentario a alguns versos deste soneto as seguintes palavras do sr. dr. Sánchez Moguel (*Reparaciones historicas*, Madrid, 1894, p. 225): «En el año siguiente (1576) debió verificarse el matrimonio de D. Juan (de Borja, que era embaixador de Philippe II na cõrte de Lisboa desde 1569, e tinha enviuvado em 1575) y Doña Francisca, pues de las pruebas para el hábito de Santiago del hijo mayor de ambos, Don Francisco de Borja, resulta que éste nació em 1577, según unos testigos en el mar, según otros en Génova .. Caminaban entonces D. Juan y Doña Francisca para Alemania, adonde iba D. Juan de Embajador, á pesar de los ruegos de Doña Catalina á Felipe II para que le hubiesse dado otro puesto, á causa de lo mal que probaba á Doña Francisca el passaje de la mar».

A futura condessa de Ficalho, que ia ser mãe de mais de um vice-rei espanhol, *partia-se, sem se partir*, sem deixar uma parcella do coração ao seu desconsolado adorador.

Pois ventura

Me subiu a tanta altura,  
 Que me sejais valedoras,  
 Ditosa seja a tristura,  
 Que se cura  
 Por vossos rogos, Senhoras.

Ser minha pena mortal,  
 Já que entendeis que é assi,  
 Não quero fallar por mi,  
 Que por mi falla meu mal.

Sois formosas,  
 Haveis de ser piedosas,  
 Por ser tudo de uma côr ;  
 Que pois Amor vos fez rosas  
 Milagrosas,  
 Fazei milagres d'amor.

Pedi a quem vós sabeis  
 Que saiba de meu trabalho,  
 Não pelo que eu nisso valho,  
 Mas pelo que vós valeis.

Que o valer  
 De vosso alto merecer,  
 Com lh'o pedir de giolhos,  
 Fará que em meu padecer  
 Possa ver  
 O poder que tem seus olhos.

Vossa muita formosura  
 Com a sua tanto val,  
 Que me rio de meu mal,  
 Quando cuido em quem me cura.

A meus ais  
 Peço-vos que lhe valhais,  
 Damas, de Amor tão validas,  
 Que nunca tal dôr sintais,  
 Que queirais,  
 Onde não sejais queridas.

*Olvidada e aborrecida* por causa da infanta (1), exposta á irrisão com expressões equivocac para a sua *honra delicada*, a *menina dos olhos verdes* tinha o coração morto para o *falso cavalheiro ingrato* (2), que ella tanto havia amado. Para

Falsos amores,  
Falsos, maus, enganadores (3),

bastára uma vez.

(1) *Mete (alheio)*

Olvidé y aborreci.

*Volta*

Hase de entender assi:  
Que, desque os di mi cuidado,  
A quantas huve mirado,  
Olvidé y aborreci.

(2) *Cantiga velha*

Falso cavalheiro ingrato!  
Enganais-me!  
Vós dizeis que eu vos mato,  
E vós matais-me!

*Volta*

Costumadas artes são,  
Para enganar innocencias,  
Piedosas apparencias  
Sobre isento coração.

Eu vos amo e vós, ingrato,  
Magoais-me,  
Dizendo que eu vos mato,  
E vós matais-me!

.....

(3) *Cantiga velha*

Apartaram-se os meus olhos  
De mi tão longe...  
Falsos amores!  
Falsos, maus, enganadores!



Ao desolado poeta não restava senão lastimar a sua sorte e explicar por outros amores a invencível pertinácia da gentil menina.

E pois fé verdadeira, amor perfeito,  
 Tormento desigual e vida triste,  
 Junta com um continuo soffrimento  
 E um mal, em que o mal todo, emfim, consiste,  
 Não puderam mover teu duro peito  
 A mostrares sequer contentamento  
     De ver o meu tormento,  
 Antes tudo, soberba, desprezaste,  
     E a outrem te entregaste,  
 Por nada me ficar em que esperasse,  
     Senão quando acabasse  
 A vida, a pesar meu, já tão cumprida,  
 Perca quem te perdeu também a vida.

(Egloga 4.<sup>a</sup>).

E a infanta? A infanta continuava a ser a obsessão constante do poeta, apesar dos esforços que elle empregava para afastar do seu espirito as *doces lembranças da passada gloria*.

Doces lembranças da passada gloria,  
 Que me tirou fortuna roubadora,  
 Deixai-me descansar em paz uma hora,  
 Que comigo ganhais pouca victoria.

---

#### *Volta*

Trataram-me com cautella,  
 Por me enganar mais asinha!  
 Dei-lhe posse da alma minha,  
 Foram-me fugir com ella.  
 Não ha vê-los, nem ha vê-la.  
     De mi tão longe...  
     Falsos amores!  
 Falsos, maus, enganadores!

.....

Impressa tenho na alma larga historia  
 Deste passado bem, que nunca fôra,  
 Ou fôra e não passára; mas já agora  
 Em mi não pôde haver mais que a memoria.  
 Vivo em lembranças, morro de esquecido  
 De quem sempre devêra ser lembrado,  
 Se lhe lembrára estado tão contente.  
 Oh quem tornar pudéra a ser nascido!  
 Soubera-me lograr do bem passado,  
 Se conhecer soubera o mal presente!  
 (Soneto 18).

Amor, com a esperança já perdida,  
 Teu soberano templo visitei;  
 Por sinal do naufragio que passei,  
 Em lugar dos vestidos, pus a vida.  
 Que mais queres de mi, pois destruida  
 Me tens a gloria toda que alcancei?  
 Não cuides de render-me, que não sei  
 Tornar a entrar-me onde não ha saída.  
 Vês aqui a vida e a alma e a esperança,  
 Doces despojos de meu bem passado,  
 Em quanto o quis aquella que eu adoro.  
 Nelles podes tomar de mi vingança;  
 E, se te queres inda mais vingado,  
 Contenta-te co as lagrimas que choro.  
 (Soneto 50).

Pensamentos, que agora novamente  
 Cuidados vãos em mim resuscitais,  
 Dizei-me: E ainda vos não contentais  
 De ter, a quem vos tem, tão descontente?  
 Que phantasia é esta, que presente  
 Cada hora ante os olhos me mostrais?  
 Com uns sonhos tão vãos inda tentais  
 Quem, nem por sonhos, pôde ser contente?  
 Vejo-vos, pensamentos, alterados  
 E não quereis, de esquivos, declarar-me  
 Que é isto, que vos traz tão enleados?  
 Não me negueis, se andais para negar-me,  
 Porque, se contra mi 'stais levantados,  
 Eu vos ajudarei mesmo a matar-me.  
 (Soneto 93).

Pois se nem mesmo em versos que se occupam *ex professo* da *menina dos olhos verdes*, Camões deixa de se referir aos seus *passados amores!*

Passado já algum tempo que os amores  
De Almeno, por seu mal, eram passados,  
Porque nunca Amor cumpre o que promette,  
Entre uns verdes ulmeiros apartado,  
Regando por o campo as brancas flores,  
Em lagrimas cansadas se derrete,  
Quando a linda pastora, que compete  
    Co monte em aspereza,  
    Co prado em gentileza,  
Por quem o pastor triste endoudecia,  
Por a praia do Tejo discorria  
A lavar a beatilha e o trançado.  
    O sol já consentia  
Que saísse da sombra o manso gado.

*Já acordado daquelle pensamento,  
Que tão desacordado sempre o teve (1),  
Viu por acêrto o bem que incerto tinha;  
E porque, donde o amor a mais se atreve,  
Alli mais enfraquece o entendimento,  
Não lhe soube dizer o que convinha.*  
(Egloga 3.<sup>a</sup>, est. 1-2).

Pois se até ao invocar a musa inspiradora para o poema epico que vai emprehender, se presénte que o som vem d'uma parte, mas que a pancada é em outra!

---

(1) Relêa-se o bellissimo soneto 279, já anteriormente transcripto e que começa:

Doce sonho, suave e soberano,  
    Se por mais longo tempo me durára!  
    Ah! quem de sonho tal nunca acordára,  
    Pois havia de ver tal desengano!

Em vós tenho Helicon, tenho Pegáso ;  
 Em vós tenho Calliope e Thalia  
 E as outras sete irmãs, co fero Marte.  
 Em vós deixou Minerva sua valia ;  
 Em vós estão os sonhos do Parnaso ;  
 Das Pierides em vós se encerra a arte.

Com qualquer pouca parte,  
 Senhora, que me deis de ajuda vossa,

Podeis fazer que eu possa  
 Escurecer ao sol resplandecente ;

Podeis fazer que a gente  
 Em mi do grão poder vosso se espante  
 E que vossos louvores sempre cante.

Podeis fazer que cresça de hora em hora  
 O nome Lusitano, e faça inveja  
 A Esmirna, que de Homero se engrandece.  
 Podeis fazer tambem que o mundo veja  
 Soar na ruda frauta o que a sonora  
 Cithara Mantuana só merece.

(Egloga 4.<sup>a</sup>, est. 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup>) (1).

(1) Como já fica dicto, esta egloga foi dirigida a D. Francisca de Aragão. Na egloga 5.<sup>a</sup>, escripta na mesma occasião, e bem assim no soneto 190, allude tambem Camões á projectada epopea. Em Ceuta ainda não pensava nella, como se infere da epistola 1.<sup>a</sup>, est. 23-25, e se vê do soneto 267, manifestamente contemporaneo desta epistola, e dirigido pelo poeta a um seu admirador, que tambem fazia versos :

Se a fortuna inquieta e mal olhada,  
 Que a justa lei do ceu comsigo infama,  
 A vida quieta, que ella mais desama,  
 Me concedêra, honesta e repousada,  
 Pudéra ser que a Musa, alevantada  
 Com luz de mais ardente e viva flamma,  
 Fizera ao Tejo, lá na patria cama,  
 Adormecer ao som da lyra amada.  
 Porém, pois o destino trabalhoso,  
 Que me escurece a Musa fraca e lassa,  
 Louvor de tanto preço não sustenta,  
 A vossa, de louvar-me pouco escassa,  
 Outro sogeito busque valeroso,  
 Tal qual em vos ao mundo se apresenta.



Forçado a desistir dos seus *altos pensamentos*, não tendo podido conseguir que a *menina dos olhos verdes* tornasse a olhar para elle, ferido no coração e no amor proprio, o poeta viu-se, com vergonha sua, *fabula da gente*, começou a servir de assumpto á maledicencia.

Vós, que escuitais em rimas derramado  
 Dos suspiros o som, que me alentava  
 Na juvenil idade, quando andava  
 Em outro em parte do que sou mudado,  
 Sabei que busca só, do já cantado  
 No tempo em que eu temia ou esperava,  
 De quem o mal provou, que eu tanto amava,  
 Piedade, e não perdão, o meu cuidado.  
 Pois vejo que tamanho sentimento  
 Só me rendeu ser fabula da gente  
 (Do que comigo mesmo me envergonho),  
 Sirva de exemplo claro meu tormento,  
 Com que todos conheçam claramente  
 Que quanto ao mundo apraz é breve sonho.  
 (Soneto 101) (1).

Como se não ririam dos desastres amorosos do apaixonado poeta os seus inimigos litterarios, os que o apodavam de

---

(1) É certo que este soneto é, por assim dizer, uma tradução do 1.º soneto de Petrarca; mas não se segue d'ahi que nelle se não encontrem elementos autobiographicos do nosso poeta. Reproduzo o soneto do poeta italiano, porque é um elemento de interpretação para o de Camões.

Voi ch'ascoltate in rime sparse il suono  
 Di quei sospiri ond'io nudriva il core  
 In sul mio primo giovenile errore,  
 Quand'era in parte altr'uom da quel ch'i'sono;  
 Del vario stile in ch'io piango e ragiono  
 Fra le vane speranze e'l van dolore,  
 Ove sia chi per prova intenda amore,  
 Spero trovar pietà, non che perdono.

*rustico Magalio*, de *pomposo Chérilo*; os que o tratavam de *ignorante*, de *mau poeta*, cujos versos não eram *caballinos*, antes pareciam de *caballo* (1)? Como não deviam irritar o brioso e destemido mancebo, que tinha a consciencia do que valia como poeta e que *nunca deixou ver as solas dos pés*, quando aggreidia ou era aggreddido, como não deviam irritá-lo, digo, essas «más linguas, peores tenções, damnadas vontades, nascidas de pura inveja de verem *su amada yedra de si arrancada y en otro muro asida* (2)», essas «amizades mais brandas que cera, *que se accendiam em odios que disparavam lume que lhe deitava mais pingos na fama que nos couros de um leitão*» (3).

E para acabar de lhe azedar a alma, não faltariam os

Ma ben veggi'or si come al popol tutto  
 Favola fui gran tempo : onde sovente  
 Di me medesimo meco mi vergogno :  
 E del mio vaneggiar vergogna è'l frutto,  
 E 'l pentirse, e 'l conoscer chiaramente  
 Che quanto piace al mondo è breve sogno.

Direi de passagem que Leopardi explica assim o *pietà*, *non che perdono* do v. 8 : *Non solamente perdono, ma anche compassione*.

(1) Toco este assumpto nas *Fontes dos Lusíadas*, pag. 237-247.

(2) No ay coração que baste,  
 aunque fuesse de piedra,  
 viendo mi amada yedra,  
 de mi arrancada, en otro muro asida.

(GARCILASSO, egloga 1.<sup>a</sup>).

As palavras do lyrico castelhano applica-as Camões manifestamente aos que lhe envejavam a gloria litteraria.

(3) *Carta 1.<sup>a</sup>* (escripta da India). Estou convencido de que entre as *amisades* de que falla o poeta se contava a de Andrade Caminha, o mal succedido cortejador de D. Francisca de Aragão.

boatos de que a infanta tinha todo o empenho em não protrahir o seu casamento com o principe das Asturias.

Foi talvez por pôr a bocca no mau successo dos amores de Camões com a infanta, que Gonçalo Borges, encarregado dos arreios do paço, foi gravemente ferido pelo poeta, na rua de Santo Antão, em pleno dia, quando toda a Lisboa andava na rua para assistir á procissão do Corpo de Deus (16 de junho de 1552) (1).

Como se sabe, o poeta esteve preso até 7 de março de 1553 e foi solto por lhe ter perdoado a parte offendida e por *ir servir aquelle anno na India*. E antes de findar o mês, talvez no dia 26, lá saía elle da *amada terra, em que lhe ficava o magoado coração* (2).

E tanto mais magoado, quanto ás saudades da infanta accresciam tambem agora as da *menina dos olhos verdes*, que, sinceramente compadecida da sorte d'aquelle a quem tanto havia amado e esquecendo profundos aggravos, não quis faltar ao amargurado poeta com o seu perdão nem com as sinceras lagrimas da despedida, na manhã do dia de embarque.

Aquella triste e leda madrugada,  
Cheiã toda de mágoa e de piedade,  
Emquanto houver no mundo saudade,  
Quero que seja sempre celebrada.  
Ella só, quando amena e marchetada  
Saía, dando á terra claridade,  
Viu apartar-se de uma outra vontade,  
Que nunca poderá ver-se apartada.

---

(1) A narrativa do facto, contida na *carta de perdão*, auctoriza, a meu ver, a conjectura de que não foi casual a intervenção do poeta na briga travada entre Gonçalo Borges e os dous cavalleiros mascarados. A immediata retirada destes faz suppôr que o poeta tinha contas a ajustar com aquelle, mas não queria ser o provocador.

(2) Cf. *Lusiadas*, v, 3, 5-6.

Ella só viu as lagrimas em fio,  
 Que, de uns e de outros olhos derivadas,  
 Juntando-se, formaram largo rio.  
 Ella ouviu as palavras maguadas,  
 Que poderão tornar o fogo frio  
 E dar descanso ás almas condemnadas.

(Soneto 20).

E já em pleno mar, é ainda esta doce imagem que o poeta evoca, para arrostar os perigos que o esperavam:

Por cima destas aguas, forte e firme,  
 Irei aonde os fados o ordenaram,  
 Pois por cima de quantas derramaram  
 Aquelles claros olhos, pude vir-me.  
 Já chegado era o fim de despedir-me;  
 Já mil impedimentos se acabaram,  
 Quando rios de amor se atravessaram  
 A me impedir o passo de partir-me.  
 Passei-os eu com animo obstinado,  
 Com que a morte forçada gloriosa  
 Faz o vencido já desesperado.  
 Em qual figura ou gesto desusado  
 Póde já fazer medo a morte irosa  
 A quem (1) tem a seus pés, rendido e atado?

Mas, como vamos ver, não era só na *menina dos olhos verdes* que o poeta ia pensando durante a longa e accidentada viagem para a India.

## V

### No Oriente

Das poesias lyricas escriptas por Camões no Oriente, tres sobretudo constituem documentos importantes para a historia

---

(1) Talvez o poeta escrevesse: *A quem o tem.*



da sua paixão pela infanta. São ellas, por ordem chronologica, a elegia 3.<sup>a</sup> (*O poeta Simonides fallando*), a canção 10.<sup>a</sup> (*Junto de um secco, duro, esteril monte*) e a canção 6.<sup>a</sup> (*Com força desusada*).

A elegia 3.<sup>a</sup> foi composta, pelo menos em parte, no fim do anno de 1553 ou no começo de 1554, para ser remetida ao seu destino pelas naus que iam partir para o reino (1).

Para bem se comprehender o estado de espirito do poeta ao escrever esta elegia, cumpre ter presente que, quando elle embarcou para a India, o casamento da infanta era cousa definitivamente assente e não devia tardar muito a effectuar-se. O futuro rei de Espanha havia mandado a Lisboa Ruy Gomez da Silva, que sobre o assumpto se tinha intendido com D. João III (2). Estava regularizada a questão da entrega do

(1) A elegia foi escripta ou pelo menos concluida talvez em Cochim, depois da expedição contra o rei da Pimenta. É possível, com effeito, que o poeta para alli acompanhasse o vice-rei D. Affonso de Noronha, que *ia dar pressa ás naus do reino*. Estas, no dizer de Couto, partiram até 15 de janeiro (*Decada* vi, l. 10, cap. 18). M. Perestrello, que voltava na *S. Bento*, em que fôra o poeta, diz que partiram no dia 1 de fevereiro. *Historia tragico-maritima*, t. 1, p. 49 (Lisboa, 1904).

(2) O pouco sincero irmão da infanta ficou preso em uma armadilha que elle proprio tinha preparado, por conselho do activo e astuto Lourenço Pires de Tavora, embaixador junto de Carlos V. Quando este, formando novos planos politicos, resolveu casar o principe seu filho com uma filha do rei dos romanos e destinou a infanta D. Maria para o archiduque Fernando, L. de Tavora avisou logo D. João III do novo perigo e aconselhou o alvitre de levar a infanta a não desistir do seu casamento com o filho de Carlos V. Era o meio seguro de inutilizar o novo projecto matrimonial. A infanta, que tanto desejava casar com o sobrinho, accedeu de bom grado ás indicações que neste sentido lhe foram dadas. Mallogrados, porém, dentro em pouco os planos de Carlos V, não restava a D. João III senão mostrar rosto alegre... e arranjar novos pretextos para adiar o enlace da irmã com o futuro rei de Espanha. Vejam-se as duas curiosas cartas de L. de Tavora, escriptas em dezembro

dote e agora o unico pretexto que restava ao monarca portuguez era a expressa acquiescencia do imperador, acquiescencia que elle... tinha *pejo* de sollicitar, apesar das instancias da já outras vezes ludibriada senhora (1). Do publico, porém, não era conhecido esse *pejo*, e quando Camões enviou para o reino a elegia 3.<sup>a</sup>, estava convencido de que a sua bem-amada já se achava em terras de Castella, casada com o principe D. Philippe.

Que restava ao desolado poeta? Varrer da memoria o seu doce sonho, que já não servia senão para o entristecer e magoar.

---

de 1550, uma a D. João III e outra á infanta, e publicadas na *Historia de varões illustres do appellido Tavora* de Ruy Lourenço de Tavora, p. 78 e segg. (Paris, 1648) e na *Vida da Infanta D. Maria* de Fr. M. Pacheco, fl. 40 e segg. A carta dirigida á infanta é um modelo de cynismo... diplomatico.

(1) Oiçamos o proprio D. João III historiando o caso, quando as suas conveniencias politicas lhe fizeram perder o *pejo*, embora já fosse tarde: «Ruy guomez se despedio de mim &, depouys de ser com o Princepe, me screueo o Princepe muitos cõtentamentos da rresposta que lhe mandara pelo dito Ruy guomez, da qual todauia comuinha auisar o Emperador, por ele asy lho ther mādado. Sabemdo a Imfanta minha Irmaã os termos é que este neguocio estaua & como aynda se auia desperar por rresposta do Emperador, me pedio que eu lhe quisesse despachar huñ correo, pelo qual lhe fizese saber o comtentamento q̄ eu tinha de se este negocio fazer & dos termos em q̄ estaua & do que eu nele acerqua de seu dotte podia fazer. Porque emtemdia q̄, em quanto o Emperador ysto nam tiuesse sabido de mim, nam poderia o neguocio deixar de pasar a grande dilaçam; & com quanto eu em toda cousa deseje sempre dar todo comtentamento posiuel a Imfante minha Irmaã, nesta em q̄ me falou tiue *pejo* para o nam fazer como lho aela pareçia. Porque deixar de o por em obra como mo rrequeria nam era causa de se o negocio deixar de fazer estamdo elle tanto adiamte como estaua». *Carta a Antonio de Saldanha*, na Torre do Tombo, *Mss. de S. Vicente de Fóra*, t. 1.<sup>o</sup>, fl. 233 e segg. A carta não tem data, mas foi enviada no fim de agosto de 1553, como se infere de outra carta a fl. 251.

Vejamos como elle nos revela o estado da sua alma.

O poeta Simonides, fallando  
 Co capitão Themistocles um dia,  
 Em cousas de sciencia praticando,  
 Um'arte singular lhe promettia,  
 Que então compunha, com que lhe ensinasse  
 A lembrar-se de tudo o que fazia ;  
 Onde tão subteis regras lhe mostrasse,  
 Que nunca lhe passassem da memoria,  
 Em nenhum tempo, as cousas que passasse.  
 Bem merecia, certo, fama e gloria  
 Quem dava regra contra o esquecimento  
 Que sepulta (1) qualquer antiga historia.  
 Mas o capitão claro, cujo intento  
 Bem differente estava, porque havia  
 Do passado as lembranças por tormento,  
 — Oh illustre Simonides (dizia),  
 Pois tanto em teu engenho te confias,  
 Que mostras á memoria nova via :  
 Se me desses um'arte, que em meus dias  
 Me não lembrasse nada do passado,  
 Oh quanto melhor obra me farias! —  
 Se este excellente dito ponderado  
 Fosse por quem se visse estar ausente,  
 Em longas esperanças degradado (2),  
 Oh como bradaria justamente :  
 — Simonides, inventa novas artes ;  
 Não midas (3) o passado co presente! —  
 Que, se é forçado andar por varias partes  
 Buscando á vida algum descanso honesto,  
 Que tu, Fortuna injusta, mal repartes,  
 E se o duro trabalho, é manifesto  
 Que, por grave que seja, ha de passar-se  
 Com animoso espirito e ledó gesto :

---

(1) Nas primeiras edições e no *Cancioneiro* de L. Franco: *enterra em si.*

(2) Escreveria o poeta: *Bem longe de?*

(3) Na 1.<sup>a</sup> edição: *meças.*



De que serve ás pessoas o lembrar-se  
 Do que se passou já (pois tudo passa),  
 Senão de entristecer-se e magoar-se ?  
 Se em outro corpo um'alma se traspassa,  
 Não, como quis Pythagoras, na morte,  
 Mas, como quer Amor, na vida escassa ;  
 E se este Amor no mundo está de sorte,  
 Que na virtude só de um lindo objecto  
 Tem um corpo sem alma, vivo e forte ;  
 Onde este objecto falta, que (1) é defecto  
 Tamanho para a vida, que já nella  
 Me está chamando á pena a dura *Alecto* ;  
 Porque me não criara a minha estrella  
 Selvatico no mundo, e habitante  
 Na dura *Scythia* e no mais duro della ?  
 Ou no *Caucaso* horrendo, fraco infante,  
 Criado ao peito de uma tigre hircana,  
 Homem fôra formado de diamante ;  
 Porque a cerviz ferina e inhumana  
 Não submetera ao jugo e dura lei  
 Daquelle que dá vida quando engana.  
 Ou, em pago das aguas que estilei,  
 As que passei no mar foram do *Lethe*,  
 Para que me esquecera o que passei.  
 Porque o bem que a esperança vã promete,  
 Ou a morte o estorva ou a mudança,  
 Que é mal que um'alma em lagrimas derrete.  
 Já, Senhor, cahirá como a lembrança,  
 No mal, do bem passado é triste e dura,  
 Pois nasce aonde morre a esperança.

E com a esperança já morta, mas certo de que o destinatario da elegia avaliará bem quam triste e dura é para os infelizes a lembrança do bem passado, o poeta conta-lhe

---

(1) Parece-me que deve eliminar-se *o que* e terminar o periodo em *Alecto*.



como, durante a longa viagem, se viu alanceado de saudades,  
que os perigos tornaram mais vivas, mais pungentes.

Soltava Eolo a redea e liberdade  
Ao manso Favonio brandamente,  
E eu a tinha já solta á saudade.  
Neptuno tinha posto o seu tridente;  
A proa a branca escuma dividia,  
Com a gente marítima contente.

.....

Eu, trazendo lembranças por antolhos,  
Trazia os olhos na agua sossegada  
E a agua sem sossego nos meus olhos.  
A bem-aventurança já passada  
Diante de mi tinha tão presente,  
Como se não mudasse o tempo nada.  
E com o gesto immoto e descontente,  
C'um suspiro profundo e mal ouvido,  
Por não mostrar meu mal a toda a gente,  
Dizia: Oh claras nymphas, se o sentido  
Em puro amor tivestes e inda agora  
Da memoria o não tendes esquecido,  
Se por ventura fordes algum'hora  
Adonde entra o grão Tejo a dar tributo  
A Tethys, que vós tendes por senhora,  
Ou já por ver o verde prado enxuto,  
Ou já por colher ouro rutilante,  
Das tagicas areias rico fruto:  
Nellas, em verso erotico e elegante,  
Escrevei c'uma concha o que em mi vistes;  
Póde ser que algum peito se quebrante.  
E, contando de mi memorias tristes,  
Os pastores do Tejo, que me ouviam,  
Ouçam de vós as maguas que me ouvistes.  
Ellas, que já no gesto me entendiam,  
Nos meneios das ondas me mostravam  
Que em quanto lhes pedia consentiam.

Estas lembranças, que me acompanhavam  
 Por a tranquillidade da bonança,  
 Nem na tormenta triste me deixavam,  
 Porque, chegando ao Cabo da Esperança,  
 Começo da saudade que (1) renova,  
 Lembrando a longa e aspera mudança.

.....

Eis a noite (2) com nuvens se escurece;  
 Do ar subitamente foge o dia,  
 E todo o largo oceano se embravece.

E depois de descrever rapidamente, mas em soberbos versos, a temerosa tempestade que no Cabo assaltou a nau *S. Bento*, prosegue Camões:

Amor alli, mostrando-se possante  
 E que por algum medo não fugia,  
 Mas quanto mais trabalho, mais constante,  
 Vendo a morte presente, em mi dizia:  
 Se algum'hora, Senhora, vos lembrasse,  
 Nada do que passei me lembraria!

E o poeta commenta assim este estado de espirito:

Emfim, nunca houve cousa que mudasse  
 O firme amor intrinseco daquelle  
 Em quem alguma vez de siso (3) entrasse.  
 Uma cousa, Senhor, por certa asselle:  
 Que nunca amor se afina nem se apura,  
 Em quanto está presente a causa delle.

Em seguida, o poeta dá noticia da sua chegada á India, faz um relatorio da primeira expedição militar em que tomou

(1) Parece-me que deve ler-se *se*.

(2) Não será: *Eis que o ceu?*

(3) Compare-se, por exemplo, a expressão *uma vez de vinho*.

parte, declara invejavel a sorte dos lavradores e pastores e conclue:

Porém seja, Senhor, de qualquer arte;  
 Pois, posto que a Fortuna possa tanto,  
 Que tão longe de todo o bem me aparte,  
 Não poderá apartar meu duro canto  
 Desta obrigação sua, emquanto a morte  
 Me não entrega ao duro Radamanto,  
 Se para tristes ha tão leda sorte.

Esquecer o passado, desejar que venha a morte libertá-lo da sua profunda tristeza — eis agora o estado d'alma do amargurado poeta.

Passemos á canção 10.<sup>a</sup>, — uma das mais bellas poesias lyricas que conheço —, começando por indicar as circumstancias em que ella foi escripta.

A 23 de setembro de 1554 chegava a Gôa a nau *S. Boaventura*, em que ia o novo vice-rei, D. Pedro de Mascarenhas (1). Comprehende-se bem o alvoroço com que o poeta esperaria novas do reino, a pressa com que procuraria encontrar-se com os recém-chegados e ler as cartas que lhe eram destinadas. E ainda estava longe de presumir o interesse que para elle tinham algumas dessas novas.

Era uma o fallecimento, em 2 de janeiro daquelle anno, do mallogrado principe herdeiro, D. João, e o nascimento,

(1) Couto, *Decada* 7.<sup>a</sup>, liv. 1.<sup>o</sup>, cap. 3.<sup>o</sup>. Aí se lê que a armada partira de Lisboa por fim de março, e que nella iam dous mil homens d'armas, em que entravam mais de quatro centos moradores da casa d'el-rei. Um delles era o amigo e admirador de Camões, João Lopes Leitão, que havia sido pagem da lança do fallecido principe herdeiro. Segundo Figueiredo Falcão (*Livro em que se contém toda a fazenda e real patrimonio dos reinos de Portugal, India e Ilhas adjacentes*, Lisboa, 1859, p. 165), as cinco naus, de que se compunha a armada, partiram de Lisboa a 2 de abril.

alguns dias depois, de D. Sebastião, que ficava sendo a única esperança da independência da pátria.

A impressão que o poeta sentiu conhecemo-la pela egloga 1.<sup>a</sup>. O seu coração de patriota sobressaltou-se com o receio de que o *barbaro cultor viesse arar os campos da pátria*:

E praza a Deus que o triste e duro fado  
De tamanhos desastres se contente ;  
Que sempre um grande mal inopinado  
É mais do que o espera a incauta gente :  
Que vejo este carvalho que queimado  
Tão gravemente foi do raio ardente ;  
Não seja ora prodigio que declare  
Que o barbaro cultor meus campos are.

É verdade que Umbrano responde ao seu interlocutor Frondelio:

Emquanto do seguro azambujeiro  
Nos pastores de Luso houver cajados,  
Com o valor antigo, que primeiro  
Os fez no mundo tão assinalados,  
Não temas tu, Frondelio companheiro,  
Que em algum tempo sejam subjugados,  
Nem que a cerviz indomita obedeça  
A outro jugo qualquer que se lhe offreça.

E, posto que a soberba se levante  
De inimigos, a torto e a direito,  
Não crêas tu que a força repugnante  
Do fero e nunca já vencido peito,  
Que desde quem possui o monte Atlante  
Adonde bebe o Hydaspe tem sujeito,  
O possa nunca ser de força alheia,  
Emquanto o sol a terra e o ceu rodeja.

Frondelio, porém, não se mostra tão optimista e responde:

Umbrano, a temeraria segurança,  
Que em força ou em razão não se assegura,  
É falsa e vã, que a grande confiança  
Não é sempre ajudada da ventura.

.....



E, se attentares bem os grandes danos  
 Que se nos vão mostrando cada dia,  
 Porás freio tambem a esses enganos,  
 Que te está figurando a ousadia.

E, mais adeante, o proprio Umbrano reproduz assim os queixumes que ouvia a uma das nymphas que, perto dum tumulto, envolviam brandamente em ricos pannos um novo infante:

Uma, que dentre as outras se apartou,  
 Com gritos que a montanha entristeceram,  
 Diz que, depois que a morte a flor cortou,  
 Que as estrellas sómente mereceram,  
 Este penhor carissimo ficou  
 Daquelle a cujo imperio obedeceram  
 Douro, Mondego, Tejo e Guadiana,  
 Até o remoto mar da Taprobana.

Diz mais que, se encontrar este menino  
 A noite intempestiva, amanhecendo,  
 O Tejo, agora claro e crystallino,  
 Tornará a fera Alecto em vulto horrendo.  
 Mas que, a ser conservado do destino,  
 As benignas estrellas promettendo  
 Lhe estão o largo pasto de Ampelusa,  
 Co monte que em mau passo viu Medusa.

E o triste presentimento do poeta realizou-se, embora em condições diferentes das que elle receava. Quando desceu ao tumulto (10 de junho de 1580), o maior de todos os portuguezes (1) já não tinha duvidas sobre os tristes destinos da patria (2).

---

(1) Cf. Storck, *Vida de Camões*, pag. 36, etc.

(2) É bem conhecida a passagem da carta que elle escreveu pouco tempo antes de morrer: «Assi acabarei a vida e verão todos que fui tão afeiçoado á minha patria, que não só me contentei de morrer nella, mas com ella».

Outra noticia, que profundamente feriu o coração do poeta: o seu joven e querido amigo, D. Antonio de Noronha, o apaixonado adorador de D. Margarida da Silva (1), havia sido morto pelos mouros, em uma emboscada, nas immediações de Ceuta, no dia 18 de abril do anno anterior, isto é, pouco depois de o poeta haver embarcado.

Eis alguns dos bellos e sentidos versos em que Camões manifestou a sua dor pelo infausto acontecimento:

*Frondelio*

... O grande curral, seguro e forte,  
Do alto monte Atlas não ouviste  
Que com sanguinolenta e fera morte  
Despovoado foi por caso triste?  
Oh triste caso! oh desastrada sorte,  
Contra quem força humana não resiste!  
Que alli tambem da vida foi privado  
O meu Tionio, ainda em flor cortado!

*Umbrano*

Em lagrimas me banha rosto e peito  
Desse caso terrivel a memoria,  
Quando vejo quão sabio e quão perfeito  
E quão merecedor de longa historia  
Era esse teu pastor, que sem direito  
Deu ás parcas a vida transitoria.  
Mas não ha hi quem de herva o gado farte,  
Nem de juvenil sangue o fero Marte.

E depois de instado por Umbrano, Frondelio repete os

---

(1) Estes amores, contrariados pela familia de D. Antonio, eram tambem mal correspondidos pela formosa menina, a *Silvana* da egloga 4.<sup>a</sup>. O joven fidalgo, ainda parente da familia real, foi enviado para Ceuta, onde em breve encontrou morte gloriosa.

*brandos versos*, que de vespera cantára a proposito do *caso desastrado*:

Aquelle dia as aguas não gostaram  
 As mimosas ovelhas e os cordeiros  
 O campo encheram de amorosos gritos,  
 E não se penduraram dos salgueiros  
 As cabras, de tristeza, mas negaram  
 O pasto a si e o leite aos cabritos.

Prodigios infinitos  
 Mostrava aquelle dia,  
 Quando a parca queria

Principio dar ao fero caso triste.  
 E tu tambem, ó corvo, o descobriste,  
 Quando da mão direita, em voz escura,  
 Voando, repetiste  
 A tyrannica lei da morte dura.

Tionio meu, o Tejo crystallino  
 E as arvores que já desamparaste  
 Choram o mal de tua ausencia eterna.  
 Não sei porque tão cedo nos deixaste!  
 Mas foi consentimento do destino,  
 Por quem o mar e a terra se governa.

A noite sempiterna,  
 Que tu tão cedo viste,  
 Cruel, acerba e triste,

Se quer de tua idade não te dera  
 Que lograrás a fresca primavera?  
 Não (1) usára comnosco tal crueza,  
 Que nem nos montes fera  
 Nem pastor ha no campo sem tristeza.

.....

---

(1) Presumo que deve ler-se *Porque*, pondo-se uma interrogação no fim do periodo.

Qual o mancebo Euryalo, enredado  
 Entre o poder dos Rutulos, fartando  
 As iras da soberba e dura guerra,  
 Do crystallino rosto a côr mudando,  
 Cujo purpureo sangue, derramado  
 Por as alvas espaldas, tinge a serra;  
     Que, como flor, que a terra  
     Lhe nega o mantimento,  
     Porque o tempo avarento  
 Também o largo humor lhe tem negado,  
 O collo inclina languido e cansado:  
 Tal te pinto, ó Tionio, dando o espirito  
     A quem to tinha dado,  
 Que este é sómente eterno e infinito.

(Egloga 1.ª)

Lêa-se também o soneto 12, que o poeta escreveu antes da egloga 1.ª:

Em flôr vos arrancou, de então (1) crescida,  
 Ah senhor Dom Antonio! a dura sorte,  
 Donde fazendo andava o braço forte  
 A fama dos antigos esquecida.  
 Uma só razão tenho conhecida,  
 Com que tamanha magua se conforte:  
 Que, se no mundo havia honrada morte,  
 Não podieis vós ter mais larga vida.  
 Se meus humildes versos podem tanto,  
 Que co desejo meu se iguale a arte,  
 Especial materia me sereis;  
 E, celebrado em triste e longo canto (2),  
 Se morrestes nas mãos do fero Marte,  
 Na memoria das gentes vivereis.

---

(1) Deverá ler-se *do chão*?

(2) Allude o poeta naturalmente á egloga 1.ª, que elle reputava a melhor de quantas havia feito. «Por agora não mais, senão que este soneto que aqui vai, que fiz á morte de D. Antonio de Noronha (*decerto, o so-*



Houve, porém, uma novidade que encheu de alvoroço o coração do poeta, que o deixou ancioso por voltar para Lisboa: a infanta continuava solteira; já se não realizava o projectado casamento com o herdeiro da corôa de Espanha, que, ao partir da armada para a India, ficava noivo da rainha Maria de Inglaterra (1).

*neto acima transcripto*), vos mando em signal de quanto della me pesou. Uma egloga fiz sobre a mesma materia, a qual tambem trata alguma cousa da morte do príncipe, que me parece melhor que quantas fiz». (*Carta 1.ª*). Ha outro soneto, referente á morte de D. Antonio de Noronha, que o poeta escreveu mais tarde, sob a impressão das noticias que lhe deram de quanto essa morte havia sido lastimada pela *inimiga e excellente Marfida* da egloga 1.ª, notícias motivadas provavelmente pelas allusões desta egloga á ingratidão da antiga namorada do gentil mancebo. Nesse soneto, o poeta inveja a sorte do seu amigo, que, ao menos, *moveu a piedade um peito de diamante ou de serpente*. Elle, embora morra mil vezes, não poderá conseguir tal resultado!

Alma gentil, que á firme eternidade  
 Subiste clara e valerosamente,  
 Cá durará de ti perpetuamente  
 A fama, a gloria, o nome e a saudade.  
 Não sei se é mór espanto em tal idade  
 Deixar de teu valor inveja á gente,  
 Se um peito de diamante ou de serpente  
 Fazeres que se mova a piedade.  
 Invejosa da tua acho mil sortes,  
 E a minha mais que todas invejosa,  
 Pois ao teu mal o meu tanto igualaste.  
 Oh ditoso morrer! ditosa sorte!  
 Pois o que não se alcança com mil mortes,  
 Tu com uma só morte o alcançaste!

(Soneto 229).

(1) Logo que teve noticia do fallecimento do rei de Inglaterra, Eduardo VI, occorrido em 6 de julho de 1553, D. João III apressou-se a

É facil de imaginar como esta noticia *melhoraria a cansada vida* do poeta, como lhe daria *espíritos novos*, para *vencer a fortuna e o trabalho*. Podemos suppôr como elle, se lhe fosse possível, desejaria embarcar em alguma das naus que d'alli a poucos meses voltariam para o reino, afim de poder *tornar a ver, servir e querer* a bem-amada, que tão rude golpe acabava de soffrer.

... A vida cansada se melhora,  
Toma espíritos novos, com que vença  
A fortuna e trabalho,  
Só por tornar a ver-vos,  
Só por ir a servir-vos e querer-vos.

(Canção 10.\*).

tratar do casamento da irmã com o príncipe Philippe, não fosse Carlos V lembrar-se de querer casar o filho com a successora de Eduardo VI, tornando assim irrealizavel o velho plano de lhe dar por marido o infante D. Luis, plano formado quando ella ainda poucas probabilidades tinha de subir ao throno e que agora tanto sorria ao monarca portuguez. Mas já era tarde. Lourenço de Tavora, o homem de confiança de D. João III, mandado a toda a pressa á côrte de Inglaterra, com minuciosas instrucções, foi ardilosamente detido em Bruxellas por Carlos V, que, por fim, lhe fez saber que a rainha Maria de Inglaterra ia casar com seu filho. Agora já se appellava para a deploravel situação em que ficava a infanta D. Maria! Agora já se argumentava com a «obrigaçam em que o Emperador e seu filho estavam, e penhores que tinham dado para se nam poder tratar doutro cazamento». Tudo foi inutil. Carlos V respondia que, por sua parte, a nada estava obrigado, pois não tinha havido accitação, e que a do príncipe, seu filho, fôra condicional, ficára dependente da sua. Veja-se nos *Manuscriptos de S. Vicente de Fóra*, liv. 1.º, fl. 233 e segg. (Torre do Tombo), a carta escripta por D. João III a Antonio de Saldanha em agosto de 1553, e na *Historia de varões illustres do appellido Tavora*, pag. 111 e segg., a correspondencia entre D. João III e Lourenço de Tavora. Cf. Visconde de Santarem, *Quadro elementar*, xv, 54 e segg.

Em vez, porém, de voltar para o reino, o poeta, obrigado ao serviço militar, teve de ir para o aborrecido e perigoso cruzeiro do estreito de Meca (golpho de Aden), na armada do commando de Manuel de Vasconcellos (fevereiro de 1555).

Eis como Diogo do Couto dá noticia desse cruzeiro: «Partido Manuel de Vasconcellos de Gôa... e em sua companhia Fernão Farto, que levava os padres para irem a Abassia, foram seguindo sua derrota até haverem vista da costa de Arabia, e Manuel de Vasconcellos se foi lançar com toda a sua armada a Monte de Felix (1), como levava por regimento, pera alli esperar as naos que haviam de vir do Achém e alli esteve até se lhe gastar a monção, sem lhe vir cahir alguma nas mãos. E sendo tempo de se recolher a invernar em Mascate, pera recolher as naos de Ormuz, por se recearem do cossario Cafár, se fez á vela e foi surgir naquelle porto, onde desaparelhou e esteve até setembro e entrada de outubro» (*Decada VII, l. 1, c. VIII*).

---

(1) É o *Ras (cabo) al Fil*, ou Filuk, situado algumas dezenas de milhas (38 em linha recta) para dentro do cabo de Guardafui, na costa setentrional da Somalia. Eis como elle vem descripto no roteiro inglês do Mar Vermelho e golpho de Aden (*The Red Sea and Gulf of Aden Pilot*, edição de 1900): «Ras Filuk, ou mais propriamente Ras-al-Fil... o Mons Elephas dos romanos, assim chamado por causa da similhaça que tem com um elephante, é uma elevada collina de 800 pés d'altitude acima do nivel do mar, a 8 milhas a oeste do Ras Alula. Tem a apparencia de uma ilha, quer se veja de leste, quer de oeste, pois são baixas as terras que lhe ficam ao pé. Os indigenas chamam-lhe geralmente Ras Belmúk. Com tempo claro póde ser visto á distancia de 40 milhas... No valle que fica a leste ha uma laguna de agua salgada... A oeste do Ras Filuk ha uma pequena, mas profunda baía, abrigada dos levantes e poentes, com um bom ancoradouro de 5 braças d'agua».

Ouçamos agora o poeta (1):

- Junto d'um sêcco, duro (2), esteril monte,  
 Inutil e despido, calvo e (3) informe,  
 Da natureza em tudo aborrecido,  
 Onde nem ave voa ou fera dorme,  
 5. Nem corre claro rio ou ferve fonte,  
 Nem verde ramo faz doce ruido,  
 Cujo nome, do vulgo introduzido,  
 É Feliz (4), por antiphraasi infelice,  
     O qual a natureza  
 10     Situou junto á parte  
     Aonde um braço d'alto mar reparte  
     A Abassia da Arabica aspereza,  
     Em que (5) fundada já foi Berenice (6),  
     Ficando á parte donde  
 15 O sol que nella ferve se lhe esconde;

(1) Reproduzo o texto da edição de 1852, reservando para as notas algumas variantes ou correcções.

(2) Nas primeiras edições lê-se *fero e*. Faria e Sousa: *duro*.

(3) As primeiras edições omittem a conjunção.

(4) Primeira edição: *Por antiphraasi he felix infelice*. Creio que deve manter-se esta lição, pronunciando *Felix* e fazendo seguir esta palavra da preposição *de*.

(5) Primeira edição: *Onde*.

(6) Se a palavra relativa por que começa este verso se refere á Arabia, trata-se da Berenice que ficava na Arabia Petrêa, no extremo norte do *Aelaniticus sinus*. Neste caso, o *Ficando* do verso 14 refere-se a Berenice e este verso e o seguinte formam como que um parenthesis. Se, porém, o antecedente do *Em que é a parte* do verso 10, trata-se de uma das tres ou quatro Berenices, que se achavam situadas na costa africana do Mar Vermelho. E se no verso 15 se deve ler *nelle*, como fez o primeiro editor das *Rimas*, não pôde deixar de ser uma destas. *Nelle* seria então o *braço d'alto mar* do verso 11, isto é, o Mar Vermelho, a que, diga-se de passagem, os nossos antigos escriptores davam como limites extremos Suez e uma linha tirada do cabo de Guardafui ao de Fartaque. Vide, por exemplo, D. João de Castro, *Roteiro... de Goa atee Soe*, p. 33.



- O cabo se descobre, com que a costa (1)  
 Africana, que do austro vem correndo,  
 Limite faz, Arómata chamado,  
 Arómata outro tempo, que volvendo
- 20 A roða (2), a ruda lingua mal composta  
 Dos proprios outro nome lhe tem dado.  
 Aqui, no mar que quer, apressurado,  
 Entrar por a garganta deste braço (3),  
 Me trouxe um tempo e teve (4)
- 25 Minha fera ventura.  
 Aqui, nesta remota, aspera e dura  
 Parte do mundo, quis que a vida breve  
 Tambem de si deixasse um breve espaço,  
 Porque ficasse a vida
- 30 Por o mundo em pedaços repartida.
- Aqui me achei gastando uns tristes dias,  
 Tristes, forçados, maus e solitarios,  
 De trabalho (5), de dôr e de ira cheios,  
 Não tendo tão sómente por contrarios

(1) Na 1.<sup>a</sup> edição o verso 15 termina erradamente por um ponto e o verso 16 começa assim: *Nelle apparece o cabo* etc. A emenda do texto é de F. e Sousa, que diz tê-la encontrado em um manuscrito. Talvez o poeta escrevesse *Onde* ou *Em que apparece* etc., referindo-se ao verso 10. Neste caso, o verso 21 terminaria por dous pontos e o *Aqui* do verso 22 ligar-se-ia immediatamente com o começo da canção.

(2) Variantes: *os ceus*; *o tempo*.

(3) «A monção de nordeste (foi durante ella que alli esteve o poeta) impelle a agua para o golpho de Aden e deste. . . para o Mar Vermelho. Na costa setentrional da Somalia forma-se uma contra-corrente». Boguslawski u. Krümmel, *Handbuch der Ozeanographie*, II, 469 (Stuttgart, 1887).

(4) O facto de o poeta fallar no preterito até o verso 67 mostra que a canção foi escripta depois de terminado o cruzeiro. Foi-o provavelmente em Mascate, onde, como fica dicto, Manuel de Vasconcellos se recolheu a invernar. Cf. os versos 67-69; 106 e segg. Faria e Sousa suppõe que a canção fosse escripta em Gôa. Para o dr. Storck, foi-o no Ras-el-Fil.

(5) Primeiras edições: *trabalhosos*.

- 35 A vida (1), o sol ardente, as aguas frias (2),  
 Os ares (3) grossos, férvidos e feios,  
 Mas os meus pensamentos, que são meios  
 Para enganar a propria natureza,  
 Tambem vi contra mi,  
 40 Trazendo-me á memoria  
 Alguma já passada e breve gloria,  
 Que eu já no mundo vi, quando vivi,  
 Por me dobrar dos males a aspereza,  
 Por mostrar-me que havia  
 45 No mundo muitas horas de alegria.

Aqui 'stive eu, com estes pensamentos,  
 Gastando tempo e vida, os quaes tão alto  
 Me subiam nas asas, que caía  
 (Oh vede se seria leve o salto !)

- 50 De sonhados e vãos contentamentos  
 Em desesperação de ver (4) um dia.  
 O imaginar aqui se convertia  
 Em improvisos choros e em suspiros (5),  
 Que rompiam os ares.

---

(1) Talvez : o vento, os levantes que nessa occasião sopravam.

(2) «Na costa setentrional da Somalia o periodo das chuvas vai de dezembro a maio, durante a monção de nordeste. Precede-o um tempo secco e quente, vem depois o tempo fresco até meado de março. O tempo secco, de junho a novembro, corresponde ao periodo da monção de sudoeste e é muito quente». J. Hann, *Handbuch der Klimatologie*, II, 128 (Stuttgart, 1897).

(3) Talvez : mares. Cf., por exemplo, esta passagem dos *Commentarios do grande Afonso Dalboquerque* (parte 4.<sup>a</sup>, cap. 2.<sup>o</sup>) : «Tomando ali a costa na mão (falla-se da costa onde fica o monte de Felix), foram sempre ao longo della, . . . e porque as aguas corriam contra vento e o mar era grosso, teve a nossa armada muito trabalho» etc.

(4) Escreveria o poeta : *de os ver* ?

(5) Primeira edição : *N'hum subito chorar e n'hūs suspiros*.

- 55        Aqui, a alma captiva,  
 Chagada toda, estava em carne viva,  
 De dores rodeada e de pesares,  
 Desamparada e descoberta aos tiros  
              Da soberba Fortuna,  
 60 Soberba, inexoravel e importuna !
- Não tinha parte donde se deitasse,  
 Nem esperança alguma onde a cabeça  
 Um pouco reclinasse por descanso !  
 Tudo dôr lhe era e causa que padeça,  
 65 Mas que pereça não, porque passasse  
 O que quis o destino nunca manso.  
 Oh que este irado mar, gemendo (1), amanso !  
 Estes ventos, da voz importunados (2),  
              Parece que se enfrêam ;  
 70        Sómente o ceu severo,  
 As estrellas e o fado, sempre fero,  
 Com meu perpétuo dano se recrêam,  
 Mostrando-se potentes e indignados  
              Contra um corpo terreno,  
 75 Bicho da terra, vil e tão pequeno !
- Se, de tantos trabalhos, só tirasse  
 Saber inda, por certo, que algum'hora  
 Lembrava a uns claros olhos, que já vi,  
 E se esta triste voz, rompendo fóra,  
 80 As orelhas angelicas tocasse  
 Daquella, em cuja vista já vivi,  
 A qual, tornando um pouco sobre si,  
 Revolvendo na mente pressurosa  
              Os tempos já passados  
 85        De meus doces errores,

---

(1) Primeira edição : *gritando*.

(2) Allusão, segundo creio, ao mar que banha a costa de Mascate, agitado, na occasião em que o poeta ahi invernava, pelos *ponentes*, pela monção de sudoeste.

De meus suaves males e furores,  
 Por ella padecidos e buscados,  
 E, posto que já tarde (1), piedosa,  
 Um pouco lhe pesasse,  
 90 E, lá entre si (2), por dura se julgasse :

Isto só que soubesse, me seria  
 Descanso para a vida que me fica !  
 Com isto afagaria o soffrimento !  
 Ah Senhora ! Ah Senhora ! E que tão rica (3)  
 95 Estais, que cá, tão longe de alegria,  
 Me sustentais com doce fingimento !  
 Logo que vos figura o pensamento (4),  
 Foge todo o trabalho e toda a pena.  
 Só com vossas lembranças,  
 100 Me acho seguro e forte  
 Contra o rosto feroz da fera morte !  
 E logo se me juntam esperanças,  
 Com que, a fronte tornada mais serena,  
 Torno os tormentos graves  
 105 Em saudades brandas e suaves.

Aqui, com ellas, fico perguntando  
 Aos ventos amorosos (5), que respiram  
 Da parte donde estais, por vós, Senhora ;  
 Às aves, que d'alli (6) voam, se vos viram,  
 110 Que fazieis, que estaveis praticando,  
 Onde, como, com quem, que dia e que hora ?  
 Alli (7) a vida cansada se melhora,  
 Toma espiritos novos, com que vença  
 A fortuna e trabalho,

(1) Primeira edição : *Tornada (inda que tarde)*.

(2) Primeira edição : *E consigo*.

(3) Primeira edição : *Ah, Senhora, Senhora, que etc.*

(4) Primeira edição : *Em vos afigurando*.

(5) Em outubro começam a soprar em Mascate os noroestes, frescos e chuvosos. Cf. Hann, ob. cit., III, 109.

(6) Talvez : *que d'hi*.

(7) Não deverá lêr-se *Assi* ?



115 Só por tornar a ver-vos,  
 Só por ir a servir-vos e querer-vos.  
 Diz-me o tempo que a tudo dará talho;  
 Mas o desejo ardente, que detença  
 Nunca soffreu, sem tento  
 120 Me abre as chagas de novo ao soffrimento.

Assi vivo e se alguém te perguntasse,  
 Canção, porque não mouro,  
 Podes-lhe responder que porque mouro (1).

São, creio eu, contemporaneas da canção 10.<sup>a</sup> as seguintes redondilhas:

*Mote (alheio)*

Trabalhos descansariam,  
 Se para vós trabalhasse,  
 Tempos tristes passariam,  
 Se algum'hora vos lembrasse.

*Glosa*

Nunca o prazer se conhece,  
 Senão depois da tormenta.  
 Tampouco o bem permanece,  
 Que, se o descanso florece,  
 Logo o trabalho arrebenta.  
 Sempre os bens se lograriam,  
 Mas os males tudo atalham.  
 Porém, já que assi porfiam,  
 Onde descansos trabalham,  
*Trabalhos descansariam.*

Qualquer trabalho me fôra,  
 Por vós, grão contentamento;  
 Nada sentira, Senhora,  
 Se vira disto algum'hora  
 Em vós um conhecimento.

---

(1) Morro de saudades e comtudo são ellas que me dão vida.

Por mal que o mal me tratasse,  
 Tudo por bem tomaria;  
 Posto que o corpo cansasse,  
 A alma descansaria,  
*Se para vós trabalhasse.*

Quem vossas cruexas já  
 Soffreu, a tudo se pôs.  
 Costumado ficará  
 E muito melhor será,  
 Se trabalhar para vós.  
 Tristezas esqueceriam,  
 Posto que mal me trataram;  
 Annos não me lembrariam,  
 Que, como est'outros passaram,  
*Tempos tristes passariam.*

Se fosse galardoado  
 Este trabalho tão duro,  
 Não vivera maguado.  
 Mas não o foi o passado,  
 Como o será o futuro?  
 De cansar não cansaria,  
 Se quisereis que cansasse;  
 Cavar (1), morrer, fa-lo-fa;  
 Tudo, enfim, esqueceria,  
*Se algum'hora vos lembrasse.*

Parece-me ter sido também escripto durante o cruzeiro o seguinte soneto, conservado no *Cancioneiro* de Franco Correia (fl. 115 v.):

Ondas, que, por el mundo caminando,  
 Contino vais llevadas (2) por el viento,  
 Llevad embuelto en vos mi pensamiento  
 Do está la que, do está, lo está causando.

(1) Duvido que o poeta escrevesse aqui esta palavra. Talvez repetisse o verbo *cansar* ou empregasse outro de significação analogá, como *penar*.

(2) No *Cancioneiro*: *lhevadas*; no verso 3 *lhevad*, no 9 *halhastes*

Dezilde que os estoi acrecentando (1);  
 Dezilde que de vida no hai momento;  
 Dezilde que no muere mi tormento;  
 Dezilde que no vivo ia esperando.  
 Dezilde quã perdido me hallastes;  
 Dezilde quã ganado me perdistes;  
 Dezilde quã sin vida me matastes.  
 Dezilde quã lhagado me heristes;  
 Dezilde quã sin mi que me dexastes;  
 Dezilde quã con ella que me vistes.

Quando Camões voltou a Gôa, ancioso por que findasse o seu triennio de serviço militar, para poder embarcar para o reino, governava a Índia Francisco Barreto, tio de D. Francisca d'Aragão, a musa invocada para os *Lusiadas*.

Ou por indicações que lhe foram de Lisboa ou mesmo sem ellas, Francisco Barreto, recorrendo a amigaveis conselhos ou chegando talvez mesmo a interpôr a sua auctoridade (2), evitou que o apaixonado poeta satisfizesse o *desejo ardente, que lhe não soffria detença, de tornar a ver, servir e querer* a bem-amada (3). Que vinha elle fazer para o reino?

e no 12 *lhagado*. Notarei ainda *pensamento* no verso 3.º; *acrecentado* no 4.º; *em* no 3.º; *da* no 6.º Juromenha mudou *vais* para *vas*, no verso 2.º; *estoi* para *estás* no 5.º; passou para o singular os verbos por que terminam os versos 9 a 13; eliminou o *que* do ultimo verso e no primeiro imprimiu *camiñando*. As correccões de W. Storck (*Sämmtliche Gedichte*, II, 433) são plenamente justificadas pelo texto do *Cancioneiro*.

(1) Com as minhas lagrimas.

(2) D'ahi talvez a tradição de que F. Barreto havia desterrado o poeta para a China, embora fossem outros os motivos indicados.

(3) O governador da Índia teve occasião de conhecer *de visu* a exaltação amorosa do poeta, quando em Gôa assistiu á representação do *Filodemo*, posto em scena para festejar a sua elevação áquelle cargo. Com que calor, com que enthusiasmo, saído do fundo do coração, não desempenharia Camões o papel do protagonista, apaixonado pela filha de seu amo? Relêam-se as passagens que já ficam transcriptas.

Evidentemente praticar loucuras e comprometter quem, por todos os motivos, devia ser respeitada e deixada em paz. Não lhe era melhor ir para as Molucas ou para outras terras orientaes angariar alguns meios de fortuna?

Provido ou não d'um cargo, contra vontade ou meio convencido, o poeta lá foi para o Extremo Oriente, não sem ver em tudo isto o dedo da infanta, não sem lhe attribuir parte no seu *tão longo e misero desterro*.

Ouçamo-lo:

Com força desusada  
 Aqueita o fogo eterno (1)  
 Uma ilha, nas partes do Oriente (2),  
 De estranhos habitada (3),  
 5 Aonde o duro inverno  
 Os campos reverdece alegremente (4).  
 A lusitana gente  
 Por armas sanguinosas  
 Tem della o senhorio (5).

(1) Escreveria o poeta *fogo interno*, alludindo ao vulcão de Ternate?  
 Cf. *Lusiadas*, x, 132:

Vê... Ternate, co fervente  
 Cume, que lança as flammas ondeadas.

(2) Segundo alguns, trata-se de Góá, segundo outros das ilhas de Banda; parece-me, porém, indiscutível a opinião, já apresentada por Severim de Faria, de que o poeta se refere á ilha de Ternate, uma das Molucas.

(3) Cf. Barros, *Decada* 3.<sup>a</sup>, 5, 5. «Todos (os habitantes das Molucas) confessam serem estrangeiros e não proprios indigenas e naturaes da terra».

(4) Cf. Couto, *Decada* 4.<sup>a</sup>, 7, 10. «Nestas ilhas todas não ha verão nem inverno».

(5) Vid. *Lusiadas*, x, 132. Em Tidór e Ternate

As arvores verás do cravo ardente,  
 Co sangue portuguezs inda compradas.

Não foi sem commoção que li na obra de Guillemard, *Australasia*



- 10        Cercada está de um rio  
 De marítimas águas saudosas (1).  
           Das hervas que aqui nascem  
 Os gados juntamente e os olhos pascem (2).
- Aqui minha ventura
- 15        Quís que uma grande parte  
 Da vida, que eu não tinha, se passasse (3),  
           Para que a sepultura  
           Nas mãos do fero Marte  
 De sangue e de lembranças matizasse.
- 20        Se Amor determinasse  
           Que, a troco desta vida,  
           De mi qualquer memoria  
           Ficasse como historia,  
 Que de uns formosos olhos fosse lida,
- 25        A vida e a alegria  
 Por tão doce memoria trocaria!

---

(Londres, 1894), II, 315, as seguintes linhas: «Em todas as cidades principaes das Molucas vive um certo numero de descendentes dos antigos colonos portuguezes. São conhecidos pelo nome de *Orang Sirani* ou Nazarenos. Fallam malaio, misturado com um numero consideravel de palavras portuguezas, mas, pelo facto de viverem ha seculos sob o dominio dos hollandêses, abraçaram o protestantismo e desconhecem completamente a sua procedencia».

(1) Trata-se talvez do canal que separa Tidor de Ternate e esta de Halmahera ou Gilolo. O epitheto *saudosas* é-nos explicado por estas palavras de Guillemard, que reproduzo na propria lingua original: «As far as regards magnificence of scenery, Ternate is perhaps the finest harbour in the Dutch Indies, for it is formed by two volcanic islands whose peaks are nearly 6000 feet in height, and of wonderfully graceful outline». (Ob. cit., p. 319).

(2) «The vegetation of the Moluccas is exceedingly rich and varied. . . Palms and padani are very abundant, dammar pines grow in the forests, while ferns, creepers and flowering shrubs in endless variety clothe the forest glades and the rocky beaches with exquisite drapery». (Ob. cit., p. 309).

(3) Escreveria o poeta *gastasse*? Cf. canção 10.<sup>a</sup>, versos 25-30 e 46-47<sup>a</sup>

- Mas este fingimento,  
 Por minha dura sorte,  
 Com falsas esperanças me convida.
- 30 Não cuide o pensamento  
 Que póde achar na (1) morte  
 O que não pôde achar tão longa vida.  
 Está já tão perdida  
 A minha confiança,
- 35 Que, de desesperado  
 Em vêr meu triste estado,  
 Também da morte perco a esperança.  
 Mas oh! que se algum dia  
 Desesperar pudesse, viveria (2).
- 40 De quanto tenho visto  
 Já agora não me espanto,  
 Que até desesperar se me defende (3).  
 Outrem foi causa disto,  
 Pois eu nunca fui tanto (4),
- 45 Que causasse este fogo que me incende.  
 Se cuidam que me offende  
 Temor de esquecimento,  
 Oxalá meu perigo  
 Me fôra tão amigo,
- 50 Que algum temor deixára ao pensamento!  
 Quem viu tamanho enleio,  
 Que houvesse ahí 'sperança sem receio (5)?

---

(1) Talvez a. Não cuide o pensamento que a minha morte poderá conseguir o que não conseguiu uma longa vida, isto é, que a infanta se lembre de mim.

(2) Talvez o poeta escrevesse: *morreria*. Isto é: no dia em que perdesse de todo a esperança, morreria.

(3) Sob pena de morrer.

(4) Primeira edição: *Que eu nunca pude tanto*.

(5) Não é para mim motivo de allicção o receio, o temor de me esquecer da infanta, pois esse receio seria signal de que a esperança ainda não estava de todo morta em mim. Oxalá que neste perigo em que estou de me esquecer da bem amada, eu tivesse receio de a esquecer.

- Quem tem que perder possa  
 Só póde requear.  
 55 Mas triste quem não póde já perder!  
 Senhora, a culpa é vossa,  
 Que, para me matar,  
 Bastára um'hora só de vos não ver (1).  
 Pusestes-me em poder  
 60 De falsas esperanças,  
 E do que mais me espanto:  
 — Que nunca vali tanto,  
 Que visse tanto bem como esquivanças (2).  
 Valia tão pequena  
 65 Não póde merecer tão doce (3) pena.  
  
 Houve-se Amor comigo  
 Tão brando ou pouco irado,  
 Quanto agora em meus males se conhece.  
 Que não ha mór castigo,  
 70 Para quem tem errado,  
 Que negar-lhe o castigo que merece.  
 Da sorte que acontece  
 Ao misero doente,  
 Da cura despedido,  
 75 Que o medico advertido  
 Tudo quanto deseja lhe consente,  
 O Amor me consentia  
 Esperanças, desejos e ousadia (4).

---

(1) Quanto mais tantos annos de ausencia! Não é de admirar que eu já receie perder-vos.

(2) Primeira edição: *Que viuesse tãbem com esquiuaças*. Talvez: *Que visse maior bem do que esquivanças*. Isto é: nunca de vós mereci senão esquivanças.

(3) Não deverá ler-se *grave*? Cf. o verso 84.

(4) Lê-se na 1.ª edição (versos 72-78):

E bem como acontece  
 Que, assi como ao doente,  
 Da cura despedido,  
 O medico sabido  
 Tudo quanto deseja lhe consente,  
 Assi me consentia  
 Esperança, desejo & ousadia.

E agora venho a dar  
 80 Conta do bem passado  
 A esta triste vida e longa ausencia.  
 Quem póde imaginar  
 Que houvesse em mi peccado,  
 Digno duma tão grave penitencia (1)?  
 85 Olhai que é consciencia,  
 Por tão pequeno erro,  
 Senhora, tanta pena!  
 Não vêdes que é onzeria?  
 Mas, se tão longo e misero desterro  
 90 Vos dá contentamento,  
 Nunca me acabe nelle meu tormento.

Rio formoso e claro  
 E vós, ó arvoredos,  
 Que os justos vencedores coroaes  
 95 E ao cultor avaro,  
 Continuamente lêdos,  
 De um tronco só diversos frutos dais (2),  
 Assim nunca sintais  
 Do tempo injuria algũa,  
 100 Que em vós achem abrigo  
 As maguas que aqui digo,  
 Emquanto der o sol virtude á lũa;  
 Porque de gente em gente  
 Saibam que já não mata vida ausente.  
 105 Canção, neste desterro viverás,  
 Voz nua e descoberta,  
 Até que o tempo em ecco te converta.

(Canção 6.\*).

---

(1) Primeira edição:

Que póde auer peccado  
 Que meresça tão graue penitencia?

(2) Segundo W. Storck, que suppõe esta canção escripta nas ilhas de Banda, trata-se das moscadeiras. «Estes *diversos fructos*, que nascem de um *tronco só*, não podem ser senão a flor e a noz moscada, o duplice



No soneto *Quando cuido*, contemporaneo da canção 6.<sup>a</sup>, insiste o poeta no receio que tem de se esquecer da infanta (1).

Quando cuido no tempo que contente  
 Vi as perolas, neve, rosa e ouro,  
 Como quem vê por sonhos um thesouro,  
 Parece tudo tenho aqui presente.  
 Mas, tanto que se passa este accidente,  
 E vejo o quão distante de vós mouro,  
 Temo quantô-imagino por agouro  
 Porque (2) de imaginar tambem me ausente.  
 Já foram dias em que por ventura  
 Vos vi, Senhora, se, assi dizendo, posso (3)  
 Co coração seguro estar sem medo.

grão cheiroso da *Myrifica aromatica*, tão bella na sua ramagem laurinea». (*Vida de Camões*, p. 572). Não me resta, porém, duvida que o poeta falla aqui das palmeiras, *que os justos vencedores coroam*, e que tanto abundam nas Molucas. Os *diversos fructos* que provêm d'um só tronco podem significar os variados productos de certas palmeiras. [Veja-se, por ex., o que sobre o coqueiro escreveu o amigo de Camões e illustre homem de sciencia, Garcia da Orta, nos *Coloquios*, t. 1, p. 235 e segg. (edição de Lisboa, 1891). Eis como elle começa: «*Ruano*. Do arvore dos *coquos*, chamado assim dos Portuguezes, me dizei; que sempre ouvi dizer que era hum arvore que dava muitas cousas nesseçarias á vida humana. *Orta*. Dá tantas e nesseçarias, que não sey arvore que dê a sesta parte»]. Ou alludirá o poeta ao facto de terem o nome de palmeiras plantas que dão fructos tão differentes como o coco, a tamara, a areca, etc.? A leitura de Barros, *Decada* 3.<sup>a</sup>, 5, 5, favorece a primeira explicação.

(1) Este soneto foi publicado a primeira vez por Alvares da Cunha em 1668 (*Terceira parte das Rimas de... Camões*).

(2) Talvez: *De que*. O poeta receia que o imaginar *quão longe se acha da infanta, morrendo de saudades*, seja agouro de que ha de deixar de pensar nella.

(3) O verso tem uma syllaba a mais. Por causa disso propõe W. Storck se elimine o *assi* (*S. Gedichte*, II, 421). É possível que o poeta escrevesse:

..... se isto dizer posso  
 Co coração seguro, sem ter medo.

Agora, em tanto mal, não me assegura  
 A propria fantasia, e nojo vosso (1).  
 Eu não posso entender este segredo !

Qual a causa porque o poeta receava *ausentar-se de imaginar* na infanta? Seria effectivamente por ver *quão distante della morria?*

Mas não se lê na elegia 3.<sup>a</sup>:

Uma cousa, Senhor, por certa asselle :  
 Que nunca amor se afina, nem se apura,  
 Em quanto está presente a causa delle ?

Seria porque estava convencido de que a infanta não era estranha ao seu *desterro* para as Molucas e castigava com *tão grave penitencia tão pequeno erro*, como era o ter-lhe amor?

Mas não diz elle na canção 6.<sup>a</sup>:

... Se tão longo e misero desterro  
 Vos dá contentamento,  
 Nunca me acabe nelle meu tormento ?

É que estas causas, que, por si sós, lhe não arrancariam

(1) Não deverá eliminar-se a virgula e ler-se: *do enojo vosso?* Cf Boscan, na canção *Gentil Señora mia*:

Yo hallo en el mover de vuestros ojos  
 un no sè que, no sè como nombrallo,  
 que todos mis enojos  
 descarga de mi triste fantasia.

Veja-se tambem o soneto 68, já citado :

Dai-me uma lei, Senhora, de querer-vos,  
 Porque a guarde, sob pena de enojar-vos.

Agora a propria phantasia não assegura o poeta de que não venha a aborrecer a infanta. É isso que elle teme.

do coração o seu *alto pensamento*, começaram a avolumar-se, pela acção do *magico veneno*, que uma *Circe*, de *celeste formosura*, lhe ia ministrando.

E, sentindo os effeitos desse veneno, Camões assustava-se com a ideia de olvidar a bem-amada. Como era possível que se lhe apagasse da alma *aquelle gesto tão soberano*, que lhe havia mudado o ser, de *humano* em *divino* (1)? Como era possível que abandonasse *aquelle seu pensamento*, pelo qual teria morrido contente (2)?

Eu não posso entender este segredo!

exclama o angustiado poeta.

Mas o veneno foi produzindo os seus effeitos e operou a receada transformação.

Eis como o poeta nos apresenta a estranha creatura, que se lhe apoderou do coração e dos sentidos, a ponto de obliterar a imagem da infanta:

Um mover d'olhos, brando e piedoso,  
Sem ver de quê (3); um riso brando e honesto,  
Quasi forçado; um doce e humilde gesto,  
De qualquer alegria duvidoso;

(1) Relêam-se as bellas redondilhas:

Senhora, quando imagino  
O divino  
Vosso gesto, claro e bello...

(2) Eis como termina o soneto 282, já anteriormente transcripto:

Mas eu não deixarei meu pensamento,  
Porque, inda que este mal me cause a morte,  
*Un bel morir tutta la vita honora.*

(3) Presumo que deve ler-se: *Um não sei quê*. Cf. o soneto 15 (*Busque Amor*):

... Dias ha que na alma me tem posto  
Um não sei quê, que nasce não sei donde.

Veja-se também a passagem de Boscan, citada na pagina anterior,

Um despejo quieto e vergonhoso;  
 Um repouso gravissimo e modesto;  
 Uma pura bondade, manifesto  
 Indicio da alma, limpo e gracioso;  
 Um encolhido ousar, uma brandura;  
 Um medo sem ter culpa, um ar sereno;  
 Um longo e obediente soffrimento:  
 — Esta foi a celeste formosura  
 Da minha Circe, e o magico veneno,  
 Que pôde transformar meu pensamento.  
 (Soneto 35).

De quem se trata? Naturalmente de alguma estonteadora formosura oriental, que, com a sua apparente impassibilidade, tão profunda revolução produziu na alma do apaixonado adorador da infanta.

Do que me não resta duvida é de que o poeta trazia consigo a seductora *Circe*, quando naufragou na costa da Cochinchina, e ahí a viu perecer afogada, sem lhe poder valer.

E foi então que elle, ao exprimir a sua dor, attingiu o supremo grau na poesia lyrica.

Comecemos por estas redondilhas, escriptas naturalmente antes do *mando injusto*, que o forçou a embarcar (1).

*Mote (alheio)*

Se me desta terra fôr,  
 Eu vos levarei, amor.

---

e ainda esta, da canção *Claros y frescos rios*:

Tengo en el alma puesto  
 su gesto tan hermoso  
 y aquel saber estar adonde quiera,  
 el recoger honesto,  
 el alegre reposo,  
 el no sé que, de no sé que manera

(1) Cf. *Lusiadas*, x, 128



*Volta*s

Se me fôr e vos deixar  
 (Ponho por caso que possa),  
 Esta alma minha, que é vossa,  
 Comvosco me ha de ficar.  
 Assi que, só por levar  
 A minha alma, se me fôr,  
 Vos levarei, meu amor.

Que mal póde maltratar-me,  
 Que comvosco seja mal?  
 Ou que bem póde ser tal,  
 Que sem vós possa alegrar-me?  
 O mal não póde enojar-me,  
 O bem me será maior,  
 Se vos levar, meu amor.

Vejamos agora como, alludindo a uma predicção, o poeta nos dá noticia das duas desgraças que lhe aconteceram *em um só dia* — a perda dos haveres que tinha agenciado no Oriente e com que contava para a velhice, e a morte da sua *alegre e doce companheira*:

Cantando estava um dia, bem seguro,  
 Quando passava Sylvio e me dizia  
 (Sylvio, pastor antigo, que sabia  
 Por o canto das aves o futuro):  
 Liso (1), quando quizer o fado escuro,  
 A opprimir-te virão em um só dia  
 Dous lobos; logo a voz e melodia  
 Te fugirão, e o som suave e puro.  
 Bem foi assi, porque um me degolou  
 Quanto gado vaccum pastava e tinha,  
 De que grandes soldadas esperava;

---

(1) Na 1.<sup>a</sup> edição lê-se *Meris*, nome de um pastor da egloga 9.<sup>a</sup> de Vergilio. *Liso* é emenda de Faria e Sousa.

E, por mais dano, o outro me matou  
 A cordeira gentil, que eu tanto amava,  
 Perpetua saudade da alma minha.  
 (Soneto 172).

E, vagueando pelos logares proximos da terrivel catastrophe, de que a custo salvára a vida e o *Canto*, em que celebrava os feitos dos portuguezes (1), o poeta exprime a sua dor pela morte da *cordeira gentil*, em versos de incomparavel belleza.

O ceu, a terra, o vento sossegado...  
 As ondas, que se estendem por a area...  
 Os peixes, que no mar o somno enfreia...  
 O nocturno silencio repousado... (2)  
 O pescador Aonio, que, deitado  
 Onde co vento a agua se meneia,  
 Chorando, o nome amado em vão nomeia,  
 Que não póde ser mais que nomeado:  
 Ondas, dizia, antes que Amor me mate,  
 Tornai-me a minha nympha, que tão cedo  
 Me fizestes á morte estar sujeita!  
 Ninguem responde. O mar de longe bate.  
 Move-se brandamente o arvoredo.  
 Leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita...  
 (Soneto 173).

Ah minha Dynamene! Assi deixaste  
 Quem nunca deixar pôde de querer-te?  
 Que já, nympha gentil, não possa ver-te!  
 Que tão veloz a vida desprezaste!  
 Como por tanto tempo te apartaste  
 De quem tão longe andava de perder-te?  
 Puderam essas aguas defender-te (3)  
 Que não visses quem tanto magoaste?

(1) Vid. *Lusiadas*, x, 128.

(2) Para melhor indicar o estado de perturbação do seu espirito, o poeta, na primeira quadra, deixa as orações incompletas.

(3) Proibir-te, impedir-te.

Nem sómente fallar-te a dura morte  
 Me deixou, que, apressada, o negro manto  
 Lançar sobre os teus olhos consentiste.  
 Oh mar! ó ceu! ó minha escura sorte!  
 Qual vida perderei que valha tanto,  
 Se inda tenho por pouco o viver triste?  
 (Soneto 170).

Cara minha inimiga, em cuja mão  
 Pôs meus contentamentos a ventura,  
 Faltou-te a ti na terra a sepultura,  
 Porque me falte a mi consolação.  
 Eternamente as aguas lograrão  
 A tua peregrina formosura,  
 Mas, enquanto me a mi a vida dura,  
 Sempre viva em minha alma te acharão.  
 E se meus ruços versos podem tanto,  
 Que possam prometter-te longa historia  
 D'aquelle amor tão puro e verdadeiro,  
 Celebrada serás sempre em meu canto,  
 Porque em quantos no mundo houver memoria,  
 Será a minha escriptura o teu lettreiro.  
 (Soneto 23).

E, para que a sua promessa se convertesse em indestrutível realidade, o immortal poeta escreveu estes dous sonetos:

Quando de minhas maguas a comprida  
 Maginação os olhos me adormece,  
 Em sonhos aquella alma me apparece,  
 Que para mi foi sonho nesta vida.  
 Lá numa soidade, onde estendida  
 A vista por o campo desfallece,  
 Corro após ella... E ella então parece  
 Que mais de mi se alonga, compellida.  
 Brado: Não me fujais, sombra benina!  
 Ella — os olhos em mi c'um brando pejo,  
 Como quem diz que já não póde ser —  
 Torna a fugir-me. Torno a bradar: *Dina*...  
 E antes que diga *mene*, acordo e vejo  
 Que nem um breve engano posso ter!  
 (Soneto 72).

Alma minha gentil, que te partiste  
 Tão cedo desta vida, descontente,  
 Repousa lá no ceu eternamente  
 E viva eu cá na terra sempre triste!  
 Se lá no assento etherio, onde subiste,  
 Memoria d'esta vida se consente,  
 Não te esqueças daquelle amor ardente,  
 Que já nos olhos meus tão puro viste.  
 E se vires que póde merecer-te  
 Algũa cousa a dor que me ficou  
 Da magua, sem remedio, de perder-te,  
 Roga a Deus, que teus annos encurtou,  
 Que tão cedo de cá me leve a ver-te,  
 Quão cedo de meus olhos te levou.

(Soneto 19).

A *alma gentil* que a morte levou *dos olhos* do poeta, que arrebatou á sua vista, é tambem o assumpto da seguinte elegia, que Juromenha publicou pela primeira vez (1):

Quem poderá passar tão triste vida,  
 Quem (2) não espera já contentamento,  
 Senão quando de todo fôr perdida.  
 Quem poderá soffrer tão grão tormento,  
 Tão aspero, cruel, tão duro e forte,  
 Quem, morta a esperança e soffrimento (3).

(1) «Esta poesia, que encontramos em um manuscripto do seculo xvii, está repassada de ternura e melancholia, e é escripta no mesmo estylo e até com expressões do inimitavel soneto... que começa *Alma minha gentil*» (III, 515). É escusado observar que Juromenha pensa se trata de D. Catharina de Ataíde.

O texto publicado por Juromenha está alterado em certos pontos. Proponho, por isso, algumas correções.

(2) Talvez *Que* e uma interrogação no fim do terceto: Quem poderá passar uma vida tão triste, que só espera contentamento quando de todo fôr perdida?

(3) Não me occorre correção que satisfaça.



Quem póde imaginar tão dura sorte,  
 Que faz crescer o mal continuamente,  
 E, por não dar remedio, não dá a morte?  
 Quem ha, emfim, tão triste e descontente,  
 Que sempre ande o passado imaginando,  
 E em aborrecimento do presente?  
 Se lá onde tu estás vês qual ando (1),  
 Senhora, e o nosso amor inda lá dura,  
 Bem creio que meu mal estás chorando;  
 Que, faltando-me a tua formosura  
 E a tua alegre e doce companhia,  
 Bem vês qual será (2) minha desventura.  
 Tudo já me entristece, a noite e o dia,  
 E o que mais me atormenta é a lembrança  
 Do bem que noutro tempo possuia.  
 Já perdi de cobrá-lo a confiança,  
 E com isto (3) perdi de ser contente.  
 Quamanho mal é a falta de esperança!  
 Se lá nessa outra vida se consente  
 Sentir-se o mal que cá se anda (4) passando,  
 Senhora minha, o meu não vos (5) atormente,  
 Porque, segundo me elle vai tratando,  
 E (6) o desejo de ver-te da (7) outra parte  
 Já para ti me vae encaminhando.  
 Perto me vejo já de ir a buscar-te;  
 Entretanto te baste esta certeza,  
 Porque (8) a mim só me basta contemplar-te.  
 Allí se acabará nossa tristeza;  
 Amor acabará de atormentar-nos;  
 Não terá allí lugar sua crueza,  
 Mas tê-lo-hemos nós para alegrar-nos.  
 (Elegia 27. Juromenha, III, 251).

(1) Talvez: *Se lá onde tu 'stas, vês qual eu ando.*

(2) Proponho: *qual é a minha, etc.*

(3) Parece-me que deve ser: *a perdi.*

(4) Naturalmente: *que se anda cá.*

(5) Decerto: *te.*

(6) O *E* deve estar a mais.

(7) Provavelmente: *em.*

(8) Não será: *De que?*

Mais tarde, numa hora de profundo desalento e quando já se lhe ia desvanecendo do coração a imagem daquella que lhe *fôra sonho nesta vida*, escrevia o poeta, lembrando-se do *alto logar* em que anteriormente havia posto o seu pensamento :

Em prisões baixas fui um tempo atado,  
 Vergonhoso castigo de meus erros;  
 Inda agora arrojando levo os ferros,  
 Que a morte, a meu pesar, tem já quebrado.  
 Sacrifiquei a vida a meu cuidado,  
 Que Amor não quer cordeiros nem bezerros;  
 Vi maguas, vi miserias, vi desterros;  
 Parece-me que estava assi ordenado.  
 Contentei-me com pouco, conhecendo  
 Que era o contentamento vergonhoso,  
 Só por vêr que cousa era viver ledô.  
 Mas minha estrella, que eu já agora entendo,  
 A morte cega (1) e o caso duvidoso (2)  
 Me fizeram de gostos haver medo.

(Soneto 5).

Reduzido á pobreza pelo *naufragio triste e miserando*, com o coração ainda a sangrar pela morte desastrosa da sua Dynamene, sem o estímulo da paixão pela infanta, que, se por tantos annos lhe havia agitado a vida, tambem lhe tinha dado forças para arrostar trabalhos (3), o poeta,

(1) Que tão cedo lhe *levou dos olhos* a pobre *cordeira gentil*.

(2) O caso que motivou o *injusto mando*, de que se queixa nos *Lusiadas*.

(3) Lêa-se, por exemplo, o soneto 212, escripto no Oriente :

Quem quiser ver de amor uma excellencia,  
 Onde sua fineza mais se apura,  
 Attente onde me põe minha ventura,  
 Porque de minha fé faça experiencia.

para cumulo de infortunios, achava-se envolvido em um *caso duvidoso*, que tinha de ser superiormente apreciado e de que poderia sair mal ferida a sua probidade pessoal.

Mais uma vez a amarga experiencia lhe fazia ver como é verdadeiro o dictado

Perdigão perdeu a penna,  
Não ha mal que lhe não venha!

Que se passou em Gôa entre Camões e D. Constantino de Bragança, o vice-rei que havia succedido, em setembro de 1558, ao governador Francisco Barreto?

Vejamos o que se pôde concluir ou conjecturar do que o poeta nos diz.

Ao dirigir ao vice-rei a epistola 2.<sup>a</sup>, Camões encontra-se ainda sob a alçada do *injusto mando*, que nelle havia sido executado (1).

Onde lembranças mata a larga ausencia,  
Em temeroso mar, em guerra dura,  
A saudade alli 'stá mais segura,  
Quando risco maior corre a paciencia.  
Mas ponha-me a fortuna e o duro fado  
Em morte ou nojo ou damno ou perdição,  
Ou em sublime e prospera ventura;  
Ponha-me emfim em baixo ou alto estado:  
Que até na dura morte me acharão  
Na lingua o nome e na alma a vista pura.

(1) Este receberá, placido e brando,  
No seu regaço o Canto, que molhado  
Vem do naufragio triste e miserando,  
Dos procellosos baixos escapado,  
Dás fomes, dos perigos grandes, quando  
Será o injusto mando executado  
Naquelle cuja lyra sonora  
Será mais afamada que ditosa.

(*Lusiadas*, x, 128).

Apesar disso, não duvida sair em defesa de quem tão mal visto era, por querer pôr cobro á *desordem temeraria do vulgo*, mal acostumado do governo anterior (1).

## I

Como nos vossos hombros tão constantes,  
Principe illustre e raro, sustenteis  
Tantos negocios arduos e importantes,  
Dignos do largo imperio que regeis ;  
Como sempre nas armas rutilantes  
Vestido, o mar e a terra segureis'  
Do pirata insolente e do tyrano  
Jugo do potentissimo othomano ;

## II

E como com virtude necessaria,  
Mal entendida do juizo alheio,  
Á desordem do vulgo temeraria  
Na santa paz ponhais o duro freio ;

---

(1) Diogo do Couto, que tinha conhecimento directo da administração deste vice-rei, explica-nos as causas por que elle era mal visto: «O que o fez não ser do gosto destes homens e de outros da India, senão querer que quem devia que pagasse e que quem furtava e matava que morresse ? Das quaes cousas achou a terra de muito tempo posta em fôro, que com o hyssopo de agua benta se absolvía... O donde lhe veyo o mal dil-o-hei: ser muito registado no dar e dispender a fazenda de S. Alteza, ao menos aos primeiros annos, cousa que aos homens mal parecia, pelo fôro em que estavam postos; a outra era ser muito inteiro na justiça e pouco amigo de moderar sentenças;... e juntamente o que a todos custou em geral para escandalo foi tomar as drogas para S. Alteza, fazel-as defesas, que era o mais certo pão de que viviam os homens da India e que pareceo mau tiral-o... Assim que de querer olhar pela fazenda e justiça de S. Alteza, conforme ao que levava por seu regimento,... lhe veio não ser muito amado». *Dialogo do soldado pratico portuguez*, pag. 53-54 (Lisboa, 1790). Estas palavras do sensato amigo de Camões ministram-nos um valioso subsidio para a interpretação de certas passagens da epistola 2.<sup>a</sup>.



Se com minha escriptura, longa e varia,  
 Vos occupasse o tempo, — certo creio  
 Que, com vagante e ociosa phantasia,  
 Contra o commum proveito peccaria;

## III

E não menos seria reputado  
 Por doce adulator, sagaz e agudo,  
 Que contra meu tão baixo e triste estado  
 Busco favor em vós, que podeis tudo,  
 Se, contra a opinião do vulgo errado,  
 Vos celebrasse em verso humilde e rudo.  
 Dirão que com lisonja ajuda peço  
 Contra a miseria injusta que padeço.

O poeta não quer, com seus versos, distrair a atenção do vice-rei, preocupado com tantos negocios; não quer também que o tenham por um adulator, que vem pedir a protecção de quem lhe póde valer *contra o seu tão baixo e triste estado*, de quem o póde *livrar da miseria injusta que padece* (1).

Mas nem porisso deixará de dizer a verdade desinteressadamente, sem a mira em qualquer *premio*.

## IV

Porém, porque a verdade póde tanto  
 No livre arbitrio,.....  
 .....  
 Esta me obriga a que, em humilde canto,  
 Contra a tenção que a plebe ignara tem,  
 Vos faça claro a quem vos não alcança,  
 E não de premio algum vil esperança.

---

(1) Das expressões que o poeta emprega parece-me poder-se inferir que elle se achava preso, de certo por causa do *caso duvidoso*, que havia motivado o *mando injusto*.

E, entrando no assumpto, o poeta estabelece e demonstra com exemplos o principio geral de que neste mundo,

..... na vida,  
Ninguem alcança a gloria merecida.

Não deve, porisso, estranhar-se

O vituperio vil das rudas gentes,

que, afinal,

É louvor dos reaes e sublimados.

Exalta em seguida o poeta os antepassados de D. Constantino, destacando entre elles o *grão Nuno, pae da patria sua*:

#### VII

.....  
Quem no lume dos vossos ascendentes  
Poderá pôr os olhos, que abalados  
Lhes não fiquem da luz, vendo os maiores,  
Vossos passados, reis e imperadores ?

#### VIII

Quem verá aquelle Pae da Patria sua,  
Açoute do soberbo castelhano,  
Que o duro jugo só, co'a espada nua,  
Removeu do pescoço lusitano,  
Que não diga : Ó grão Nuno, a eterna tua  
Memoria causará, se não me engano,  
Que qualquer teu menor (1) tanto se estime,  
Que nunca possa ser senão sublime ?

E, depois de dizer que não prosegue nesta materia, por não

---

(1) Descendente. Latinismo correspondentemente a *maiores*, antepassados.

possuir engenho adequado, o poeta entra na especificação e louvor dos actos do vice-rei.

## IX

.....  
 Mas, pois a dizer tudo me offereço,  
 E dias ha que no desejo o tenho,  
 Sendo vós de tão alto e illustre preço,  
 A vida fostes pôr num fraco lenho,  
 Por largo mar e undosa tempestade,  
 Só por servir á regia majestade (1).

## X

E depois de tomar a redea dura  
 Na mão, do povo indomito, que estava  
 Costumado a larguezas e á soltura  
 Do pesado (2) governo que acabava,  
 Quem não terá por santa e justa cura,  
 Qual do vosso conceito se esperava,  
 A tão desenfreada enfermidade  
 Aplicar-lhe contraria qualidade?

---

(1) Cf. Couto, *Decada* 7.<sup>a</sup>, 6, 1, sobre as circumstancias em que D. Constantino de Bragança foi nomeado vice-rei da India.

(2) Como explicar este epitheto, applicado ao governo que permittia *larguezas e soltura ao povo indomito*? Se o texto não está alterado, talvez o poeta se refira ao procedimento que com elle teve Francisco Barreto. Deixando *ás soltas o povo indomito*, este governador da India só para o poeta foi *pesado*. Seja, porém, esta ou outra a explicação do epitheto, o que é certo é que o poeta quis, nesta epistola, ser desagradavel ao antecessor de D. Constantino de Bragança. Nem se diga que o fazia apenas para ser lisongeiro com quem podia livrá-lo do seu *tão baixo e triste estado, da miseria injusta que padecia*. Oppõe-se a isto o character do poeta e o proprio conteúdo da epistola. Se Camões sáe a campo, em defesa do malquistado vice-rei, fá-lo em nome da verdade; fá-lo até com risco de ver malsinadas as suas intenções. Não podia, portanto, deixar de ser escrupulosamente exacto, quer se referisse ao vice-rei, quer ao seu antecessor.

## XI

Não é muito, Senhor, se o moderado  
 Governo se blasphema e se desama,  
 Porque o povo, á largueza costumado,  
 Á lei serena e justa, dura chama.

.....

Pelos seus feitos bellicos — conquista de Damão e jornada  
 contra o rei de Jafanapatão — (1) tem D. Constantino asse-  
 gurada fama immorredoura.

(1) O vice-rei, voltando de Ceilão, depois de haver submettido o rei  
 citado no texto, deu entrada em Gôa em principios de março de 1561  
 (Couto, *Decada* 7.<sup>a</sup>, 9, 10), seis meses antes de findar o seu governo.  
 Foi neste periodo, como se vê, que o poeta escreveu a epistola 2.<sup>a</sup>. Direi  
 de passagem que na estancia xvii desta epistola se encontram dous ver-  
 sos, dirigidos ao rei de Jafanapatão, que esclarecem um logar obscuro  
 dos *Lusiadas*.

Lê-se na epistola :

Déste bem a intender quão grande gloria  
 É de tal vencedor o ser vencido.

E nos *Lusiadas*, vii, 56, 8 :

..... será no mundo ouvido  
 O vencedor, por gloria do vencido.

Nas *Fontes dos Lusiadas*, pag. 160, nota, suppus que teria sido *emen-  
 dado* o texto deste ultimo verso, mudando-se *sem* em *por*. Baseava-me  
 para isso neste passo do *Trionfo d'Amore*, em que Petrarca, referindo-se  
 a Cesar, preso por Cleopatra nos laços do amor, observa :

Or di lui si trionfa : ed è ben dritto,  
 Se vinse il mondo ed altri ha vinto lui,  
 Che del suo vincitor si glorie il vitto.

(C. I., v. 91-93).



## XVII

.....  
 Quem faz obras tão dignas de memoria,  
 Será sempre famoso e conhecido  
 Onde os altos juizos o estimarem,  
 Que estes sós têm poder de fama darem.

Que importa, pois, a opinião do povo ignaro?

## XVIII

Não vos temais, Senhor, do povo ignaro,  
 Tão ingrato a quem tanto faz por elle;  
 Mas sabei que é signal de serdes claro  
 O ser agora tão malquisto d'elle (1).

O caso presente não é senão mais um a accrescentar a tantos outros, de que a historia nos dá noticia. O poeta cita, dentre os gregos, Themistocles, Cimon, Lycurgo, Aristides, Pachitas e Demosthenes (2) e conclue:

Pois mil exemplos deixo dos romanos;  
 E vós tambem sois um dos lusitanos.

---

(1) Lêa-se Couto, *Decada* 7.<sup>a</sup>, 9, 17: «Todo este inverno (1561) gastou (o visorrei) em acabar huma náó, que fez defronte dos seus Paços, pera se ir nella pera o Reyno por esperar em setembro por successor;... foi a causa (esta náó) que assim na India, como em Portugal lhe remorderam mais que todas. E tanto que lhe contrafizeram aquelle romance, que diz: *Mira Nero de Tarpeya a Roma como se ardia em Mira Nero da janella la nave como se fazia*». O veridico historiador justifica o calumniado vice-rei e accrescenta que este veio pobre para o reino, o que não obstou a que, chegando a Lisboa, fosse «mexericado que levava grandes riquezas e thesouros e que roubára a India».

(2) Observação de W. Storck (*Vida de Camões*, pag. 612, n. 2.<sup>a</sup>): «As vinte oitavas, tão viris e recheiadas de allusões a pessoas e datas da

De nada valeu, porém, ao poeta o fazer-se apologista do malquisto vice-rei; de nada lhe serviu o ter encarecido as proezas bellicas do descendente do *grão Nuno*.

Quando D. Constantino entregou o poder ao seu successor, chegado a Gôa a 7 de setembro de 1561, Camões continuava ainda no seu *tão triste e baixo estado, padecia ainda a miséria injusta*, a que não tinha dado remedio quem *tudo podia*.

Se não estou em erro, o poeta desforçou-se nos *Lusiadas*, talvez na propria altura em que então levava a epopea. Lêam-se as estancias finaes do canto VII, em que elle novamente invoca as *nymphas do Tejo e do Mondego*, para poder continuar a cantar os feitos dos portuguezes.

## LXXVI

.....  
 Vosso favor invoco, que navego  
 Por alto mar, com vento tão contrario,  
 Que, se não me ajudais, hei grande medo  
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

## LXXIX

Olhai que ha tanto tempo que, cantando  
 O vosso Tejo e os vossos lusitanos,  
 A fortuna me traz peregrinando,  
 Novos trabalhos vendo e novos danos:  
 Agora o mar, agora exp'rimtando  
 Os perigos mavorcios inhumanos,  
 Qual Canace que á morte se condena,  
 Numa mão sempre a espada e noutra a penna.

---

antiguidade hebraica e grega, provam uma memoria excepcional. O unico lapso está no nome *Pachitas*, por *Paches* ou *Pachetes*. A sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis conjectura que o poeta escreveu realmente *Pachetes* (Ibid, pag. 613, nota \*).

## LXXX

Agora, com pobreza aborrecida,  
 Por hospícios alheios degradado;  
 Agora da esperança já adquirida  
 De novo mais que nunca derribado (1);  
 Agora ás costas (2) escapando a vida,  
 Que dum fio pendia tão delgado.

.....

## LXXXI

E ainda, nymphas minhas; não bastava  
 Que tamanhas miserias me cercassem,  
 Senão que aquelles que eu cantando andava  
 Tal premio de meus versos me tornassem :  
 A troco dos descansos que esperava,  
 Das capellas de louro que me honrassem,  
 Trabalhos nunca usados me inventaram,  
 Com que em tão duro estado me deitaram.

Vêde, nymphas, que engenhos de senhores  
 O vosso Tejo cria valerosos,  
 Que assi sabem prezar com taes favores  
 A quem os faz cantando gloriosos !  
 Que exemplos a futuros escriptores,  
 Para espertar ingenhos curiosos,  
 Para porem as cousas em memoria,  
 Que merecerem ter eterna gloria (3) !

Se bem interpreto esta passagem da nossa epopea nacional,

(1) Parece-me que o poeta allude, embora em termos vagos, á esperança, renascida no Oriente, de que a infanta se *lembraria delle*.

(2) Nas *Fontes dos Lusíadas*, pag. 256, nota 1, proponho a lição *a custo*.

(3) As estancias que se seguem (LXXXIII—LXXXVII) foram, segundo creio, escriptas ou pelo menos retocadas em Lisboa.

Camões attribue a D. Constantino de Bragança o *mando injusto* que contra si foi executado, ou, pelo menos, o *tão duro estado*, os *trabalhos nunca usados*, que d'ái lhe provieram. E quem sabe se, no procedimento do vice-rei, elle não veria o effeito de indicações vindas de mais alto, da *Catharina Real*, que havia sido mettida a ridiculo no prologo do *Auto de El-Rei Seleuco*, e que, agora mais que nunca, se julgaria constituída na obrigação de evitar á sobrinha e cunhada qualquer motivo de desgosto?

Seja como fôr, o que me parece fóra de duvida é que D. Constantino de Bragança devia estar bem informado das antigas pretenções amorosas de Camões a respeito da infanta D. Maria. Ora, estando a findar o seu governo, era natural que elle quisesse deixar ao successor a solução do *caso duvidoso* do poeta. Evitava assim que este viesse na mesma occasião para o reino e fosse mais um pretexto de que os seus inimigos se aproveitariam para o *mexericarem*.

Felizmente para o poeta, o novo vice-rei era o 3.º conde do Redondo, D. Francisco Coutinho. «Facil, alegre, bem assombrado, muito avisado e grande cortesão, (tendo) ditos muito galantes» (1), o illustre fidalgo era um velho conhecido e talvez um amigo do poeta (2) e sabia a fundo a historia da

---

(1) Couto, *Decada* 7.ª, 10, 17.

(2) Se o soneto 86 (*Dos antigos illustres*) — em que se celebram os feitos do valente capitão de Arzilla, D. João Coutinho, pae do vice-rei — foi escripto antes de o poeta ir para o Oriente, podemos conjecturar que entre este e o filho do 2.º conde do Redondo não havia apenas as relações banaes da sociedade.

Eis como termina o referido soneto :

Vós, honra portugueza e dos Coutinhos,  
 Clarissimo D. João, com melhor nome  
 A vós encheis de gloria, a nós de exemplo.



sua paixão pela infanta. Basta dizer que era genro de Francisco de Gusmão, mordomo-mór da filha de D. Manuel, e de D. Joanna de Blasfé, camareira-mór e confidente da mesma senhora.

Não tardou muito, por certo, que o poeta soubesse quaes eram a seu respeito as disposições do novo vice-rei. E o meio foi talvez este mote — o que bem condiz com a conhecida indole do successor de D. Constantino de Bragança — :

Muito sou meu inimigo,  
 Pois que não tiro de mi  
 Cuidados com que nasci,  
 Que põem a vida em perigo.  
 Oxalá que fôra assi (1) !

Claro é que as *voltas* do poeta se não fizeram esperar.

Viver eu, sendo mortal,  
 De cuidados rodeado,  
 Parece meu natural;  
 Que a peçonha não faz mal  
 A quem foi nella criado.

Tanto sou meu inimigo,  
 Que, por não tirar de mi  
 Cuidados com que nasci,  
 Porei a vida em perigo.  
 Oxalá que fôra assi !

Tanto vim a acrescentar  
 Cuidados, que nunca amansam  
 Enquanto a vida durar,  
 Que canso já de cuidar  
 Como cuidados não cansam.

---

(1) Como se sabe, estes versos encontram-se entre as redondilhas de Camões, sob a rubrica : *Mote que lhe mandou o Viso-Rei*. O ultimo verso, que pelo sentido parece devia ser : *Oxalá não fôra assi*, visava naturalmente a dificultar as voltas.

Se estes cuidados que digo  
 Dessem fim a mi e a si,  
 Fariam pazes comigo;  
 Que, pôr a vida em perigo,  
 O bom (1) fôra para mi.

Dentro em pouco o *caso duvidoso*, que tanto havia opprimido o poeta, achava-se liquidado, sem desdouro para elle, e o vice-rei *servia-se de o occupar* em determinados trabalhos (2).

Conde, cujo illustre peito  
 Merece nome de rei,  
 Do qual muito certo sei  
 Que lhe fica sendo estreito  
 O cargo de visorei:

Servirdes-vos de occupar-me,  
 Tanto contra meu planeta,  
 Não foi senão asas dar-me,  
 Com as quaes vou a queimar-me,  
 Como faz a borboleta.

---

(1) Provavelmente: *o bem*.

(2) Que trabalhos seriam esses? Permitta-se-me apresentar uma conjectura. O poeta leu ao vice-rei os *Lusiadas*, que ainda não estavam completos, e expôs-lhe o projecto de nelles incluir a descripção geographica das regiões orientaes, conquistadas ou visitadas pelos portuguezes, e bem assim a historia dos feitos por estes praticados nessas regiões. O vice-rei encarregaria então Camões de procurar no archivo de Goa todos os elementos de que precisasse para escrever aquella parte do poema.

Fossem, porém, estes ou outros os trabalhos de que o poeta foi encarregado, o que me parece certo é que eram remunerados e que elle via assim assegurada a sua modesta subsistencia.

Segundo W. Storck (*Vida de Camões*, pag. 621), o vice-rei «talvez se servisse do talento estylistico e litterario (de Camões) para redigir actas e cartas que precisavam de uma redacção mais esmerada e limada».

E se eu a penna tomar,  
 Que tão mal cortada tenho,  
 Será para celebrar  
 Vosso valor singular,  
 Dino de mais alto engenho.

.....

A clemencia que asserena  
 Coração tão singular,  
 Se eu nisso pusesse a penna,  
 Seria encerrar o mar  
 Em cova muito pequena.

Bem basta, Senhor, que agora  
 Vos sirvais de me occupar,  
 Que assi fareis aparar  
 A penna, com que algum'hora  
 Vos vereis ao ceu voar.

Assi vos irei louvando,  
 Vós a mi do chão erguendo,  
 Ambos o mundo espantando;  
 Vós com a espada cortando,  
 Eu com a penna escrevendo.

Voltaram então para o poeta dias de desafogo e de alegria (1), que elle tinha visto fugirem-lhe havia tantos annos.

---

(1) Lêa-se nas *Redondilhas* o *Convite que fez na India a certos fidalgos*. É bem conhecida a engraçada lista do *pantagruelico festim*:

Tendes : nemigalha — *assada*;  
 Cousa nenhuma — *de molho*;  
 E nada feito em — *empada*;  
 E vento — *de tigelada*;  
 Picar no dente — *em remolho*;  
 De fumo tendes — *tassalhos*;  
 Ave — da pena que sente  
 Quem da fome anda doente —;  
 Bocejar — *de vinho e d'alhos*;  
 Manjar — em *branco*, excellente.

E o pobre coração adormentado, depois de um pequeno repouso, tornou a dar signal de si. Era do programma :

No tempo que de amor viver soía,  
 Nem sempre andava ao remo ferrolhado ;  
 Antes, agora livre, agora atado,  
 Em varias flammæ variamente ardia.  
 Que ardesse num só fogo não queria  
 O ceo, porque tivesse exprimentado  
 Que nem mudar as causas ao cuidado  
 Mudança na ventura me faria.  
 E, se algum pouco tempo andava isento,  
 Foi como quem co peso descansou,  
 Por tornar a cansar com mais alento.  
 Louvado seja Amor em meu tormento,  
 Pois para passatempo seu tomou  
 Este meu tão cansado soffrimento.

Agora, a *flamma* em que o poeta ardia, era a *Barbara escrava*, a humilde creatura immortalizada em uns versos, que, no genero, competem com o melhor de que tenho noticia.

Aquella captiva,  
 Que me tem captivo,  
 Porque nella vivo,  
 Já não quer que viva.

Eu nunca vi rosa  
 Em suaves molhos,  
 Que, para meus olhos,  
 Fosse mais formosa.

.....

Esta é a captiva  
 Que me tem captivo ;  
 E pois nella vivo,  
 É força que « viva » (1).

---

(1) Segundo a ingenhosa interpretação da sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis,



Como ia longe o tempo em que o poeta, escrevendo o soneto 159, se declarava, em fôrma de duplo acrostico, *captivo* de uma *mui alta senhora* — da infanta D. Maria!

Vencido está de amor	meu pensamento,
O mais que pôde ser;	vencida a vida,
Sujeita a vos servir e	instituida,
Offerecendo tudo	a vosso intento.
Contente deste bem,	louva o momento
Ou hora, em que se viu	tão bem perdida,
Mil vezes desejando,	assi ferida,
Outras mil renovar	seu perdimento.
Com esta pretensão	está segura
A causa que me guia	nesta empresa,
Tão sobrenatural,	'honrosa e alta,
Jurando não querer	outra ventura,
Votando só por vós	rara firmeza,
Ou ser no vosso amor	achado em falta.

Foi por certo para se desculpar, não tanto perante os amigos, como aos seus proprios olhos, que o poeta escreveu a ode 10.<sup>a</sup>.

' Nella adduz o exemplo de Achilles, que

..... se viu captivo  
Da captiva gentil, que serve e adora;

o de Salomão,

Que mais que todos soube, mais amou;

o do *grão sabio* Aristoteles, que a uma *baixa concubina*

Aras ergueu, que aos deuses só devia.

o poeta, no fim do jantar cuja *lista* já conhecemos, brindou á Luisa Barbara, recitando as *endechas*, e terminando-as por um *viva!*, incorporado no ultimo verso. (W. Storck, *Vida de Camões*, pag. 619, nota).

Mas que culpa tinha o poeta,

..... se, de pequeno, offerecido  
 Foi todo a seu cuidado,  
 No berço instituido  
 A não poder deixar de ser ferido ?

Dispondo das boas graças do vice-rei, a ponto de lhe recommendar homens como Heitor da Silveira e Garcia da Orta (1), Camões tinha decerto assegurada a sua vinda para o reino. Seria até naturalmente companheiro de viagem do illustre fidalgo, que, segundo a praxe, lhe faria todas as despesas. Tudo isto, é claro, depois da promessa formal — que aliás já não seria muito custosa —, de não mais se lembrar da infanta D. Maria.

(1) Relativamente a Heitor da Silveira, veja-se nas *Redondilhas* a graciosa *ajuda* á petição de um subsidio, que aquelle dirigiu ao vice-rei. Emquanto a Garcia da Orta, é sabido que os celebres *Coloquios*, impressos em Gôa em 1563, são precedidos de uma ode de Camões (a 8.ª) *ao conde do Redondo*, na qual se exalta o merito scientifico do *grão volume* do velho medico e botanico portuguez, e se sollicita para elle o *favor e amparo* do generoso fidalgo.

Pois se o poeta, escudado na protecção do seu nobre amigo, até se permitia o raro prazer de trocar de um terrivel agiota — o capitão Miguel Rodrigues Coutinho, o *Fios Secos* —, em cujas garras havia caído !

Que diabo ha tão danado,  
 Que não tema a cutilada  
 Dos *fios secos* da espada  
 Do fero Miguel armado ?

.....

Com razão lhe fugiria,  
 Se, contr'elle e contra tudo,  
 Não tivesse um forte escudo  
 Só em vossa Senhoria.

É que o *fero Miguel* era temivel, quer exhibisse uma confissão de divida, quer arrancasse da bem afiada durindana.

Mas, infelizmente, alguns meses antes de chegar ao termo do seu governo, «adoeceu o conde do Redondo e foi tão abreviada sua enfermidade, que quasi se não sentio senão quando se disse que era falecido. O que causou em todos grande espanto e tristeza, porque estava muito bem quisto de todos. Faleceu aos 19 dias de fevereiro do anno de 1564, em que andamos, ás 2 horas da tarde, tendo governado a India dous annos e meio» (1).

É facil presumir como devia ter sido dolorosa para o poeta a prematura perda do seu generoso amigo.

Privado de recursos e tão longe da patria, sentindo já naturalmente os primeiros rebates da decadencia physica, apressados por dez annos de peregrinação por diversas partes do Oriente, com que sombrias cores se não lhe antolharia por vezes o futuro?

Oh! como se me alonga, de anno em anno,  
 A peregrinação cansada minha!  
 Como se encurta e como ao fim caminha  
 Este meu breve e vão discurso humano!  
 Minguando a idade vai, crescendo o dano.  
 Perdeu-se-me um remedio que inda tinha.  
 Se por experiencia se adivinha,  
 Qualquer grande esperanza é grande engano.  
 Corro após este bem, que não se alcança;  
 No meio do caminho me fallece.  
 Mil vezes caio e perco a confiança.  
 Quando elle foge, eu tardo, e na tardança,  
 Se os olhos ergo, a ver se inda apparece,  
 Da vista se me perde e da esperanza.

(Soneto 48).

Tudo leva a crer que foram estas as cogitações que domi-

---

(1) Couto, *Decada* 7.<sup>a</sup>, 10, 17.

naram no espirito do poeta, desde a morte do conde do Redondo até o embarque para Moçambique (1).

Como elle lastima o seu *triste estado* e se queixa da *fortuna injusta!*

Eu cantei já, e agora vou chorando  
 O tempo que cantei tão confiado.  
 Parece que no canto já passado  
 Se estavam minhas lagrimas criando.  
 Cantei; mas se me alguém pergunta: quando?  
 Não sei; que tambem fui nisso enganado.  
 É tão triste este meu presente estado,  
 Que o passado por ledó estou julgando.  
 Fizeram-me cantar manhosamente  
 Contentamentos não, mas confianças;  
 Cantava, mas já era ao som dos ferros.  
 De quem me queixarei, se tudo mente?  
 Porém que culpas ponho ás esperanças,  
 Onde a fortuna injusta é mais que os erros?

(Soneto 167).

Por fim, depois de tres longos annos, Pedro Barreto trouxe

---

(1) «Sobre o triennio (de 1564-1567) paira um denso nevoeiro, que não nos é dado descortinar. Nesta situação devemos presumir que viveu dos proventos grangeados durante o reinado do liberal e benevolo conde, soccorrido de vez em quando por amigos sinceros e leaes, como era, por exemplo, o velho dr. Garcia da Orta, e que utilizou o ocio, cinzelando os ultimos tres ou quatro cantos dos *Lusíadas*, para cuja confecção lhe eram indispensaveis os documentos e annuarios do Archivo Nacional de Góá». (Storek, *Vida de Camões*, pag. 645).

A ode *Fôra conveniente*, conservada no *Cancioneiro* de L. Franco, fl. 89, e publicada por Juromenha como sendo de Camões, não pertence ao poeta, como observa W. Storek (*Vida*, pag. 642). Não pôde, portanto, della inferir-se que o successor do conde do Redondo, D. Antão de Noronha, a quem se suppunha que o poeta a dirigira, fosse um protector deste. Na minha opinião, esta ode, cujo texto está bastante alterado, não só não é de Camões, mas até o tem a elle por assumpto. Foi um admirador do poeta que a escreveu em seu louvpr.



o poeta comsigo para Moçambique (setembro de 1567). E, no anno de 1569, alguns amigos, que vinham da India, pagaram-lhe a passagem para o reino (1).

## VI

### De volta do Oriente

A *Santa Clara*, em que vinha o poeta, chegou a Cascaes em abril de 1570, quando já se podia considerar extincta a *peste grande*, que tantas victimas havia causado. Não houve, portanto, muita demora na livre pratica (2).

Podemos suppôr que um dos primeiros cuidados do recém-chegado, depois do desembarque, seria colher informações a respeito da infanta, que decerto se achava então fóra de Lisboa, por causa da peste.

E o que o poeta logo soube — se é que disso ainda não tinha noticia — foi que a illustre senhora, frustrado o seu casamento com o filho de Carlos V, havia energica e altiva-

(1) «Em Moçambique achamos aquelle Principe dos Poetas do seu tempo, meu matalote e amigo, Luis de Camões, tão pobre que comia de amigos. E pera se embarcar pera o Reyno lhe ajuntamos os amigos toda a roupa que houve mister e não faltou quem lhe dêsse de comer». Couto, *Decada 8.<sup>a</sup>, 1, 28.*

(2) Eis as palavras de Couto: «Chegamos a Cascaes em abril e ahi surgimos, por estar a cidade de peste. E tinha el Rey alli regimento que, chegando as naos, surgissem fóra e lhe mandassem um criado seu com cartas para saber novas da India. E... me desembarcaram com as cartas para ir dar novas (a el Rey). Em Almeirim o esperei, aonde veio ter, d'ahi a dous dias... E por os fysicos assentarem estaria a cidade fóra do mal grande que teve, mandou el Rey que entrassem as naos dentro». *Decada 8.<sup>a</sup>, 1, 28.*

mente rejeitado todas as novas propostas matrimoniaes (1), havia definitivamente morrido para o mundo. «Dotada de animo grande e espirito levantado, de accordo com a sua alta posição, revelando a generosidade propria de nobres caracteres, perdoa tantos e tão repetidos agravos, o desvanecimento das suas mais risonhas esperanças. Sem uma queixa, sem um reparo, com discreta reserva, põe termo a tudo. Renuncia a qualquer enlace; resolve ficar solteira e no reino, no meio das suas amigas, dos seus livros e dos seus pobres, entregue d'ora avante ás sciencias e artes, a obras

---

(1) Quando em 1556 e 1557 D. João III insistia manhosamente com a irmã para que casasse, pois esperava assim evitar que a rainha D. Leonor a levasse para junto de si (o casamento depois se desfaria), a illustre senhora perdeu a paciência e deu esta altiva resposta ao dissimulado e importuno irmão: «Quando huuo que tratar negocios que parecian buenos, anduuo V. A. en dilaciones y de feria en feria, sin quererlos concluir, y agora que no ay ninguno, me sale com esso? Pues aunque fuesse Monarca del mundo, no lo harè, ni se ha de pensar tal cosa de mi». (Pacheco, *V. de la Infanta*, fl. 56). E o embaixador espanhol, D. Sancho de Cordova, que nos transmittiu estas palavras, precede-as dos seguintes dizeres: «El Rey tratò con su hermana a que quando ella se determine ir con su madre, que casasse con el señor Rey de Romanos, y ella se alterò tanto de oirlo, y le respondio de manera, que le pesò de auerle hablado, porque, entre las otras asperas palabras que le dixo, fueron estas» (seguem-se as palavras ha pouco transcriptas). E o enviado de Carlos V, depois de elogiar a intelligencia, a cordura, a gravidade da infanta, o costume que tinha de fallar pouco e com muito acerto, prosegue: «Temense sus determinaciones como de tal, que no son de muger moça, que mañana se pueden esperar otras que las que oy tiene... Ella quedò tan sentida del passado (allusão ao casamento com o principe das Asturias, agora já rei de Espanha), que veo que aun para el no daria oídos, porque tiene otros fines muy santos y honrados, y, sin hazer estremos en ello, ha mas de dos años que se ensaya en un vestido y recogimiento muy bueno, y mucha oración, y esto no como hipocrita, sino como conuiene a su edad y persona; y tiene el entendimiento y valor que digo». (Pacheco, fl. 58).

de caridade e cuidados religiosos. Despede-se do mundo e de seus enganões, preferindo a placidez da vida contemplativa, o ideal de Rachel-Maria, aos cuidados e conflictos da vida activa de Lea e Marta» (1).

Eis como Fr. M. Pacheco descreve a vida quotidiana da filha de D. Manuel:

«Por las mañanas, auiendo cumplido sus particulares deuociones, que suelen hazer las almas timoratas al leuantarse del sueño, se iba a su capilla, y alli oia dos y tres missas con singularissima deuocion. Confessauase en los mas de los dias, comulgaua en los que le disponia su confessor... Despues de confessar, ò de comulgar en los dias permitidos, se retiraua a oració; y acabada ella, entraua en despacho de memoriales que acudian a su palacio, de huerfanas, viudas y otro genero de gente necessitada... Cumplida esta santa occupacion, el tiempo que restaua hasta la hora de comer se despendia en estudios que guiã al mayor conocimiento de Dios; y a sus horas se ponía à la mesa, con la grandeza deuida a su Real persona, mas en el comer cõ la tẽplança de religiosa obseruantissima... Este tenor de vida igualaua a la Religion mas reformada, viuendo en el mundo como se estuuiera fuera del» (2).

É obvio que, nestas condições, não restava ao poeta outro remedio senão recalcar no fundo do coração as *perpetuas saudades* daquella que, por tantos annos, fôra a *vida da sua alma*.

Qualquer tentativa que agora fizesse para que a infanta *se lembrasse* delle, não só seria absolutamente inutil, mas não deixaria de lhe acarretar graves desgostos.

Com effeito, o carinhoso interesse, a respeitosa sympathya,

(1) Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis, *A infanta D. Maria*, pag. 22-23.

(2) Folhas 97 v.-99.



em que o povo de Lisboa envolvera, desde pequenina, a orphã do *Rei Venturoso*, e que mais de uma vez o havia feito sair para a rua, afim de evitar que lh'a levassem para fóra do reino (1), esse interesse e sympathia, digo, acha-

(1) A primeira vez, como se sabe, foi quando a rainha viuva, D. Leonor, se viu forçada a retirar-se do reino. Contra o que aliás se achava estipulado no contracto matrimonial, o povo não consentiu que a desolada mãe levasse consigo a infantinha. «Tomada... la resolucion por el Rey de entregar la Infanta, divulgòse por el pueblo, que tuuo tal sentimiento, de que huuiesse de desterrar-se del Reino en edad tan tierna una Princesa natural dèl, hija del mas querido Rey que hasta entonces le auia gouernado, que faltaua poco para passar a motin. Discurriasse publicamente acerca desto, dizendose por los corrillos y conuersaciones que era nouedad jamas vista en Portugal embiar sus Princesas a Reinos estraños, entregando la tutoria, que era propia del Rey, al que por ventura la pretendia, menos por amor que por codicia... Assi se platicaua entre mayores y menores, q̄, quãdo se sueltan las lenguas populares, nada dexan por dezir, y el vulgo... en esta ocasion hablaua tan libremente en la materia, que el Rey le pareciò digna de grande reparo, instado tambien de lo que le escriuiò la ciudad dè Lisboa». (Pacheco, fl. 10 v.-12). E a cidade de Lisboa perguntava com intimativa a el-rei: «Onde mandaes a nossa infanta, nascida como em nossos braços, filha legitima de nosso natural rey, successora e herdeira em seu grau, nossa paz presente, alliança futura, riqueza certa?» (Andrade, *Chronica de D. João III*, parte 1.ª, cap. 19). A segunda vez que o povo de Lisboa teve de intervir foi quando em 1557 a rainha D. Leonor — morta de saudades pela filha querida e sabedora já de que mais de uma vez tinha dado, na melhor das intenções, o seu apoio inconsciente a tortuosos planos, tendentes a prejudicá-la — empregou desesperados esforços para a levar para junto de si. «A sorte da Infanta e sua bondade impressionaram profundamente o povo, cujos clamores a haviam arrancado em tempo dos braços de sua mãe. Fazendo seu o querer do soberano, exactamente como na primeira conjunctura, não quis deixar partir a que era o amparo dos pobres, protectora dos poetas e dos sabios, e que havia partilhado todas as dores e alegrias da nação durante 36 annos. Concedeu-se-lhe, porém, licença para uma entrevista na raiã do reino, mas só depois de a Infanta ter prestado juramento solemne de voltar em



vam-se no seu auge e haviam-se, por assim dizer, transformado em intractavel ciume.

Mal iria, porisso, a quem se lembrasse de causar o menor desgosto áquella a quem o povo da capital considerára, desde sempre, *a sua infanta, nascida como em seus braços*, áquella que tão generosamente distribuia a sua enorme fortuna.

O caminho que o poeta tinha a seguir estava, pois, traçado. Ouçamo-lo:

Que me quereis, perpetuas saudades ?  
 Com que esperanças inda me enganais ?  
 O tempo que se vai, não torna mais,  
 E se torna, não tornam as idades.  
 Razão é já, ó annos, que vos vades,  
 Porque estes tão ligeiros, que passais,  
 Nem todos para um gosto sois iguaes,  
 Nem sempre são conformes as vontades (1).

---

breve para Lisboa e de não transigir com os desejos da mãe. D. Leonor, anciosa e afflicta, estava em Badajoz, á espera, havia dois meses ! Finalmente, em dezembro de 1557, a Infanta chega com sequito apparatuso, brilhante não, porque ambas trajavam dó por morte de D. João III. Vinte dias passaram juntas... Depois, D. Maria recolheu a Lisboa, fiel á sua promessa, apesar das vivas instancias da mãe, que, além dos seus carinhos, lhe offerencia todas as riquezas e estados que possuia. O povo da capital recebeu-a com sinceras demonstraçoões de alegria. Celebrou-se mesmo um solemne *Te Deum laudamus*, em acção de graças pela sua lealdade. A mãe não pôde resistir á dor da partida. Passados dias succumbiu a uma febre maligna, a tres legoas de Badajoz». (Sr.<sup>a</sup> D. Carolina de Michaëlis, *obr. cit.*, pag. 24).

(1) Manifestamente esta quadra soffreu alteraçoões. Proponho a seguinte modificação, embora a não considere inteiramente satisfactoria :

Razão é já, *esp'ranças*, que vos vades,  
 Porque os *bens* tão ligeiros, que *mostrais*,  
 Nem todos para um gosto *são* iguais,  
 Nem sempre são conformes *ás* vontades.

Aquillo a que já quis é tão mudado,  
 Que quasi é outra cousa ; porque os dias  
 Teem o primeiro gosto já damnado.

Esperanças de novas alegrias  
 Não mas deixa a fortuna e o tempo irado,  
 Que do contentamento são espias.

(Soneto 220).

Pensamentos, que agora novamente  
 Cuidados vãos em mi resuscitais,  
 Dizei-me : E inda não vos contentais  
 De ter a quem vos tem tão descontente ?  
 Que phantasia é esta, que presente  
 Cada hora ante os meus olhos me mostrais ?  
 Com uns sonhos tão vãos inda tentais  
 Quem nem por sonhos póde ser contente ?

Vejo-vos, pensamentos, alterados,  
 E não quereis, de esquivos, declarar-me  
 Que é isto que vos traz tão enleados ?

Não me negueis, se andais para negar-me ;  
 Porque, se contra mi 'stais levantados,  
 Eu vos ajudarei mesmo a matar-me.

(Soneto 93).

Creio que foi tambem nesta occasião que o poeta glosou  
 o mote attribuido á infanta :

Já não posso ser contente,  
 Tenho a esperança perdida ;  
 Ando perdida entre a gente,  
 Nem mouro, nem tenho vida (1).

---

(1) «Sei de um (cantar), não posterior ao anno de 1549, que encontrei consignado em uma *Miscellanea*, como desabafo melancholico *Da Infanta D. Maria que nunca teve dita para casar, sendo grande senhora*. E diz (segue-se a quadra citada no texto)... Sei tambem de diversos lyricos de boa veia que paraphrasearam esta copla, julgando-se «vencidos da vida», em momentos de tristeza. Dois são magnatés coevos... Seguem poetas de profissão: Luis de Camões e seu emulo, o suave

Apropriando a si mesmo a melancolica quadra, diz Camões :

Depois que meu cruel fado  
Destruiu uma esperança,  
Em que me vi levantado,  
No mal fiquei sem mudança  
E do bem desesperado.

O coração, que isto sente,  
Á sua dor não resiste,  
Porque vê mui claramente  
Que, pois nasci para triste,  
*Já não posso ser contente.*

Por isso, contentamentos,  
Fugi de quem vos despreza ;  
Já fiz outros fundamentos,  
Já fiz senhora a tristeza  
De todos meus pensamentos.

O menos que lhe entreguei  
Foi esta cansada vida !  
Cuido que nisto acertei,  
Porque, de quanto esperei,  
*Tenho a esperança perdida.*

Gostos, de mudanças cheios,  
Não me busqueis, não vos quero ;  
Tenho-vos por tão alheios,  
Que, do bem que não espero,  
Inda me ficam receios.

De vós desejo esconder-me,  
E de mim principalmente,  
Onde ninguém possa ver-me ;  
Que, pois me ganho em perder-me,  
*Ando perdido entre a gente.*

---

cantor do Lima, Diogo Bernardes». Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis, *obr. cit.*, pag. 57. Reproduzo o texto com as transposições introduzidas pela illustradora, reservando para outro logar a discussão da origem camoneana das glosas ao mote attribuido á infanta.

Acabar de me perder  
 Fôra já muito melhor.  
 Tivera fim esta dor,  
 Que, não podendo mór ser,  
 Cada vez a sinto mór.

Em tormento tão esquivo,  
 Em pena tão sem medida,  
 Que moura ninguem duvida;  
 Mas eu, se mouro ou se vivo,  
*Nem mouro nem tenho vida.*

Entretanto cuidava o poeta da publicação dos *Lusiadas*, o que, como era natural, o levou a dirigir-se a D. Francisca de Aragão, a formosa dama que, uns vinte annos antes, elle havia invocado como a musa inspiradora do poema que estava preparando (1).

É certo que este, tanto pelo assumpto, como pela fórma e proporções que havia assumido, tinha de ser dedicado a quem personificava a patria — a el-rei D. Sebastião —; mas aquella em quem o poeta, em tempos idos, declarára *ter as nove musas*, aquella em quem *Minerva deixára a sua valia*, não podia ficar esquecida.

D'aí a ode 6.<sup>a</sup>, a que pertencem estes versos:

.....  
 Aquelle não sei quê,  
 Que aspira (2) não sei como,  
 Que, invisivel saindo, a vista o vê,  
 Mas, para o comprehender, não lhe acha tomo (3),  
 E que toda a toscana poesia,  
 Que mais Phebo restaura,  
 Em Beatriz nem Laura nunca via,

(1) Veja-se a passagem da egloga 4.<sup>a</sup>, transcripta a pag. 185.

(2) Provavelmente *expira*, se exhala.

(3) Cf. Boscán, na canção *Ya yo vivi*:

Para curallos no les hallo tomo.



Em vós a nossa idade,  
 Senhora, o póde ver,  
 Se engenho, se sciencia e habilidade,  
 Iguais á vossa formosura, der,  
 Qual a (1) vi no meu longo apartamento (2),  
 Qual em ausencia (3) a vejo.  
 Tais asas dá o desejo ao pensamento !

(1) Talvez *o*, tanto neste verso, como no seguinte, referindo-se, como o *o* do 2.º verso, ao *não sei que* da estrophe anterior, e devendo os versos 3 e 4 desta estrophe incluir-se entre parenthesis.

(2) Allusão á estada do poeta no Oriente, durante a qual diz ter continuado a sentir-se inspirado pela formosa dama.

(3) Cf. a estrophe 3.ª :

Pois vós, ó claro exemplo  
 De viva formosura,  
 Que de tão longe cá noto e contemplo  
 Na alma, que este desejo sobe e apura...

Quando o poeta compôs esta ode, D. Francisca de Aragão estava ausente de Lisboa, achava-se talvez nas suas propriedades do Algarve.

Foi tambem por uma occasião destas que o importuno e quasi sempre insulso Caminha escreveu a cantiga publicada pelo dr. Pribsch, sob o n.º 15 :

Com tantos ares em meo,  
 Com tanta terra e tanta agoa,  
 Que grandes males receo,  
 Pois me não matá esta magoa !

.....

Tendo muito que temer,  
 Já'gora que temerej?  
 Que, pois vivo sem vos ver,  
 Com que'mal não poderei?

Mas, sobre quanto me veo,  
 Nada sinto como a magoa  
 De ver inda neste meo  
 Tantos ares, terra e agoa.

Cf. os n.ºs 222 e 223. *Poesias ineditas de P. de Andrade Caminha* (Halle, 1898), pag. 14, 159, 162. Como se sabe, a Filis cantada por Caminha é D. Francisca de Aragão.

Pois se o desejo afina  
 Uma alma accesa tanto,  
 Que por vós use as partes de divina,  
 Por vós levantarei não visto canto.  
 Que o Betis me ouça e o Tibre me levante,  
 Que o nosso claro Tejo  
 Envolto um pouco vejo e dissonante (1).

E no coração do poeta, que ainda pulsava com força (2), mas se achava devoluto, surgiu um *novo pensamento* (3). Porque é que elle não havia de amar a formosa dama, que, desde a epoca já afastada da mocidade, lhe dera mais de uma prova de verdadeira estima, chegando até a receber-lhe

---

(1) Destaco dos que os precedem os tres ultimos versos desta estrophe: O poeta, que vai *levantar não visto canto*, que vai publicar os *Lusiadas*, recêa que estes não sejam devidamente apreciados em Portugal, em vista das discordias que ha na côrte e que preoccupam todas as atenções. Espera, porém, que na Espanha e na Italia haverá quem saiba dar ao poema o devido merecimento.

(2) Veja-se o soneto 268, transcripto a pag. 178, nota.

(3)           Que, se possivel fosse que tornasse  
               O tempo para trás, como a memoria,  
               Por os vestigios da primeira idade,  
               E de novo tecendo a antiga historia  
               De meus doces errores, me levasse  
               Por as flores que vi da mocidade,  
               E a lembrança da longa saudade  
               Então fosse maior contentamento,  
               Vendo a conversação leda e suave,  
               Onde uma e outra chave  
               Esteve de *meu novo pensamento*...

(Canção 11.ª).

Direi de passagem que Petrarca falla tambem em *ambe le chiavi del... cor* (soneto 90 da 2.ª parte), nas *chiavi de'... dolci pensier* (canção 3.ª da 1.ª parte).

as confidencias amorosas (1)? Não estava elle em uma plana incomparavelmente superior á dos outros poetas que inutilmente a haviam cortejado? E porque é que o seu amor havia de ficar puramente platonico? Porque é que não haviam os dous de ligar os seus destinos, sobretudo quando a velhice não poderia tardar muito a dar sinais de si?

Ao escrever a canção 1.<sup>a</sup> já o poeta está apaixonado pela *formosa e gentil dama*, mas repelle os *atrevidos e vãos desejos* que o importunam. Ouçamo-lo:

Formosa e gentil dama, quando vejo  
 A testa d'ouro (2) e neve, o lindo aspeito,  
 A boca graciosa, o riso honesto,  
 O collo de crystal, o branco peito,  
 De meu não quero mais que meu desejo,  
 Nem mais de vós, que ver tão lindo gesto.  
 Alli me manifesto  
 Por vosso a Deus e ao mundo; alli me inflammo  
 Nas lagrimas que choro,  
 E de mi, que vos amo,  
 Em ver que soube amar-vos me namoro.  
 E fico por mi só perdido de arte,  
 Que hei ciumes de mi por vossa parte.

(1) Veja-se a carta com que o poeta acompanhou a glosa ao mote de D. Francisca de Aragão — *Mas porém a que cuidados* —, e sobretudo a egloga 4.<sup>a</sup>.

(2) Andrade Caminha também se extasiava perante

... aquelle fermoso ouro,  
 Ou solto ou recolhido,  
 De que o rayo do sol fica vencido.  
 (Ode 10.<sup>a</sup>).

Nesta ode (*Poesias*, pag. 210-216), o importuno poeta convida os *bem nascidos espiritos* a celebrarem

... uma Francisca,  
 Qual nunca o mundo teve.

Se por ventura vivo descontente  
 Por fraqueza de espirito, padecendo  
 A doce pena que entender não sei,  
 Fujo de mi e acolho-me correndo  
 A vossa vista; e fico tão contente  
 Que zombo dos tormentos que passei.  
     De quem me queixarei,  
 Se vós me dais a vida deste geito  
     Nos males que padeço,  
     Senão de meu sugeito,  
 Que não cabe com bem de tanto preço?  
 Mas inda isto de mi cuidar não posso,  
 De estar muito soberbo com ser vosso.

Se por algum acerto amor vos erra  
 Por parte do desejo, commettendo  
 Algum nefando e torpe desatino,  
 E se inda mais que ver, emfim, pretendo,  
 Fraquezas são do corpo, que é de terra,  
 Mas não do pensamento, que é divino.  
     Se tão alto imagino,  
 Que de vista me perco ou pecco nisto,  
     Desculpa-me o que vejo.  
     Porém, como resisto  
 Contra um tão atrevido e vão desejo,  
 Faço-me forte em vossa vista pura,  
 Armando-me de vossa formosura.

.....

É escusado dizer que a altiva dama não accitou a côrte do enamorado poeta, antes com ella se deu por offendida (1).

---

(1) Nem outra cousa era de esperar da parte de quem sempre fôra tão protegida e estimada pela rainha D. Catharina, pela *Catharina Real*, que no auto d'*Elrei Seleuco*, como se annunciava no prologo, havia de apparecer *com uns poucos de parvos numa joeira e os havia de semear pela casa, de que nasceria muito mantimento ao riso.*



Quando, Senhora, quis Amor que amasse  
 Essa grã perfeição e gentileza,  
 Logo deu por sentença que a crueza  
 Em vosso peito amor accrescentasse (1).

Determinou que nada me apartasse,  
 Nem desfavor cruel, nem aspereza;  
 Mas que em minha rarissima firmeza  
 Vossa isenção cruel se executasse.

E, pois tendes aqui offerecida  
 Esta alma vossa a vosso sacrificio,  
 Acabai de fartar vossa vontade.

Não lhe alargueis, Senhora, mais a vida;  
 Acabará morrendo em seu officio,  
 Sua fé defendendo e lealdade.

(Soneto 272).

A vida me aborrece, a morte quero;  
 Será eterno o meu mal, segundo intendo,  
 Pois na mór esperança desespero.

Sem viver vivo, por morrer vivendo (2),  
 Por não verdes, Senhora, como eu vejo,  
 Quanto de mi por vós me ando esquecendo.

Seja-me agradecido este desejo;  
 Ingrata não sejais a quem vos ama  
 Com puro e honestissimo despejo.

A culpa que me pondeis, ponde-a á fama,  
 Que pregôa de vós celeste vida,  
 Que os corações de amor divino inflamma.

.....  
 Se vos offendo, cuido que não vivo (3);  
 Olhai se muito mais que de offender-vos (4),  
 Das esperanças do viver me privo.

.....

---

(1) Que a *crueza em vosso peito*, a vossa crueza, augmentasse o meu amor.

(2) Talvez: *por morrer morrendo*, isto é, desejando a morte. Cf. os versos 1 e 7.

(3) Que não continuarei a viver, que morrerei de desgosto.

(4) Verso, por certo, alterado. Talvez: *Olhai que muito antes que offender-vos*. Isto é: antes quero perder as esperanças de viver, antes quero morrer, do que offender-vos

Se vos agrava quem por vós padece,  
 Se vos vem a offender quem vos quer tanto,  
 Quem desta sorte errou não desmerece.

(Elegia 9.<sup>a</sup>).

Para melhor conseguir os seus intentos, lembrou o poeta a D. Francisca de Aragão que os annos iam fugindo e ponderou-lhe que era tempo de gosar a vida.

Se as penas com que Amor tão mal me trata  
 Permittirem que eu tanto viva dellas,  
 Que veja escuro o lume das estrellas,  
 Em cuja vista o meu se accende e mata ;  
 E se o tempo, que tudo desbarata,  
 Secar as frescas rosas, sem colhê-las,  
 Deixando a linda côr das tranças bellas  
 Mudada de ouro fino em fina prata ;  
 Tambem, Senhora, então vereis mudado  
 O pensamento e a aspereza vossa,  
 Quando não sirva já sua mudança.  
 Ver-vos-eis suspirar por o passado,  
 Em tempo quando executar-se possa  
 No vosso arrepender minha vingança.

(Soneto 58).

Se te fez natureza tão preclara,  
 Se te dotou de graça e perfeição,  
 Com ella não assanhes a ventura.  
 Olha que estás agora em tua sasão ;  
 Não sejas para ti mesma avara (1),  
 Que (2) a fruita ha de colher-se, se é madura.  
 Se deixares murchar tua formosura,

(1) Talvez: *Não sejas p'ra ti mesma tão avara.*

(2) Juromenha, que encontrou esta poesia no *Cancioneiro* de Franco Corrêa (fl. 132 v.) e a publicou pela primeira vez (II, 239), começa o verso pelas palavras *Vê que*. Nem a metrica nem o manuscrito auctorizam a introdução do *Vê*. No manuscrito o *que* é precedido, é certo, por uns traços, mas estes, segundo me parece, não representam nenhuma palavra.

Que agora mal despendes,  
 Depois, se te arrependes,  
 O tempo, como corre á redea solta,  
 Não torna mais (1) a dar volta,  
 Nem nosso estado humano é tão felice,  
 Que se renove assim como a fenice.

(Canção *Crecendo vai meu mal*).

Olhai, Senhora, as horas apressadas,  
 Que vem cobrindo o ouro dos cabellos  
 De neve, e torna (2) as rosas descoradas.  
 Ireis ver ao crystal os olhos bellos  
 E já os não vereis quais d'antes eram,  
 Pois quais então serão, não queirais vê-los.  
 Usai dos bens que vão como nasceram;  
 Olhai que tudo desce de alto estado,  
 Que tambem os prazeres meus desceram.  
 Mas não descerá nunca meu cuidado.

(Elegia *Foi-me alegre o viver*).

A avisada senhora achou sensatas as observações e conselhos do poeta e... casou-se com o embaixador espanhol, viuvo de pouco tempo (3), saindo depois com elle para fóra

(1) A metrica exige se lêa: *Não mais torna*.

(2) O poeta, supponho, escreveu *tornam* (*as horas apressadas*). O desejo de melhorar a metrica faria mais tarde desaparecer o *m*.

(3) Veja-se a nota da pag. 178. Ao ouvir fallar no projectado casamento, escrevia o poeta:

Quem pudera julgar de vós, Senhora,  
 Que uma tal fé pudesse assi perder-vos?  
 Se, por amar-vos, chego a aborrecer-vos,  
 Deixar não posso o amar-vos algum'hora.  
 Deixais a quem vos ama, ou vos adora,  
 Por vêr a'quem quiçá não sabe vêr-vos?  
 Mas eu sou quem não soube merecer-vos,  
 E esta minha ignorancia intendo agora.

do reino (1). Deixemos, porém, este episodio — o ultimo — da longa e tão accidentada vida amorosa do poeta, e voltemos a fallar da infanta.

Em 1572 appareceram os *Lusiadas*. Lê-los-ia ella? Tudo auctoriza uma resposta affirmativa. O assumpto do poema e sobretudo a fama do seu altissimo valor litterario fariam, por certo, desapparecer quaesquer escrupulos, se os houvesse, por parte da illustre senhora.

Mais. Se é fundada uma conjectura que me suggerem os sonetos 260 e 285 (2), a filha de D. Manuel commoveu-se profundamente com a leitura da nossa epopea nacional e o fino lenço em que ainda se viam vestigios de uma lagrima foi

---

Nunca soube intender vossa vontade,  
 Nem a minha mostrar-vos verdadeira,  
 Inda que clara estava esta verdade.  
 Esta, emquanto eu viver, vereis inteira;  
 E, se em vão meu querer vos persuade,  
 Mais vosso não querer faz que vos queira.  
 (Soneto 105).

(1) A rainha D. Catharina empenhou-se em conseguir para o marido da sua dama predilecta um logar de mordomo, vago na côrte de Madrid, mas Philippe 2.º não desistiu de o mandar como seu embaixador para a côrte imperial. A razão allegada pela viuva de D. João 3.º era que a sua protegida nem o Tejo podia atravessar, sem sentir grande afflicção: «todas las vezes q... cômigo a atrauessado este rio para ir a outras partes, ... es cosa piadosa lo que passa, y uá mas muerta q uíua», e porisso pede ao sobrinho que busque outra pessoa que «pueda cõ el trabajo de pasar la mars. (Carta de 8 de setembro de 1576 nas *Reparaciones historicas* do sr. dr. Sánchez Moguel, pag. 242). Mas os receios de D. Catharina, de que o poeta tambem se fez eco no soneto 178, reproduzido a pag. 179, não tinham razão de ser. D. Francisca de Aragão embarcou para Genova em adeantado estado de gravidez e o mais que lhe aconteceu parece que foi dar á luz durante a viagem o futuro vice-rei do Perú, D. Francisco de Borja e Aragão.

(2) Um não passa de uma variante do outro.



mostrado ao poeta, dando-se-lhe a entender que se fazia isto por ordem da infanta, o que, como era natural, não deixou de suscitar duvidas no seu espirito. Eis os dous sonetos:

Pues siempre sin cesar, mis ojos tristes,  
 En lágrimas tratais la noche, el día,  
 Mirad si es lágrima esta que os envia  
 Aquel sol por quien vos tantas vertistes.  
 Si vos me asegurais, pues ya la vistéis,  
 Que és lágrima, será ventura mia;  
 Por empleadas bien desde hoy tendria  
 Las muchas que por ella sola disteis.  
 Mas cualquier cosa mucho deseada,  
 Aunque viendo se esté, nunca es creida,  
 Y menos esta nunca imaginada.  
 Pero della aseguro, si es fingida,  
 Que basta ser por lágrima enviada,  
 Para que sea por lágrima tenida.

Pues lágrimas tratais, mis ojos tristes,  
 Y en lágrimas pasais la noche y día,  
 Mirad si es llanto este que os envia  
 Aquella por quien vos tantas vertistes.  
 Sentid, mis ojos, bien esta que vistéis;  
 Y si ella lo es, oh gran ventura mia!  
 Por muy bien empleadas las habria,  
 Mil cuentos, que por esta sola disteis.  
 Mas una cosa mucho deseada,  
 Aunque se vea cierta, no es creida,  
 Cuanto mas esta, que me es enviada.  
 Pero digo que, aunque seia fingida,  
 Que basta que por lágrima sea dada,  
 Porque sea por lágrima tenida.

É natural que a meticolosa consciencia da infanta mais de uma vez se visse sobressaltada pela idéa de que a sua defesa contra o apaixonado poeta talvez houvesse ultrapassado os justos limites (1). E, sendo assim, é de crer que

---

(1) Podemos presumir que aos ouvidos da filha de D. Manuel hou-

destes escrupulos tivessem conhecimento algumas pessoas da sua maior intimidade. E porque é que uma dellas se não encarregaria, de motu-proprio, de fazer desaparecer o resentimento que era de suppôr ainda houvesse no coração do poeta, com o fim de tranquillizar depois a illustre senhora, que tanto se preocupava com a perfeição espiritual da sua alma? O assumpto, porém, era extremamente delicado e difficilmente se pôde conjecturar outro meio de obter, digamos assim, o perdão do poeta, sem qualquer compromisso para a infanta, a não ser o que fica indicado.

Bem sei que são muitas supposições juntas, mas não é intenção minha attribuir-lhes mais valor do que ellas possam ter. Pelo menos estão na mesma plana da de quem escreveu ter sido o soneto 260 endereçado por Camões *a uma Dama, que le embio una lagrima entre dós platos* (1).

No anno seguinte áquelle em que D. Francisca de Aragão se havia casado, falleceu a infanta D. Maria. «Hauiendo esta

---

vesse chegado o eco das queixas do poeta, que elle, por vezes, exprimiu com grande energia.

Triste de mi! Que alcanço por queixar-me,  
 Pois minhas queixas digo  
 A quem já ergueu a mão para matar-me,  
 Como a cruel imigo?

(Ode 1.ª).

Pois minha desventura  
 Como já não abranda um'alma humana,  
 Que é contra mi mais dura,  
 E inda mais deshumana,  
 Que o furor de Callirrhoe profana?

(Ode 3.ª).

(1) É o que Faria e Sousa diz ter lido em um manuscripto (*Rimas*, 1, 357).

Princesa dispuesto en su vida todo lo que miraua a la otra, poco despues cayo mala de una calentura lenta (1); juzgaron los medicos ser mortal; encomendaron a su confessor el desengaño, oyolo como nueba ordinaria; no turba, antes alegria al que se halla por tantos caminos preuenido, como se hallaua la Infanta... Murio... en 10 de octubre de 1577, en edad de 56 años, quatro mezes y dos dias (2).

Que impressão sentiu o poeta, quando morreu aquella que elle tanto amára e por causa de quem tantos trabalhos havia passado? Diz-no-lo o soneto 277:

Chorai, nymphas, os fados poderosos  
 Daquella soberana formosura.  
 Onde foram parar? na sepultura?  
 Aquelles reais olhos graciosos?  
 Oh bens do mundo, falsos e enganosos!  
 Que maguas para ouvir! Que tal figura  
 Jaza sem resplendor na terra dura,  
 Com tal rosto e cabellos tão formosos!

---

(1) No seu interessante e justiceiro trabalho — *As tenças testamentarias da Infanta D. Maria* —, em publicação no *Archivo historico portuguez*, n.º 51 e segg., conjectura o sr. Gomes de Brito que talvez se tratasse da tísica pulmonar. «Foi, provavelmente, aos primeiros rebates do ultimo periodo da doença de que haveria de fallecer — a phtisica pulmonar (?) — que a Serenissima Infanta se dispoz a mandar escrever o seu testamento, o qual, datado, assignou de «seu punho». E em nota: «(Fr. Miguel Pacheco), pouco entendido em medicina, dá como *causa mortis* da Infanta o que póde ter sido apenas o symptoma. Entre as varias causas morbificas, de que a febre que minava e consumia a doente podia ser o consecretario, inclinamo-nos a presumir, por induções de que neste logar se tornava prolixa a exposição, que a indicada no texto seria a actuante, sem contestar a existencia de qualquer outra». (*Archivo cit.*, n.º 51 e 52, pag. 105).

(2) Fr. M. Pacheco, *Vida*, etc., fl. 126 v.

Das outras que será, pois poder teve  
 A morte sobre cousa tanto bella,  
 Que ella eclipsava a luz do claro dia ? !  
 Mas o mundo não era digno della,  
 Por isso mais na terra não esteve;  
 Ao ceu subiu, que já se lhe devia.

Deante de uma sepultura que acabava de fechar-se e com o coração embotado pelo sofrimento e pelos desenganos — um dos quais bem recente —, Camões evita qualquer allusão aos seus passados amores por

... aquella soberana formosura,

que agora jazia

... sem resplendor na terra dura,

e curva-se, com respeitosa commoção, perante a memoria da virtuosa senhora, de que o *mundo não era digno* e a quem *o ceu já se devia*.

No soneto 92, escripto posteriormente e em hora de profundo desalento (1), o poeta, apesar de *só ter visto desfavor e desamor*, considera a morte da infanta como a maior de todas as dores que havia soffrido. Agora já nada o prende á vida; agora já não receia mal nenhum.

Que poderei do mundo já querer,  
 Pois no mesmo (2) em que pus tamanho amor  
 Não vi senão desgosto e desfavor  
 E morte enfim,— que mais não pode ser — ?

(1) Este soneto é, para mim, um dos mais bellos entre os do immortal poeta.

(2) Naquillo mesmo, precisamente naquillo. Veja-se, por exemplo, a seguinte quadra do soneto 232 :

Quanta incerta esperança, quanto engano !  
 Quanto viver de falsos pensamentos !  
 Pois todos vão fazer seus fundamentos  
 Só no mesmo em que 'stá seu proprio dano !



Pois me (1) não farta a vida de viver,  
 Pois já sei que não mata grande dor,  
 Se houver cousa que magua dê maior,  
 Eu a verei, que tudo posso ver!  
 A morte, a meu pesar, me assegurou  
 De quanto mal me vinha (2); já perdi  
 O que a perder o medo (3) me ensinou.  
 Na vida (4) desamor sómente vi,  
 Na morte (5) a grande dor que me ficou.  
 Parece que para isto só nasci!

Quasi tres annos depois da morte da infanta, fallecia o genial poeta (10 de junho de 1580).

---

(1) Parece-me que se deve ler *se*: a minha vida não se farta de viver, não vem a morte!

(2) Provavelmente: *venha*. A dôr que o poeta soffreu com a morte da bem-amada *assegura-o* (torna-o insensível) contra qualquer mal que lhe *venha*.

(3) Creio que, em vez de *o medo*, se deve ler *só ella* (a morte). *O medo*, a meu ver, era uma glosa explicativa do *já perdi o que só a morte* (da infanta) *me ensinou a perder*, isto é, *já perdi o medo* a quanto mal me pudesse vir. Depois a glosa, como tantas vezes aconteceu nos manuscritos dos melhores auctores, teria substituído o texto respectivo.

(4) Durante a vida da infanta.

(5) Da infanta.

---

## ERRATAS E ADDITAMENTOS

---

**Pag. 6**, linha 7. — *Escudeiro*, se o pae ainda era vivo. Para não entrar nesta questão, em vez de *modesto escudeiro*, direi com W. Storck: *o filho do pobre cavalleiro fidalgo* (*Vida*, etc., p. 284).

**Pag. 10**, nota (1). — No cancionero manuscripto do sr. Fernandes Thomás é attribuido a Camões o seguinte soneto, que corre impresso como de Soropita (cf. Dr. Th. Braga, *Antologia portugueza*, p. 217):

Claros olhos azuis, olhos fermosos,  
Que o lume destes meus escurecestes,  
Olhos, que ao mesmo Amor de amor vencestes,  
Cos vivos raios, sempre victoriosos;  
Olhos serenos, olhos venturosos,  
Que ser luz de tal gesto merecestes,  
Ditosos em render quanto rendestes,  
Em nunca ser rendidos mais ditosos:  
Que morra eu por vos ver e que vos traga  
Nas meninas dos meus perpetuamente,  
Cousa é que justamente Amor ordena.  
Mas que de vós não tenha mais que a pena,  
Com que Amor tanta fé tão mal me paga,  
Nem o diz a razão, nem o consente.

É possível que o soneto pertença a Camões; mas, neste caso, os versos 7 e 8 levam-me a conjecturar que a dama dos *olhos azuis* seria D. Francisca de Aragão, se é que os tinha dessa côr, como se pôde presumir.

**Pag. 11**, nota (2). — W. Storck duvida que o soneto 165 pertença a Camões: *a*) porque, dos tres manuscritos em que Faria e Sousa o encontrou, só num lhe é attribuido (um dos manuscritos dá-lhe como auctor D. Fernando de Acuña, e outro D. Diego de Mendoza); *b*) por causa dos retorcidos *concetti* que nelle se encontram (versos 3, 5 e 9). *Luis' de Camoens Sämmtliche Gedichte*, II, p. 398.

Parece-me, comtudo, que o illustre camonista não interpretou bem a primeira quadra do soneto, o que por certo contribuiu para o juizo que deste ficou formando. Na sua opinião, com effeito, o *rayo del sol* do 3.º verso é «Selene, a deusa da lua», que ao longe se ia escondendo. Mas o pensamento fundamental do soneto é este, segundo creio: «Endymião, enamorado da Lua, ao ver que o sol nascente (*el rayo del sol*, etc.) lhe perturbava a alegria, roubando-lhe o brilho da bem-amada (verso 11), pede-lhe se retire e volte para onde estava». Pensamento expresso com inexcedivel mimo e bem apropriado á situação do apaixonado poeta! E com esta interpretação o requinte do primeiro terceto perde, pelo menos em grande parte, o que nelle se poderia considerar como falto de bom gosto.

A proposito deste soneto, Storck cita com razão a ode 1.ª, que fica transcripta a pag. 126-129.

**Pag. 13**, nota (1). — Soneto 314 (Juromenha). No verso 10: *que aquelle é só*. O hiato do verso 8 evitar-se-ia facilmente, lendo: *que somente me dais a mim*. O do 1.º desapareceria com um *vós* antes de *tratais*.

**Pag. 14**, soneto 303. — Verso 3.º: *ante o seu*. Verso 13: *humana natureza*. Esta mesma correcção a pag. 16 e 35. No verso 3.º talvez: *tão benino*. No verso 6 Juromenha mudou em *constante* o *contente* do *Cancioneiro* de L. Franco Correia (fl. 41), e no verso 12 imprimiu *ha hi modo*, errando o verso, quando no referido *Cancioneiro* se lê simplesmente *ai modo*, escripto manifestamente em vez de *ha modo*.

**Pag. 15**, soneto 30. — Verso 11: *menos temia*.

**Pag. 23**, nota (2). — Baseado em Juromenha (I, 84, II, 386, IV, 436 e 444), escrevi que D. Guiomar de Blasfé era filha de D. Francisco de

Gusmão. Mas o que consta dos genealogistas é que ella era filha do 3.º conde do Redondo, D. Francisco Coutinho, e neta, portanto, do mordomo-mór da infanta. Veja-se Ms. n.º 380, fl. 363, da *Collecção pombalina* (Bibliotheca nacional). D. Guiomar de Blasfê (Blaesvelt) foi tambem dama da infanta, como duas de suas irmãs, a mãe e duas tias (Fr. M. Pacheco, *Vida de la señoira Infanta*, fl. 92 e 92 v.), mas, ou ainda não tinha nascido, ou era uma creança, quando o poeta se enamorou da filha de D. Manuel, pois D. Francisco Coutinho casou com D. Maria de Blaesvelt por volta de 1542 (Sr. Braamcamp Freire, *Brasões da sala de Cintra*, II, p. 462). Portanto, ou Camões escreveu as duas poesias depois de ter voltado do Oriente, ou não merece confiança — o que não é extraordinario — a indicação que precede as redondilhas. É muito possivel que a dama que se queimou no rosto fosse uma das tias de D. Guiomar, e que d'aqui nascesse o equívoco de quem escreveu a nota, baseado talvez numa vaga tradição.

**Pag. 38**, soneto 308. — No verso 8 deve naturalmente ler-se *val* e não *vale*, como imprimiu Juromenha.

**Pag. 39 e 43**. -- As redondilhas *No meu peito*, etc., publicadas por Juromenha como ineditas, figuram, como observa W. Storck, entre as de Diogo Bernardes (*Sämmtliche Gedichte*, I, p. 384). No mesmo caso estão as que começam *Tal estoi* (p. 43) (*Säm. Ged.*, I, p. 393).

**Pag. 47**, linha 34. — *que a Amor*. Talvez o verso anterior se deva ler: *Vede como em fogo ferve*.

**Pag. 56**, soneto 280. — Verso 8: *Em graça e em etc.*

**Pag. 83**, soneto 116. — Talvez este soneto se refira a D. Francisco de Aragão.

**Pag. 93**, linhas 10-12 e nota (2). — W. Storck não suppõe, é claro, que se trata da infanta. A *Gelibte* a que elle se refere é naturalmente a tradicional namorada do poeta.

**Pag. 94**, soneto 309. — No verso 5 é facil de ver que deve ler-se *Nereio*.



No verso 6 falta provavelmente a palavra *leda* antes de *armônia*. Na nota (8) lea-se v. 13, em lugar de v. 11.

**Pag. 411**, soneto *Quando descansareis*. — No verso 10, Juromenha imprimiu *Em que*, mas no *Cancioneiro* lê-se: *E que*. No verso 11 proponho a correção: *áquillo*, em vez de *ao*. No verso 3 (*fim á*) e 14 (*me não*), Juromenha afastou-se do *Cancioneiro* sem razão. No verso 4 lê-se neste: *desaventuras*, que o referido editor emendou para *disventuras*, e no verso 12: *clara esta a verdade*, que elle corrigiu: *clara vejo esta verdade*. W. Storck emenda assim o verso 3.º e principio do 4.º: *Ou quando emfim vereis (?) á despedida De tantas*. No verso 11 substitue *ao que* por *mais do que* (*Säm. Ged.*, II, p. 432).

**Pag. 429**, ode 1.ª, estrophe 13, verso 6. — A leitura da *Arcadia* de Sannazaro (edição de Scherillo, Torino, 1888, p. 29) suggere-me outra conjectura para a correção deste verso.

Eis o que, no dialogo entre Montano e Uranio, diz o primeiro:

Phillida mia, più che y ligustri bianca,  
 Più vermiglia che'l prato ad mezzo aprile,  
     *Più fugace che cerva,*  
     *Et ad me più proterva*  
 Ch'ad Pan non fu collei ch'essendo stanca  
 Divenne cana tremula et soctile...

Nos dous ultimos versos designa o poeta italiano a naiade Syrxinx, cuja transformação Ovidio conta nas *Metamorphoses*, l. 1, v. 689 e segg. Ora, substituindo pelo nome proprio a phrase destes dous versos, Camões teria escripto:

Mais que Syrxinx proterva.

E o final do verso seguinte:

... mais fugaz que cerva,

parece não deixar duvida de que o nosso poeta tinha presente a passagem citada da *Arcadia*.

- Pag. 146, linha 10. — No 2.º verso do *mote* talvez deva ler-se *Quão alto*.
- Pag. 157, soneto 339. — Creio que o poeta no ultimo verso escreveu *desaventurada*.
- Pag. 179, nota, soneto 168. — A correcção do 1.º verso, *imiga*, por *amiga*, é de W. Storck (*Säm. Ged.*, II, p. 171 e 399).
- Pag. 183 e 251. — Não me parece facil precisar em qual das duas situações foi escripto o soneto 93.
- Pag. 208, nota. — Os ventos que então sopravam em Mascate vinham do sudeste. «Der SE. herscht, während in Indien der SW. Monsun weht, von Mitte Iuni bis Ende September.» Hann, *Handbuch der Klimatologie*, III, p. 109.
- Pag. 225, elegia 27. — Talvez os dous primeiros tercetos se possam ler assim :

Quem poderá passar tão triste vida,  
 Se não espera já contentamento,  
 Senão quando de todo for perdida?  
 Quem poderá *passar* tão grão tormento,  
 Tão aspero e cruel, tão duro e forte,  
 Se, morta a esp'rança, é *tudo* soffrimento?

---

## ÍNDICE

---

	Pag.
Introducção.....	1
Em Lisboa.....	6
No Ribatejo.....	100
Em Ceuta.....	118
De volta de Ceuta.....	172
No Oriente.....	189
De volta do Oriente.....	246
Erratas e additamentos.....	267

---







